

Universidade de Lisboa

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território



**Regeneração Urbana e Comensalidade:
O caso da Zona Velha do Funchal**

Carlos Diogo Velosa Gomes

Dissertação de Tese orientada
pelo Prof. Doutor Herculano Cachinho

Mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território

2023

Universidade de Lisboa

Instituto de Geografia e Ordenamento do Território



**Regeneração Urbana e Comensalidade:
O caso da Zona Velha do Funchal**

Carlos Diogo Velosa Gomes

Dissertação de Tese orientada
pelo Prof. Doutor Herculano Cachinho

Júri:

Presidente: Professora Doutora Alina Isabel Pereira Esteves, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa

Vogais:

- Doutor Pedro Miguel Magalhães Nunes Chamusca, Investigador Auxiliar do Centro de Comunicação e Sociedade da Universidade do Minho;
- Professor Doutor Herculano Alberto Pinto Cachinho, Professor Associado do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (Orientador)

2023

Resumo

A degradação do património social, cultural, económico e físico dos centros históricos, que se registou desde a segunda metade do século XX, motivou a emergência de políticas públicas com vista à regeneração urbana destas áreas. O seu desenvolvimento deu-se num paradigma de introdução de estratégias urbanas de abordagem *top-down* evoluindo para uma abordagem *bottom-up*, envolvendo diretamente os stakeholders no processo de decisão baseada na implementação de atividades âncora, com o objetivo de atrair pessoas e atividades económicas para os centros históricos. Fenómenos socioespaciais, como a turistificação dos centros históricos, levaram à transformação dos espaços de consumo direcionados para a procura turística, nomeadamente, os estabelecimentos da restauração.

Neste contexto, a investigação teve como objetivo central compreender a relação causal do processo de comensalidade nos estabelecimentos de restauração e, consequentemente, a influência do processo de comensalidade no desenvolvimento do processo de regeneração urbana. Inserido dentro deste contexto teórico, adotou-se como caso de estudo a Zona Velha do Funchal.

A metodologia passou pela desconstrução do processo de regeneração urbana, realizado segundo: a) a análise das etapas do processo retratado pela comunicação social (local e regional); b) análise documental do arquivo municipal; e c) a realização de entrevista a intervenientes com um papel crucial no processo. Posteriormente, o processo de comensalidade foi alvo de análise através de: a) o levantamento funcional da área de estudo; b) entrevistas semiestruturadas aos comerciantes do ramo da restauração; e c) observação participante e não participante.

Os resultados demonstraram que o desenvolvimento do processo de comensalidade nos estabelecimentos de restauração foi importante na atração de novos consumidores (locais e turistas), na transformação parcial do ambiente vivido no espaço público e a promoção do processo de regeneração urbana baseada na colaboração de stakeholders públicos e privados. Neste sentido, destaca-se o restaurante “A Romana”, na década de 60 e 70, pelo seu carácter inovador e pelo seu ambiente atrativo, sendo considerado uma pedra basilar na transformação da área.

O desenvolvimento da transformação urbana por parte dos atores públicos (Governo Regional da Madeira e a Câmara Municipal do Funchal), dominou o processo de regeneração urbana até 2010, marcando uma abordagem de intervenção *top-down*. O

investimento privado focou-se em atividades no setor turístico, salientando-se os estabelecimentos de restauração, com a abertura de diversas tipologias (restaurantes, bares, snack-bares e tascas), consolidando-se como um polo gastronómico da cidade.

Como consequência da intempérie de 20 de fevereiro de 2010, introduziu-se uma nova fase de regeneração urbana, realçando-se o desenvolvimento de atividades culturais (Arte de Portas Abertas) e de bares centrados na tradicional poncha, complementando uma nova vertente do processo de comensalidade, de caráter informal.

As conclusões da investigação permitem afirmar que o processo de comensalidade não se constitui meramente como um pilar fomentador do processo de regeneração urbana, mas também contribuiu para a consolidação da restauração como âncora de sustento de atratividade de consumidores e de atividades comerciais.

Palavras-chave:

Regeneração Urbana; Comensalidade; Capital Espacial; Estabelecimentos da Restauração; Turistificação.

Abstract

The degradation of historical centres' social, cultural, economic, and physical heritage, which has been observed since the second half of the 20th century, has led to the emergence of public policies aimed at urban regeneration in these areas. Its development has followed a paradigm of introducing top-down urban strategies that have evolved into a bottom-up approach, directly involving stakeholders in the decision-making process based on implementing anchor activities to attract people and economic activities to historical centres. Socio-spatial phenomena, such as the touristification of historical centres, have transformed consumer spaces targeted towards tourist demand, particularly in the restaurant sector.

In this context, the research aimed to understand the causal relationship between the process of commensality in restaurants and, consequently, the influence of commensality on the development of the urban regeneration process. The case study adopted within this theoretical framework was the Old Town of Funchal.

The methodology involved deconstructing the urban regeneration process through a) analysis of the stages of the process as depicted in the local and regional media, b) documentary analysis of the municipal archives, and c) conducting interviews with key stakeholders involved in the process. Subsequently, the process of commensality was analysed through a) a functional survey of the study area, b) semi-structured interviews with restaurant owners, and c) participant and non-participant observation.

The results demonstrated that developing the commensality process in restaurants was significant in attracting new customers (both locals and tourists), partially transforming the lived environment in public spaces, and promoting an urban regeneration process based on the collaboration between public and private stakeholders. In this sense, the restaurant "A Romana" stood out in the 1960s and 1970s for its innovative character and attractive ambience, considered a cornerstone in the area's transformation.

Until 2010, the development of urban transformation by public actors (the Regional Government of Madeira and the Municipality of Funchal) dominated the urban regeneration process, following a top-down approach to intervention. Private investment focused on activities in the tourism sector, particularly in the restaurant sector, with the

opening of various types of establishments (restaurants, bars, snack bars, and taverns), establishing itself as a gastronomic hub in the city.

As a result of the storm on 20th February 2010, the introduction of a new phase of urban regeneration, highlighting the development of cultural activities (Arte de Portas Abertas) and bars focused on the traditional poncha, complemented a further aspect of commensality with an informal character.

The research conclusions affirm that the commensality process not only serves as a catalyst for the urban regeneration process but also contributes to the consolidation of the restaurant industry as an anchor for attracting consumers and commercial activities.

Keywords:

Urban Regeneration; Commensality; Space Capital; Catering Establishments; Touristification.

Agradecimentos

“A Madeira, com o vigor do relevo, com a gente branca, o ambiente provinciano das povoações, uma elegante cidade que era a terceira da Metrópole, os frutos exóticos no aroma, sabor e forma, misturando-se a outros que nos são familiares, com pinheiros, macieiras, castanheiros e casas e barracas disseminadas pelo campo, causaram-me uma das minhas mais profundas impressões de nível geógrafo. Prenderam-se-me os olhos a tanto encanto e logo fiz o propósito de empreender um estudo da Ilha (...)”.

Orlando Ribeiro, *a Ilha da Madeira nos meados do século XX*

Primeiramente, o agradecimento mais importante: a Deus e a Nossa Senhora, por estarem sempre comigo, a guiar-me e a iluminar cada passo na minha vida. Obrigado por me darem a fé e a força necessária para lutar e enfrentar todos os obstáculos, sem nunca desistir. Obrigado, meu Deus, por tudo de bom que tenho e que sou!

Seguidamente, um agradecimento especial ao Professor Herculano Cachinho pela sua dedicação e orientação ao longo da minha formação de geógrafo durante a licenciatura e o mestrado, especialmente durante a dissertação. A sua colaboração demonstrou-se fundamental na concretização com sucesso deste produto académico.

Devo um agradecimento científico, a todos os autores mencionados nesta dissertação, contudo gostaria de destacar a obra da Professora Teresa Barata-Salgueiro, obra ímpar nas dinâmicas urbanas e comerciais e, uma das principais referências da Geografia a nível nacional.

À minha família por todo o apoio fornecido, especialmente, aos meus pais, a minha avó Lígia, e em especial, ao meu avô Fernando e a minha avó Conceição, que já partiram deste mundo; aos meus tios, tia Zélia e tios Fátima e Vasco, aos quais muito devo pelo apoio incondicional concedido.

O terceiro conjunto de agradecimentos devo a um grupo de pessoas mais alargado, entre os quais, aos meus amigos mais próximos, à Jéssica e à Angelina, que me acompanharam e incentivaram a seguir este caminho. Ao Giuseppe, à Sofia, ao Nuno Miguel, ao Paulo, à Micaela e ao Nuno Santos pelo sentimento de companheirismo; à Inês, pela boa disposição e pelo contínuo estímulo para avançar nesta caminhada; à Juliana, pela sua ajuda preciosa bem como ao acompanhar-me durante alguns momentos do trabalho de campo; à Cláudia, pela sua dedicação e apoio em grande parte deste percurso, ao ouvir e aconselhar nas alturas mais complicadas; à Paula, pela sua excepcional simpatia e atenção, um agradecimento especial.

Posteriormente, o meu agradecimento é direcionado a AIG (Associação Insular de Geografia) ao presidente, Marcos Teles, e a Ana Neves, coordenadora de projetos, e aos seus membros, à Patrícia; à Jéssica; à Adriana e ao Filipe. Obrigado por todo o apoio, boa disposição e momentos bem passados nas instalações da instituição.

Seguidamente, o meu agradecimento às instituições cruciais a realização da dissertação. À instituição do ABM (Arquivo e Biblioteca Regional da Madeira), onde passei vários meses a trabalhar sobre os arquivos jornalísticos. De realçar, a simpatia e total disponibilidade dos funcionários, seja da Sala de Leitura Geral e da sala de Leitura do Arquivo e Reservados. Ao Arquivo Municipal do Funchal, mais especificamente, a responsável deste departamento, Graça Amaral, onde a sua prontidão no desejo em colaborar desde a primeira hora foi demonstrado bem como da sua equipa. Um bem-haja a todos!

O agradecimento que se segue, está relacionado com os *stakeholders* ligados (diretamente e/ou indiretamente) com o processo de Regeneração Urbana e de Comensalidade. Em primeiro lugar, um especial agradecimento, ao Dr. João Carlos Abreu, homem de sabedoria ímpar, com uma excelente disposição e reconhecimento popular pela sua obra na Zona Velha. Seguidamente, agradeço à arquiteta Alexandra Gouveia, responsável pelo antigo Gabinete Técnico da Zona Velha, pela sua colaboração e disposição na realização da entrevista, bem como no fornecimento de material referente à área de estudo, e à geógrafa Raquel Brazão, diretora do departamento de economia e cultura da CMF, que agradeço pela sua disponibilidade e colaboração. Por fim, o meu agradecimento aos comerciantes da Zona Velha, onde a grande maioria destes demonstraram disposição e interesse nas entrevistas e conversas informais realizadas.

Por último, mas não menos importante, aos meus colegas do IGOT, do mestrado em Geografia Humana, do Geomodlab (ao professor Jorge Rocha; ao João, ao Hugo, à Joana Vilar e ao Diogo Braz), da Sala de Projetos (amigos que levo para a vida, ao Samuel, ao Tomás, ao Alexandre, onde a sua colaboração cartográfica muito devo, ao João Duarte, ao Pedro, à Sílvia, à Diana, à Andreia, à Rita, à Patrícia, à Ana Bonifácio, entre outros colegas que não tive oportunidade de mencionar, onde nos momentos mais altos e baixos, sempre tive um apoio que já mais me poderei esquecer, momentos inesquecíveis de trabalho e diversão); da sala de doutoramentos (ao Marcelo, à Marcela, à Ana e em especial, ao Diogo Silva, exemplo de exigência e de dedicação no seu trabalho). Obrigado a todos, sem vocês não teria a mesma graça!

Às demais pessoas que contribuíram e participaram no meu percurso académico, agradeço a todos, sem exceção, com a humildade que me é característica.

A todos, os meus sinceros agradecimentos.

Índice de Conteúdos

| | |
|--|-----------|
| 1. Introdução..... | 23 |
| 2. Quadro Conceptual..... | 28 |
| 2.1. Regeneração Urbana | 28 |
| 2.1.1. Dimensão Económica | 29 |
| 2.1.2. Dimensão Sociocultural | 30 |
| 2.1.3. Dimensão Física e Ambiental | 32 |
| 2.1.4. Dimensão de Governança | 34 |
| 2.1.5. Evolução conceptual e operacional do processo de Regeneração Urbana | 40 |
| 2.1.6. A relevância da União Europeia na política urbana | 45 |
| 2.2. Comensalidade..... | 48 |
| 2.3. Capital Espacial | 65 |
| 2.4. Modelo de Análise | 68 |
| 2.5. Metodologia | 71 |
| 3. Enquadramento Histórico-Urbano da Zona Velha e do Funchal | 75 |
| 3.1. Funchal nos séculos XIX-XX..... | 80 |
| 4. Processo de Regeneração Urbana da Zona Velha | 89 |
| 4.1. Desconstrução Urbana, Socioeconómica e Comercial | 89 |
| 4.2. Acontecimentos no processo de regeneração no início do século XXI 104 | |
| 4.3. Desenvolvimento do comércio e de iniciativas socioculturais | 106 |
| 4.3. Da Devastação e Destruição ao Renascimento Urbano e Comercial .. | 112 |
| 4.4. Programas recentes de Intervenção Urbana..... | 131 |

| | |
|--|------------|
| 5. Regeneração urbana, Gentrificação e Comensalidade da Zona Velha do Funchal | 142 |
| 5.1. Tecido Comercial da Zona Velha | 145 |
| 5.2. Restauração..... | 150 |
| 5.2.1. Tascas..... | 150 |
| 5.2.2. Snack-Bares | 153 |
| 5.2.3. Bares..... | 155 |
| 5.2.4. Restaurantes | 159 |
| 5.3. A Restauração na Regeneração Urbana da Zona Velha..... | 163 |
| 6. Análise e discussão das entrevistas | 167 |
| 6.1. Discussão das entrevistas..... | 178 |
| 7. Discussão e Considerações Finais | 182 |
| Referências bibliográficas..... | 189 |
| ANEXO 1..... | 209 |
| ANEXO 2..... | 213 |
| ANEXO 3..... | 217 |
| ANEXO 4..... | 218 |
| ANEXO 5..... | 219 |
| ANEXO 6..... | 220 |
| ANEXO 7..... | 222 |
| ANEXO 8..... | 224 |
| ANEXO 9..... | 226 |
| ANEXO 10..... | 227 |
| ANEXO 11..... | 228 |

Índice de Figuras

| | |
|--|-----|
| Figura 1 - Relação do consumo e produção em experiências de turismo gastronómico | 51 |
| Figura 2 - Restaurantes na área de Temple Bar (Dublin) | 56 |
| Figura 3 - Pub Temple Bar, um dos pubs mais famosos desta área | 57 |
| Figura 4 - Caricatura sobre a importância da comida para a sociedade pós-moderna | 62 |
| Figura 5 - Elementos que compõe o processo de Comensalidade | 64 |
| Figura 6 - Gastronomia Urbana como elemento do Espaço Urbano | 67 |
| Figura 7 - Esquema do Modelo de Análise | 70 |
| Figura 8 - Limites da área de estudo | 72 |
| Figura 9 - Reconstituição da cidade do Funchal (século XV) | 76 |
| Figura 10 - Evolução Urbana da cidade do Funchal (século XV e XVI) | 79 |
| Figura 11 - Plano de Melhoramentos de Ventura Terra (1915) | 82 |
| Figura 12 - Zonamento Geral da cidade do Funchal | 85 |
| Figura 13 - Levantamento dos estabelecimentos hoteleiros e de restauração | 87 |
| Figura 14 - Estabelecimentos da restauração (década 80/90) | 88 |
| Figura 15 - Limites de intervenção e de proteção da Zona Velha | 93 |
| Figura 16 - Levantamento Fotográfico da Zona Velha (década de 80) | 93 |
| Figura 17 - Levantamento funcional do património edificado (década de 80) | 94 |
| Figura 18 - Estado degradado de uma habitação da Zona Velha | 96 |
| Figura 19 - Instalações da Madeira Engineering (Arsenal) | 97 |
| Figura 20 - Intervenção de saneamento básico e calcetamento numa das artérias da Zona Velha | 98 |
| Figura 21 - Parque de Estacionamento do Almirante Reis (Década de 90) | 102 |
| Figura 22 - Jardim do Almirante Reis (2021) - Jardim que contém a (1) infraestrutura do teleférico, (2) dois espaços de restauração e (3) uma pista de skate | 102 |
| Figura 23 - Imagem alusiva à construção do teleférico que iria ligar a Zona Velha ao Monte | 103 |
| Figura 24 - Investimentos realizados pela Câmara Municipal do Funchal | 103 |
| Figura 25 - Prédios que sofreram reabilitação Urbana (esquerda - edifício utilizado pela Junta de Freguesia de Santa Maria Maior e direita - edifício para fins habitacionais) | 104 |
| Figura 26 - Cartaz alusivo ao programa do Projeto ON em 2006 | 111 |

| | |
|---|-----|
| Figura 27 - Conjunto de obras artísticas realizadas no âmbito do "On Porto Bay" (2008) no jantar-leilão..... | 111 |
| Figura 28 - Artérias da Zona Velha cobertas de entulho..... | 113 |
| Figura 29 - Estragos provocados pela aluvião de 2010 (Rua D. Carlos I)..... | 113 |
| Figura 30 - Primeira obra artística do projeto "Arte de portas Abertas"..... | 116 |
| Figura 31 - Recriação do ambiente tradicional de Mercearia..... | 120 |
| Figura 32 - Movimento noturno do Bar Venda Velha..... | 121 |
| Figura 33 - Feira da Lagartixa na Travessa de Acciaolli (21/08/2021)..... | 121 |
| Figura 34 - Santa Maria – Hostel & Restaurant..... | 125 |
| Figura 35 - Edifícios da área de estudo com restauração e bebidas (2014)..... | 127 |
| Figura 36 - Dinâmicas Territoriais: Zonamento..... | 129 |
| Figura 37 - Zonamento da atividade de comércio e serviços na área de estudo..... | 130 |
| Figura 38 - Dicotomia da ocupação dos edifícios (Rês-do-chão e Andares Superiores)..... | 133 |
| Figura 39 - Concerto na Capela da Boa Viagem (2019)..... | 138 |
| Figura 40 - Edifícios em intervenção de Reabilitação Urbana (2021)..... | 140 |
| Figura 41 - Antiga carpintaria na área histórica da Zona Velha (desativada)..... | 143 |
| Figura 42 - Proposta de reorganização do esquema de tráfego automóvel (Eixo: Rua D. Carlos I, Rua dos Barreiros e Travessa João Caetano)..... | 144 |
| Figura 43 - Levantamento Funcional da Zona Velha do Funchal (Dezembro de 2022)..... | 147 |
| Figura 44 - Ano de abertura dos estabelecimentos comerciais da Zona Velha..... | 148 |
| Figura 45 - Dinâmicas comerciais no ramo da restauração (ramo de atividade anterior)..... | 149 |
| Figura 46 - Estabelecimento Bar Caracas (agosto de 2022)..... | 151 |
| Figura 47 - Caricatura de homenagem ao comerciante pelo reconhecimento na confeção da tradicional poncha (agosto de 2022)..... | 152 |
| Figura 48 - Poncha e Petiscos Regionais - Sandes de Peixe-Espada Preto e Gaiado (Bar Caracas)..... | 152 |
| Figura 49 - Polvo e Ovas de Peixe-Espada Preto (Tapas do Aníbal)..... | 153 |
| Figura 50 - Esplanada do estabelecimento Art Food Corner (agosto de 2022)..... | 154 |
| Figura 51 - Apresentação de snacks alternativos..... | 155 |
| Figura 52 - Apresentação dos novos Snacks e refeições rápidas..... | 155 |
| Figura 53 - Flair Spot Bar (agosto de 2022)..... | 158 |

| | |
|--|-----|
| Figura 54 - Aposta numa oferta diversificada de cocktails com show (<i>Drinkatainment</i>) | 159 |
| Figura 55 - A "poncha" como elemento principal da Venda Velha | 159 |
| Figura 56 - Exposição da oferta de peixe e marisco do Restaurante Gavião Novo e da Taberna Ruel..... | 161 |
| Figura 57 - Rua de Santa Maria (dezembro de 2009)..... | 163 |
| Figura 58 - Rua de Santa Maria (agosto de 2022)..... | 165 |
| Figura 59 - Técnica de Flambê no restaurante Le Jardin (<i>Foodatainment</i>) | 165 |
| Figura 60 - Diferenças da apropriação do espaço pelos consumidores entre o dia e a noite (agosto 2022)..... | 166 |

Índice de Tabelas

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 - Diferenças nas estruturas de Governo e Governança..... | 36 |
| Tabela 2 - Evolução das políticas urbanas na segunda metade do século XX | 43 |
| Tabela 3 - Evolução das políticas urbanas europeias | 46 |
| Tabela 4 - Evolução do número estimado de turistas que passaram pela Madeira | 81 |
| Tabela 5 - Investimentos realizados na Zona Velha do Funchal (até 2006)..... | 107 |
| Tabela 6 - 10 Medidas de implementação urgente decididas na Comissão de Requalificação e Embelezamento do Centro Histórico de Santa Maria..... | 115 |
| Tabela 7 - Alguns exemplos de “fracasso” de portas intervencionadas | 137 |
| Tabela 8 - Linhas orientadoras pelo IFFRU 2020 (Funchal) | 139 |
| Tabela 9 – Categorização das respostas as entrevistas aos comerciantes da restauração | 168 |
| Tabela 10 - Respostas das entrevistas aos comerciantes da restauração | 169 |
| Tabela 11 - Matriz Gráfica de Bertin (Entrevistados da Restauração)..... | 170 |
| Tabela 12 - Ficha de Observação (Zona Velha) | 177 |
| Tabela 13 - Desconstrução do processo de comensalidade do caso de estudo..... | 187 |

Lista de abreviaturas

CMF – Câmara Municipal do Funchal

CRE-CHSM – Comissão para a requalificação e embelezamento do Centro Histórico de Santa Maria

GRM – Governo Regional da Madeira

UE – União Europeia

ZV – Zona Velha

1. Introdução

Ao longo últimas décadas do século XX, registou-se uma tendência generalizada de crescimento de áreas urbanas para a periferia, acompanhada pela deslocação das atividades comerciais. Esta dinâmica resultou no desenvolvimento da rede viária e do aumento de áreas urbanas e, nas áreas metropolitanas, esse crescimento foi ainda mais significativo face a um conjunto de fatores, entre os quais, o preço mais reduzido do solo em comparação ao centro das cidades, a melhoria da qualidade de vida e, por sua vez, habitações de maior dimensão face à oferta existente no centro das cidades.

Todavia, esta dinâmica urbana e comercial apresentou consequências penosas para o centro das cidades, nomeadamente, dos centros históricos, onde o fenómeno de perda de população já se vinha a verificar. O panorama comercial e urbano deste espaço apresentava uma decadência generalizada, sendo que a degradação do edificado era um dos aspetos mais visíveis desta espiral negativa de repulsão de população e de atividades económicas. No domínio socioeconómico, a fragilidade social era igualmente visível com uma população envelhecida e de fracos recursos económicos. Além do mais, a degradação social seria perceptível com base na diminuição da qualidade de vida, pela deterioração generalizada das habitações, pelos escassos espaços verdes e pela presença de fenómenos sociais repulsivos tais como a toxicodependência e prostituição.

No caso de Portugal, esta realidade era conhecida, em particular, nas cidades de Lisboa e do Porto, face a sua importância e dimensão, onde os seus centros históricos representavam o ambiente vivido e construído mencionado anteriormente, porém não se restringia a estas duas cidades, pois afetava igualmente algumas cidades médias, como Braga, Coimbra, Évora, Angra do Heroísmo, Funchal, entre outras.

No domínio das políticas urbanas, era necessário intervir no espaço de modo a inverter o processo de espiral repulsiva de população e de atividades económicas. Deste modo, a partir da década de 90 do século XX, o desenvolvimento do processo de regeneração urbana teria o papel fulcral na transformação urbana de áreas degradadas, nomeadamente áreas ribeirinhas e centros históricos. Esta tipologia de intervenção urbana seria aquela que reuniria mais consenso na revitalização urbana dos centros históricos pela abrangência de multidimensões no espaço urbano (económica; sociocultural; física e ambiental e governança). Contudo, de algumas décadas a esta parte, a evolução e desenvolvimento deste processo urbano teria transformações nos seus elementos de ação, no seu planeamento, na participação de *stakeholders*, ou seja, transformação de

paradigmas na intervenção da cidade. De modo geral, a regeneração urbana visa a transformação de vários elementos do espaço urbano que se encontra em decadência, entre os quais, a melhoria da qualidade de vida dos residentes; a atração de atividades económicas e consumidores; a melhoria dos espaços públicos; a criação de espaços verdes; e a reabilitação e/ou requalificação urbana de património edificado¹.

Além do mais, esta tipologia de intervenção urbana necessita de ter a precaução de adequar a sua ação face às características da heterogeneidade do espaço urbano. A relevância do conceito de capital espacial realça-se nesta dinâmica urbana, pois as singularidades do espaço urbano, nomeadamente dos centros históricos, são ímpares face ao contexto histórico, arquitetónico, social, cultural, comercial, económico e territorial.

A regeneração urbana, sendo um processo de cariz complexo, utiliza pilares estruturais para garantir a atração de pessoas e atividades económicas. Sendo um destes casos, a regeneração urbana ancorada no comércio, onde existem inúmeros casos de sucesso a nível internacional. Contudo, nos últimos anos, tem-se vindo a verificar nos centros históricos de várias cidades europeias a aposta no ramo gastronómico, nomeadamente em estabelecimentos da restauração. Esta aposta deve-se a vários fatores, entre os quais, a valorização da gastronomia, evoluindo de um simples ato de satisfazer as necessidades básicas de sobrevivência para um ato de experiência de consumo; a resposta às novas exigências dos consumidores; e o desenvolvimento da atividade turística, onde se procura dar a conhecer a gastronomia local e/ou regional. O desenvolvimento da restauração proporcionou a recriação do ambiente vivido com base no convívio entre pessoas face ao consumo de comida e/ou bebidas. É neste quadro que se dá o desenvolvimento do processo de comensalidade como alavanca da regeneração urbana. Neste sentido, a transformação de áreas urbanas que transitaram na revitalização urbana, não se resume apenas à transformação física do espaço, mas também à transformação do ambiente vivido, fenómeno que por vezes é menosprezado pela diferenciação da apropriação do espaço consoante a tipologia de consumidor e pela heterogeneidade de horário do uso do espaço urbano.

O caso de estudo selecionado para aprofundar os processos de regeneração urbana e de comensalidade foi o centro histórico do Funchal, mais especificamente, a Zona Velha

¹ No caso dos centros históricos, intervenções urbanas como renovação urbana, a qual envolve a demolição total ou parcial de tecido urbano, geralmente não se verifica no contexto europeu pois a salvaguarda do património histórico é defendida pela legislação europeia.

do Funchal, berço desta cidade. Esta decisão ancorou-se em determinados fatores nomeadamente, pela revalorização das áreas históricas no tecido urbano das cidades em Portugal; pela valorização urbana e comercial desta área nas últimas décadas através do desenvolvimento do setor da restauração com a abertura de inúmeros estabelecimentos de diferentes tipologias; pelo desenvolvimento singular de bares relacionados com a tradicional poncha madeirense nesta área; pelos contactos à priori com moradores e comerciantes que me despertaram para a oportunidade de desenvolver este projeto de investigação tendo em conta as dinâmicas recentes ocorridas no território; pela insuficiência de trabalhos científicos (artigos de investigação e dissertações) realizados nesta área, o que possibilitou desenvolver profundamente as etapas do processo de regeneração urbana, as dinâmicas comerciais e o processo de comensalidade.

Para conseguir levar a investigação a “bom porto” foram estipulados três objetivos terminais que estruturam este estudo, sendo os seguintes:

O1. Analisar as dinâmicas do processo de Regeneração Urbana na Zona Velha do Funchal, da década de 80 até à atualidade, com base no estudo dos planos de regeneração e outra documentação relevante, a fim de identificar as principais transformações que ocorreram neste setor da cidade;

O2. Caracterizar as dinâmicas do setor da restauração da Zona Velha do Funchal, através de um levantamento funcional dinâmico das unidades funcionais e de entrevistas aos comerciantes, de modo a compreender o desenvolvimento do processo da comensalidade nesta área urbana;

O3. Discutir a relação entre os processos de comensalidade e de regeneração urbana na Zona Velha, a partir da análise da evolução das dinâmicas funcionais, com o intuito de averiguar o papel do setor da restauração na regeneração da Zona Velha do Funchal.

A estrutura da dissertação é a seguinte. Primeiramente, procedeu-se ao enquadramento conceptual com a apresentação e discussão dos conceitos estruturantes da investigação. Foram aprofundados os conceitos de Regeneração Urbana (tendo com base os elementos e os fenómenos mais pertinentes (dimensões económica, sociocultural, física e ambiental, e governança); o desenvolvimento teórico e operacional desta tipologia de intervenção; bem como, do papel da UE nos domínios da política urbana); de Comensalidade (reflexão das transformações urbanas, sociais e comerciais no centro

histórico das cidades sob influência do turismo neste processo; a desconstrução do funcionamento dos estabelecimentos de restauração, nomeadamente da experiência gastronómica); de Capital Espacial, (reflexão sobre a relevância dos elementos que o espaço contém e, por sua vez, como estes influenciam as dinâmicas espaciais. Seguidamente, o segundo capítulo é organizado face o enquadramento histórico da Zona Velha e da cidade do Funchal, de modo a identificar a evolução urbana e comercial destas áreas relacionada com as dinâmicas socioeconómicas, agrícolas e comerciais. O terceiro capítulo foca-se na análise do processo de regeneração urbana na Zona Velha, sendo que num primeiro momento é relatado o estado de degradação do edificado juntamente com o panorama crítico socioeconómico em que a população local se encontrava. Posteriormente, realizou-se uma análise dos planos de modo a reverter a realidade urbana e socioeconómica encontrada no local, com destaque para a classificação da Zona Velha pela assembleia legislativa da Madeira e a criação do Gabinete Técnico da Zona Velha criado pela câmara municipal do Funchal. Nos dois subcapítulos seguintes, é dada a continuação aos relatos do processo de regeneração, nomeadamente de investimento público e/ou privado, bem como do desenvolvimento do tecido comercial com a abertura de novos estabelecimentos e de iniciativas socioculturais com o intuito de atrair consumidores locais e turistas. No terceiro subcapítulo, são expostos os impactos da aluvião de 2010 com particular acuidade no tecido urbano da Zona Velha. Consequentemente, serão exploradas as etapas de reconstrução após a tempestade, em particular com a criação da Comissão de Requalificação e Embelezamento do Centro Histórico de Santa Maria e todo o seu planeamento urbano. Ainda no seguimento do subcapítulo anterior, serão averiguadas as dinâmicas comerciais ocorridas nesta área, nas vertentes da restauração e hotelaria. No quarto subcapítulo, são analisados os programas de intervenção urbana da CMF e aprofundado a área de estudo, quando possível, de modo a identificar as principais abordagens dotadas na aplicação territorial.

Os próximos capítulos centram-se na abordagem empírica realizada na área de estudo. O quarto capítulo, é focado na apresentação e reflexão das dinâmicas urbanas e comerciais que ocorreram nesta área. No subcapítulo seguinte, debruçar-nos-emos sobre as dinâmicas comerciais, particularmente da restauração, onde será aprofundado as quatro subcategorias desta (Tascas; Snack-bares; Bares e Restaurantes). Posteriormente, no segundo subcapítulo, apresentaremos uma reflexão sobre o papel da restauração no processo de regeneração urbana. Por fim, será apresentado a análise e discussão dos

resultados obtidos através das entrevistas aos comerciantes, de modo a obter informação sobre os comerciantes e a sua interpretação dos fenómenos ocorridos nas últimas décadas.

2. Quadro Conceptual

2.1. Regeneração Urbana

A regeneração urbana tem-se vindo a assumir como um pilar das políticas urbanas orientadas para a resolução de um vasto conjunto de problemas que afetam as cidades (Hall, 2006), gerados pelas disfuncionalidades da cidade industrial (Chris; Couch et al., 2003). Segundo (Roberts et al., 2000), esta envolve a intervenção em domínios moldados pela interação de diversos processos económicos, sociais, físicos e ambientais, por natureza dinâmicos e complexos, com o objetivo de mitigar as disfuncionalidades da ação de tais processos, e em última análise inverter a deterioração do espaço urbano.

Devido aos paradigmas² introduzidos recentemente, a comunidade científica apresenta perspetivas relativamente semelhantes face à determinação das bases elementares do conceito. Assim, Roberts et al. (2000, p. 17) sugerem um conceito de regeneração urbana, relevante mobilizando também outros autores (Leary & McCarthy, 2013; Ruming, 2016; Tallon, 2010):

“visão e ação abrangentes e integradas que conduzem à resolução dos problemas urbanos e que procuram a melhoria duradoura do estado económico, físico, social e ambiental de uma área que foi sujeita a alterações.”³

Tallon (2010, p.6) identifica quatro dimensões no processo da regeneração urbana: a dimensão económica, ligada a elementos como a criação de emprego e o desenvolvimento; a dimensão sociocultural, composta por elementos relacionados com a qualidade de vida e qualidade dos serviços públicos; a dimensão física e ambiental, relacionada com elementos das infraestruturas e do ambiente; e por fim, a dimensão de governança, centrada nos processos de tomada de decisão e da cooperação da comunidade local.

As diferentes dimensões que compõe a regeneração urbana merecem uma análise aprofundada nesta investigação. Tal abordagem não só nos irá permitir dar conta dos principais aspetos inerentes a cada dimensão e perceber como a interligação destas

² Roberts (2000) e, posteriormente, Tallon (2010), introduzem o Desenvolvimento Sustentável e a Governança como pilares da Regeneração Urbana, dimensões que irão aprofundar-se e tornar-se significativas no panorama internacional, ao longo do século XXI.

³ Tradução nossa

dimensões é indispensável à concretização do próprio processo de regeneração urbana (Tallon, 2010), mas também entender os impactos do processo nas áreas intervencionadas, invertendo a espiral de declínio em que estavam mergulhadas, elevando a sua competitividade e sustentabilidade no contexto urbano (Roberts, 2000). Mesmo assim, importa realçar a geometria variável da ação dos processos inerentes ao desenvolvimento da regeneração urbana, nomeadamente ao nível dos seus impactos locais. Na realidade, cada caso de intervenção pode evidenciar a importância de algumas políticas em detrimento de outras, pois o contexto urbano e função são a vanguarda da seleção das políticas (e das respetivas medidas).

2.1.1. Dimensão Económica

A dimensão económica possui uma forte interligação com o fenómeno da globalização que cada vez mais molda a sociedade pós-moderna. Face à competitividade das cidades nos contextos nacional e internacional, a abordagem económica visa a captação de capitais e o desenvolvimento socioeconómico das áreas de intervenção. Como apresenta (Tallon, 2010, p. 112), este fenómeno possui uma magnitude significativa no panorama mundial, influenciando as dinâmicas urbanas e económicas. Citando este autor, “Na era dos fluxos de capital globais livres e da globalização, as cidades a nível global precisam tornar-se cada vez mais competitivas para garantir o crescimento futuro e a regeneração das economias urbanas”. Este fenómeno apresenta um grau elevado de exigência, em que os aspetos estéticos das cidades ou áreas urbanas específicas são transformadas, de modo a transmitir uma imagem renovada e positiva, em que as políticas visam atrair investimento privado crucial na vanguarda da inovação e competitividade (Hall, 2006; Hall & Barrett, 2018).

A própria estrutura da economia urbana foi significativamente alterada face à estrutura “conservadora” do comércio (Roberts et al., 2000), que se encontrava numa conjuntura decadente e sensível face à terceirização da economia – “[...] (No setor terciário) cabem todas as atividades que não pertencem ao setor primário nem ao secundário, os setores produtivos por excelência” (Barata-Salgueiro, 1992, p. 297). Contudo, nem todas as cidades possuem resiliência suficiente para lidar com alterações profundas⁴, ou seja, capacidade de adaptação face a novos desafios impostos por

⁴ No livro “Retail Planning for the Resilient City” de Barata-Salgueiro e Cachinho (2011) é apresentado o conceito de resiliência urbana e comercial que se enquadram ao processo de regeneração urbana.

dinâmicas interiores e/ou exteriores. O comércio, sendo uma atividade económica que possui uma presença histórica no espaço urbano, apresenta-se com um estatuto robusto e dinamizador, sendo usado em projetos de regeneração urbana como pilar de atratividade (Barata-Salgueiro, 2011; Huston et al., 2015; Lloyd, 2010; Vivant, 2010). A competitividade urbana é um eu visível na interligação de áreas urbanas (no contexto nacional e, principalmente, no contexto internacional) (Hall, 2006) e, por sua vez, o processo é estimulado de modo a atrair capital, investimento, residentes e turistas (Tallon, 2010). Todavia, o desenvolvimento descontrolado dos elementos enunciados anteriormente, e sem a devida cooperação entre stakeholders, apenas regulamentado pela lei da oferta e da procura de mercado (paradigma neoliberal), poderá causar desequilíbrios e desigualdades na dimensão socioeconómica perante classes sociais vulneráveis (Porter & Shaw, 2009).

2.1.2. Dimensão Sociocultural

A dimensão sociocultural surgiu na evolução da dimensão económica, na procura de integrar as questões sociais no processo de regeneração urbana, face aos inúmeros problemas sociais que surgiam nas áreas urbanas. Para além disso, Roberts et al. (2000, p. 26) enunciam outros fatores relacionados com esta temática, geralmente ligados às transformações sociodemográficas e às dinâmicas urbanas. A interação destes dois processos resultou na deslocação da população do centro para a periferia das cidades (produzindo fenómenos como a suburbanização (D. Silva, 2019)), bem como a procura por melhor qualidade de vida e de serviços, da atratividade do mercado habitacional e de outras dimensões, que compõe a complexidade destes fenómenos. Por sua vez, estas dinâmicas provocaram igualmente repercussões nas demais áreas urbanas da cidade, nomeadamente do centro, onde as diversas problemáticas sociais foram evoluindo, a modo que as circunstâncias socioeconómicas alcançaram níveis alarmantes e preocupantes, ao ponto de “as áreas urbanas, e especialmente as áreas centrais, não serem mais os locais residenciais preferidos dos mais ricos; em vez disso, as cidades têm vivenciado cada vez mais uma concentração de membros pobres e desfavorecidos da sociedade.” (Roberts et al., 2000, p. 26).

Contudo, as próprias transformações sociais da população residente nos centros urbanos poderão igualmente ajudar a compreender este fenómeno. As transformações nos padrões mundiais, originários da globalização, quebraram as estruturas económicas e

financeiras dos países, regiões e, nomeadamente, das cidades, sendo responsáveis pelas profundas transformações na sociedade. O desaparecimento de inúmeros empregos relacionados com setores que estavam em decadência, juntamente com a degradação do edificado e do comércio local (em parte justificado pelo padrão internacional de comércio que estimulava a construção de grandes superfícies comerciais, entre as quais, os centros comerciais (Barata-Salgueiro, 1992) e as dinâmicas de deslocamento da população deram azo à acentuação da decadência já referida, associada a problemas sociais como o envelhecimento da população, a toxicodependência e a segregação social. Tendo em conta este panorama, Roberts et al. (2000, p. 27) apontam algumas medidas de inversão desta conjuntura, entre as quais, executar inúmeros programas de regeneração social e comunitária, a fim de recuperar deste círculo vicioso de deterioração social e conceber a transformação social a partir de forças interiores.

Apesar da importância do domínio social no processo da regeneração urbana, com o compromisso de responder às suas necessidades e obstáculos, Porter & Shaw (2009) criticam duramente a política económica centrada na competitividade e os devidos planos de regeneração, pois estes abordam os problemas sociais numa dimensão física (mercado habitacional) em vez de abordarem o problema numa visão integracionista da diversidade de dimensões que são necessárias para retorquir de uma forma eficiente. Além disso, esta política apresenta uma série de consequências negativas, entre as quais, a designada “privação urbana”. “Fisicamente, essas áreas são consideradas “carenciadas” devido às condições de precariedade e superlotação das habitações, ausência de serviços, transporte e centros de emprego e danos ao ambiente construído por meio do vandalismo persistente”. Porter & Shaw (2009, p. 248); o caráter destrutivo dos planos, visando a demolição do ambiente construído e a devida reconstrução do mercado habitacional, juntamente com a falta de conhecimento da própria realidade destas populações, que ignoram as suas características sociais, económicas e culturais; bem como o agravamento das desigualdades na distribuição de riqueza, pois os planos de regeneração visam atender os desafios das classes sociais que possuem maior capacidade económica, numa abordagem de “competitividade urbana”. A gentrificação é um dos fenómenos urbanos que contempla esta realidade, onde as classes sociais altas se acomodam nestas áreas urbanas por apresentarem características atrativas, colocando, direta ou indiretamente, pressões económicas sobre as classes sociais mais desfavorecidas, que se veem obrigadas a se deslocarem para outras áreas urbanas mais adequadas às suas capacidades e

caraterísticas económicas, contribuindo para o desenvolvimento urbano desigual (Mendes, 2014).

Todavia, este fenómeno social e urbano não apresenta somente consequências negativas, há uma grande diversidade de perspectivas face a este fenómeno que deverão ser discutidas e os seus argumentos consagrados. A gentrificação, fenómeno urbano fomentado pela política neoliberal, expõe resultados favoráveis face à abordagem da competitividade urbana, pois consegue atrair população de classe social com rendimentos intermédios e/ou altos em áreas centrais das cidades (Hall, 2006; Tallon, 2010), dando origem ao aparecimento de uma nova classe social, nova classe média ou classe criativa, com caraterísticas e um estilo de vida diferenciado, favorecendo a inovação intelectual das sociedades. Na realidade, “esses grupos buscam estilos de vida diferentes da conformidade dos subúrbios e são atraídos pelas diversas e vibrantes oportunidades culturais disponíveis nos centros urbanos, buscando viver perto dessas oportunidades” (Hall & Barrett, 2018, p. 256).

2.1.3. Dimensão Física e Ambiental

A dimensão física é uma das dimensões mais visíveis de áreas urbanas que carecem de intervenção urbanística, e por sua vez, expõem fraquezas estruturais do tecido urbano. Segundo Roberts et al. (2000, p. 27), a degradação física é resultado da ação de fatores interligados aos aspetos económicos, sociais e institucionais que culminam com as bases fundamentais da política da regeneração urbana. A degradação do edificado não apresenta somente uma caraterística específica sobre uma determinada área urbana, mas uma consequência das dinâmicas socioeconómicas das cidades. Este fenómeno é um dos elementos que contribuiram para o sentimento de repulsão por parte da população, deste modo prejudicando a imagem do centro das cidades e acentuando as fraquezas destas áreas urbanas. Além disso, Roberts et al. (2000) apresentam uma reflexão espacial, apontando que embora este fenómeno ocorra geralmente nas áreas centrais, existem evidências em várias cidades que as atividades económicas preferem localizar-se nas áreas suburbanas, que exibem outras caraterísticas apelativas, entre as quais, mais espaço para instalação de empresas, melhores acessibilidades e custos operacionais reduzidos. Ainda sobre esta temática da espacialidade, o carácter de apropriação do espaço por parte das pessoas nas áreas urbanas degradadas é uma questão que necessita de uma pequena reflexão, em conjunto com a influência das condições físicas do mesmo. Segundo

Serdoura (2007), a apropriação do espaço público resulta de um conjunto de elementos, entre os quais, a diferenciação dos espaços, as suas características e os sentimentos e reações geradas nas pessoas em contato com o espaço. Os espaços das áreas urbanas são alvos de apropriações diferenciadas, face às funções que neles existem e interagem. Tendo isto em conta, a apropriação do espaço nas áreas degradadas das cidades é naturalmente escassa, em resposta às suas características sociais, económicas e físicas que transmitem um sentimento de insegurança e desconforto.

Quanto à dimensão ambiental, esta tem sido cada vez mais valorizada nas cidades através dos espaços verdes, devido à sua diversificação de funções, entre as quais, a procura pelo bem-estar, a realização de exercício físico, o embelezamento das áreas urbanas e o processo de socialização que ocorre nestes espaços (Gómez et al., 2014; Mattos & Constantino, 2019; M. C. Mendes, 1986; Zhou & Rana, 2012). Esta dimensão exhibe uma complexidade que não se restringe à temática dos espaços verdes, mas que materializa as várias preocupações do quotidiano e da sociedade urbana. Com a introdução de paradigmas relacionados com o desenvolvimento sustentável (Roberts, 2000; Tallon, 2010; Whitehead, 2003), bem como, com o processo da globalização, surgiram transformações na relação espaço-tempo que tiveram consequências nas áreas urbanas e nas pessoas, manifestando-se no aumento da intensificação da carga laboral e do stress associado às dinâmicas da sociedade e da economia (Barata-Salgueiro, 2002). A perspetiva de modernização ecológica apresentada por (Blowers & Pain, 2000) debruça-se assim sobre os problemas ambientais nas cidades derivados da globalização. Entre estes, de realçar, a preocupação com a eficiência da produção e consumo; os níveis de poluição atmosférica; a proteção do ambiente e a incorporação de diversos stakeholders na participação no desenvolvimento de políticas, tudo isto culminando com a referência permanente à sustentabilidade. Na temática da poluição atmosférica e do clima das áreas urbanas (Gupta et al., 2015), os investigadores têm desempenhado um papel crucial na identificação específica destes problemas e, simultaneamente, na elaboração de medidas de modo a minimizar os impactos no território. Os investigadores (Alcoforado, 1999; Alcoforado et al., 2005, 2014; Alcoforado & Andrade, 2006) apresentam nos seus trabalhos fenómenos climáticos que ocorrem nas cidades e estão presentes no quotidiano das pessoas, sendo que cada um possui maior ou menor impacto sentido por parte destes. As conclusões das investigações mostram elementos decisivos na transformação do tecido urbano, como a eficiência energética dos edifícios e o próprio modelo do tecido urbano, que poderá levar a fenómenos indesejáveis, como a ilha de

calor⁵ urbano; a redução do tráfego automóvel e, conseqüentemente, a melhoria da qualidade do ar; e, a criação de espaços verdes, de modo a igualmente contribuir para a melhoria da qualidade do ar e da qualidade de vida das pessoas (Alcoforado, 1999; Alcoforado et al., 2005).

2.1.4. Dimensão de Governança

Por último, a dimensão da governança, determinante nas tomadas de decisão nas áreas urbanas e no processo de gestão do espaço urbano. Esta dimensão terá tido origem nos Estados Unidos da América (EUA), nas primeiras décadas do século XX na temática empresarial, de modo a flexibilizar procedimentos que resultariam na redução dos custos e na cooperação entre empresas. Contudo, esta dimensão seria incorporada décadas mais tarde (anos 70), na gestão de governação internacional devido a problemas com os modelos utilizados até à data (Chamusca, 2012). Por volta da mesma época, os planos de regeneração urbana eram influenciados pelas teorias económicas e de governação urbana com dinâmicas diferenciadas, entre as quais a estimulação das economias de aglomeração e a introdução da participação ativa de novos organismos públicos nos processos de regeneração (Roberts et al., 2000; Tallon, 2010). Desde essa época, as alterações relacionadas com a governança têm sido continuamente associadas às novas dinâmicas que decorrem nos espaços urbanos.

Com a introdução de novos stakeholders (públicos e/ou privados) na operacionalização dos processos de transformação urbana com uma magnitude significativa, como os associados ao processo de regeneração urbana, é necessário o debate de ideias e perspetivas dos diferentes agentes (governamentais e não governamentais). Para (Stren, 2001, p.48), para expressar um resultado efetivo na sua operacionalização, a governança necessita de transparência de decisão nas medidas tomadas entre os organismos responsáveis por estas e os cidadãos, algo que é partilhado igualmente pela perspetiva apresentada por Gupta et al. (2015, p. 11), “ A governança urbana inclui o papel das estruturas governativas municipais e de atores não-governamentais na gestão da vida na cidade (...)”. Por outro lado, Chamusca (2012, p. 43) apresenta um conjunto de elementos essenciais na compreensão do funcionamento da governança. Segundo este autor, esta “(...) diz respeito à emergência de novos acordos institucionais (formais e informais) de

⁵ Fenómeno climático que surge nas áreas urbanas devido ao excesso de construção, entre os principais responsáveis, não possibilitando a moderação da temperatura, criando por sua vez, aumento do calor sentido (Alcoforado et al., 2005, 2014).

governança que vão além do Estado e que procuram articulá-lo e desenvolver mecanismos de cooperação, participação e influência”. Ainda nesta temática, a abordagem “bottom-up” apresenta diversos elementos que desenvolvem uma rede diversificada de agentes e organismos locais que estabelecem ligações de cooperação (Tallon, 2010), incentivando a participação ativa da cidadania por parte da população local. Para (Freire, 2001, p. XXV), além dos elementos referidos anteriormente quanto à governança, existem outros elementos cruciais para a concretização efetiva no espaço urbano, como a transparência e responsabilidade do uso dos fundos públicos, a capacidade adequada dos organismos locais na operacionalização das políticas urbanas e, por fim, uma estrutura sólida na relação dos vários níveis de organização governamental, sendo bem clara a atribuição de incentivos e responsabilidades de cada organismo.

As duas vertentes expostas anteriormente (Tabela 1) quanto às diferenças das estruturas de governo e governança têm apresentado novas dinâmicas, onde a estrutura rígida e conservadora do Governo não tem conseguido dar resposta aos novos problemas que vão surgindo no território (Brenner, 2019, p. 177). Deste modo, a governança tem conseguido dar uma resposta efetiva e inclusiva aos novos desafios do espaço urbano. De realçar que a diversidade territorial e cultural poderá influenciar alguns elementos presentes na Tabela 1, como bem faz notar (Cochrane, 1999), ao afirmar que a estrutura tradicional da democracia ocidental a nível local não incentiva a participação ativa dos cidadãos e, por sua vez, condiciona o debate entre as várias perspetivas da população. Todavia, os últimos dados disponibilizados pela UE⁶ no domínio da qualidade de governança dos estados-membros (2017), patenteia uma evolução em que o padrão da estrutura governativa, apresentado por Cochrane (1999), se alterou. Numa análise geral, os países nórdicos e ocidentais apresentam uma melhor qualidade de governança em relação aos países do leste europeu, sendo que estes entraram na UE mais tardiamente⁷, facto que em grande medida poderá justificar este fenómeno.

⁶ https://ec.europa.eu/regional_policy/en/information/maps/quality_of_governance/

⁷ Adesão em 2007: Bulgária e Roménia; Adesão em 2013: Croácia.

Tabela 1 - Diferenças nas estruturas de Governo e Governança

| Governo | Governança |
|--|--|
| Sistema burocrático, centralmente coordenado e centralizado Realização individualizada e pública | Sistema descentralizado Desenvolvimento de redes Realização Coletiva e público-privada |
| A cooperação baseia-se na instituição | A cooperação é organizada em função das origens dos problemas |
| Governo enquanto executante | Governo enquanto mediador |
| Abordagens <i>top-down</i> (Abordagem historicamente dominante na resolução dos problemas urbanos) Foco no governo central | Abordagens multiescalares, <i>bottom-up</i> e de parceria Foco no governo local ou no grupo comunitário |
| Planificação de estratégias em grande escala (Escala macroeconómica) | Planificação de estratégias em pequena escala (Escala microeconómica) |
| Exclusão da população na tomada de decisões (Estrutura tradicional de representatividade democrática) | Integração da população na tomada de decisões (Estrutura inovadora e incentivo a cidadania) |

Fonte: adaptado de (Chamusca, 2012)

Desde o início do século XXI, ocorreu uma transição em modelos de governo para governança, coincidente com o aparecimento de novos desafios urbanos como a digitalização da sociedade e a banalização das estruturas tecnológicas, culminando com novas influências (formas de pensar) sobre as cidades como as *smart cities* (Gupta et al., 2015, p.9).

As estruturas governamentais sofreram dinâmicas nos países ocidentais desde o final do século XX, face a novos desafios que surgiam no espaço urbano com a digitalização da sociedade e a banalização das estruturas tecnológicas, culminando com novas influências sobre as cidades como a eficiência e as *smart cities* (Gupta et al., 2015, p. 9). Além disso, as estratégias no domínio da competitividade urbana, têm sido alvo de maior interesse da União Europeia e dos Estados Membros. Em 2006, no lançamento da *Política da coesão e das cidades*, onde a competitividade das cidades era tida como um elemento relevante no desenvolvimento territorial e de coesão na Europa, este domínio seria aprofundando nos programas e estratégias dos anos seguintes. Recentemente, em Portugal, foi elaborado a estratégia *Cidades Sustentáveis 2020* (Direção-Geral do Território, 2015), onde são criadas medidas e estratégias para alcançar a sustentabilidade das cidades, com base num conjunto de elementos e indicadores diversificados. Na temática da competitividade, o Eixo Estratégico 1 – Inteligência e Competitividade é apresentado um conjunto de linhas guias diversas aplicadas à cidade, onde é realçado a

Inovação Urbana (DGT, 2015, pp. 41–42), da qual consta quatro componentes. O primeiro está relacionado com o desenvolvimento de redes entre empresas e inovação urbana com o incentivo a territórios-piloto de teste e demonstração, laboratórios vivos urbanos, incorporando negócios e ninhos de empresas, e proporcionar a integração urbana de parques empresariais e tecnológicos (aplicado em duas das três dimensões⁸ da cidade, na dimensão intraurbana e interurbana); o segundo, Consolidar as ligações das cidades e com as suas áreas de frente marítima, ribeirinhas e núcleos piscatórios, a fim de promover a Economia Azul (atividades relacionadas com a energia azul, aquicultura, desporto, lazer e turismo) das áreas urbanas costeiras (dimensões intraurbana, cidade-região e interurbana); o terceiro, apostar na Economia verde, como elo operacional do desenvolvimento sustentável, e na relevância que a contratação pública tem neste contexto, incentivando as empresas e instituições presentes na cidade à adoção de estratégias sustentáveis na temática ambiental (baixo carbono, proteção do ambiente e na eficiência no uso dos recursos) e, potenciar a inovação, a investigação e o desenvolvimento de modelos de negócio, de processos de produção e produtos mais sustentáveis (Dimensões intraurbana, cidade-região e interurbana); por fim, a quarta, incentivar a adoção de soluções urbanas inovadoras aplicadas ao espaço urbano (social e tecnológico), em cooperação com a sociedade civil, de forma a ajustar o fornecimento de bens e serviços à procura local (Dimensões intraurbana e cidade-região).

As novas dinâmicas urbanas, em conjunto com as dinâmicas socioeconómicas agregaram componentes suficientes para estimular a competitividade de áreas urbanas, que se encontravam em dinâmicas evidentemente opostas as áreas do centro da cidade.

Com esta conjuntura, os poderes locais e regionais tentaram intervir nas áreas degradadas através de uma reflexão e planeamento urbano necessário para a tão desejada

⁸ Segundo a Direção-Geral do Território (2015, p. 18), a cidade é vista como objeto de diversificação dinâmica socialmente, economicamente e ambientalmente. As cidades são igualmente heterogéneas espacialmente e morfológicamente, com a interação de diferentes agentes numa escala multivariada temporal e espacialmente. As relações que estas estabelecem, características das cidades contemporâneas, são diversificadas em diversas vertentes, na relação funcional com a região e os diferentes *hinterlands*, com as áreas marítimas e rurais, e com outras cidades e centros urbanos, criando assim lógicas de complementaridade e interdependência. Nesta ótica de dimensões territoriais estratégicas na cidade são formuladas três dimensões:

- **Dimensão intraurbana** (“relativa aos núcleos urbanos e aos espaços urbanos edificados, tendo em consideração o seu papel no funcionamento social, económico, cultural e ambiental da cidade, bem como os seus territórios-comunidade de base local.”)

- **Dimensão cidade-região** (“relativa às áreas de influência funcional das cidades, às interações e interdependências económicas e sociais entre os centros urbanos e a região urbano-rural onde se inserem.”)

- **Dimensão interurbana** (“relativa às redes de relações entre cidades e aos fluxos entre elas gerados numa base de polarização, de complementaridade, de diferenciação e hierarquia urbana, cujo potencial sistémico depende da qualidade das sinergias encontradas e das associações estabelecidas.”)

transformação, porém não foram atingidos os resultados esperados, de uma forma homogênea em todos os casos urbanos. Em “(...) alguns casos, a deterioração e negligência resultaram de esquemas ambiciosos que excederam a sua capacidade de implementação, (...) noutros casos o planeamento atuou como uma força capaz de gerar mudanças positivas.” (Roberts et al., 2000, p. 28).

A estipulação de dimensões do processo de regeneração urbana e de paradigmas da política urbana no plano teórico é extremamente necessária na operacionalidade dos planos aplicados no espaço urbano e, conseqüentemente, na efetividade e sustentabilidade das medidas tomadas. Autores como Hall & Barrett (2018, p. 123) refletem sobre a adoção de políticas urbanas, salientando três interrogações necessárias no plano teórico, “O que elas fazem?; Como funcionam?; e, Quem está envolvido?”⁹. A concretização do guião teórico de um processo desta magnitude urbana deverá ter a preocupação de visar responder a um conjunto alargado de componentes, entre as quais, um trabalho de campo efetivo, de modo a constatar a realidade do espaço e identificar as suas potencialidades e debilidades (Tallon, 2010). De destacar é também a importância de analisar casos de intervenção bem-sucedidos e/ou semelhantes na sua dimensão urbana, de forma a averiguar a tipologia de medidas aplicadas e, se possível, adaptar à realidade da área urbana. Todavia, por vezes, os planos de regeneração urbana na fase de conceptualização teórica apresentam, no plano prático, resultados contrários aos esperados. O caso de regeneração urbana do edifício *PalaFuksas* na Porta de Palazzo, na cidade de Turim, em Itália, é reflexo deste fenómeno. Para (Vanolo, 2021) a projeção inicial de revitalizar o prédio e, simultaneamente, a área envolvente, com base no comércio de retalho de vestuário, apresentou uma série de componentes que não conseguiram adaptar-se à realidade espacial e socioeconómica. Tal deveu-se à falta de uma deliberação consciente e realista sobre as medidas teóricas e aplicadas, como a determinação de significados, funções e identidades que pretendiam atingir com esta intervenção. A troca de ideias e perspetivas sobre o foco da intervenção urbana foi fundamental para reverter o fracasso no desenvolvimento do comércio de retalho de vestuário para o desenvolvimento da atividade da restauração. Sendo este um prédio com uma localização central e com uma repercussão positiva na área de *Porta Palazzo*, fruto da nova base de desenvolvimento do setor da restauração, é notável as repercussões espaciais e socioeconómicas que o sucesso

⁹ Tradução do próprio

e a atratividade de um edifício podem ter para a revitalização de uma área urbana (Vanolo, 2021).

Ainda neste domínio da concretização do plano teórico do processo urbano, a complexidade e multiplicidade de questões que necessitam de ser interrogadas são colocadas por Hall (2006), demonstrando a diversidade de dimensões e temas sobre os quais é necessário refletir e responder. Hall (2006, p. 59) apresenta um conjunto de 6 alicerces na estrutura de análise da regeneração urbana, começando pelos “Problemas Urbanos”, que se dividem em duas vertentes, primeiro, pela identificação do problema ou problemas urbanos e, em seguida, pela identificação das causas destes problemas. O segundo alicerce centra-se no “Contexto de Políticas” composto pela interrogação da origem da política/programa ou projeto, seguidamente, pela relação das abordagens utilizadas anteriormente ou as abordagens que são concretizadas noutras realidades urbanas. O terceiro alicerce “Financiamento”, é relevante na consistência financeira necessária para a adoção das políticas urbanas estipuladas, sendo oportuno conhecer a origem do financiamento bem como a forma como é disponibilizado. O quarto alicerce “A Natureza da Regeneração Urbana”, visa verificar como as políticas/programas ou projetos irão alcançar os objetivos estipulados e, por sua vez, constatar os resultados obtidos da implementação dos elementos referidos anteriormente. O quinto alicerce “Stakeholders”, um dos elementos fundamentais na incorporação dos diferenciados atores neste processo, visa reconhecer os *stakeholders* envolvidos e simultaneamente, compreender a relação entre estes, de modo a equilibrar um possível choque de interesses. Por fim, o sexto alicerce, “Os Impactos da Regeneração”, centra-se no balanço geral da operacionalização teórico-prática da Regeneração, realçando a necessidade de averiguar os impactos das políticas ou do projeto na área urbana e, por sua vez, identificar os principais resultados da operacionalização dos elementos anteriores.

Neste contexto, Roberts et al. (2000, p. 22) apresentam igualmente elementos significativos da regeneração, entre os quais, cinco componentes que visam sumariar o processo de Regeneração Urbana em pilares fundamentais da política urbana nas áreas que apresentam sinais de fraca competitividade no espaço urbano:

- “- Uma atividade intervencionista;
- Uma atividade incorporativa entre os setores públicos, privados e comunitário;
- Uma atividade que provavelmente passará por mudanças consideráveis em suas estruturas institucionais ao longo do tempo em resposta às mudanças nas circunstâncias económicas, sociais, ambientais e políticas;

- Mobilizar o esforço coletivo e fundamentar a negociação das soluções adequadas;
- Determinar políticas e ações destinadas a melhorar as condições das áreas urbanas e desenvolver as estruturas institucionais necessárias para apoiar a elaboração de propostas específicas;”¹⁰

2.1.5. Evolução conceptual e operacional do processo de Regeneração Urbana

Com a revolução industrial no século XIX, originou-se um processo de urbanização com significativos impactos nas estruturas da sociedade de cariz feudal, nomeadamente no Reino Unido e, posteriormente, na Europa Ocidental e nos Estados Unidos da América. Este fenómeno provocou alterações profundas no que diz respeito ao êxodo rural das populações para os centros urbanos numa procura de melhores condições de vida, intensificando o processo de urbanização, mas também teve um grande impacto na modernização das economias nacionais e regionais do mundo Ocidental, que passaram a basear a sua atividade produtiva na indústria (Fraser, 2003; Hall, 2006). Contudo, fruto do aumento da procura da população pelos centros urbanos de uma forma contínua e significativa, as condições de saneamento básico, de qualidade de vida, e de condições de trabalho rapidamente se foram degradando. Este fenómeno foi sendo reportado por vários autores de obras que ilustravam esta realidade urbana e social, entre os quais, Charles Booths com a obra, *Life and Labour of the people of London* (1889) e, Friedrich Engels com a obra, *The Condition of the Working Class in England* (1844), na qual dá conta que “(...) 350.000 trabalhadores de Manchester e seus arredores vivem, quase todos eles, em cabanas miseráveis, húmidas e imundas, que as ruas que os cercam estão geralmente nas condições mais miseráveis e sujas, (...)” (Engels, 1987, pp. 243-244).

Já em pleno século XX, as dinâmicas urbanas foram surgindo em simultâneo com teorias e modelos de organização urbana em função de fatores relevantes da sociedade moderna: localização da área residencial, do comércio e da indústria. Neste domínio surgiram alguns modelos de organização urbana entre os quais, o Modelo Concêntrico de Burgess (1925); Modelo Sectorial de Hoyt (1939) e, o modelo de cidade Britânica de Mann (1965). Estes modelos de organização do espaço urbano eram caracterizados pela relevância da atividade industrial que ocupava áreas significativas das periferias das cidades, sendo esta uma das razões apontadas pelo autor (Hall, 2006).

¹⁰ Tradução do próprio

Com o fim da Segunda Guerra Mundial, em 1945, um dos principais objetivos da política urbana centrava-se no imperativo da reconstrução do tecido empresarial e urbano destruído (Roberts et al., 2000). Na época, o paradigma predominante na ação do Estado na sociedade possuía influência Kynesiana¹¹, ou seja, as políticas internacionais defendiam uma intervenção robusta do Estado face a obstáculos significativos como no caso da magnitude da destruição do pós-guerra. A política urbana era uma clara evidência dessa influência, onde os programas de reconstrução urbana estavam concentrados no governo central, devido à importância no panorama nacional dos países. Para além disso, a política urbana ficou marcada na época pela estimulação de fenómenos urbanos, entre os quais, a suburbanização devido à limitação do espaço urbano no centro das cidades e dos espaços verdes envolventes a este¹². Segundo Couch (1990), Roberts et al. (2000) e Tallon (2010), a intervenção nos centros urbanos na altura visou ainda, a minimização de problemas físicos e socioeconómicos dado que, a qualidade de vida dos cidadãos nestas áreas era claramente decadente (realidade já referida anteriormente, no fim do século XIX). Estas políticas urbanas foram predominantes ao longo das décadas de 40 e 50, juntamente com a introdução de novos stakeholders públicos (estruturas governativas a nível local) e privados.

Já no decorrer da década 60, o planeamento e operacionalidade das políticas urbanas pareciam não conseguir responder aos problemas identificados, sendo colocada em causa a sua efetividade, como Roberts et al. (2000, p. 15) dão conta na seguinte passagem: “(...) as soluções do pós-guerra simplesmente transferiram a sua localização e alteraram a manifestação dos problemas urbanos”. O mesmo problema é também retratado por Tallon, (p. 12): quando referem que “(...) os serviços não estavam conseguindo alcançar aqueles que viviam em pequenas bolsas de privação em cidades mais antigas”. Esta década ficaria ainda marcada pela adoção de uma abordagem de cariz participativo, e por

¹¹ O Economista John Maynard Keynes elaborou a obra *A Teoria Geral do Emprego, do Juro e da Moeda* (1936), na qual se opunham as ideias centrais da economia clássica. Em linhas gerais, o autor critica a ideia-chave que na temática do emprego, o funcionamento livre do mercado económico e financeiro irá culminar com a competitividade das empresas e, deste modo, desenvolver o mercado de emprego. Este defende que a ação do mercado económico e financeiro, necessita da intervenção do Estado de modo a equilibrá-lo das imperfeições do mercado.

¹² A importância dos espaços verdes na cidade e a organização desta, foi um fenómeno que teve por sustentação a obra *Garden Cities of Tomorrow* (1902) de Ebenezer Howard. O autor defendia uma nova tipologia de organização das áreas urbanas, a partir da construção de novas cidades em redor da designada cidade central, onde estas seriam predominantes em espaços verdes, “A Cidade Jardim (...) é planeada tendo em vista as mais recentes exigências modernas, e é (...) mais fácil, e (...) mais económico e (...) satisfatório, construir um novo instrumento do que remendar e alterar o antigo” (Howard, 1902, p. 52). Para além disso, este novo modelo de planeamento urbano realça a componente socioeconómica em duas vertentes, a primeira, através da relação da cidade central com as restantes cidades, onde estas teriam oportunidades económicas semelhantes e a segunda, mediante a melhoria substancial da qualidade de vida, com a predominância dos espaços verdes e a redução da multiplicidade de poluição ambiental (Couch, 1990).

sua vez, descentralizada, influenciado nomeadamente a política urbana com intervenções focadas no melhoramento e na renovação. Posteriormente, na década de 70, as dinâmicas da política urbana alteraram o seu foco, para redescobrir o centro das cidades, e por sua vez, a cooperação e interação de diferentes organismos e atores foi sendo aprofundada, de modo a garantir uma ação integrante dos domínios físicos, económicos e sociais (Roberts et al. 2000). Todavia, entre a década de 70 e 80, as novas exigências da sociedade contemporânea levariam à adoção de novos parâmetros da inovação da economia urbana, com o desenvolvimento do serviço de hospedagem e de centros de consumo (Fraser, 2003). Estas políticas urbanas teriam continuação para a década 80, porém com modificações no papel do Estado na concretização das intervenções urbanas (influência da ideologia neoliberal¹³). Por sua vez, estas transformações políticas teriam impacto em fatores relacionados com a parceria e predomínio do setor privado, e do fenómeno socioeconómico que dominava em diversas áreas urbanas, a desindustrialização. A introdução do comércio (Roberts et al., 2000) nos planos de re-desenvolvimento urbano é evidentemente uma alteração de paradigmas para sustentar as intervenções urbanas de apoio de uma atividade relevante na sociedade, o que viria a consolidar ao longo do tempo até aos nossos dias.

Na década de 90, a política internacional viria a ser enfrentada com novos desafios, nomeadamente a difusão do domínio ambiental e, por sua vez, o paradigma do desenvolvimento sustentável. Ambas as componentes viriam também a exercer a sua influência na política urbana. Para Roberts et al. (2000), o domínio deste paradigma a curto e médio prazo iria ser inevitável no planeamento e na ação das políticas urbanas e da Regeneração, temática que será aprofundada no capítulo seguinte.

¹³ O autor David Harvey na sua obra “A Brief History of Neoliberalism” (2005), apresenta os fundamentos e pilares da política Neoliberal. Esta evolução de paradigmas de políticas internacionais quanto ao papel do Estado na sociedade e economia manifesta um movimento oposto defendido por defensores da política Keynesiana. O Estado deixa de ter a função fulcral no investimento e cede a sua posição ao setor privado, sendo este designado com funções de inovação e de crescimento económico. Deste modo, a função do Estado é meramente de observador quanto ao setor económico e financeiro, ou por outras palavras, com uma ação de intervenção o mínimo possível em todos os setores da sociedade. As medidas de privatização de empresas públicas que não são rentáveis economicamente é uma etapa necessária de modo a garantir a competitividade empresarial e a redução de despesa nos cofres do Estado. Além disso, os territórios nas suas diversas escalas (cidades, regiões e países) são igualmente influenciados pela referência da competitividade com os devidos impactos, “O progresso geral da neoliberalização tem, portanto, sido cada vez mais compelido por mecanismos de desenvolvimentos geográficos desiguais.” (Harvey, 2005, p. 87)

Tabela 2 - Evolução das políticas urbanas na segunda metade do século XX

| Período | 1950s | 1960s | 1970s | 1980s | 1990s |
|--|---|---|--|---|---|
| Tipo de Política | Reconstrução | Revitalização | Renovação | Redesenvolvimento | Regeneração |
| Principal estratégia e orientação | Reconstrução e extensão de áreas antigas das cidades frequentemente baseada “num plano mestre” crescimento suburbano. | Continuação do tema dos anos 50; crescimento suburbano e periférico; algumas tentativas iniciais em reabilitação. | Foco na renovação <i>in-situ</i> (no local) e esquemas de bairros; desenvolvimento na periferia. | Muitos esquemas de desenvolvimento e Redesenvolvimento; projetos emblemáticos/prioritários (flagship); projetos fora da cidade. | Avanço para políticas e práticas mais abrangentes e exaustivas; maior ênfase em tratamentos integrados. |
| Principais atores e stakeholders | Governos locais e nacionais; desenvolvedores e empreiteiros do setor privado. | Avanço para um maior equilíbrio entre os setores público e privado. | Crescimento do papel do setor privado e descentralização no governo local. | Ênfase no setor privado e agências especiais; crescimento de parcerias. | Domínio da abordagem de parcerias. |
| Nível espacial de atividade | Ênfase nos níveis local e no <i>site</i> . | Emergência da atividade ao nível regional. | Inicialmente ao nível local e regional; posteriormente maior ênfase no nível local. | No início dos anos 80 maior foco no <i>site</i> ; posterior ênfase no nível local. | Reintrodução da perspectiva estratégica; crescimento da atividade regional |
| Foco económico | Investimento do setor público com algum envolvimento do setor privado. | Continuação dos anos 50 com crescente influência do setor privado. | Restrição de recursos do setor público; crescimento do investimento privado. | Domínio do setor privado com fundos públicos seletivos. | Maior equilíbrio entre fundos públicos, privados e voluntários. |
| Conteúdo social | Melhoria nos padrões de vida e habitação. | Melhoria social e do bem-estar. | Ação comunitária e maior empoderamento. | Autoajuda comunitária com fundos governamentais muito seletivos. | Ênfase no papel da comunidade. |
| Ênfase físico | Substituição de zonas interiores e desenvolvimento periférico. | Alguma continuação dos anos 50 com reabilitação paralela de áreas existentes. | Renovação mais profundas de zonas urbanas mais antigas. | Grandes esquemas de substituição e novos desenvolvimentos; "esquemas emblemáticos/prioritários" (flagship) | Mais modesto do que os anos 80; herança e retenção. |
| Abordagem ambiental | Paisagismo e alguns espaços verdes. | Melhorias seletivas. | Melhorias ambientais com algumas inovações. | Crescimento da preocupação por uma abordagem ambiental mais abrangente. | Introdução da ideia mais abrangente de sustentabilidade ambiental. |

Fonte: Stöhr (1989) e Lichfield (1992) in Roberts et al. (2000:14)

No início do século XXI daria origem a um novo debate que emerge, apelidado de Pós-modernismo, onde surgem a reafirmação de novas disciplinas, “(...) da arquitetura e dos estudos urbanos ao cinema, à crítica literária e à moda” (Hall & Barrett, 2018, p.

45). A mudanças do modo de representação das formas das cidades foram bem visíveis com alterações nos domínios físicos e estéticos do tecido urbano, onde a arquitetura desenvolveu um conjunto de influências e de novas referências. Um dos arquitetos pós-modernistas, Leon Krier, possuía uma visão que a intervenção no espaço urbano devia desenvolver processos de restauração e de “recriação dos valores urbanos clássicos”, “(...) a recuperação do tecido urbano antigo e a sua reabilitação para novos usos, quer da criação de novos espaços que expressem as visões tradicionais (...)” (Harvey, 1989, p.68). Na transformação da cidade, as tipologias de organização do espaço urbano foram modificadas através da conceção de novos modelos urbanos (rompendo com os paradigmas da cidade industrial, onde o local central da cidade encontrava-se na área CBD (*Central Business District*)), com o desenvolvimento de novas centralidades no espaço urbano e, conseqüentemente, a fragmentação do espaço, alterando significativamente a estrutura da cidade moderna, “ A cidade pós-moderna é vista como caótica na sua estrutura, fragmentando-se em uma série de assentamentos, economias, sociedades e culturas independentes.” (Hall & Barrett, 2018, p. 45). Esta visão da estrutura da cidade é igualmente partilhada por outros autores (Harvey, 1989; Hubbard, 2006; Tallon, 2013), os quais reafirmam as profundas transformações de nível global num conjunto de componentes alargados e diversificados que envolvem a sociedade (Economia, Cultura, Organização e Planeamento urbano e, Comunicação e Tecnologia). Apesar das transformações ocorridas no espaço urbano, a sociedade iria igualmente ser alvo desta transformação no estilo de vida, tornando-se uma “cultura de consumo”, “(...) significa realçar que o mundo das mercadorias e os seus princípios de estruturação se tornaram centrais no entendimento da sociedade contemporânea” (Cachinho, Herculano; Barata-Salguero, Teresa; Guimarães, 2020, p. 4). Estas transformações urbanas, culturais e socioeconómicas são espelho da evolução da conceção dos planos e políticas de intervenção no espaço urbano (Regeneração Urbana) com o predomínio de novos paradigmas (relacionados com consumo e com a espetacularidade da cidade contemporânea (Cachinho, 2006) e a necessidade de responder a novos desafios de uma sociedade cada vez mais diversificada e complexa.

2.1.6. A relevância da União Europeia na política urbana

A criação da antiga Comunidade Económica Europeia (CEE), atual UE, poderá ser considerada dos maiores símbolos de criação de uma instituição de cooperação entre países do século XX na Europa. Além dos vários domínios predominantes (Económico e financeiro), as políticas urbanas foram uma notória preocupação da UE a partir das últimas décadas do século XX. Segundo Fraser (2003), embora a inexistência de competências, ditas formais por parte da UE, em matéria de Regeneração Urbana, a discussão e apresentação de casos de estudo é uma mais-valia de partilha de conhecimentos e experiências num domínio de complexidade, que são as áreas urbanas. Todavia, o financiamento fornecido aos Estados Membros por parte da UE é uma medida relevante, visto que os países por vezes não possuem recursos financeiros suficientes para operacionalizar intervenções de grande magnitude.¹⁴ Numa análise temporal dos desafios da Regeneração urbana na UE, (Hurtado, 2017) argumenta que a instituição tem estado empenhada na relevância das cidades no desenvolvimento territorial e nos desafios socioeconómicos, demográficos, climático e ambientais. Na década de 90, existe a tentativa de formalizar formalmente uma posição comum na comunidade europeia no domínio das políticas europeias e das respetivas competências que só viriam a se concretizar através de instrumentos da política regional (Ribeiro, 2012). Desde então, a UE tem desenvolvido um conjunto de projetos de investigação, diretrizes e programas, com intuito de colaborar com os estados-membros na resolução de desafios da política urbana e da diversidade de realidades urbanas dos mesmos. A evolução das políticas europeias neste domínio, não é somente consequência das dinâmicas urbanas das cidades europeias, mas também de um conjunto de desafios onde as dinâmicas estão incorporadas num fenómeno de nível global, visando responder às exigências da sociedade pós-moderna e da evolução dos elementos da globalização (ambientais, sociais e económicos) que influenciam as políticas urbanas. Na Tabela 3 será apresentado, de modo simplificado, a evolução temporal e conceptual das políticas europeias.

¹⁴ Um dos casos mais emblemático de intervenção urbana em Portugal, a Regeneração Urbana do Parque das Nações, em Lisboa, na década de 90 é um excelente exemplo da relevância de Portugal na comunidade europeia. Entre os diversos domínios, a partilha de experiências de intervenção urbana (caso de Regeneração Urbana da Expo 92 em Sevilha, com problemas deficitários de sustentabilidade (Pedrosa, 2013) tal como de financiamento, de fundos europeus e/ou de empréstimos internacionais, sendo esta realidade exposta por vários autores no caso nacional referido anteriormente (Expo 98, 1998; Ribeiro, 2012).

Tabela 3 - Evolução das políticas urbanas europeias

| Ano | Designação | Tipo de Iniciativa | Linhas Gerais do Conteúdo |
|-------------|--|---------------------------------|--|
| 1990 | Livro Verde sobre o Ambiente Urbano | Comunicação | Diagnóstico e identificação das causas dos problemas ambientais nas cidades; |
| 1991/1993 | Cidades Europeias Sustentáveis | Projeto | Relatório Cidades Europeias Sustentáveis: - Relevância na incorporação de objetivos de desenvolvimento sustentável no planeamento e gestão; |
| 1990-1993 | Projetos Urbanos Piloto | Programa/ Projeto | Visa apoiar projetos inovadores de Regeneração de Planeamento Urbano; |
| 1992-2000 | 5º Programa de Ação em Matéria de Ambiente (Para um desenvolvimento Sustentável) | Programa | Objetivo de alcançar o desenvolvimento sustentável; Partilha de responsabilidades pela participação de diferente- agentes; |
| 1994 - 1999 | URBAN I | Iniciativa | Objetivo de resolver os problemas de regeneração urbana e coesão; Requalificação de áreas urbanas periféricas com problemas sociais; |
| 1994 | Carta das Cidades Europeias para a Sustentabilidade | Carta Princípios | Cidades como agentes responsáveis de atingir metas do desenvolvimento sustentável; |
| 1996 | Da carta à Ação | Programa | Capacitação do poder local para alcançar a sustentabilidade das cidades; |
| 1997-1999 | Projeto Urbanos Piloto (UPP) | Programa/ Projeto | Direcionado aos problemas de congestionamento de trânsito, degradação do edificado e declínio económico; |
| 1997 | Para uma agenda Urbana na UE | Comunicação | Análise dos problemas e oportunidades das cidades europeias; |
| 1998 | Desenvolvimento Urbano Sustentável: Um Quadro de Ação | Comunicação | Incorporar as diferentes políticas da UE a meta do desenvolvimento urbano integrado; |
| 1999 | Urban Audit | Projeto | Objetivo de fornecer indicadores e dados diversificados na qualidade de vida nas cidades; |
| 1999 | Esquema de Desenvolvimento do Espaço Comunitário (EDEC) | Estratégia | Reforçar a coordenação de políticas nacionais em matéria de ordenamento do território; |
| 2000-2006 | URBAN II | Iniciativa | Foco em áreas urbanas (pequena dimensão) em declínio urbano, com base na regeneração física e ambiental; inclusão social e espírito empresarial; |
| 2000 | URBACT | Iniciativa | Desenvolvimento de uma rede de trocas de experiências entre atores (URBAN I e II e UPP), cooperando nos resultados alcançados |
| 2000-2006 | Fundos Estruturais (Objetivo 2) | Instrumento de Financiamento | Revitalização de áreas urbanas em declínio; |
| 2000 | Declaração de Hannover | Carta Princípios | Definição de princípios e valores das cidades (económico, social e institucional) de modo a atingir o desenvolvimento sustentável; |
| 2003-2005 | Urban Audit | Iniciativa | Objetivo do Eurostat na recolha de informação estatística sobre as cidades; |

| | | | |
|-----------|--|---------------------|--|
| 2004 | Os Compromissos de Aalborg | Carta de Princípios | 10 Compromissos assumidos pelas cidades (centrada nos objetivos do desenvolvimento sustentável); |
| 2005 | Acordo de Bristol | Carta Princípios | Identificação de ideias-chaves de modo a tornar as cidades comunidades sustentáveis |
| 2005 | Iniciativa Jéssica | Iniciativa | Conjunto de Mecanismos financeiros em projetos de regeneração urbana |
| 2006 | Para uma estratégia temática sobre Ambiente Urbano | Estratégia | Estratégia para melhorar o ambiente nas cidades; |
| 2006 | A política de coesão e das cidades | Comunicação | Propostas de medidas ao crescimento económico sustentável e relevância da competitividade das cidades; |
| 2007 | Carta de Leipzig | Carta Princípios | Estipulação de medidas para o planeamento eficaz das cidades europeias e recomendação da integração da política de desenvolvimento urbano; |
| 2007-2013 | URBACT II | Iniciativa | Desenvolvimento urbano integrado; |
| 2008 | Carta Urbana Europeia | Carta Princípios | Apresentação de conceitos e aspirações associados a novas formas de vida urbana; |
| 2010 | Declaração de Toledo | Carta Princípios | Relevância do papel estratégico da regeneração urbana integrada; |
| 2014 | URBACT III | Iniciativa | Política de coesão na dimensão urbana; |
| 2014-2020 | Rede de Desenvolvimento Urbano | Programa | Fomentar a troca de informações entre as cidades envolvidas no Desenvolvimento Urbano Sustentável integrado e em Ações Urbanas Inovadoras |
| 2016 | Agenda Urbana para a UE | Programa | Desenvolvimento de três elementos (da regulamentação; do financiamento e do conhecimento); |

Fonte: adaptado (Mourão, 2019; Ribeiro, 2012)

2.2. Comensalidade

As transformações urbanas nos centros históricos das cidades, nomeadamente as ligadas à reabilitação, requalificação e regeneração, têm provocado uma diversidade de fenómenos nestas áreas, fruto de temáticas relacionadas com aspetos socioeconómicos, culturais e financeiros. A gentrificação¹⁵, sendo um desses fenómenos, apresenta-se como uma temática intensamente discutida e investigada pela comunidade académica internacional. O desenvolvimento exponencial deste fenómeno tem sido foco de preocupação pelas consequências que este exerce sobre o espaço urbano e nas transformações da paisagem socioeconómica deste espaço (Hernández-Cordero, 2015; L. Mendes, 2020b; Sbicca, 2018a; Tulumello & Allegretti, 2020; Zukin, Sharon; Kasinitz, Philip; Chen, 2016; Zukin, 1987). Todavia, as intervenções urbanas, referidas anteriormente, têm fomentado a intensificação da redescoberta dos centros históricos por parte da sociedade causando repercussões locais, regionais e internacionais. Ainda neste domínio, a procura turística participa igualmente neste fenómeno de redescoberta, porém, com autores como Cocola-Gant (2015); Cocola-Gant et al.(2020); Fernandes & Chamusca (2015); Freytag & Bauder (2018); Hernández-Cordero (2015^a) Mendes (2020b, 2020a, 2021) a defenderem que o mercado turístico domina a redescoberta destas áreas. Com a turistificação das cidades e seus impactos, em diversas vertentes, entre as quais, o desaparecimento de comércio tradicional para dar lugar ao comércio de nicho; na transformação da paisagem social, do estilo sociocultural das populações locais para novos estilos socioculturais de influência internacional; e de forma direta e/ou indireta, a valorização do património edificado, podendo, em alguns casos, alcançar patamares de

¹⁵ Este conceito surge na obra da socióloga Ruth Glass (1964), de modo a explicar as transformações urbanas na cidade de Londres e a fim de designar as transformações sociais que ocorriam nestas áreas urbanas, com a realocação de classes sociais médias em áreas centrais da cidade (Zukin, 1987, p. 131).

Desde a formação do conceito pela autora Glass (1964), as definições que surgem pelos diversos autores apresentam ser semelhantes, realçando a transição social em áreas centrais das cidades, maioritariamente de baixa classe social para uma classe social mais elevada (Hall & Barrett, 2018; Lees, 1996; Pacione, 2009; Smith, 2012; Tallon, 2010; Zukin, 1987, 2016). Todavia, este fenómeno não se desenvolve de um modo independente, contrariamente, apresenta uma interligação com as intervenções urbanas que conduzem a este fenómeno de gentrificação (Barata-Salgueiro, 1992; Mendes, 2008).

Na comunidade académica internacional, o conceito teve uma significativa aderência pois estas transformações socioespaciais eram fenómenos que começaram a ter um desenvolvimento significativo nos espaços urbanos desde o fim do século XX até aos nossos dias. Em Portugal, Teresa Barata-Salgueiro (1992) foi das primeiras geógrafas a refletir sobre este fenómeno pois esta temática estava num processo inicial de desenvolvimento. Além disso, a autora adota o conceito “nobilitação urbana” (Mendes, 2008) para denominar este conceito, pois recusa-se a utilizar a palavra “gentrificação” por não concordar com esta tradução. Por outro lado, o autor Luís Mendes tem vindo a desenvolver um conjunto de obras académicas, onde retrata este fenómeno no contexto nacional, mais especificamente, nas áreas históricas da cidade de Lisboa. O autor possui uma perspetiva crítica face ao fenómeno de gentrificação, argumentando a fragilidade das populações locais na defesa da sua habitação face aos investimentos hegemónicos no mercado imobiliário e no mercado turístico (Mendes, 2008, 2016, 2020a, 2020c, 2020b, 2021a, 2021b; Mendes & Jara, 2018).

especulação imobiliária (Goodman, 2009^a); Mendes (2011, 2020a, 2020c; Mendes & Jara, 2018; L. F. Rodrigues, 2017).

Por outro lado, a turistificação dos centros históricos fomenta transformações na paisagem comercial com o predomínio do comércio alimentar e de atividades comerciais relacionadas com a gastronomia. Neste sentido, três investigadoras italianas (Loda et al., 2020) apresentaram recentemente a introdução do conceito *Foodification* no decorrer de um artigo de investigação sobre as transformações do centro histórico da cidade de Florença, Itália. Este conceito é apresentado com o argumento central de ser um fenómeno semelhante em muitas realidades urbanas de centros históricos na Europa, sendo a comida e as atividades comerciais desenvolvidas a partir dela, alicerces estruturantes do mesmo. Para além disso, são identificados indicadores característicos do processo *foodification* (Loda et al., 2020, p. 4):

- “Expansão geral do número de estabelecimentos da restauração no centro histórico”;
- “A substituição de atividades comerciais de retalho pré-existentes por atividades orientadas para a comida, com a conseqüente uniformização do panorama retalhista para uma única tipologia comercial”;
- “O direcionamento de (maior parte das) atividades alimentares para responder a demanda turística por autenticidade”.

As dinâmicas comerciais e socioeconómicas tem sido significativas nestas áreas, onde a refuncionalização dos espaços urbanos é intensa, resultante do aumento da procura e do consumo de comida, com aumento significativo de turistas (em contexto quantitativo e diversificado) (Loda et al., 2020).

Todavia, a perspetiva e conceção teórica sobre o conceito *foodification* não é unânime pois, sendo este conceito relativamente recente, o debate teórico ainda se encontra em processo de consolidação das diferentes realidades geográficas. Neste sentido, Bourlessas et al. (2021) apresentam um conjunto de componentes distintos na discussão do conceito aos apresentados por Loda et al. (2020). Os autores defendem que o desenvolvimento do comércio de retalho de comida (seja por mercados locais ou por restaurantes e outros tipos de estabelecimentos de restauração), juntamente com as suas espacialidades, estimula uma deslocação do comércio de retalho ou, por outras palavras, uma atmosfera de deslocamento (Bourlessas et al., 2021) destas atividades comerciais,

privilegiando as classes sociais mais abastadas que, por sua vez, provoca igualmente a deslocação da população local. Neste sentido, o processo de *foodification* apresenta como principal consequência a luta espacial entre as diferentes classes sociais que tentam localizar-se numa posição vantajosa face à gentrificação do comércio alimentar e de restauração, ou seja, à comida. Os autores deste artigo de investigação apresentam a sua perceção do conceito *foodification*, onde as temáticas referidas anteriormente são evidentes,

“*Foodification*” pode ser a resposta dos movimentos sociais de Turim, cidadãos ativos e estudiosos críticos locais para responder a essa apropriação e revelar o poder da comida de obscurecer, nas transformações que ela provoca, as desigualdades e exclusões sociais, obscurecido pela sua mundanidade, inocência e naturalidade - muito menos quando é "ético", "local", "autêntico."¹⁶

(Bourlessas et al., 2021, p. 19)

A incorporação do fator espacial apresentado anteriormente, em conjunto com o processo de *Foodification*, contribui para a consolidação deste conceito, pois as espacialidades associadas aos processos urbanos e comerciais dão maior credibilidade no processo de discussão teórica do conceito¹⁷. A valorização da comida, quer em domínios de reconhecimento da sociedade e/ou nos domínios qualitativos e económicos, possuem consequências socioespaciais que são identificadas igualmente por outros investigadores (Bell & Binnie, 2005; Franck, 2005; Hanser & Hyde, 2014; Hernández-Cordero, 2015; Sbicca, 2018a; Zukin, 1995, 2008, 2010; Zukin et al., 2017), onde este fenómeno é evidente nos espaços urbanos.

O processo de *Foodification*, segundo a perspetiva de Loda et al., (2020), relaciona o património gastronómico com a atividade turística. É igualmente demonstrado por Blichfeldt & Therkelsen (2010), Richards (2011) e Scarpato (2011), a relevância da comida em diversas vertentes do turismo, entre as quais, a procura por um destino que possua uma gastronomia autêntica e singular, a procura por experiências gastronómicas que suscitem sentimentos de deslumbramento e de satisfação através do serviço, apresentação da comida; e, com o devido interesse em matéria prima cuja produção e/ ou

¹⁶ Tradução do próprio

¹⁷ A espacialidade do processo de *Foodification* na regeneração urbana será aprofundado no capítulo seguinte “Capital Espacial”.

captação seja de modo sustentável e biológico. Além disso, o autor Klosse (2019) aprofunda a sua investigação em elementos relevantes que o mercado turístico procura consumir na área da restauração, onde as experiências gastronómicas e a autenticidade que a compõe não é esquecida, mas sublinhada. Na construção do modelo teórico da classificação dos sabores realizado por Klosse (2004) na obra *The critic concept of flavor styles to classify flavors*, o autor designa dois domínios estruturantes: a sensação na boca e a intensidade do sabor¹⁸, como elos representativos e construtivos da gastronomia. “Estes são os fatores de sabores universais que ajudam a descrever o sabor não só dos vinhos, mas também de chocolate, batatas fritas e maionese, refrigerantes e leite, cerveja e vinho, café e chá, carne e peixe, frutas e vegetais.” (Klosse, 2019, p. 33).

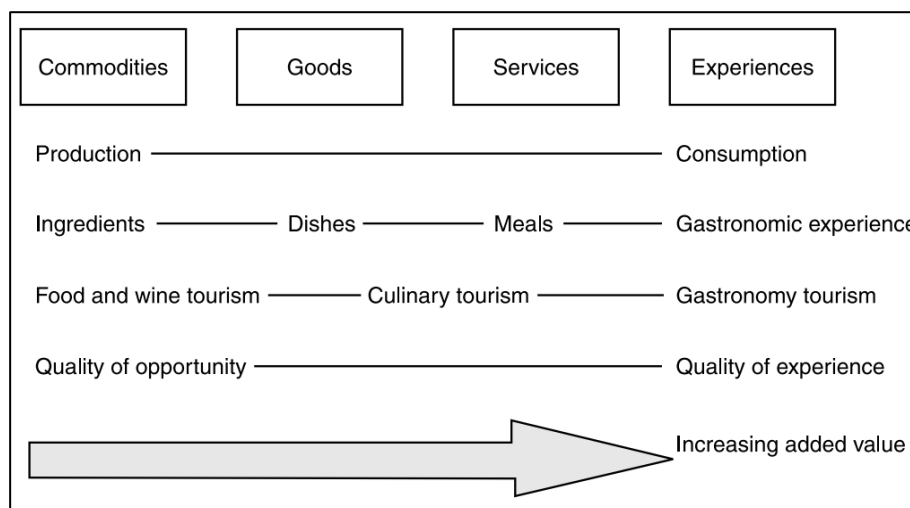


Figura 1 - Relação do consumo e produção em experiências de turismo gastronómico

Fonte: adaptado de (Richards, 2011)

Todavia, sendo o conceito *Foodification* recente, **não é sinónimo que esta realidade não fosse retratada por outros autores no passado**. Entre os principais autores, Sharon Zukin reproduziu um conjunto de obras académicas onde esta temática foi aprofundada (Zukin, 1990, 1991, 2010; Zukin et al., 2017). A autora defende que na transformação da sociedade moderna para a sociedade pós-moderna¹⁹, as transformações

¹⁸ Tradução do próprio

¹⁹ Para Zukin esta transição da sociedade moderna para a sociedade pós-moderna surge com a transformação da economia e dos espaços urbanos, sendo referenciado com o desaparecimento das atividades industriais (por volta da década de 50) e, conseqüentemente, com a revitalização destas áreas, “Com o crescimento dos serviços financeiros, (...) a conversão residencial de lofts e edifícios de escritórios,

urbanas refletem-se em grande parte na cultura de consumo e, por sua vez, nas atividades comerciais, sendo referenciada a atividade comercial de restauração, nomeadamente, na diferenciação da conceção e perceção da comida pela sociedade (Zukin, 1995, 2008). Além do mais, Jayne (2006) apresenta uma argumentação numa abordagem semelhante a Zukin, onde a comida e a restauração são elementos ímpares na transformação da paisagem urbana, bem como na evolução dos valores e símbolos relevantes para a sociedade pós-moderna,

“Essas atrações culinárias tornaram-se mais do que apenas restaurantes, mas sim frequentemente desenvolvidos como pacotes de consumo total e estilos de vida. Não se trata apenas de comida e bebida, mas podem ser caracterizadas de várias maneiras, incluindo locais baseados em menus simples e comida caseira, como sendo adequados para crianças ou voltados para a alta moda e conhecimento cosmopolita.”

(Jayne, 2006, p. 88)

Neste domínio, a autenticidade²⁰ dos estabelecimentos de restauração (desde a conceção do espaço até à qualidade dos produtos utilizados) apresenta ser elemento fundamental na sua afirmação na sociedade (Zukin, 1990), bem como da recriação imaginativa da revitalização dos espaços urbanos. Na investigação académica, o domínio da autenticidade tem sido alvo de vários aprofundamentos em diferentes áreas, contudo, nas áreas da gastronomia, restauração e turismo apresenta-se como elemento singular e relevante. No conjunto de autores que investigam este domínio, devem-se realçar Blichfeldt & Therkelsen (2010); Gilmore & Pine (2007); Hanser & Hyde (2014); Zukin (2008, 2010), que possuem uma perspetiva semelhante e/ou utilizam argumentos que se enquadram na relevância da envolvência da comida, desde a matéria prima até ao

promovidos pelo burburinho da media sobre fontes alternativas de arte, design e culinária, esses bairros foram reinventados como o centro criativo de uma economia simbólica.” (Zukin, 2008, p. 725)

²⁰ Quanto às raízes que Zukin (2010) e Gilmore & Pine (2007) apresentam como fontes de inspirações no domínio da autenticidade, estas estão relacionadas com a obra artística de William Shakespeare e, ainda para Zukin (2010), a obra filosófica de Jean-Jacques Rousseau. Na perspetiva de Gilmore & Pine (2007), na obra *Hamlet, Prince of Denmark*, Ato I, Cena 3, linhas 80-82 (Shakespeare, 1599-1601), existem duas vertentes de autenticidade no momento em que o pai (personagem Polonius) aconselha o seu filho (personagem Laertes). Estas vertentes surgem bem vincadas pela profundidade de representação dos sentimentos, em que, primeiramente, Polonius aconselha Laertes a ser verdadeiro consigo mesmo e, seguidamente, ser quem você diz ser para os outros. Por outras palavras, “Primeiro, a importância de ser sincero, consistente e autodirigido centra-se na perceção de si mesmo. Em segundo lugar, ser confiável, honesto e compassivo concentra-se no comportamento para com os outros.” (Gilmore & Pine, 2007, p.96). No entanto, para Zukin (2010) este conceito surge como crítica ao processo de “*Manhattanization*” (homogeneização da paisagem urbana das cidades internacionais a partir da segunda metade do século XX), contribuindo para a perda de autenticidade espacial. As ideias de Shakespeare e Rousseau foram essenciais na criação da ideia de autenticidade, sendo esta configurada na autenticidade pessoal com características marcantes de honestidade do carácter individual (Zukin, 2010).

momento do prato à mesa; na utilização de produtos locais e/ou de origem biológica, com a preocupação da sustentabilidade alimentar; e, na qualidade e performance do serviço prestado ao consumidor, reforçando a autenticidade da demonstração da gastronomia e do prazer de sabores que a compõe. Contudo, Hyde (2014) no artigo *“Omnivorous Gentrification: Restaurant Reviews and Neighborhood Change in the Downtown Eastside of Vancouver”*, apresenta igualmente o conceito de autenticidade, porém, num discurso crítico face à demonstração desta. Este autor critica a forma como a autenticidade é moldada face às outras motivações, principalmente económicas, em vez desta ser concebida de um modo artístico e natural. A apresentação da analogia entre o campo artístico e a restauração é bem evidente, onde o autor apresenta com base na obra de Bourdieu (1993), *“The Field of Cultural Production”*, a visão que os artistas exprimem o seu desinteresse artístico, rejeitando qualquer outro tipo de motivação, salvaguardando a sua criatividade artística. Deste modo, o autor utiliza a obra de Johnston and Baumann (2007), *Democracy versus Distinction: A Study of Omnivorousness in Gourmet Food Writing*, reforçando o fenómeno de valores relacionados com a autenticidade, honestidade e desinteresse, cada vez mais reconhecidos na alta categoria da gastronomia. Além disso, os chefes de cozinha de renome internacional são considerados artistas pelo facto de a comida ser trabalhada por profissionais relevantes e, principalmente, pelas suas motivações de desenvolvimento gastronómico em vez de motivações económicas nos restaurantes onde se encontram.

Por outro lado, Zukin (2010) defende uma visão mais alargada de autenticidade, não se restringindo aos aspetos físicos destes espaços comerciais, mas numa visão integrante de aspetos relacionados com o ambiente envolvente, ou seja, através da história da área onde estão inseridos, ou dos seus produtos, sendo elementos ímpares na captação de novos clientes. As novas dinâmicas socioeconómicas e comerciais, sustentadas pelas novas necessidades da sociedade (procura pela gastronomia gourmet e/ou pela valorização dos produtos de origem biológica), faz com que estes espaços urbanos possuam uma capacidade significativa de atração de consumidores, da nova classe social média (Sbicca, 2018c; Zukin, 1995, 2011), podendo provocar confrontos de interesses entre classes sociais, “empreendedores que atendem aos novos residentes criam espaços de consumo que, para os antigos residentes, são igualmente hostis/não são bem-vindos”. (Zukin, 2008, p. 731).

Zukin (1995, 2014) e Zukin et al. (2017) defendem que a consolidação e diversificação da restauração é influenciada por duas vertentes da gentrificação em Nova

Iorque. Em primeiro lugar, os novos residentes, de uma nova classe média, que surgem seduzidos pelo desenvolvimento de espaços e ambientes de consumo com recurso à cultura, e em segundo lugar, a imigração, principalmente de afroamericanos e latinos. Para além disso, estas duas vertentes iriam refletir-se diretamente na restauração, onde o primeiro elemento iria desenvolver espaços de restauração caracterizados pela sua exclusividade e inovação, procurando satisfazer uma clientela de nicho, e no segundo elemento contribuir para a diversidade sociocultural dos restaurantes e das próprias gastronomias, na área comercial de Nova Iorque - “Restaurantes da comida *soul*²¹ que reproduzem um “sabor de casa” na culinária rural do sul dos mais numerosos residentes do gueto (...)” (Zukin, 2014, p. 137).

A realidade da importância da comida na transformação da paisagem urbana e comercial não é somente reportada na Europa e na América do Norte, sendo investigada igualmente no México por Vázquez-Medina et al. (2020). Estes autores analisaram a relação da gentrificação e da alimentação no bairro de Santa Maria La Ribera (México) através das transformações da paisagem alimentar. Em semelhança com os argumentos apresentados por Loda et al. (2020) na definição de *foodification*, esta área de estudo apresenta algumas semelhanças relativamente à especialização do comércio de comida com o surgimento de novos estabelecimentos e, principalmente, na adaptação da ementa às novas necessidades dos consumidores, nomeadamente da nova população local e da procura turística. A especialização do bairro em comércio relacionado com a comida gera uma diversidade de consequências, entre as quais, a criação de um cluster gastronómico, com a multiplicidade de novas ofertas gastronómicas (coexistindo os estabelecimentos de restauração com ofertas inovadoras e gourmet com os estabelecimentos ditos tradicionais); e, a consolidação da recriação imaginária da paisagem urbana e comercial por parte dos novos moradores com base na valorização das características históricas e urbanas, que procuram aprofundar com os antigos moradores o carácter popular, através da utilização dos estabelecimentos tradicionais (Vázquez-Medina et al., 2020). Além do mais, a gentrificação comercial ocorre maioritariamente em áreas urbanas que apostam no consumo como atividades âncoras, sendo este um fenómeno que ocorre em áreas que passaram por um processo de intervenção urbana que posteriormente apresentam condições e características atrativas na instalação de estabelecimentos comerciais, realçando os estabelecimentos de restauração. Esta atividade comercial é relevante na

²¹ Cozinha ética tradicional dos Afro-americanos, originária no sul dos Estados Unidos da América.

sociedade pós-moderna, algo que é demonstrado no processo de gentrificação de várias cidades europeias, entre as quais, Barcelona (Cocola-Gant, 2015; Cocola-Gant et al., 2020; Hernández-Cordero, 2015; Sbicca, 2018b).

No entanto, esta transformação urbana e comercial, tendo como base a relação intrínseca entre a regeneração urbana e os espaços de consumo do ramo da restauração, é uma das temáticas onde Bell (2007a, 2007b) e Bell & Binnie (2005) aprofundam este processo. Para estes autores, as transformações que a sociedade atravessou no domínio de valores, símbolos e significados, resultaram na consolidação de uma sociedade de consumo. Deste modo, as atividades comerciais (venda a retalho e restauração) ganharam uma relevância significativa nas políticas urbanas e nos planos de regeneração urbana. O projeto de Regeneração Urbana da cidade de Manchester (1996) é espelho desta problemática, contribuindo para a criação de inúmeros estabelecimentos de restauração e, conseqüentemente, para a afirmação da gastronomia na atração de novos moradores e visitantes das áreas urbanas,

“Um elemento central dessa nova experiência de consumo é a produção e o consumo de espaços alimentares urbanos: as transformações na cultura culinária urbana podem desempenhar um papel primordial na produção do habitat para a regeneração contínua e também fornecer uma declaração simbólica poderosa sobre os destinos urbanos.”

(Bell & Binnie, 2005, p. 80)

Além disso, a relevância do ato de comer fora é igualmente importante na produção e reprodução dos espaços de consumo, algo que é partilhado por diversos autores, entre os quais Pine & Gilmore (1999), que defendem que este ato representa a relevância das experiências que os consumidores podem ter nas áreas urbanas com o consumo de comida na perspetiva económica, tal como na representação do ato de comer, que Finkelstein (1999) demonstra o seu simbolismo na sociedade pós-moderna na valorização do entretenimento e da espetacularidade envolvida no processo relacionado com a comida, que o autor denomina de *Foodatainment*. Na análise da obra de Williams (2000), Bell (2007b) reconhece as semelhanças entre o processo envolvendo a comida e bebida, designado de *Drinkatainment*, mediante a representação e produção de espaços de consumo especializados em bebidas, exemplificando os casos dos pubs irlandeses e bares de vodka de estilo soviético. Estas denominações (*Foodatainment* e *Drinkatainment*) são

processos de revitalização e reprodução do espaço urbano e de comércio que anteriormente não era possível devido à degradação do espaço físico e socioeconómico.

O caso de intervenção urbana em Dublin, na área *Temple Bar*, apresenta semelhanças do declínio urbano e socioeconómico das áreas centrais de outras cidades europeias. Todavia, o projeto de regeneração urbana apresenta alicerces cruciais no sucesso da revitalização desta área urbana, tais como, a cultura e a restauração. No domínio da restauração, o desenvolvimento de inúmeros espaços comerciais de restaurantes e bares (*pubs*) são uma das características singulares desta área urbana, onde as denominações referidas por Bell (2007b), *foodtainment* e, especialmente, *drinktainment*, se enquadram nas dinâmicas comerciais e económicas. Na verdade, citando McDonald (1996), “em parte, o que torna a área (de Temple Bar) tão atraente para os visitantes é a variedade quase ilimitada dos seus restaurantes, *pubs* e bares, o que sugere que ela está substituindo rapidamente a velha “*Leeson Stree*” como a “cidade noturna” de Dublin.” (McDonald, 1996, p. 43).



Figura 2 - Restaurantes na área de Temple Bar (Dublin)

Fonte: William Murphy/Flickr



Figura 3 - Pub Temple Bar, um dos pubs mais famosos desta área

Fonte: William Murphy/Flickr

Contudo, McDonald (1996) refere que, em 1995, o equilíbrio de interesses entre os comerciantes e os moradores estiveram em causa devido aos efeitos colaterais do ruído e do ambiente nefasto gerado pelos *pubs* no período noturno.

Este projeto de regeneração urbana, originalmente, não estava planeado para ter os resultados obtidos atualmente. Todavia, a adoção de medidas que à primeira vista parecem ser pouco relevantes, vieram a tornar-se fundamentais na mudança de trajetória no projeto de regeneração. Por volta de 1981, a empresa de transportes CIÉ (*Córas Iompair Éireann*) possuía um projeto de demolição desta área urbana, de modo a permitir a construção de um terminal de autocarros. Na fase inicial do projeto foi acordado que os edifícios abrangentes à área de intervenção ficariam a arrendar a curto prazo e, conseqüentemente, com rendas acessíveis. Esta medida viria a tornar-se crucial, pois conseguiria atrair inúmeras atividades comerciais e, por sua vez, a apropriação efetiva do espaço público pela população local (Quillinan & Wentges, 1996). Face às mudanças observadas, a pressão da população em relação ao projeto inicial foi tendo cada vez mais visibilidade, resultando no cancelamento do projeto e, posteriormente, na criação de uma instituição (*Temple Bar Properties*) responsável pelo projeto de regeneração que teria por base consolidar a imagem de área urbana cultural de Dublin.

Estas dinâmicas relevaram-se importantes na revitalização da área, sendo que os autores defendem que estes desenvolvimentos económicos e comerciais, juntamente com

a nova forma de apropriação do espaço urbano pela população local e turistas, consolidaram a formação da identidade deste espaço com base no desenvolvimento de estabelecimentos de restauração e de património cultural.

A hospitalidade que os espaços de restauração reproduzem e transmitem aos consumidores é um elemento que está interligado com o processo de regeneração urbana. (Bell, 2007b, 2007a; Latham, 2003; Williams, 2000) apresentam um discurso semelhante, onde a hospitalidade que os espaços de restauração possuem e exercem no ambiente envolvente e na comida demonstra um impacto significativo na área urbana onde estão inseridos. A inovação dos espaços comerciais, nomeadamente da restauração, desenvolve uma atmosfera sociocultural com a interação de pessoas através da socialização, de sensações de bem-estar e de consumo destes espaços por grande parte da sociedade (Latham, 2003). Além disso, Zukin (1995) e Williams (2000), partilham uma perspetiva semelhante, onde o crescimento da autenticidade do património gastronómico na diversificação das culturas estaria interconectado com o desenvolvimento de atmosferas de hospitalidades. Estas seriam específicas das gastronomias internacionais (Italiana, Indiana, Chinesa) e locais (Williams, 2000).

Para Bell (2007a, 2007b), a hospitalidade comercial está intrinsecamente ligada com os processos de regeneração urbana, pois estes dois elementos são engrandecidos na transformação e consolidação da sociedade pós-moderna. Para este autor, as atividades comerciais, nomeadamente de restauração (restaurantes e bares) e de turismo (hotéis), são elementos cruciais na construção de ambientes de hospitalidade, “Espaços de hospitalidade comercial são, portanto, teatros de regeneração tanto quanto teatros de consumo.” (Bell, 2007a, pp. 89–90). Além do mais, este autor apresenta os diversos elementos que contribuem para a construção da hospitalidade, não se restringindo apenas às dimensões físicas e subjetivas do espaço comercial, mas também aos produtos servidos e consumidos (comida e bebida), ao ambiente, música e decoração, e à qualidade de serviço (Bell, 2007a). Esta visão é igualmente compartilhada por Zukin (2010), contudo, esta autora utiliza estes elementos de modo a construir a autenticidade dos espaços comerciais de restauração. Deste modo, podemos concluir que existe um certo nível de associação entre autenticidade e hospitalidade, sendo esta relação de complementaridade entre elementos, e não uma relação de subalternidade. Ainda neste sentido, Lashley, (2001, p.3) apresenta igualmente a sua perspetiva sobre a hospitalidade e os seus domínios (hospitalidade social, privada e comercial) na reflexão teórica e conceptual. O autor expõe um conjunto de organizações e instituições que apresentam elementos semelhantes que

definem a hospitalidade, sendo essa designada de “troca contemporânea” com o intuito de melhorar o bem-estar entre as partes envolvidas através do fornecimento de três elementos (comida e/ou bebida e/ou alojamento). No que se refere à hospitalidade comercial, a posição dúbia entre os interesses económicos e a genuinidade da hospitalidade são fatores que Lashley (2001, p. 13) refere como críticos, estando a reciprocidade do comerciante dependente da troca económica por parte do cliente. A falta de lealdade por parte dos clientes é assim um problema que os fornecedores de hospitalidade comercial enfrentam, reforçando a necessidade de repensar as relações com os clientes. Lashley (2001) sugere o desenvolvimento de sistemas de distinção dos clientes regulares, de forma a estabelecer uma comunidade de clientes leais e habituais, que reduzem significativamente os custos do setor comercial da hospitalidade.

Numa das suas obras, (Zukin, 2008) sugere que o crescimento pela procura dos restaurantes inicia-se por volta da década de 70 do século XX. Todavia, a década de 80 seria lembrada pela transformação do ambiente social experienciada nos estabelecimentos de restauração. Esta transformação deveu-se à integração de artistas como funcionários da restauração, que contribuíram em duas vertentes deste setor comercial, primeiro, na reconstrução do ambiente de espetacularidade (Cachinho, 2006) do restaurante, com as características singulares dos artistas no serviço à mesa, e, em segundo, na reconceptualização do papel dos restaurantes e na renovação das suas reputações como centros de cultura urbana (Zukin, 2008). A performance dos artistas neste serviço torna-se tão significativa que a autora equipara a qualidade do serviço com a comida, “Os empregados de mesa são menos importantes do que os chefes na criação da comida. Eles não são menos significativos, no entanto, na criação da experiência de jantar” (Zukin, 1995, p. 154). Surge assim, fruto desta interação, uma forma de capital cultural. Na transformação do ambiente e da comida, os restaurantes foram desenvolvendo formas de representatividade de estatuto e poder através do simbolismo económico e da criação de elites criativas, sendo esta realidade partilhada por outros autores. Para (Finkelstein (2004, p. 59), “A comida foi assim profundamente transformada em símbolo, ícone, alegoria, assinatura e estatuto.”- Esta autora apresenta um conjunto de elementos que são responsáveis pela diferenciação dos estabelecimentos de restauração, entre os quais, o menu, o serviço, o preço e a localização, tornando-se elementos significativos na singularidade e autenticidade destes estabelecimentos. A transformação cultural dos restaurantes é vincada pela passagem da representatividade da cultura local para uma relação intrínseca da cultura global e, simultaneamente, local. O

menu é representativo desta transformação cultural, onde a comida e os sabores são fenómenos transnacionais, contribuindo para a valorização da diversidade gastronómica a nível global (Zukin, 2008).

As tecnologias de comunicação, com uma relevância cada vez maior na sociedade, desempenham também um papel fulcral na publicidade do setor da restauração e da sua prestação de serviço e comida. Para Hanser & Hyde (2014), o desenvolvimento de programas televisivos alusivos à comida é uma das consequências das características da sociedade pós-moderna, onde o interesse pela comida tem vindo a evoluir significativamente, contribuindo para a valorização da restauração e dos próprios profissionais (chefes de cozinha, cozinheiros e empregados de mesa) envolvidos na mesma. Por outro lado, Zukin *et al.* (2017) realçam os sites especializados na avaliação do desempenho dos restaurantes que possuem uma maior importância do que o simples facto de avaliar o estabelecimento. Este simples ato de avaliar os restaurantes traz consigo um conjunto de elementos que influenciam e consolidam o processo de gentrificação nas áreas urbanas (Zukin, 2016). No caso concreto do site especializado nesta temática, *Yelp*, para Zukin *et al.* (2017) produz dois tipos diferenciados de fenómenos, primeiro, a transmissão da imagem da mídia do restaurante e da área onde está inserido, e, em segundo, os sabores transmitidos pelos restaurantes. Estes fenómenos desenvolvem processos socioeconómicos relacionados com a afluência de novos consumidores, com a captação de novos investidores para estas áreas urbanas, podendo transformar a paisagem social e económica do bairro. “(...) As críticas favoráveis não só melhoram a imagem de um restaurante em específico, mas também podem mudar a imagem do seu bairro” (Zukin *et al.*, 2017, p. 462). Além do mais, face à importância dos restaurantes nas áreas urbanas, vários autores designam os estabelecimentos de restauração como agentes efetivos da gentrificação em duas áreas urbanas da cidade de Nova Iorque (Greenpoint e Bed-Stuy). Esta atribuição necessita de ser desconstruída, de modo a compreender as razões centrais das funções que a restauração desempenha. Uma das principais razões atribuídas por Zukin *et al.* (2017) está relacionada com a oferta dos estabelecimentos de restauração, mais concretamente, com o produto transacionado, ou seja, a comida, em três domínios (qualidade; diversidade e preço). Além disso, sendo a comida designada como pilar estruturante nas transformações urbanas, comerciais e socioeconómicas, é importante realçar o conceito aprofundado por Zukin, a autenticidade (Zukin, 2008, 2010). Este conceito apresenta-se fulcral no desempenho da restauração, pois é responsável pela atratividade, consolidação e singularidade que é transmitida pelo espaço e pela comida.

Uma de outras razões está relacionada com a construção e representação da paisagem urbana e comercial desenvolvida em redor da comida, que envolve um conjunto de fenómenos, como o desenvolvimento do investimento por parte dos investidores nos domínios comerciais e habitacionais, entre outros que já foram referidos anteriormente.

Face ao desenvolvimento de estabelecimentos de restauração (restaurantes, bares e cafés) na área de Brooklyn, Nova Iorque (uma área de estudo analisada por (Zukin, 2020), a comunicação social local (no caso, *Brooklyn Papers*²²) realizou um artigo onde esta temática foi noticiada. O artigo denominado “FORK THIS! FOODIES ARE NOW LEADING THE GENTRIFICATION OF BROOKLYN” apresenta a importância da comida na comunidade local bem como do seu simbolismo, quanto cultura de consumo (Zukin, 1990). O processo de gentrificação juntamente com as novas necessidades da sociedade pós-moderna, revelou a importância da transformação da conceção da comida, “Se há algo que os moradores de Brooklyn enobrecidos amam mais do que enobrecer o resto do Brooklyn, é comer fora.” (Brown, 2010). A descrição da multiplicidade de estabelecimentos comerciais de restauração, foi resultado de várias dinâmicas comerciais e socioeconómicas, entre as quais, o domínio da autenticidade do espaço e da comida, “(...) um dilema apresenta-se quando o seu apartamento acessível não tem opções de café orgânico ou aquele croissant de amêndoa fresca indispensável nas proximidades.” (Brown, 2010), a necessidade e o aumento da contínua procura pela restauração e o movimento da população local para promover o desenvolvimento destes estabelecimentos de restauração face à inexistência destes. Contudo, a peculiaridade deste processo ficaria vincada pela proatividade da população local quando os estabelecimentos se deparam com obstáculos financeiros, “Os restaurantes tornaram-se tão essenciais para essas comunidades que, diante da possibilidade de perdê-los, a comunidade se reagrupou.” (Brown, 2010). Este fenómeno é de elevada importância na conceção de modelos de gestão comercial nas áreas urbanas bem como da relação intrínseca da comunidade local com atividades comerciais que demonstram ser pilares destas áreas, realçando a sua singularidade e autenticidade.

²² Este meio de comunicação social local apresenta uma estrutura predominantemente digital, utilizando uma diversidade de fontes de informação para a sua divulgação noticiária, “(...) combina a cobertura de notícias e eventos do Brooklyn Paper, um jornal semanal, e as publicações Courier Life, que incluem Bay News, Brooklyn Graphic, Park Slope Courier e Mill-Marine Courier.” <https://www.brooklynpaper.com/about/>



Figura 4 - Caricatura sobre a importância da comida para a sociedade pós-moderna

Fonte: Cristian Fleming - *Brooklyn Papers*

No intuito da discussão conceptual surge o conceito de comensalidade como fenómeno social resultante da interação dos consumidores (locais e turistas), nomeadamente do ato de alimentação com os estabelecimentos de restauração. O desenvolvimento deste conceito nesta investigação está relacionado com ausência de um conceito que aprofundasse as interações sociais relacionadas com a alimentação na atividade comercial da restauração. O conceito *foodification* procura identificar e analisar as transformações comerciais no espaço urbano, nomeadamente, dos centros históricos com o processo de turistificação, e por sua vez, o desenvolvimento dos estabelecimentos da restauração. Esta investigação procura igualmente analisar os fenómenos anteriormente referidos, contudo com a devida apropriação e interação social que é pouco aprofundada no conceito *foodification*.

A comensalidade²³ remonta a uma das práticas mais antiga da nossa existência, o ato de comer em conjunto, em momentos de partilha (Jönsson et al., 2021; Marovelli, 2019; Moreira, 2010; Newman, 2014), ao que corresponde a uma necessidade biológica (Fischler, 2011). Pelo menos, desde o mundo grego, existem referências literárias à comensalidade. Estas referências são manifestas em Platão, quando afirma que “o facto de comer, de beber e, em geral, de se alimentar é acompanhado do agrado que podemos

²³ Segundo (Little et al., 1947), a comensalidade é descrita como “*Eating at the same table*”

chamar prazer” (Plates et al., 1976, p.59). Esta dimensão representativa e simbólica da comensalidade apresentada por Platão, vem consolidar o caráter sensorial que este processo é alusivo e conseqüentemente, terá influência no espaço onde se encontram. António Teixeira Fernandes, referência da Sociologia a nível nacional, no artigo “Ritualização da Comensalidade”, reflete sobre a evolução e simbolismo que está inerente ao processo, nomeadamente no modo em que a refeição reflete dinâmicas sociais e conseqüentemente, na apropriação da sociedade. Segundo Fernandes (1997, p. 7), as práticas de comensalidade representam diversas dimensões, nomeadamente de ritualização e simbólicas, além da sua função mais primitiva, de alimentação. Além do mais, o caráter de teatralidade representa uma componente relevante do universo simbólico e de significados:

“A refeição, em si mesma e pelo seu enquadramento, contém, através dos tempos, algo comunicante, de festivo e de religioso. Como espaço e tempo de partilha, é um particular momento de sociabilidade que as sociedades de hoje, mesmo secularizadas, não desdenham”. (Fernandes, 1997, p.16).

Por outro lado, este autor possui uma visão crítica quanto ao papel dos restaurantes no processo de comensalidade, que assume que estes espaços atentam contra a convivialidade e, além do mais, camuflam esta dimensão “(...) criando-se a ilusão que ninguém passa fome e de que a convivialidade é difusa” (Fernandes, 1997, p.15). Esta perspetiva crítica é construída com base em elementos e fenómenos como a evolução de novos padrões sociais relacionados com a individualização e/ou pequenos grupos de alimentação no ramo da restauração; perda do significado tradicional da comensalidade; aceleração do tempo na sociedade contemporânea e, conseqüentemente, da limitação do tempo para alimentação; e, por fim, a conversão dos restaurantes em espaços que apenas servem para responder às necessidades biológicas de alimentação.

Todavia, estudos científicos recentes sobre as novas dinâmicas da comensalidade, apresentam uma perspetiva diferenciada baseada nos padrões sociais da sociedade contemporânea. Segundo Koponen & Mustonen (2022), padrões sociais relacionados com o consumo individual em restaurantes constituem uma vertente do processo de comensalidade. Esta perspetiva apresenta três elementos que consolidam a argumentação de que ao comer sozinho contribui para o processo, nomeadamente, da interação dos consumidores individuais com os funcionários do restaurante, com o espaço do estabelecimento e com a alimentação (comida e bebida) (Koponen & Mustonen, 2022, p.

370). Este fenómeno ocorre pela valorização contínua da comida pela sociedade, sendo que neste caso de estudo fomentada através da estetização dos pratos gastronómicos de restaurantes que apresentam um conceito gastronómico inovador, ou seja, gourmet. (Koponen & Mustonen, 2022, p.369). Neste sentido, a obra “*Distinction: A Social Critic of the Judgment of Taste*” (1984)²⁴ de Pierre Bourdieu, consolida a ideia de que a expressão social se reflete no consumo de determinados produtos, correspondendo a determinação das diferentes classes sociais, consolidando “(...) a apropriação – material e/ou simbólica (...)” (Bourdieu, 2006, p.165). Esta ideia é partilhada por outros autores, nomeadamente, António Teixeira Fernandes, no significado que confere à comensalidade, quando diz: “ Não é apenas o que se come, mas sobretudo a maneira como se tomam as refeições que serve intuítos de distinção” (Fernandes, 1997, p.29).

Esta discussão não visa sobrepor nenhuma perspetiva sobre o processo de comensalidade em relação às restantes, mas realçar a diversidade de modos de apropriação dos consumidores face à comida e de conexão social, refletindo a heterogeneidade desses fenómenos como um todo. Deste modo, os estabelecimentos de restauração são entendidos como espaços de consumo e fomentadores do processo de comensalidade.

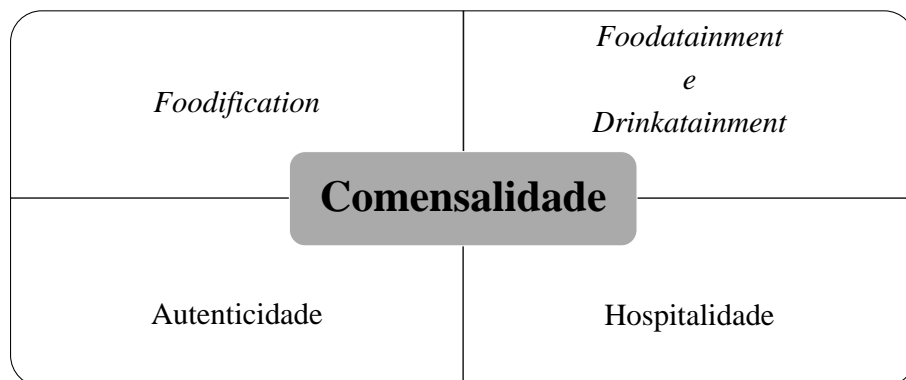


Figura 5 - Elementos que compõe o processo de Comensalidade

Nas ciências sociais, este termo está associado à dinâmica social relacionada com as interações sociais resultantes do ato de alimentação, ingestão de bebida e comida (Spence et al., 2019). Neste contexto, após a discussão apresentada anteriormente referente a este conceito, a relação entre fenómenos é evidente. Com base no processo *foodification*, ou seja, na transformação do tecido comercial usando como âncora a restauração, a preocupação com a hospitalidade, a arte de saber receber e atender os

²⁴ “A Distinção – crítica social do julgamento (2006)”, versão traduzida - consultada (Bourdieu, 2006)

clientes torna-se numa das prioridades dos estabelecimentos. Além disso, a produção da autenticidade do estabelecimento e da gastronomia é representada com base na construção do espaço físico e vivido, na origem dos produtos confeccionados e da apresentação da gastronomia do estabelecimento. O desenvolvimento da espetacularização da comida (*foodatainment*) e bebida (*drinkatainment*) compõe a singularidade dos restaurantes e da gastronomia que representam face à experiência gastronómica que oferecem aos seus consumidores.

2.3. Capital Espacial

No domínio das características e propriedades espaciais, o conceito de capital espacial contribui para a valorização e (re)afirmação do espaço como objeto de análise com capacidades de influenciar a ação dos diversos agentes no mesmo (Lévy, 2014). Esta perspetiva sobre o espaço vem contrariar os autores que observam e, posteriormente, apresentam uma conceção teórica do espaço como um substrato que possui a função exclusiva de ser o palco onde ocorrem as interações sociais e económicas (Rérat & Lees, 2011), com a clara evidência da influência do paradigma positivista (D. Silva, 2019).

Ainda sobre esta perspetiva do espaço e, conseqüentemente, do capital espacial, estas valências surgem em investigações relacionadas com as dinâmicas urbanas (Huang et al., 2018; Mace, 2017; Mosselson, 2020; Rérat & Lees, 2011) e comerciais (Cachinho & Barata-Salgueiro, 2009), defendidas por terem um papel ativo nas mesmas. Na investigação levada a cabo por Cachinho & Barata-Salgueiro (2009), a relação intrínseca entre o espaço urbano e o comércio é uma clara evidência da discussão teórica sobre a conceção de capital espacial, quando afirmam que “... se a cidade é produto das decisões e das práticas de vários actores, designadamente as de consumo, essas práticas possuem também uma dimensão espacial.” (Cachinho & Barata-Salgueiro, 2009, p. 10).

O capital espacial de uma cidade não pode ser distribuído de forma homogénea entre os diferentes espaços da mesma. Para (Barata-Salgueiro, 1992), essa multiplicidade de lugares na cidade apresenta uma interligação de complementaridade entre as áreas urbanas centrais e periféricas. Todavia, o que há a realçar é o conjunto de componentes que permite a construção do capital espacial dos centros históricos das cidades, entre os quais, a singularidade cultural e histórica do património edificado que desempenha um papel fulcral na criação e (re)afirmação da identidade cidadina com base na memória coletiva; a sua localização geográfica; e a consolidação económica e financeira do

edificado, o qual exhibe uma localização privilegiada na cidade para atração de capitais internacionais, de forma eficiente e sustentável (Barata-Salgueiro, 1992, p. 386). Nesta temática, entre os autores que perfilham esta perspectiva sobre o espaço, Sharon Zukin salienta a relevância do capital espacial do centro das cidades, de forma implícita. Para Zukin (1995, 2010), os processos urbanísticos ligados à regeneração urbana e à gentrificação, conducentes à homogeneização e padronização da paisagem urbana, com a adoção das mesmas políticas públicas nas diferentes realidades urbanas, colocaram em causa as características e componentes próprias de cada cidade. Neste sentido, com o uso do conceito de autenticidade, Zukin visa responder a esta nova vaga de políticas urbanas com a defesa intrínseca e preservação das características de cada cidade. Esta valorização do espaço acontece igualmente nas interações da sociedade pós-moderna com a diversificação de elementos que ocorrem no espaço, ou por outras palavras, na cidade. Citando Zukin (1995, p. 2),

“O crescimento do consumo cultural (de arte, comida, moda, música, turismo) e das empresas que o abastecem alimentam a economia simbólica da cidade, a sua capacidade visível de produzir tanto símbolos quanto espaço.”

Deste modo, podemos afirmar que todos os elementos mencionados anteriormente correspondem a uma parte relevante na conceção do capital espacial, porém, os objetos, os ambientes e os atores são igualmente elementos que completam a complexidade de interações entre elementos que consolidam o conceito de capital espacial (Lévy, 2014). Ainda sobre este domínio, (Lefebvre, 1991) desenvolve o conceito de textura do espaço, pois este é composto por um conjunto de elementos que ocorrem nesse espaço, nomeadamente, as interações sociais e económicas. Destacam-se outros elementos relacionados com a centralidade, a acessibilidade e a proximidade; sendo estes responsáveis pela diferenciação espacial da diversidade de espaços das áreas urbanas e das atividades comerciais que nela são desenvolvidos (Huang et al., 2018; Rérat & Lees, 2011). Estes atributos influenciam o capital espacial das áreas urbanas, e consequentemente área urbana objeto desta investigação, a Zona Velha do Funchal e, consequentemente, bem como as atividades comerciais que nela estão inseridos, mais especificamente, as ligadas à restauração (McGreal & Kupke, 2014).

No contexto da restauração, Kowalczyk & Derek (2020, p. xiii) apresentam um gráfico (Figura 6) no qual exprimem que a gastronomia é alvo de conceção teórica nas áreas urbanas, bem como dos atributos que a influenciam. Nesta conceção, o caráter

espacial é um atributo que influencia e condiciona a gastronomia urbana, pois a multiplicidade de áreas urbanas e das suas propriedades (tamanho, funções, expansão física, estrutura interna e relações externas) são resultado de cada realidade geográfica urbana. A gastronomia, e em particular a atividade da restauração, possui a capacidade de se adaptar e desenvolver com base em duas dimensões, na dimensão espacial e na dimensão sociocultural, económica e histórica. A multiplicidade de formatos de estabelecimentos de restauração visa, de algum modo, responder às constantes necessidades dos consumidores (locais e turistas), bem como da afirmação da diversidade de estabelecimentos de restauração. Afirmam-se por um lado os formatos informais e tradicionais, onde o ambiente envolvente é sereno e esta característica é fortemente desenvolvida e aplicada por este segmento de cafés, bares e restaurantes, e por outro lado, os formatos formais e inovadores que procuram construir um segmento de restauração que desenvolve novas técnicas e produtos gastronómicos para consolidar a diferenciação neste ramo de atividade. Além disso, a representação da gastronomia local em ambos os segmentos de restauração é um domínio relevante nos seus segmentos, porém, a introdução de elementos e de estabelecimentos centrados em outras tipologias de gastronomia internacional são dinâmicas visíveis em contextos urbanos internacionais, onde a diversidade de gastronomias tem sido cada vez mais efetiva com o desenvolvimento do processo de globalização e da sociedade pós-moderna.

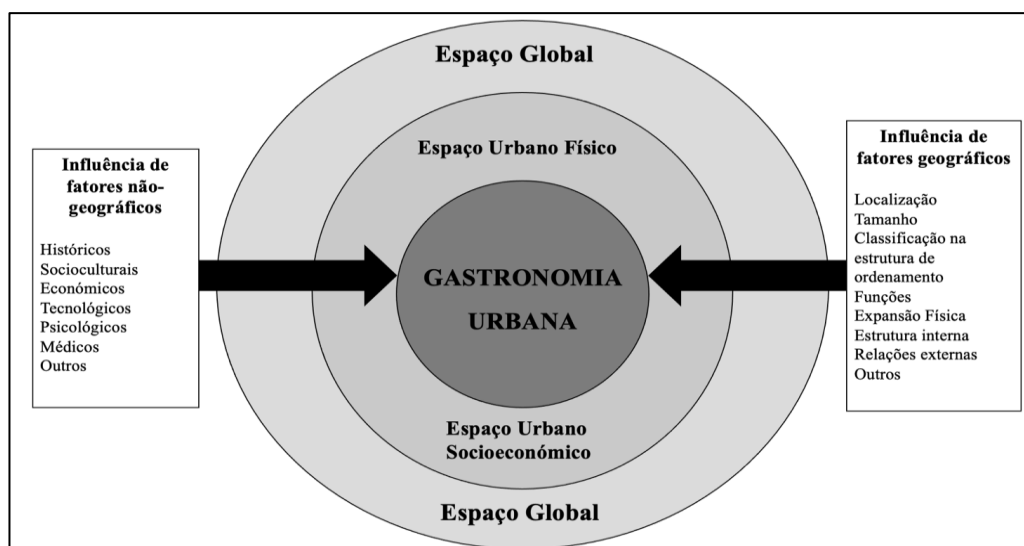


Figura 6 - Gastronomia Urbana como elemento do Espaço Urbano

Fonte: adaptado de Derek & Kowalczyk (2020)

2.4. Modelo de Análise

Após a apresentação e discussão dos principais conceitos da investigação, passaremos a discussão de influência de interligação dos mesmos.

Como discutimos anteriormente, no domínio das dinâmicas urbanas, o processo de regeneração urbana surge como um processo necessário de modo a revitalizar uma área urbana que se encontra em decadência nos domínios urbanos, comerciais e socioeconómicos. Os centros históricos, as áreas relacionadas com a industrialização e as frentes de água, foram áreas que internacionalmente foram aquelas que apresentaram indícios de decadência sendo que era necessário reverter essa situação. Neste contexto, focando os centros históricos, área de estudo, estes encontravam-se numa dinâmica de espiral negativa, criando um comportamento de repulsa para as atividades comerciais e para a população local resultado das dinâmicas de desenvolvimento urbano de expansão. Contudo, uma vez que o espaço não é homogéneo, o processo de regeneração urbana deve ter em conta os elementos espaciais, arquitetónicos, culturais, sociais e comerciais da área intervencionada. O processo de regeneração urbana tendo em conta a sua abrangência de domínios de intervenção, económico, físico, social e ambiental, os seus efeitos no espaço urbano são multiplicadores de modo a conseguir atrair atividades económicas, moradores e consumidores. Todavia, o planeamento e operacionalidade de projetos de regeneração urbana possuem outros fatores que são responsáveis pela sua efetividade no espaço urbano, entre os quais, o desenvolvimento das abordagens de governança em estruturas flexíveis, de cooperação e de inovação.

Este processo estimula uma reestruturação funcional da área urbana (L. Mendes, 2013) na aposta de atividades comerciais com maior valor agregado de modo a desenvolver inovação e competitividade na economia urbana. Contudo, verifica-se que a instalação de atividades económicas em áreas de decadência urbana são potenciadoras de intervenções urbanas. A turistificação dos centros históricos das principais cidades da Europa, por vezes está relacionado com esta reestruturação funcional anteriormente mencionada, contribuindo para atividades comerciais que antes não possuíam um peso significativo no tecido comercial. Uma dessas atividades comerciais está relacionada com a gastronomia, pois tem sofrido alterações nos seus padrões de fornecimento de serviços. O desenvolvimento de estabelecimentos comerciais da restauração tem sido vincado nas últimas décadas com a diversificação da oferta gastronómica, sendo ela local e/ou internacional. Além do mais, a valorização dos produtos gastronómicos locais

relacionados com a sua produção biológica e/ou por serem considerados especificidades das áreas onde estão inseridos, tem ganho maior magnitude nas áreas urbanas. O processo de comensalidade é responsável por este desenvolvimento do tecido comercial bem como pela transformação da paisagem no tecido urbano do centro histórico das cidades. Esta dinâmica comercial tem demonstrado ser um pilar de revitalização em áreas urbanas que sofreram recentemente intervenções urbanas de modo a contribuir para a atratividade de consumidores.

No caso da área de estudo, Zona Velha, as dinâmicas urbanas foram igualmente impactantes no tecido urbano da cidade do Funchal. O seu passado, relacionado com as atividades industriais, artesanais e atividade piscatória, deixaram de ser compatíveis com as pretensões de desenvolvimento urbano e comercial desta área do centro histórico. A conjuntura socioeconómica, juntamente com a preservação deficitária do património edificado, eram igualmente elementos sensíveis que necessitavam da devida intervenção. O início do processo de regeneração urbana seria marcado pela iniciativa privada através da atividade comercial da restauração (tascas, snack-bares, bares e restaurantes), a qual teve um papel primordial na atração de pessoas e consumidores para esta área, uma vez que possuía uma conotação negativa, alusiva a prostituição e toxicodependência. Todavia, a iniciativa pública iria assumir um papel de liderança no processo de regeneração, visto que a fraca capacidade de organização de um grupo comunitário e/ou de comerciantes locais que iria comprometer a efetividade da operacionalidade do processo de regeneração. A aposta no mercado turístico por parte destes estabelecimentos marcaria o desenvolvimento do processo de turistificação da Zona Velha, modificando a estrutura comercial e habitacional para infraestruturas direcionadas para esta tipologia de consumidores. A própria estrutura da restauração na Zona Velha iria sofrer transformações no decorrer do processo de regeneração urbana, com a diversificação gastronómica (introdução de restaurantes com gastronomia internacional, entre os quais, asiática), inovação dos serviços gastronómicos e a criação do ambiente de boémia (principalmente, com o desenvolvimento de bares relacionados com a tradicional poncha). Os atributos espaciais (arquitetónicos, paisagísticos, culturais e históricos) seriam características ímpares que marcariam claramente o processo de regeneração urbana, bem como de condições de atratividade para o desenvolvimento de estabelecimentos da restauração (tascas, snack-bares, bares e restaurantes); ou seja, a transformação da paisagem comercial e social através da comensalidade.

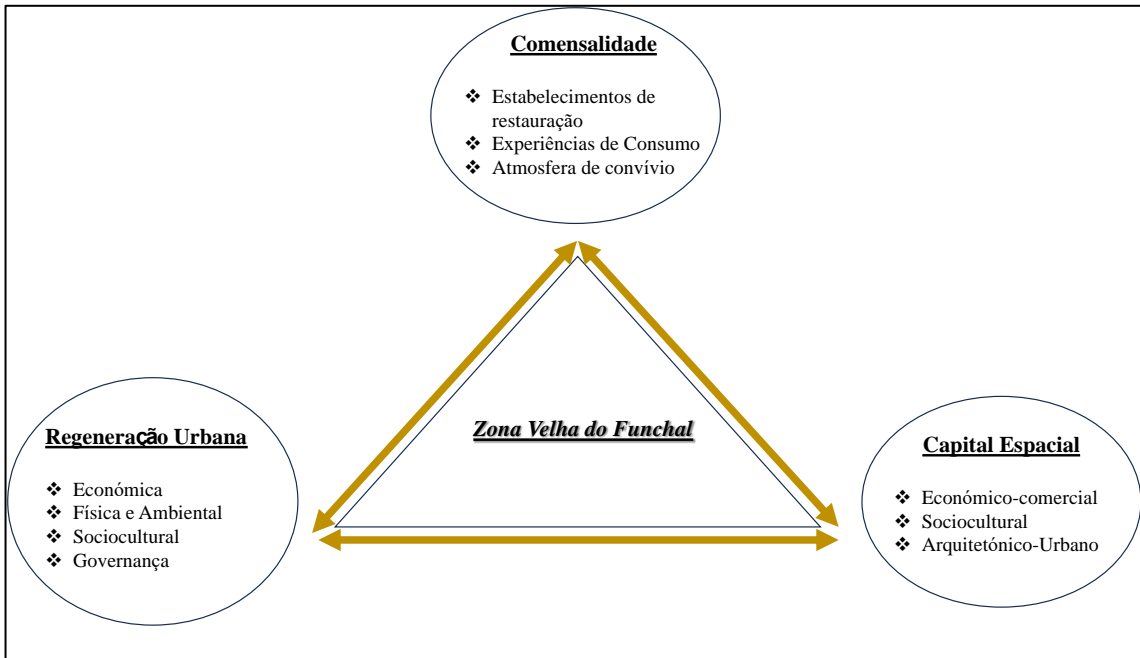


Figura 7 - Esquema do Modelo de Análise

2.5. Metodologia

Neste subcapítulo irão ser apresentadas as opções metodológicas usadas na recolha e tratamento dos dados que foram necessários para a elaboração desta investigação.

No domínio dos instrumentos de observação, estes distribuem-se em dois grupos distintos metodológicos. Neste primeiro grupo iremos focar a opção metodológica selecionada, a recolha e análise de informação de arquivo, nas temáticas da análise das dinâmicas da regeneração urbana e da restauração. Neste sentido, foi necessário proceder a seleção dos meios de comunicação social local e regional, nomeadamente, o **Diário de Notícias da Madeira**, e a respetiva **Revista Mais** (antes designada de Revista); o **Jornal da Madeira** e a **Tribuna da Madeira**, sendo estes os principais meios analisados. Após a seleção dos meios de comunicação social, foi determinado um período temporal de análise das notícias. Este período foi determinado por uma exploração a priori (Roche, 2021), de modo a identificar marcos temporais e pelo motor de busca dos serviços internos do Arquivo e Biblioteca da Madeira, em que o período com maior evidência sobre a problemática da Zona Velha deu-se a partir da década de 80 do século XX. Neste contexto foi realizado um dossier com o levantamento de notícias mais relevantes com a devida organização temporal, de modo a facilitar o acesso aos documentos (Black, 2010; Roche, 2021). A análise das notícias foi realizada com base em duas abordagens, primeiro, pela temática retratada, nas intervenções urbanas da Zona Velha e pelo evoluir do processo de regeneração urbana da Zona Velha; e em segundo, pela perceção das pessoas e dos próprios jornalistas que ao retratarem o processo de regeneração e o ambiente envolvente que contribuem para o enriquecimento da investigação com informações muitas vezes ausentes dos documentos institucionais. Ainda no domínio da pesquisa e análise de arquivo, os documentos institucionais nomeadamente da Câmara Municipal do Funchal foram igualmente alvo desta investigação. O arquivo da Câmara Municipal do Funchal disponibilizou documentação relacionada com o processo de Regeneração Urbana, porém com algumas limitações, visto que esta instituição estava no decorrer do processo de digitalização de documentos. Neste sentido, foram analisados planos de intervenção urbana, candidaturas de financiamento, Programa Operacional Plurifundos – POPRAM II – Recuperação do Centro Histórico (1997) e a base do levantamento fotográfico do património edificado realizado pelo Gabinete Técnico da Zona Velha (década 80 e 90). Neste capítulo foi possível verificar limitações metodológicas apontadas por (Hodder, 2017), o qual aponta dificuldades na pesquisa de

arquivo massiva de documentação, necessitando uma organização exigente na recolha de modo a tratar as informações primordiais da investigação.

Na temática do levantamento funcional dinâmico do comércio foi necessário delimitar a área de exploração. Deste modo foi decidido utilizar e manter as delimitações da zona de intervenção do mapa do Decreto Regulamentar Regional 18/87/M, de 8 de agosto, visto que as dinâmicas comerciais nesta área são suficientemente consolidadas e justificativas para esse efeito.

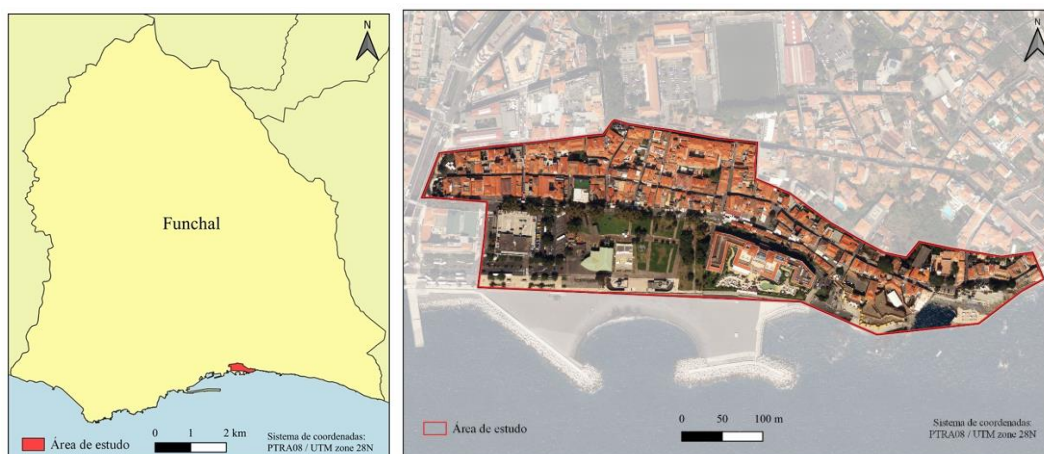


Figura 8 - Limites da área de estudo

Num momento seguinte, foi elaborada a estrutura do levantamento funcional a fim de conseguir a evolução comercial da Zona Velha. Neste sentido, foi realizada duas estruturas de questões a colocar aos comerciantes, aos do ramo comercial da restauração e aos restantes estabelecimentos de comércio e serviços. No primeiro grupo, foi questionado ramo de atividade, ano de abertura e estabelecimento anterior presente nesse espaço comercial de modo a analisar as dinâmicas que foram ocorreram na escala temporal, sendo o foco central deste estudo. No segundo grupo, apenas foi questionado o ramo de atividade e ano de abertura de modo a complementar a ocorrência de dinâmicas comerciais na área da Zona Velha. Além do mais, este contato com os comerciantes veio a se tornar um fio condutor complementar para a investigação a partir da partilha de perspectivas/opiniões enriquecedoras e diversificadas.

No momento seguinte, os dados foram analisados e georreferenciados no software *QGIS*, uma plataforma de Sistemas de Informação Geográfica, segundo a Classificação de Atividades Económicas, tendo por base a oferta de bens e serviços que disponibilizam. Deste modo, permitiu realizar a cartografia de modo a observar e refletir sobre as dinâmicas comerciais ocorridas na Zona Velha.

No segundo grupo no domínio das entrevistas, estas foram predominantemente semiestruturadas de modo a direcionar os intervenientes a questões que necessitavam de complementação e/ou esclarecimentos. Na seleção dos intervenientes foi decidido entrevistar as pessoas que tiveram participação no processo de regeneração urbana e aos comerciantes da restauração (Cameron, 2005; Dunn, 2021; Longhurst, 2010). No primeiro caso, as entrevistas realizadas visavam responder a questões relacionadas com o planeamento e medidas adotadas na regeneração urbana da Zona Velha: a) identificação dos principais problemas urbanos e socioeconómicos existentes; b) medidas e objetivos adotados para a transformação urbana e socioeconómicas; c) compreender os principais pilares de sustentação da transformação urbana; d) reflexão sobre resultados atingidos e aqueles que ficaram por alcançar. Quanto ao segundo grupo, organizado consoante uma amostra estratificada dos comerciantes, de modo a ter a representatividade das diferentes tipologias da restauração, as questões colocadas aos comerciantes pretende compreender a sua perceção do seu estabelecimento e do ambiente envolvente, ou seja, da área onde está inserido: a) motivos que levaram a realizar o investimento na restauração nesta área; b) a perceção do comerciante sobre o seu estabelecimento e do tecido comercial da restauração; c) transformação do estabelecimento e da oferta gastronómica; d) singularidades gastronómicas e as suas particularidades no tecido comercial. Quanto à metodologia de análise dos dados foi utilizada a técnica de análise de conteúdo em ambos os grupos de entrevistados, juntamente com as matrizes gráficas de Bertin de modo a sintetizar a análise das entrevistas aos comerciantes da restauração.

Neste contexto, ainda foi possível ter contato com um morador da Zona Velha, um dos moradores mais antigos desta área, que propulsionou algumas conversas informais, partilhando a sua perspetiva sobre a área e a sua transformação.

No domínio do levantamento funcional dinâmico do comércio e das entrevistas, fica evidente que foi valorizado o contato interpessoal nesta investigação, porém com limitações. A execução desta investigação foi realizada durante o contexto pandémico, Covid-19, que causou perturbações significativas em temáticas relacionadas com a saúde e com o quotidiano de todas as sociedades no Mundo. Deste modo, muitas das tarefas metodológicas selecionadas foram necessárias realizar por fases consoante a evolução pandémica e conseqüentemente das regras sanitárias impostas pelo Governo Regional da Madeira. O levantamento funcional teve de ser realizado consoante a adaptação de funcionamento dos estabelecimentos comerciais, visto que o mercado turístico teve influência nestas dinâmicas sendo que o próprio teve um funcionamento inconstante.

Foram igualmente adotadas metodologias de observação participante e não participante. Neste sentido, inseri-me no grupo de consumidores, de dia e de noite, de modo a compreender a envolvimento destes na Zona Velha, e para observar a influência que o ambiente de comensalidade gerado pelos estabelecimentos da restauração tem na área de estudo.

3. Enquadramento Histórico-Urbano da Zona Velha e do Funchal

A Zona Velha foi o berço da cidade do Funchal, após a descoberta das ilhas da Madeira e do Porto Santo (1418), dando-se início à constituição das três primeiras vilas primitivas do Arquipélago da Madeira em 1425 (Funchal, Machico e Porto Santo) (Trigo de Sousa, 2017).

A população proveniente de Portugal Continental que colonizou o Arquipélago da Madeira trabalhava a terra (Aragão, 1992), pois era das poucas atividades que conseguiam produzir rendimento para o seu sustento, contribuindo para o desenvolvimento socioeconómico da ilha (Carita, 1991). Gouveia & Freitas (1988, p.5) caracterizam os primeiros colonos da Madeira como “sobretudo artesãos e lavradores, gente humilde, mas que com os seus ofícios e trabalho da terra constituíam as personagens primordiais do processo colonizador”.

No contexto urbano, o crescimento populacional e o desenvolvimento de novos arruamentos e edifícios públicos e/ou privados acompanharam os progressos económicos e sociais. Segundo Bettencourt, 2010, Gouveia & Freitas, 1988, e Vasconcelos, 2008, o crescimento da população e conseqüente expansão do Funchal foram das primeiras dinâmicas urbanas registadas. A descrição do traçado da Zona Velha feita por Gouveia & Freitas (1988) evidencia o desenvolvimento da primitiva povoação, com a construção de prédios de pequena dimensão para décadas seguintes, e a melhoria e expansão do traçado urbano,

“Verificou-se um rápido crescimento do primeiro núcleo populacional, o que conduziu ao levantamento da capela de Santa Maria do Calhau, em 1430 (...). Deu-se a abertura para leste, da Rua de Santa Maria (...). A vinda de mais povoadores levou à expansão deste primeiro núcleo populacional. Surgiu A Rua Nova de Santa Maria e ampliou-se a capela em 1458. Novas vias vieram enobrecer o traçado urbanístico (...)”. (Vasconcelos, 2008, p. 20).



Figura 9 - Reconstituição da cidade do Funchal (século XV)

Fonte: Espólio de António Aragão (Arquivo e Biblioteca da Madeira)

O Funchal só mudaria a sua designação de vila para cidade no reinado de D. Manuel, no século XVI. Nesta época, já apresentava uma importância significativa no panorama nacional e internacional por fatores religiosos e comerciais (Bettencourt, 2010). No domínio religioso, a construção da Sé Catedral do Funchal, no fim do século XV, seria determinante na missão de expansão cristã nos novos territórios descobertos pelos portugueses, tornando-se a maior diocese católica do mundo por alguns anos do século XVI (Vieira, 2015). No domínio comercial, a localização da ilha da Madeira e do porto do Funchal seriam aspetos relevantes nacional e internacionalmente. Numa escala nacional, a cidade servia de porto de abastecimento entre a Europa e os recentes territórios descobertos nos continentes africano e sul-americano (Azevedo e Silva, 2019). A uma escala internacional, destaca-se a chegada frequente de “mercadores de países muito distantes: da Itália, França, Flandres, Inglaterra e da Península Ibérica (...)” (Aragão, 1981, p. 82-83).

Desde cedo, o desenvolvimento da atividade agrícola e de processamento da cana-de-açúcar constituiu-se como um dos pilares económico da cidade. Esta época ficaria marcada pelas profundas transformações da cidade do Funchal no domínio económico e social (Bettencourt, 2010). A exportação de açúcar, de elevado valor

económico no mercado internacional, e os pães de açúcar (as formas onde era depositado o açúcar e transportado) ficaram marcados na história da cidade, onde ainda hoje podemos encontrar simbolizados no brasão municipal²⁵. A importância do açúcar permaneceu igualmente importante na gastronomia regional, onde os produtos relacionados com a cana-de-açúcar são abundantes nos domínios de bebidas (aguardente, elemento essencial na realização da tradicional poncha e de cocktails) e de produtos alimentares (broas e bolos de mel, e mel de cana-de-açúcar).

Com o estímulo económico dos negócios sacarinos, surgiram novos arruamentos nomeadamente de Santa Catarina e dos Mercadores (Aragão, 1992). Esta última rua era um marco urbano da época, pois exaltava a importância desta classe social na economia local e regional, bem como o seu contributo para a expansão citadina para ocidente. Também foram levantados novos edifícios públicos e/ou privados que transformaram e marcaram o início do processo de urbanização da cidade, destacando-se o convento de São Francisco, a alfândega e o hospital de Santa Maria do Calhau.

A evolução urbana do Funchal teve um progresso constante nos fins do século XV e XVI, com a expansão para oeste, numa primeira fase, entre as ribeiras de João Gomes e de São João, e, posteriormente, para oeste da ribeira de São João e a norte/noroeste da Baixa. A organização urbana do Funchal face às linhas de água foi similar a algumas cidades portuguesas, devido à maior disponibilidade de recursos hídricos. Também surgiu uma nova centralidade, transacionando dos redores da igreja do Socorro, na Zona Velha, para o largo do Pelourinho, a oeste da Zona Velha (Vasconcelos, 2008), devido às funções comerciais aqui presentes, derivadas do desembarque dos marinheiros (Fernandes, 2014). No século XVI, o contínuo desenvolvimento de novos arruamentos iria consolidar a expansão para oeste, com as ruas dos Tanoeiros e do Esmeraldo (F. F. Gomes, 2005), e de outro setor, da rua do Sabão até as proximidades do Mosteiro de São Francisco. “Este novo setor da malha urbana apresenta-se construído segundo uma estrutura ortogonal regular, tendo no seu centro a Sé Catedral e a praça” (Bettencourt, 2010). A construção pública entre o fim do século XV e o início do século XVI, encarregada pelo rei D. Manuel, originou alguns dos edifícios mais emblemáticos da cidade, como a Sé Catedral, a Câmara e os Paços do Tabeliães, o Convento de Santa Clara, e um novo hospital e

²⁵ A simbologia do açúcar e do vinho (temática que será abordada posteriormente) é evidência da relevância destes produtos na evolução e desenvolvimento da cidade do Funchal em todos os domínios da sociedade.

alfândega (Fernandes, 2014). Estas infraestruturas foram cruciais no auxílio da consolidação da malha urbana e no desenvolvimento e afirmação da cidade.

No entanto, devido a um conjunto de fatores físicos e comerciais, a hegemonia da Madeira no comércio internacional do açúcar acabou. O surgimento de diversas pragas que devastaram a cultura da cana-de-açúcar reduziu acentuadamente a produção, sendo substituída pela cultura vinícola. Esta crise foi acentuada pelo crescimento exponencial da produção de cana-de-açúcar nos novos territórios portugueses, nomeadamente, em São Tomé e no Brasil (Carita, 1991).

Desde o século XVI, o vinho da Madeira ganharia prestígio internacional, devido às suas características olfativas e de paladar, sendo alvo de especial interesse por parte da Inglaterra. O desenvolvimento de acordos comerciais entre Portugal e Inglaterra, no século XVII, despertou o investimento, e conseqüente aquisição, dos principais vinhos portugueses por empresários ingleses. “(...) O vinho malvasia é o melhor que se acha no universo, e se leva para a Índia, e muitas partes do mundo.” (Aragão, 1992, p. 96-97). Segundo Carita, 1986, este desenvolvimento económico iria refletir-se no tecido urbano, com novos edifícios privados,

“(...) cresce uma nova cidade, com casas senhoriais urbanas, dotadas de um andar nobre de habitação, um piso térreo para arrecadações e adegas, e uma torre, não só e como noutros lados para emblema senhorial, como também imprescindível para ver o movimento do porto e controlar as chegadas e partidas dos navios que vinham carregar as pipas de vinho Madeira.” (Carita, 1986, p. 23)

Todavia, face ao perigo de ataques de corsários, as transformações na malha urbana teriam de ser atualizadas. Assim, procedeu-se ao primeiro levantamento urbano, em 1572, e conseqüente plano de fortificação face a perigos externos. Este plano contemplou a construção de muralhas junto ao litoral com a seguinte organização:

“Três troços de muralhas; um frente ao mar, entre as actuais ribeiras de João Gomes e de São João, outro ao longo da Ribeira de São João e que seria fechado com uma fortificação (São João Baptista); um outro, ao longo da ribeira de João Gomes e que seria fechado com uma fortificação no Alto da Pena, que não chegou a fazer.” (Carita, 1992, p.9).



Figura 10 - Evolução Urbana da cidade do Funchal (século XV e XVI)

Fonte: Espólio de António de Aragão (Arquivo e Biblioteca da Madeira)

Os perigos humanos e naturais são temáticas sempre presentes na ilha e na cidade, sendo historicamente responsáveis por elevado número de mortes. Desde que há registo, um dos mais antigos desastres naturais é datado de 1748, em que um terramoto provocou inúmeros prejuízos (Carita, 1996a). A aluvião²⁶ de 9 de outubro de 1803 ficaria para a história como o desastre natural mais mortífero da história da Madeira, em que se estima cerca de mil mortes, sendo mais metade destas no Funchal (Quintal, 1999). Estima-se que a Zona Velha terá sofrido elevados danos no património edificado, “Uma grande parte da freguesia de Santa Maria Maior, assim como a sua igreja, não existe, (...)” (Quintal, 2018, p.67). Carita (1986, p.30) salientou “(...) uma destruição espantosa, principalmente na cidade baixa, calculando-se que só no bairro de Santa Maria tivessem perecido cerca de 200 pessoas”.

Face a este cenário, o governador general D. José Manuel da Câmara e o bispo D. Luís Rodrigues Vilares optaram por medidas rigorosas imediatas, para que houvesse condições de ação na recuperação da cidade.

²⁶ O termo “Aluvião”, na Madeira, apresenta uma adaptação às características regionais da ação do fenómeno de uma cheia rápida, sendo estas apresentadas pelo geógrafo Raimundo Quintal, “(...) uma tromba de água descarrega todo o seu conteúdo, geram-se de imediato fortes caudais capazes de arrastar volumosos detritos sólidos. Eis que o leito da ribeira se estreita ou um qualquer obstáculo se interpõe no caminho: a água abandona velozmente a secção que lhe tinham destinado e invade as casas, rouba-lhes os habitantes. É a morte, a tragédia.” (Quintal, 1999, p. 31).

Após alguns meses, a chegada à Madeira do engenheiro brigadeiro Reinaldo Oudinot levou à conceção dos planos de recuperação do Funchal e das suas linhas de água. Matos et al., 2018 elaboram uma obra sobre os seus trabalhos realizados (obras e levantamentos), numa perspetiva histórica, geográfica e de engenharia. As ideias e levantamentos apresentados no século XIX, sobre a alçada de Oudinot, foram de tal importância que ainda se enquadram atualmente no domínio do ordenamento do território. Ao longo dos três anos de trabalho intenso (1804-1806), identificaram-se os principais problemas da organização da malha urbana, bem como das serras do município. Uma das especificidades das análises realizadas por Oudinot é a sua capacidade de observar o território numa perspetiva sistemática, desde a área florestal do Funchal (nascente dos cursos de água) até à área urbana (foz).

- Das principais conclusões retiradas, surgiram duas vertentes, uma relacionada com os cursos de água e com a desertificação florestal - “A calvície das montanhas (...) do Funchal (...), e a falta um eficaz encanamento das ribeiras dentro da área urbana, tiveram influência no agravamento da catástrofe.” (Quintal, 2018, p. 70); e a outra dedicada à ocupação humana ao longo dos percursos de água, “(...) instalação das populações fora dos terrenos elevados e (...) dos leitos de cheia” (Silva, 2018, p. 84) e à transformação da malha urbana, “(...) propondo um desenho urbano de rutura para uma nova cidade orgânica e racionalista, de matriz ortogonal, (...)” (Matos, 2018, p. 101) e de desenvolvimento da cidade, “(...) ampliação (...) para poente a partir do atual parque de Santa Catarina até a Zona da Ajuda” (Silva, 2018, p. 84). Também foram erguidas muralhas para regularizar os cursos de água, e iniciou-se o reflorestamento das áreas florestais. Porém, face à falta de recursos económicos, as transformações planeadas não foram alcançadas, limitando-se apenas a algumas intervenções pontuais (Matos et al., 2018).

3.1. Funchal nos séculos XIX-XX

Com o passar dos séculos, a cidade ainda apresentava uma organização urbana maioritariamente da época Manuelina (D. Manuel – séc. XVI), sem planos urbanísticos que resolvessem problemas resultantes da evolução temporal e socioeconómica (Vasconcelos, 2008). O estilo de vida dos habitantes foi descrito como humilde e precário, com grande parte da população a manter o seu sustento na agricultura e na pesca.

“A cidade encontrava-se num estado verdadeiramente primitivo, com ruas estreitas e tortuosas, de péssima pavimentação, sem águas potáveis, sem esgotos, repleta de imensos e infectos estábulos, com apenas um cemitério (...), e um hospital no centro da cidade, próximo de ruídos e da agitação cidadina.” (Vasconcelos, 2008, p. 30)

O incremento da atividade turística na Madeira, por volta do século XIX, influenciou a paisagem urbana do Funchal, com o surgimento de alguns estabelecimentos de hospedagem. Nesta época, predominavam duas categorias de turistas, os turistas de saúde, graças às características bioclimáticas da ilha, e cientistas e investigadores (Matos, 2013). O crescimento turístico impactou o tecido urbano, com a construção de edifícios e quintas, que quebraram a homogeneidade da paisagem das habitações, com os seus terrenos agrícolas ao seu redor. Matos, (2013, p .14), relata que “(...) estes viajantes permaneciam na ilha por longas temporadas – uma estação, normalmente o inverno – instalados numa quinta. Na periferia do Funchal, às mais diversas altitudes, proliferaram então as *quintas de aluguer*.” A esta atividade económica, acrescenta-se o desenvolvimento social e económico proveniente do crescimento da indústria dos bordados, em que as mulheres, até então circunscritas às atividades domésticas e familiares, encontraram um suplemento económico na sua produção (Silva, 2017, p.8).

Tabela 4 - Evolução do número estimado de turistas que passaram pela Madeira

| Anos | Número de Turistas |
|-------------|---------------------------|
| 1851 | 300-400 |
| 1859 | Mais de 300 |
| 1876 | 446 |
| 1885 | 126 |
| 1886 | 207 |
| 1887 | 232 |
| 1895 | 2350 |
| 1909-1910 | Mais de 3000 |
| 1911 | 6068 |

Fonte: (Câmara, 2002, p. 291)

A partir de meados do século XX, o aparecimento e desenvolvimento de unidades hoteleiras contribuiu para a afirmação e consolidação do setor turístico. Com estes, ocorreu uma mudança no tipo de turistas, que já não visitavam por fins terapêuticos, mas por lazer e ócio, procurando repousar e descansar (Matos, 2013, p. 24).

Durante esta época, o turismo foi um dos principais responsáveis pelas transformações profundas na malha urbana, de modo a destacar o Funchal enquanto “(...)uma das cidades de turismo e de longa permanência das mais interessantes da Europa (...)” (Ventura Terra, 1915, p.1, *in* Vasconcelos, 2008, p. 32). Esta declaração visionava o desenvolvimento necessário de modo a preparar a cidade para as novas dinâmicas socioeconómicas do século XX. Com este objetivo, Ventura Terra responsabilizou-se pelo projeto de transformação do tecido urbano do Funchal - *Plano Geral de Melhoramentos para o Funchal 1913-1915*, ou *Plano Ventura Terra* (Figura 10).

Na construção teórica do plano, apresentou-se insensibilidade para com as construções existentes e as características histórico-culturais da cidade, admitindo a possibilidade de demolir património com séculos de história. O traçado configurava “(...) uma planta sem especial conhecimento das particularidades do Funchal, não entrava em linha de conta com qualquer dos edifícios existentes. Sacrificava quase toda a fortaleza de São Lourenço, afetava bastante à Sé Catedral, (...)” (Carita, 1996, p.30). No entanto, Vasconcelos (2005) salienta que o plano urbano contemplava a construção de novas estradas (com melhorias consideráveis do traçado existente, com mais espaço, e com um estudo urbanístico prévio com uma nova malha urbana), e a sua construção no centro do Funchal (com avenidas e ruas largas, nas quais o planeamento das intervenções possuía dois fatores primordiais - temporal e desenvolvimento socioeconómico). Também se perspetivou a criação de praças e de espaços públicos, para estimular o embelezamento urbano e de convívio social (Carita, 2017). Este plano contemplava igualmente a construção de bairros de habitação direcionados para várias classes socioeconómicas.



Figura 11 - Plano de Melhoramentos de Ventura Terra (1915)

Fonte: <http://www.paper-cloud.net/archive/post/2018-plano-melhoramentos-funchal-miguel-ventura-terra-estudo-previo/>

O saneamento básico também se constitui como uma importante linha de ação do plano, com a rede de esgotos quase inexistente, e despejo de dejetos na via pública e/ou na ribeira, prejudicando a imagem da cidade (Vasconcelos, 2008).

Com a participação portuguesa na Primeira Guerra Mundial, o país encontrava-se numa grave recessão económica, refletindo-se no racionamento de bens alimentares e de primeira necessidade. A Madeira não ficaria numa posição diferente, com bombardeamentos de submarinos alemães, em 3 de dezembro de 1916 e em 12 de dezembro de 1917, da baía do Funchal (Carita, 2017), resultando num conjunto elevado de baixas humanas e físicas, e a destruição parcial de edifícios. Com a agravante da dependência externa no seu reabastecimento, a economia da Madeira encontrava-se debilitada, inviabilizando uma transformação urbana de magnitude significativa.

Nos anos 1930, Dr. Fernão Ornelas Gonçalves, presidente da Câmara Municipal do Funchal, marcou a transformação urbana do século XX, devido à sua visão estratégica nos domínios urbanos, sociais e económicos. No seguimento temporal, foi encomendado um novo plano de transformação urbana (Carita, 2017, p. 227), designado por “*Plano de Urbanização para o Funchal de 1931-33*”. Este inspirou-se nos planos de Ventura Terra, com o prolongamento da Avenida Arriaga, e a abertura da Avenida Oeste (atual Avenida do Infante) (Carita, 2017; Vasconcelos, 2008). Pretendeu-se “(...) ligar os diferentes bairros por grandes ruas transversais, (...)” (Vasconcelos, 2008, p. 32). No domínio das grandes obras realizadas nesta época, destaca-se o Mercado dos Lavradores, onde iriam funcionar “(...) os mercados de hortaliças, de peixe, de carnes e de outros artigos de subsistência. “ (J. Silva, 1940, p.36).

Nesta década, segundo Carita (2017, p. 228), os problemas sociais e urbanos na Zona Velha já eram reconhecidos e visíveis pelo Dr. Fernão Ornelas, que previa a demolição parcial do bairro de Santa Maria e o realojamento da sua população,

“(...) no que respeita às famílias em piores condições de habitação, concluiu-se serem as que habitam o bairro de Santa Maria, pelo que resolve a Comissão Administrativa fazer evacuar os locais indicados sendo os ocupantes quando o desejem, transferidos para os bairros económicos. Nos prédios desocupados será aposto um círculo vermelho indicando inabitabilidade. Com esta medida, fica totalmente saneado o bairro de Santa Maria, devendo os prédios em más condições ser demolidos ou grandemente beneficiados.” (Lopes, 2008, p.172).

Esta intervenção urbana, caracterizada pela sua dureza, não foi bem vista pelos residentes desta área, que apenas pretendia melhorar as suas condições de habitação. Esta visão foi apresentada pelo Dr. João Carlos Abreu²⁷,

“O Dr. Fernão Ornelas (...) condenou aquela zona. Existia umas argolas nas casas, condenando as casas, talvez porque não tinham condições de higiene, mas iam-se deitar abaixo as casas, que eram construções do século XVIII (...).”²⁸

Contudo, a análise de tomada de decisões por parte de Fernão de Ornelas e da CMF tiveram em conta o contexto da época, bem como os paradigmas urbanos e arquitetónicos. O desenvolvimento da cidade posto em prática pela presidência camarária, tinha como principal objetivo resolver os problemas de degradação urbana e social predominantes nesta área, realçando que ainda não era importante a salvaguarda do património edificado histórico²⁹.

As transformações urbanas nesta área do centro histórico foram modestas, “(...) colmatando algumas das necessidades, mas as novas exigências obrigavam a que mais fosse feito.” (Lopes, 2008, p. 169). É de referir o saneamento básico nas ruas de Santa Maria e dos Barreiros, e na Travessa do Pimenta (Lopes, 2008, p. 154), a construção de uma creche (Lopes, 2008, p. 169), e, posteriormente, a destruição de uma rua, para dar lugar ao alargamento do Campo Almirante Reis nos anos 1960, antiga Praça Académica (A. Fernandes, 2014).

Na década de 1970, surge o Plano Diretor do Funchal (1972), sobre a alçada do arquiteto Rafael Botelho³⁰. Contemplava um conjunto de regras e medidas que deveriam ser respeitadas no desenvolvimento da cidade do Funchal. A conceção do plano contou com o auxílio do *Colóquio de Urbanismo de 1969*, onde os debates e discussões de ideias sobre o futuro da cidade eram de maior importância. Numa breve análise aos textos do Colóquio de Urbanismo, apontam-se algumas críticas. A maioria dos autores meramente apresenta uma perspetiva teórica na discussão de temas urbanos, criando um

²⁷ Figura ímpar na criação de projetos e ações de revitalização urbana e comercial nesta área.

²⁸ Entrevista realizada ao Dr. João Carlos Abreu na sede da Associação CRIAMAR (Associação de Solidariedade Social para o Desenvolvimento e Apoio a Crianças e Jovens), no dia 06 de maio de 2021

²⁹ Esta problemática é discutida por Barata-Salgueiro, (1992); Rio Fernandes (2004), que identificam este problema nas cidades portuguesas e realçam a importância da sua recuperação e revitalização no tecido urbano para a cidade e da sociedade. “O valor dos bairros antigos, que nem sempre são “centros” nem “históricos”, não se limita aos edifícios. É também o valor da localização para os que lá residem ou trabalham, o dos investimentos que receberam, a coexistência de diferentes formas de vida e de atividade” (Barata-Salgueiro, 1992, p. 322)

³⁰ O PDM do Funchal, tendo uma repercussão positiva a nível nacional, pela seu “(...) caráter pioneiro, modernizante e qualificador” (D. da Madeira, 2015, p.16). Este plano seria igualmente designado de “Plano Rafael Botelho” (D. da Madeira, 2015; Rodrigues, 2018)

distanciamento entre a percepção destes e a realidade geográfica da cidade. As medidas estabelecidas para as áreas urbanas por vezes não salientavam o capital espacial, tratando todas as áreas do centro histórico de forma homogénea.

Todavia, destaca-se a sua importância na identificação de problemas urbanos e de medidas para os reverter, realçando-se os problemas ligados ao crescimento desordenado da cidade (Expansão) e à conservação do património edificado com características arquitetónicas singulares (Conservação)³¹.



Figura 12 - Zonamento Geral da cidade do Funchal

Fonte: CMF (1969:178)

Para a Zona Velha, as conclusões retiradas eram concretas, objetivas e cientes da difícil realidade local - no “(...) Bairro de Santa Maria, torna-se urgente a realização de estudos aprofundados de carácter sócio-económico como base para uma ação realista e objectiva (...)” (CMF, 1969, p.186). Foi a primeira vez que a estratégia de intervenção urbana passaria por estudos com o intuito de deliberar as medidas adequadas aos problemas socioeconómicos e urbanos, rejeitando a estratégia de demolição do bairro de Santa Maria deliberado pelo Dr. Fernão de Ornelas.

³¹ Para Rafael Botelho, a renovação urbana era composta por três formas de intervenção, sendo elas, **Replaneamento**, “corresponde àquelas áreas que apresentem um profundo desajustamento ou estrago e cujos edifícios não ofereçam condições satisfatórias para servir as funções urbanas”; **Recuperação**, “aplicável às áreas que embora dispoem de uma estrutura conveniente, contém edifícios em mau estado de conservação ou cuja decrepitude se preveja a curto prazo”; **Conservação**, “diz respeito às áreas de traçado aproveitável com edifícios que podem ou merecem ser mantidos”(Funchal, 1969, p.29)

Para (Fernandes, 2014; Gouveia & Freitas, 1988; Rodrigues, 2018), esta ferramenta de ordenamento, planeamento e gestão do território foi primordial na estipulação de medidas urbanas da salvaguarda do centro histórico. É assumido que o centro histórico é representativo da identidade cultural e histórica da cidade, sendo necessário recuperar e revitalizar, contrariando as medidas de Dr. Fernão de Ornelas. Todavia, rapidamente, o plano mostrou as suas fraquezas no domínio prático, pois “(...) alguns desrespeitos pelas medidas propostas, e a falta de acompanhamento das entidades públicas nas realizações práticas levaram, por vezes, ao agravamento das adulterações e posterior descaracterização dos edifícios e dos espaços” (Gouveia & Freitas, 1988, p. 18).

No domínio comercial foi realizado um levantamento, verificando-se a presença de três estabelecimentos de restauração na Zona Velha³². Dentro deste grupo, o restaurante A Romana, antiga propriedade do Dr. João Carlos Abreu e de mais três sócios, era considerado a atração principal da Zona Velha. Este restaurante surge em 1969³³, e foi “(...) o restaurante era realmente a pedra basilar para salvar a Zona Velha”³⁴. Esta iniciativa comercial surge, numa primeira fase, com o arrendamento de uma habitação em más condições, posteriormente transformada (Camacho, 2002). Com o intuito de ser um estabelecimento diferenciador da realidade da Zona Velha, é elaborada uma transformação estética do seu espaço com vários elementos decorativos, entre os quais a existência de uma grande fonte decorada com flores naturais à entrada do estabelecimento; a colocação de espelhos no teto das casas de banho, tendo a casa de banho das mulheres elementos igualmente diferenciadores com perfumes e rímel à disposição das clientes, a atribuição de nomes de ruas de Roma às mesas, “Quando um cliente reservava uma mesa, dizia que queria ir para a *Piazza Navona* ou para a *Piazza del Popo*”³⁵ e a presença constante de animação musical. Esta influência de Itália no Dr. João Carlos Abreu resulta da sua passagem por este país, enquanto jornalista, sendo o nome do restaurante inspirado na obra literária *A Romana* de Alberto Moravia.

³² Neste mapa apenas foram contabilizados os restaurantes, não incluindo os bares e tascas, estabelecimentos de presença significativa nesta área.

³³ Na entrevista realizada, o Dr. João Carlos Abreu não refere uma data específica de abertura, porém na entrevista realizada por Paulo Camacho refere o ano de 1969 (P. Camacho, 2002)

³⁴ Entrevista realizada ao Dr. João Carlos Abreu na sede da Associação CRIAMAR (Associação de Solidariedade Social para o Desenvolvimento e Apoio a Crianças e Jovens), no dia 06 de maio de 2021

³⁵ Entrevista realizada ao Dr. João Carlos Abreu na sede da Associação CRIAMAR (Associação de Solidariedade Social para o Desenvolvimento e Apoio a Crianças e Jovens), no dia 06 de maio de 2021

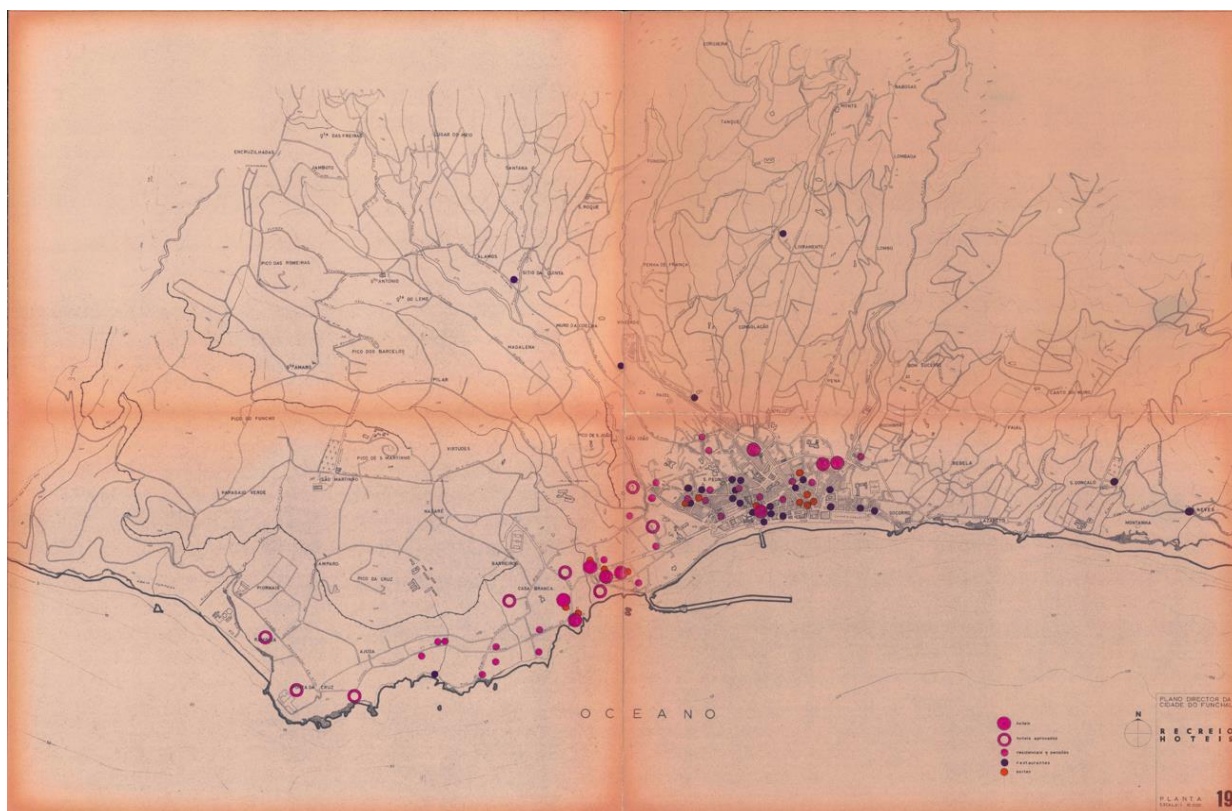


Figura 13 - Levantamento dos estabelecimentos hoteleiros e de restauração

Fonte: Plano Diretor do Funchal (1970) – Arquivo Municipal

A inauguração e rápido crescimento de popularidade do restaurante contou com a presença de diversos jornalistas nacionais, franceses e italianos que partilharam o seu êxito; possibilitou a expansão da capacidade de cerca de vinte lugares é rapidamente expandida pela tamanha procura por parte da população local e estrangeira, e tornou-se num estabelecimento de referência que contou a passagem de ilustres personagens nacionais, entre as quais, Amália Rodrigues, David Mourão Ferreira, Francisco Sá Carneiro. Além do desenvolvimento do projeto do restaurante A Romana, o Dr. João Carlos Abreu impulsionou outras iniciativas de cariz sociocultural, como feiras de antiguidades e a Festa da Cerveja, com o intuito de atrair pessoas para a Zona Velha. Com o aumento de fluxo de pessoas, abriu-se outro estabelecimento, **o Portão** e, conseqüentemente, surgem ainda mais, como o Restaurante o Golfinho, com uma decoração de tema náutico, a Muralha e o Arsénio; “Um conjunto de restaurantes que eram os pilares de desenvolvimento de toda aquela zona”³⁶.

³⁶ Entrevista realizada ao Dr. João Carlos Abreu na sede da Associação CRIAMAR (Associação de Solidariedade Social para o Desenvolvimento e Apoio a Crianças e Jovens), no dia 06 de maio de 2021



Figura 14 - Estabelecimentos da restauração (década 80/90)

Fonte: Gabinete Técnico da Zona Velha (Arquivo Municipal)

4. Processo de Regeneração Urbana da Zona Velha

4.1. Desconstrução Urbana, Socioeconómica e Comercial

A preocupação pela recuperação e regeneração urbana da Zona Velha ganhou maior foco com a intervenção pública do Dr. António Aragão Correia Mendes³⁷, em 1965. Como delegado dos edifícios e monumentos nacionais, na realização de conferências públicas, identificou e alertou para os problemas da cidade no domínio da conservação do património urbano, histórico e cultural. Os argumentos apresentados pelo Dr. António Aragão Correia Mendes demonstram a sua visão estratégica sobre o presente e futuro do desenvolvimento do Funchal enquanto cidade histórica. Um dos primeiros alertas lançados foi a necessidade de consciencializar a sociedade e as entidades públicas e privadas para a conservação da história da cidade através do seu património (Diário de Notícias da Madeira, 1965, p.6).

Face ao crescimento do turismo, a exigência da recuperação e acessibilidade do património histórico-cultural era essencial na disponibilização de monumentos para visitar, consolidando o turismo de lazer com o aumento e diversificação da oferta. O tecido urbano da baixa foi igualmente alvo de discussão, apontando-se a necessidade de restaurar as características arquitetónicas e de elementos singulares da paisagem urbana que se encontravam numa situação crítica, “(...) estão a desaparecer fachadas de prédios, interessantes portais e janelas curiosas e características rezam os seus últimos dias; ruas pitorescas são adulteradas; (...)” (Diário de Notícias da Madeira, 1965b, p.3).

A singular visão estratégica de Aragão Correia Mendes sobre a cidade seria realçada com possíveis medidas de revitalizar o património edificado com atividades comerciais, apresentando-se como exemplo os monumentos históricos, as fortalezas, “(...) depois de devidamente restauradas, a sua aplicação a pousadas, restaurantes ou outros fins de certa dignidade (...) permitirá (...), melhor uso das suas virtualidades presentes” (Diário de Notícias da Madeira, 1965^a, p.6). Estas conferências tiveram um papel relevante no desenvolvimento de perspetivas sobre a cidade do Funchal, influenciando claramente o Plano Diretor de 1972 (Rodrigues, 2018).

A partir da década de 1980, a envolvimento do Dr. João Carlos Abreu na regeneração da Zona Velha, enquanto membro do Governo Regional, Secretário do Turismo e Cultura,

³⁷ Ilustre madeirense nas áreas de História, da Pintura e da Literatura, sendo uma personagem de reconhecimento nacional e marcante do século XX.

evidenciou-se com as medidas praticadas, com a sua intervenção a iniciar-se num edifício emblemáticos o Forte de São Tiago. Segundo o Diário de Notícias da Madeira, 1984b, a transferência da polícia militar teria de se mudar para outras instalações, deixando o espaço disponível para a transformação do espaço em Museu. O reconhecimento do trabalho efetuado pela Secretaria Regional estava a ser analisado por especialistas da UNESCO, que deram um aval positivo, porém, com recomendações na limitação de circulação automóvel e de poluição. Contudo, a Zona Velha não conseguiu vencer o prémio *The Pomme d`Or*³⁸. Todavia, a dedicação na regeneração mantinha a esperança de resolver os problemas identificados³⁹. Neste sentido, passados cerca de cinco meses (Diário de Notícias da Madeira, 1984a), a Secretaria Regional afirmava estar a concluir um dossier sobre a Zona Velha para ser entregue na UNESCO, de modo a salvaguardar o património histórico degradado, e consolidar o apoio das instituições internacionais na defesa e recuperação da área histórica. O interesse das instituições regionais na integração da Zona Velha nas áreas de interesse da UNESCO visava um conjunto de benefícios, entre os quais, a disponibilização de fundos na regeneração urbana e a divulgação turística (Diário de Notícias da Madeira, 1985).

A sociedade madeirense começou a consciencializar-se para a importância das áreas urbanas históricas, refletindo-se na publicação de artigos como o *Salvemos a Cidade Velha*, de 12 de maio de 1985. Nesses artigos, a identificação e descrição das condições preocupantes do património edificado é um dos motivos de maior apreensão, juntamente com a falta de medidas práticas na reversão do panorama urbano e económico. As questões do trânsito automóvel e da deslocação de atividades económicas não foram esquecidas, propondo algumas medidas que só mais tarde seriam aplicadas, como a incompatibilidade das áreas classificadas com “(...) a criação de zonas destinadas a armazéns, indústrias ou outras atividades” (Amaral, 1985, p.3). Neste sentido, são lançadas observações sobre a consolidação das intervenções urbanas com atividades económicas compatíveis, para dinamizar o espaço social e urbano. Também existe consciência das dificuldades em adequar o tecido urbano às medidas propostas no domínio teórico, que é por vezes desfasada. Os proprietários situam-se numa posição sensível, pois não possuem recursos financeiros suficientes para iniciarem uma

³⁸ Prémio que visa louvar a excelência do turismo sobre uma organização, local ou responsável pelo excelente trabalho efetuado na recuperação das políticas de preservação do património.

³⁹ O Dr. João Carlos Abreu chega a afirmar que a sociedade funchalense estava sensível quanto a recuperação, designando a área de “autêntico museu natural, para além de retratar a própria história da Região” (D. de N. da Madeira, 1984b).

intervenção de reabilitação e/ou requalificação urbana de magnitude necessária. Neste sentido, a proposta de participação ativa e de papel de moderação por parte da Câmara Municipal é destacado face aos obstáculos financeiros, sendo considerado como a peça chave no sucesso do processo de regeneração urbana. No domínio económico e comercial, o preço imobiliário e do solo são discutidos pelo seu custo elevado, devido à sua localização na cidade, impedindo o desenvolvimento comercial,

“Quando se compram prédios em ruínas na Rua de Santa Maria por valores que correspondem a mais de 120 contos⁴⁰ o metro quadrado do solo – é difícil imaginar que tipo de edifício (ou de negócio) se tem em vista realizar ali, para rentabilizar tal investimento” (Amaral, 1985, p. 9)

Outro artigo jornalístico, denominado *Zona Velha da Cidade – Um tesouro que é de todos, mas que alguns temam em delapidar*, de 2 de março de 1986, apresenta igualmente uma discussão da realidade local e possíveis soluções. Realça-se a importância dada ao comércio e ao seu papel fulcral na regeneração da Zona Velha. Parte da restauração é criticada por diversos fatores, entre os quais, por não realizar transformações no ambiente interior - “A Zona Velha merece dignidade e respeito pelas suas construções, onde a restauração tem de apostar na qualidade do serviço e da gastronomia de modo a transmitir a melhor imagem possível.”⁴¹

Esta situação não acompanhava as medidas colocadas pela CMF no espaço público, pelas fracas condições de hospitalidade oferecidas, denegrindo assim a imagem da área histórica. Por outro lado, é sugerida a colocação de maior número de esplanadas, de modo a criar um ambiente de animação na interação do contato social e gastronómico. A incompatibilidade de atividades industriais nesta área é novamente colocada, reforçando a sua presença significativa e os devidos incómodos criados, “As oficinas que estão por ali prejudicam uma solução óptica do problema, (...)” (Teixeira, 1986, p.22). No domínio social, as questões relacionadas com a segurança são referidas, destacando-se a prostituição e da toxicodependência. A importância do capital espacial é um domínio referido que esclarece as suas características e todos os processos que desenvolvem a partir destes,

⁴⁰ Aproximadamente 600 euros por metro quadrado

⁴¹ Entrevista realizada ao Dr. João Carlos Abreu na sede da Associação CRIAMAR (Associação de Solidariedade Social para o Desenvolvimento e Apoio a Crianças e Jovens), no dia 06 de maio de 2021

“As características do local não se podem perder. Pelo contrário, devem continuar a ser melhoradas. Há que sensibilizar as pessoas para o que está em curso e quais os objetivos pretendidos em relação ao futuro. O local é suficientemente movimentado para ser ignorado, em termos do social-cultural, histórico e paisagístico.” (Teixeira, 1986, p. 22).

Posteriormente, o GRM criou uma proposta de declaração da Zona Velha de “Zona Classificada” (Diário de Notícias da Madeira, 1986) e a criação de um Gabinete Técnico perspetivando “(...) o acompanhamento das obras de recuperação dos edifícios de particulares e o apoio técnico na elaboração de projetos” (Gouveia & Freitas, 1988, p. 18), aprovado na Assembleia Legislativa Regional (Decreto Legislativo Regional n.º 21/86/M (ANEXO 1). A principal argumentação para este efeito está relacionada com a importância histórica⁴² e interesse turístico. Além do mais, seria reforçada a urgência de intervenção nesta área através do Decreto Regulamentar Regional n.º 21/86/M – Declaração da Zona Velha do Funchal como área crítica de recuperação e renovação urbana.

As primeiras tarefas do Gabinete Técnico prenderam-se com o levantamento do edificado existente, fotografando cada prédio, de modo a conseguir um registo das condições de conservação do edificado. Esta tarefa foi conciliada com as fichas técnicas de Aragão Correia Mendes, elaboradas no intuito do património classificado.

Em 1988, foi elaborada uma brochura designada “Zona Velha”, no contexto da visita de um grupo de jornalistas nacionais, organizada pelo Dr. João Carlos Abreu, que apresentava os resultados obtidos do levantamento.

Segundo o mapa da (Figura 14), a predominância da habitação era evidente, refletindo o ambiente e vivência humana deste espaço, “(..) tinha uma vivência engraçada pois como as pessoas não tinham quintal, faziam o espaço público de quintal. Havia crianças a brincar na rua e pessoas a conversar, era um ambiente de bairro”⁴³

⁴² “A Zona Velha da Cidade circunscrita ao Corpo Santo, está diretamente relacionada com a história do Arquipélago madeirense, dado que ali foram edificados os primeiros edifícios nos tempos que seguiram à colonização da Região” (Notícias, 1986, p.1)

⁴³ Entrevista realizada a Divisão da Reabilitação Urbana e Projetos (coordenadora do Gabinete Técnico da Zona Velha), na CMF no dia 16/12/2021

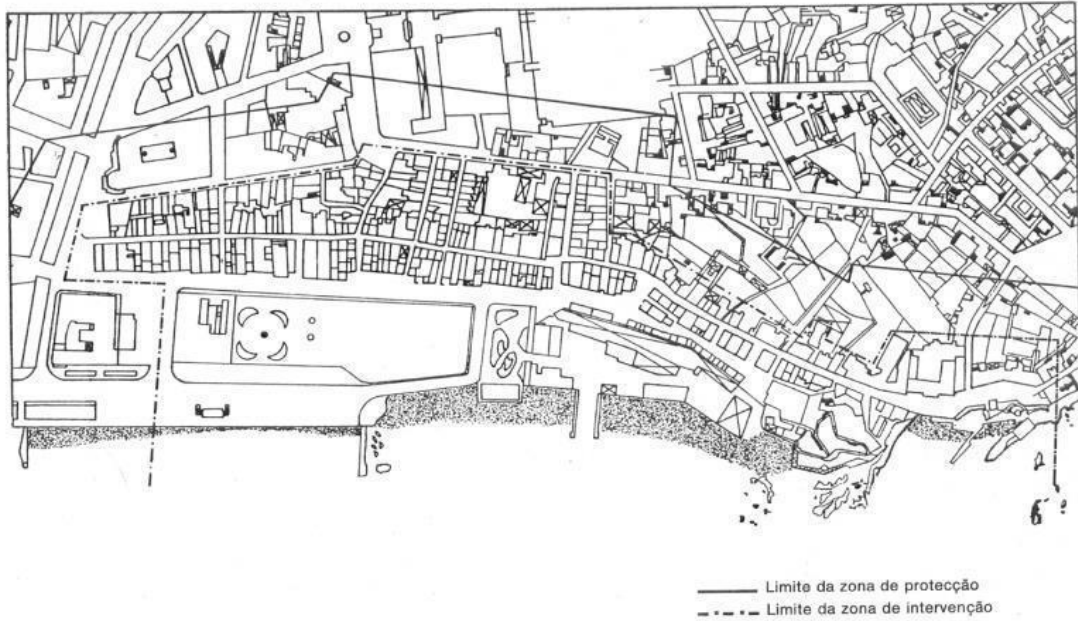


Figura 15 - Limites de intervenção e de proteção da Zona Velha

Fonte: (Gouveia & Freitas, 1988)

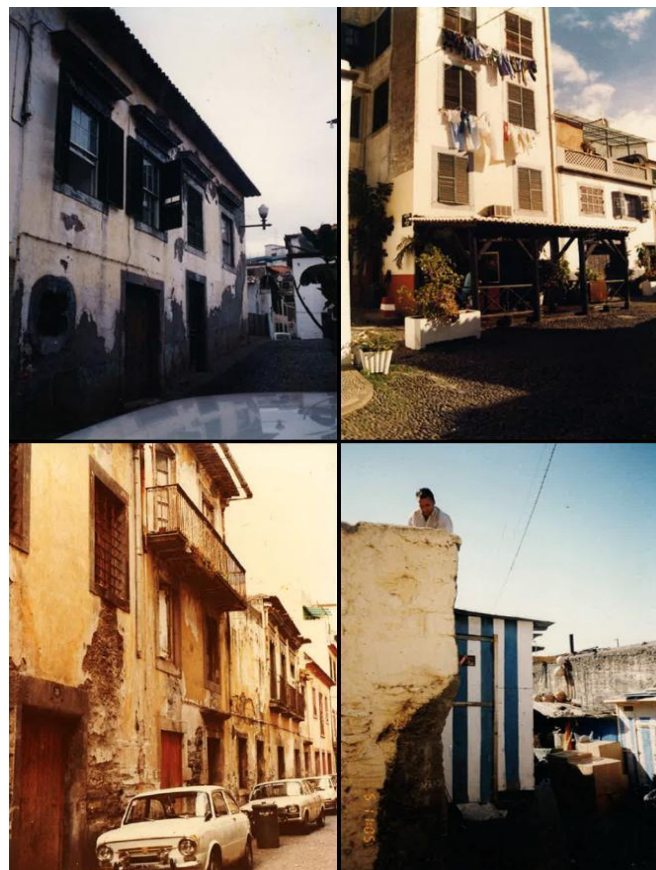


Figura 16 - Levantamento Fotográfico da Zona Velha (década de 80)

Fonte: Gabinete Técnico da Zona Velha (Arquivo Municipal)

No fim da década de 1980, é notável o desempenho institucional das entidades públicas, de modo a encontrarem apoio internacional na regeneração urbana e económica, que se iria refletir no encontro com o embaixador português na UNESCO, que não colocava em causa a hipótese de candidatura da Zona Velha a património da Humanidade. A concretização dessa nomeação implicaria o apoio técnico na conceção dos planos de intervenção urbana e na assistência das atividades comerciais, em particular a restauração. No entanto, a dimensão do projeto e as verbas financeiras necessárias seriam entraves no desenvolvimento do processo de regeneração, implicando “grande dispêndio de verbas, pois, como teria que haver uma acção imediata, há o problema das pessoas que teriam de ser desalojadas e não há dinheiro para fazer essas expropriações.” (Diário de Notícias da Madeira, 1988, p.5).

Na entrevista realizada à arquiteta Alexandra Gouveia (Mara, 1989), coordenadora e elemento do **Gabinete Técnico da Zona Velha**⁴⁵, esta apresenta uma reflexão sobre o Plano Diretor de 1972 e da ação do Gabinete Técnico nesta área. No domínio do decreto legislativo, critica a forma generalista como o plano de ação foi abordado, não respeitando a multiplicidade de espaços e realidades que existem na Zona Velha. Gouveia defende uma revisão do decreto legislativo, colmatando as falhas identificadas, porém considera não haver interesse político nesse sentido. O decreto legislativo exibia um conjunto de regras limitativas no plano de ação do gabinete técnico, “tem que se manter tudo o que está, só que nem tudo vale a pena” (Mara, 1989, p. 7)

O plano de intervenção urbana, devido à multiplicidade de domínios tratados, é age sobre uma perspetiva de recuperação dos hábitos de vida urbana, da melhoria das condições de vida dos residentes, da valorização da componente cultural, e do desenvolvimento das características locais para a atividade turística (Mara, 1989). Nesta entrevista, é destacada uma ideia partilhada pelo Dr. João Carlos Abreu, relacionada com o desenvolvimento de atividades artesanais e comerciais tradicionais, como sapateiros, picheleiros e leiteiros. Para Alexandra Gouveia, a intenção demonstrada é de valorizar e incentivar a fixação destas atividades nesta área, com dois objetivos - a preservação destas “artes num ambiente adequado”, dando o exemplo dos espaços ali criados, a casa do artesanato e galeria de arte, e, a partir das atividades artesanais ali desenvolvidas, criar mecanismos autónomos de regeneração do património edificado.

⁴⁵ Equipa técnica composta: arquiteta Alexandra Gouveia e o engenheiro Pedro Ferreira da CMF; arquiteta Diva Freitas da Direção Regional dos Assuntos Culturais e; arquiteto Fernando Machado da Secretária Regional do Equipamento Social)

A problemática da habitação é também sublinhada, consequência da decadência que provocou um efeito repulsor dos residentes e de possíveis futuros residentes - “(...) é uma zona de habitação e queremos que seja recuperada para esse fim e não transformar tudo em bares, (...)” (Mara, 1989, p. 7). Este panorama reflete o estado de degradação dos edifícios, em que mais de 80% necessitava de recuperação completa.



Figura 18 - Estado degradado de uma habitação da Zona Velha

Fonte: Gabinete Técnico da Zona Velha (Arquivo Municipal)

Os obstáculos no sucesso desta intervenção urbana evidenciaram-se nas entrevistas realizadas (Fernandez, 1989; Mara, 1989), devido à falta de recursos financeiros e de perspetiva dos investidores na Zona Velha, atrasando significativamente a concretização do projeto. No entanto, a falta de consenso e compreensão entre os atores é exibida como o principal obstáculo, impossibilitando a intervenção das medidas e políticas. A estrutura burocrática do Estado reflete-se nos incentivos públicos, sendo o programa **RECRIA**⁴⁶ alvo de críticas pelo tempo de análise dos projetos e pela complexidade de documentos necessários.

A importância deste incentivo nacional é referida com potencialidade, oferecendo verbas que poderão corresponder até 65% dos custos de recuperação dos edifícios. Contudo, é referido por Alexandra Gouveia que uma percentagem de proprietários tem o intuito de desenvolver projetos de reabilitação urbana, para posteriormente desenvolver atividades comerciais nestes espaços, contrariando as regras do programa RECRIA, que se foca apenas no domínio habitacional. É acrescentado que é necessária prudência na instalação das atividades comerciais, pois apresenta-se uma saturação do mercado e especulação imobiliária (Fernández, 1989).

⁴⁶ Regime Especial de Comparticipação na Recuperação de Imóveis Arrendados através do Decreto-Lei n.º 4/88, de 14 de janeiro.

Numa outra vertente, o GRM aplicou políticas de regeneração urbana com a deslocação das instalações da *Madeira Engineering*, empresa focada na reparação naval, para o Caniçal (Diário de Notícias da Madeira, 1989). Esta ação teve o apoio do programa europeu **PITER**⁴⁷, que auxiliou a cooperação de várias instituições (Instituto de Apoio ao Turismo, a CMF, a Administração dos Portos da RAM, a Sociedade Imobiliária do terreno do Arsenal, lda e o Instituto de Desenvolvimento Estratégico da RAM), conseguindo a instalação da unidade hoteleira, jardim público e *promenade* (Abreu et al., 2014). Visava-se iniciar o processo de deslocação das atividades industriais para a periferia do Funchal e/ou para outros municípios, libertando espaços nobres do centro histórico para outras atividades comerciais, acompanhando as novas necessidades do contexto internacional e social.



Figura 19 - Instalações da Madeira Engineering (Arsenal)

Fonte: Gabinete Técnico da Zona Velha (Arquivo Municipal)

A criação do programa nacional **SIFIT**⁴⁸ iria ser mais um instrumento financeiro relevante na regeneração urbana da Zona Velha, com o intuito de fomentar vários objetivos, como financiar a construção e recuperação de estabelecimentos turísticos, casas de turismo de habitação e áreas históricas. Porém, o Secretário de Estado do Turismo, César Torres, afirmou não haver qualquer tipo de projeto para a Zona Velha do Funchal (Pinto, 1990). Só iria alterar-se passados cinco anos, estabelecendo-se um protocolo com o Ministério do Comércio e do Turismo, *Operação Piloto de Valorização Sociocultural e Turística do Núcleo de Santa Maria*, culminando com a recuperação de imóveis, a criação do Centro de Artesanato e Oficinas de Restauro, o Centro de Informação Histórico-Turística e a Associação de Professores Reformados, com intervenções na melhoria do espaço público, com a pavimentação e calcetamento dos passeios. e a

⁴⁷ Programa Integrado Turístico de Natureza Estruturante e Base Territorial - 2002

⁴⁸ Sistema de Incentivos Financeiros ao Investimento no Turismo, criado através do Decreto-Lei nº 420/87

pedonização de alguns arruamentos (CMF, 2014, p.7), contabilizando um investimento que rondou os 335 mil contos (Fernandes, 2016).



Figura 20 - Intervenção de saneamento básico e calcetamento numa das artérias da Zona Velha

Fonte: Gabinete Técnico da Zona Velha

Na década de 1990, o desenvolvimento das atividades comerciais da restauração era referido como um caso de sucesso da transformação urbana, em que “desapareceram antigas oficinas de artesãos, (...) e agora são muitos os estabelecimentos (...) nomeadamente restaurantes, bares e pubs.” (Costa, 1990, p.12). No entanto, a restauração é colocada numa situação sensível e dúbia, pois apesar de ser responsável pela dinamização comercial da área, é acusada de ser responsável pelo barulho gerado até de madrugada. O jornalista João Costa faz uma leitura das transformações da área histórica, alegando que é flagrante o “contraste entre os espaços arranjados ao nível do rés-do-chão e as áreas superiores que pouco ou nada se alteraram.” (Costa, 1990, p. 13). Pode-se afirmar que, numa primeira fase, os estabelecimentos de restauração foram primordiais para as alterações em duas vertentes. Primeiro, na dinamização comercial da Zona Velha, e, em segundo, criar uma posição de charneira face à sociedade, de modo a transformar a imagem e modo de apropriação. O plano de regeneração da CMF passava por uma organização espacial “por quarteirões, por fases” (Costa, 1990), de modo a minimizar os constrangimentos aos residentes e turistas.

Na área onde se localizava a empresa *Madeira Engineering*, viria a ser criado uma unidade hoteleira (Diário de Notícias da Madeira, 1990). A escolha desta área para um investimento desta natureza focou-se na localização privilegiada da Baixa do Funchal, e no desenvolvimento turístico dos anos anteriores. A CMF decidiu realizar e aprovar um estudo do enquadramento deste novo empreendimento, pois a complexidade de uma estrutura de volumetria significativa necessitava de análise de vários enquadramentos (paisagísticos e arquitetónicos)⁴⁹ (Diário de Notícias da Madeira, 1991).

Os avanços e recuos presentes caracterizaram ao longo deste processo, sendo que em 1992, face à inércia na concretização das políticas urbanas, o Dr. João Carlos Abreu iria criticar estes desenvolvimentos no artigo jornalístico “Recuperação da Zona Velha avançará a bem ou a mal” (Pinto, 1992). Os problemas sociais e urbanos continuavam a ser o foco da preocupação, sendo estes multifacetados e complexos, surgindo novos desafios, como o caso dos terminais de autocarros que se localizavam junto ao jardim Almirante Reis (Silva, 1992).

Algumas das políticas urbanas concretizadas iriam começar a demonstrar resultados, sendo um deles a transformação do forte de São Tiago num museu de arte contemporânea, criando um polo atrativo no domínio sociocultural na cidade, dando-se como um ponto de viragem do contexto da altura (Sousa, 1994, p.15). A aposta no domínio cultural esteve presente ao longo do processo, não só no exemplo referido, mas também com outras iniciativas, como o projeto piloto de circuito cultural e turístico⁵⁰(AMJ, 1994); o núcleo Museológico de Imprensa (A. Silva, 1995); e o museu João Carlos Abreu (AMJ, 1998; S. Silva, 1997).

A preocupação e atenção pelas áreas históricas por parte da CMF seria colocada em prática na atribuição de novas designações, sendo o centro histórico do Funchal composto pelo centro histórico de Santa Maria, Sé e São Pedro e Santa Clara (Calisto, 1995), tornando mais fácil os planos de operacionalização de regeneração da diversidade de áreas urbanas do Centro Histórico.

No domínio da habitação, a década de 1990 foi de destaque, com os avanços identificados das políticas urbanas. Na entrevista a Ricardo Silva, vereador do Urbanismo da CMF (Luís, 1996), evidencia-se a convicção nas políticas e mecanismos adotados, de modo a minimizar a calamidade social e dar continuação à reabilitação urbana do tecido

⁴⁹ O projeto do empreendimento hoteleiro propunha a criação de uma zona comercial no nível térreo, espaços ajardinados e uma promenade (D. de N. da Madeira, 1991b).

⁵⁰ Iniciativa que passa pela descoberta da história da Zona Velha desde a sua fundação.

urbano. Uma das afirmações marcantes nesta entrevista reflete a sustentabilidade e planeamento urbano e, acima de tudo, a importância da salvaguarda e manutenção do património sociocultural desta singular área histórica - “O orçamento para a recuperação de um imóvel não vai além dos quatro mil contos⁵¹. Construir um fogo novo para habitação social anda à volta dos 10 mil contos”⁵² (Luís, 1996, p. 4). Para o sucesso de concretização deste mecanismo, a CMF elaborou um protocolo com Instituto de Habitação da Madeira e o Instituto de Gestão e Alineação do Património Habitacional do Estado, para a construção de 400 fogos de habitação social (em Madalena, Romeiras, Quinta Falcão, Canto do Muro e Palheiro Ferreiro), de modo a resolver os casos sociais mais dramáticos e alojar de forma provisória as populações - “As populações que têm raízes nessa zona não podem ser retiradas de lá.” (Luís, 1996, p. 4). Contudo, esta medida viria a falhar a médio-longo prazo, um domínio relevante para a manutenção dos espaços e vivências socio espaciais, porque “muitas pessoas saíram dali o que não era preciso, porque a zona necessita de ser habitada e conciliar os moradores com as vivências da própria zona”⁵³.

Numa tentativa de manter o cariz habitacional na execução do PDM de 1997, a Zona Velha surge classificada como Zona Predominantemente Habitacional e o “miolo” do Funchal de Zona Predominantemente Terciária (CMF, 2014, p.10). A cooperação institucional com as Câmaras Municipais de Lisboa e do Porto é referida como modo a partilhar informações e experiências das principais realidades urbanas dos centros históricos do país.

No âmbito do POPRAM II⁵⁴, a CMF elaborou uma candidatura de financiamento no domínio da “Recuperação do Centro Histórico”. Neste documento, estipula-se o lançamento da Operação Integrada do Núcleo Histórico de Santa Maria. São elaborados os principais pilares de intervenção na Zona Velha (CMF, 1997, p.2):

- “– A manutenção da predominância habitacional;
- O reforço dessa predominância interessando a população jovem;
- A criação de um centro dinâmico e lúdico com a criação de equipamentos culturais de lazer, interessando as galerias de arte, de design e de artesanato;

⁵¹ Aproximadamente 20 mil euros

⁵² Aproximadamente 50 mil euros

⁵³ Entrevista realizada ao Dr. João Carlos Abreu na sede da Associação CRIAMAR (Associação de Solidariedade Social para o Desenvolvimento e Apoio a Crianças e Jovens), no dia 06 de Maio de 2021

⁵⁴ Programa Operacional de Plurifundos (1994/1999)

- A salvaguarda do valor patrimonial do conjunto edificado, impondo a sua coerência construtiva, a escala e o tecido urbano,
- A preferência de espaços ligados às atividades culturais e de convívio,
- A contenção dos espaços de serviços, designadamente de restauração e similares;
- A requalificação do ambiente urbano nos aspectos de segurança, tráfego e ruídos.”

A cooperação entre os *stakeholders* (CMF, GRM e parceiros privados) é mencionada como crucial no processo de intervenção urbana, nomeadamente com os investimentos privados de infraestruturas hoteleiras (CMF, 1997, p. 6).

Numa entrevista ao vereador Ricardo Silva (R. Gonçalves, 1999), mantém-se o foco nas principais linhas de intervenção e apresenta novos projetos no processo de regeneração urbana. A transformação do parque de estacionamento Almirante Reis (Figura 21) num jardim público é um marco relevante na criação de um espaço de lazer e de interação social, contribuindo para a mudança de paradigma de mobilidade na cidade. Complementando a transformação deste espaço, foi apresentado o projeto de construção de um teleférico entre a baixa do Funchal e o Monte, criando uma atração turística na Zona Velha. Na temática do turismo, o surgimento de novos estabelecimentos hoteleiros reflete a capacidade de atração de investimentos privados para a área - “(...) o Hotel Santiago já construído, uma residencial (...) e ainda o futuro hotel Porto Santa Maria a ser construído no antigo Arsenal.” (Gonçalves, 1999, p.15). No domínio público, realça-se a criação do Centro de Recuperação de Toxicodependentes, e a instalação da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior, em 1997 (R.G., 1997), aproximando os serviços públicos primários à população e combatendo falhas de prestação de serviços municipais até então.

Os investimentos públicos e privados, derivados do financiamento de políticas de regeneração urbana, obteve resultados perceptíveis. Neste contexto, o vereador do Urbanismo afirma que “a zona velha já era” (Gonçalves, 1999, p. 15), em que as transformações urbanas contribuíram e consolidaram a nova imagem, conjugado com a nova designação de Centro Histórico de Santa Maria.



Figura 21 - Parque de Estacionamento do Almirante Reis (Década de 90)

Fonte: (Teles, 2020)

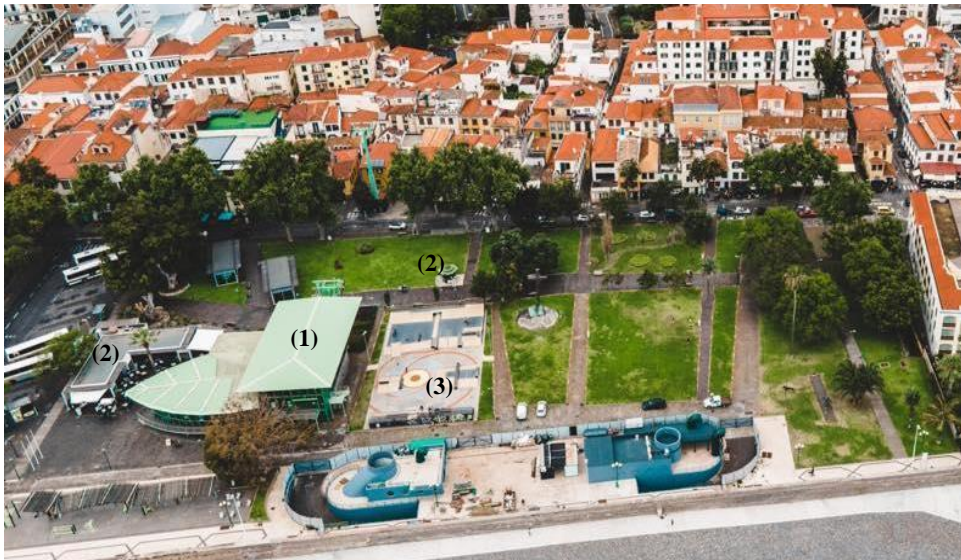


Figura 22 - Jardim do Almirante Reis (2021) - Jardim que contém a (1) infraestrutura do teleférico, (2) dois espaços de restauração e (3) uma pista de skate)



Figura 23 - Imagem alusiva à construção do teleférico que iria ligar a Zona Velha ao Monte

Fonte:(R. Gonçalves, 1999)

| Cronograma Financeiro - F.T./C.M.F | | | | |
|--|----------------------------|--------------------------|------------------|-----------------|
| ACÇÕES | 1997 | 1998 | 1999 | TOTAIS |
| II - EIXOS URBANOS | | | | |
| a) Rua de Santa Maria | 5.945.040\$/660.560\$ | 12.054.960\$/1.339.440\$ | - / - | 20.000c |
| b) Rua do Portão de Santiago | - / - | 70.000c / 7.500c | 8.500c / 1.500c | 87.500c |
| c) Largo do Corpo Santo | - / - | 16.000c / 3.000c | - / - | 18.000c |
| d) Rua D. Carlos I | - / - | - / - | - / - | - / - |
| III - EQUIPAMENTOS SÓCIO-CULTURAIS | | | | |
| a) Centro de Informação Histórico Turístico | 24.898.491\$ / 2.766.499\$ | 3.901.509\$/433.510\$ | - / - | 32.000c |
| b) Museu da Imprensa Regional | - / - | 2.500c / 500c | - / - | 3.000c |
| c) Museu da Electricidade | 13.500c / 1.500c | - / - | - / - | 15.000c |
| d) Núcleo de Artesanato Local e Oficinas de Restauro | - / - | 22.500c / 2.500c | - / - | 25.000c |
| IV - EQUIPAMENTOS DE LAZER E RECREIO | | | | |
| a) Projecto (Almirante Reis) | - / - | 8.000c / 500c | - / - | 8.500c |
| b) Praia de Santiago | - / - | - / - | 18.000c / 2.000c | 20.000c |
| c) Jardim Almirante Reis | - / - | 50.000c / 5.000 | - / - | 55.000c |
| d) Mobiliário, Equipamento e Iluminação | - / - | - / - | 10.000c / 5.000c | 15.000c |
| VII - MONUMENTOS E PESQUISA ARQUEOLÓGICA | | | | |
| a) Levantamento Arqueológico | - / - | 4.500c / 500c | - / - | 5.000c |
| IX - ACÇÕES CULTURAIS | | | | |
| a) Edições de Brochura - Roteiro e História do Núcleo | - / - | 8.000c / 1.000c | - / - | 9.000c |
| X - MOBILIÁRIO URBANO | | | | |
| a) Projectos (Sinalética) | - / - | 4.500c / 500c | - / - | 5.000c |
| b) Mobiliário urbano e artístico | - / - | 4.500c / 500c | - / - | 5.000c |
| c) Sinalética | - / - | - / - | 13.500c / 1.500c | 15.000c |
| TOTAIS (Fundo de Turismo-F.T. 300.000c + Câmara M. Funchal 38.000c) | | | | 338.000c |
| Prédios adquiridos pela CMF dentro do Núcleo Histórico de Santa Maria: | | | | |
| - Prédio à Rua de Santa Maria nº 23, 25, 27 | | | | |
| - Prédio à Rua de Santa Maria nº 168,170 | | | | |
| - Prédio à Rua D. Carlos I, 64, Trav. dos Escaleres 1, 3 | | | | |
| - Prédio à Rua de Santa Maria nº 95, 97/Rua dos Barreiros nº 11a, 13 | | | | |
| - Prédio à Rua de Santa Maria nº 255, 227 | | | | |
| - Prédio à Rua de Santa Maria nº 229 | | | | |
| - Prédio à Rua de Santa Maria nº 206, 208/Rampa do Corpo Santo/Trav. do Portão 1, 2 | | | | |
| - Prédio à Rua Latino Coelho n 24/26 | | | | |
| Obras realizadas dentro do Núcleo Histórico de Santa Maria: | | | | |
| Recuperação do prédio nº 225/227 | | | | 20.398.000\$00. |
| Recuperação do prédio 229 | | | | 14.943.000\$00. |
| Recuperação do prédio à Rua de Santa Maria 23, 25, 27 | | | | 72.242.000\$00. |
| Recuperação do prédio nº 168/170 | | | | 28.679.480\$00. |
| Recuperação do prédio nº 206/208 | | | | 17.422.582\$00. |
| Arranjo de fachadas e coberturas da Rua de Santa Maria, 1ª fase | | | | 6.606.000\$00. |
| 2ª fase | | | | 15.598.000\$00. |
| Arranjo das fachadas e coberturas da Rua do Portão de Santiago | | | | 10.696.316\$00. |
| Calçetamento da Rua de Santa Maria | | | | 25.740.000\$00. |
| Calçetamento da Rua do Portão de Santiago/Largo do C. Santo/Rampas | | | | 33.462.000\$00. |
| Espanadas do Largo do Corpo Santo | | | | 18.562.000\$00. |
| Arranjo do prédio à Rua de Santa Maria nº 95/97 adjudicado no valor de 12.540.122\$00 a ter início brevemente. Arranjo das fachadas e coberturas do Quarteirão Q - Lado Norte do Largo do Corpo Santo - adjudicado no valor 30.948.763\$00 a ter início brevemente. Infra-estruturas Rua Aspirante Mota Freitas/Transversais à Rua de Santa Maria adjudicadas pelo valor de 120.000.000\$00 | | | | |
| Infra-estruturas da Rua de Santa Maria, Rua do Portão de Santiago, Campo D. Carlos I no Valor de 133.000.000\$00 | | | | |

Figura 24 - Investimentos realizados pela Câmara Municipal do Funchal

Fonte: (R. Gonçalves, 1999)



Figura 25 - Prédios que sofreram reabilitação Urbana (esquerda - edifício utilizado pela Junta de Freguesia de Santa Maria Maior e direita - edifício para fins habitacionais)

Fonte: (R. Gonçalves, 1999)

4.2. Acontecimentos no processo de regeneração no início do século XXI

Na continuação da análise dos acontecimentos marcantes na transformação urbana e comercial, o jornalista Emanuel Bento (2001) escreveu um artigo que observa e analisa a diversidade de domínios da área histórica. As carências e adversidades sociais relacionadas com os toxicodependentes continuaram a ser uma realidade persistente em permanecer (Bento, 2001), uma visão igualmente partilhada por João Carlos Abreu, “(...) nas portas das casas, está uma juventude drogada, para quem o mar, os pescadores, os bomboteiros⁵⁵, (...) nada dizem. E, onde havia alegria, existe agora angústia” (Rocha, 2003, p.20).

Duas das maiores intervenções urbanas da Zona Velha, o museu de arte contemporânea na Fortaleza de São Tiago, e o Hotel Porto Santa Maria, apresentam efeitos díspares. O museu apresenta fraca aderência por parte dos residentes e turistas, atingindo um número reduzido de visitantes (aproximadamente 300 pessoas por semana) (Bento, 2001). O hotel é realçado pela transformação do ambiente urbano e das atividades económicas anteriormente presentes neste local. Na viragem do milénio, um residente na

⁵⁵ Segundo Augusto da Silva & Azevedo de Meneses (1998), esta função visava a deslocação até aos barcos que atracavam no porto do Funchal com intuito de “vender fotografias, bilhetes postais e vários produtos produzidos ou fabricados na ilha.” (Augusto da Silva & Azevedo de Meneses, 1998, p. 161)

Zona Velha forneceu o seguinte depoimento sobre o plano de regeneração urbana da área ao jornalista Emanuel Bento:

“Já vivo aqui há trinta e dois anos e desde os meus quinze que ouço falar que vão recuperar isto, mas é só promessas. Fazem uma coisa aqui e outra ali, mas nada em grande. Veja esta casa. A dona quis recuperá-la e não lhe deram nenhum subsídio. A mulher fartou-se de esperar e avançou sozinha.” (Bento, 2001, p. 18)

As dinâmicas na restauração são uma realidade que acompanhou a transformação urbana e económica da Zona Velha, estimulando a regeneração. Restaurantes ícones da década de 1980, como o Golfinho, tinham uma grande atratividade para os consumidores locais. Esta capacidade vinha sobretudo do ambiente interior - “(...) da sua fabulosa decoração repleta de verdadeiros motivos náuticos (...)” (Bento, 2001, p. 19). Face ao desenvolvimento económico e ao investimento privado, este restaurante iria ser comprado e, conseqüentemente, alterar a sua oferta gastronómica para comida asiática. Este é um caso de dinâmicas do mercado imobiliário, em que a procura por investimentos no ramo da restauração se encontrava em crescimento. Estas dinâmicas iriam mudar o público-alvo que iria apropriar o espaço da Zona Velha. O jornalista Emanuel Bento afirma que as transformações urbanas que ocorreram neste espaço urbano são inquestionáveis, porém, os madeirenses cessaram de frequentar tão regularmente como nos anos 1980. Nesta época, os restaurantes e bares constituíam-se como um polo de atratividade da Boémia da noite funchalense, atraindo muitos madeirenses e turistas. Contudo, fruto das transformações comerciais e do aparecimento de outras áreas urbanas em crescimento na atividade da restauração⁵⁶, a Zona Velha voltar-se-ia para o mercado turístico, descartando o consumidor madeirense,

“(...) há muito que deixou de ser “in” passar no “Bananas” para tomar um copo ou comer qualquer coisa. (...). De facto, são poucos já os madeirenses que frequentam a Zona Velha. Praticamente não há um bom bar nocturno para quem sai à noite e queira tomar um copo. Já não há tertúlias literárias no “Why not” (...).” (Bento, 2001, p. 19).

Neste sentido, os habitantes pedem que a Zona Velha volte a criar um ambiente de boémia com bares e animação noturna que consiga atrair ambos turistas e madeirenses.

⁵⁶ Com o surgimento de espaços noturnos, a discoteca *Vespas* na década de 80

No domínio da reabilitação de imóveis, é apresentado um projeto para a conversão de uma habitação para a residência universitária da Universidade da Madeira. Este projeto visava recuperar as características arquitetónicas singulares, sendo acompanhado pela CMF, de modo a “(...) obrigar a que todos os trabalhos em gesso existentes nas diversas salas sejam recuperados ou refeitos conforme o seu estado de conservação.” (C. Gomes, 2002, p.4). Na vertente da regeneração da Zona Velha, a dimensão do projeto (aproximadamente 3600m²) evidencia o desenvolvimento de uma nova dinâmica económica e comercial, aparecendo uma geração jovem com necessidades diferentes da população local, contribuindo para a revitalização social da área.

A CMF apresentava um discurso com o objetivo de criar polos de atração com o incentivo ao investimento e à cooperação pública e privada, na perspetiva de “(...) captar efeitos multiplicadores dos investimentos ao longo dos anos.” (Freitas, 2003, p.31).

Outras dinâmicas que surgem com desenvolvimento notável são os espaços e exposições culturais, complementando a oferta comercial da Zona Velha e auxiliando a regeneração do espaço urbano. Ergue-se a galeria de arte “Pátio – Zona Velha” na Travessa das Torres nº6 (atualmente, bar), com intuito de criar um espaço multifacetado, possibilitando diversos artistas a exporem as suas obras, de uma forma rotativa, e de desenvolver ações de formação em diferentes vertentes artísticas (Xavier, 2003). No museu de arte contemporânea, acrescenta-se a esta dinâmica a atração de artistas de relevo nacional a exporem as suas obras, como a artista Inês Favila (Rocha, 2004).

4.3. Desenvolvimento do comércio e de iniciativas socioculturais

O despoletar de novos investimentos privados na Zona Velha visibilizou-se com a mudança de perspetiva dos investidores, verificando-se uma evolução positiva das políticas e mecanismos públicos e privados, transformando o ambiente social e económico. Um exemplo é o investimento na requalificação do edifício do antigo “Cine Santa Maria” e a transformação de um antigo armazém agrícola em um espaço dedicado à exibição e explicação da história da Madeira – o “*Madeira Story Centre*” (Jornal da Madeira, 2005). Foi visto como um investimento avultado, de 5.593.000 euros, tendo

usufruído de incentivos económicos do programa nacional **SIVEUR**⁵⁷ (Sistema de Incentivos a Produtos Turísticos de Vocação Estratégica).

Com os investimentos feitos na transformação urbana e socioeconómica, a jornalista Marisa Pereira (2006a) apresenta num artigo um balanço geral dos investimentos públicos e privados realizados. Uma possível crítica ao artigo (**TABELA 5**) é a heterogeneidade no retrato dos investimentos feitos, dando primazia aos investimentos públicos, que, apesar do seu papel decisivo no arranque do processo de regeneração, não poderiam ter tido sucesso sem uma estreita interligação com investimentos privados, mais importantes em fases tardias.

Tabela 5 - Investimentos realizados na Zona Velha do Funchal (até 2006)

| Investimentos públicos realizados pela C M do Funchal | Investimentos do domínio Privado ⁵⁸ |
|--|---|
| <u>Infraestruturas de Saneamento Básico</u> – 1.753.000€ | Três unidades hoteleiras – 16.040.357,74€ |
| <u>Promenade/Muralha de proteção marítima e Jardim do Almirante Reis</u> – 3.382.564,71€ | |
| <u>Centro de Informação Histórico Turístico</u> – 156.615,33€ | |
| <u>Equipamentos de Lazer e Recreio na Praia de Santiago</u> – 99.759,58€ | |
| <u>Eixos de intervenção urbana</u> (Rua de Santa Maria, Rua do Portão de São Tiago, Largo do Corpo Santo, Rua D. Carlos I) – 6.360.985,30€ | |
| <u>Total contabilizado</u> – 11.752.924,92€ | <u>Total contabilizado</u> – 16.040.357,74€ |

Fonte: (Pereira, 2006a, p. 19)

Na decorrência destes processos, a fraca aderência e pouca capacidade em atrair consumidores causou descontentamento nos comerciantes na Zona Velha era justificado pela fraca aderência e falta de capacidade de atrair consumidores (Pereira, 2006a). Em retrospectiva, atribui-se à falta de cooperação entre os *stakeholders* dos setores público e privado, e de planeamento de um processo de regeneração com uma visão sistémica e holística enquanto fatores que dificultaram o sucesso dos investimentos. As transformações urbanas e comerciais eram reparados por todos, mas a falta de atividades e iniciativas dinamizadoras detraíam visitantes. Este foi um dos principais argumentos

⁵⁷ Programa de apoio económico às empresas no domínio de inovação e estratégico, estipulado pelo Decreto-Lei n.º 70-B/2000, de 5 de Maio

⁵⁸ Segundo a fonte jornalística utilizada na elaboração deste quadro, os investimentos privados mencionados não incluí os da atividade comercial nomeadamente da restauração e os projetos de intervenção urbana da Zona Velha.

apresentados pelos comerciantes, juntamente com a associação da imagem da Zona Velha à prostituição e toxicodependência, bem patente na opinião de um comerciante: “sinto (..) que existe um isolamento das pessoas da Madeira em relação à Zona Velha” (Pereira, 2006, p.20). A realização de festas locais e de iniciativas culturais foram apontadas como possíveis formas de dinamizar o comércio, e até enquadrar a Zona Velha em eventos festivos marcantes da cidade. Neste respeito, um entrevistado de Pereira (2006) afirma: “Estamos a um palmo do mercado e mesmo assim com aquele movimento todo, estivemos às moscas.”⁵⁹.

A resposta da CMF pelo seu vice-presidente, Bruno Pereira, a esta problemática, é composta por diversos pontos (Pereira, 2006a). Em primeiro lugar, salientou-se o novo mecanismo económico, URBCOM (Sistema de incentivos a Projetos de Urbanismo Comercial)⁶⁰, que permitiu modernizar os estabelecimentos comerciais e atrair um maior número de consumidores, contou com o envolvimento de 120 estabelecimentos comerciais (Abreu et al., 2014, p.34). Em segundo lugar, o apelo ao associativismo dos comerciantes, de modo a criarem uma representação do comércio da Zona Velha para facilitar a colaboração e discussão de ideias com a CMF. O lamento pela falta de iniciativa dos comerciantes é referida como um dos principais obstáculos numa cooperação efetiva entre ambos.

Com o desenvolvimento de novos estabelecimentos de restauração, a estratégia de captação dos consumidores tomou abordagens que prejudiquem estes. Esta realidade é exposta pela jornalista Marisa Pereira (2006c), que analisou estas abordagens, incluindo a opinião de comerciantes. Uma das primeiras estratégias era a recompensa de um valor a indivíduos da área do turismo, como taxistas ou rececionistas de hotéis, ao recomendarem um determinado estabelecimento. Segundo a opinião de um comerciante, este valor será cobrado ao consumidor, diretamente ou indiretamente, sendo este o principal zelado, “O cliente está a ser roubado.” (Pereira, 2006b, p.6). Posteriormente, estratégias com ementas são igualmente ilustradas, em que é apresentada uma ementa com valores mais acessíveis a residentes e outra mais cara a turistas – “(...) não conhece o vinho que está a beber não pode reclamar”. Por fim, ressalta-se a estratégia relacionada

⁵⁹ “Noite do mercado” é a designação utilizada para um dos principais eventos festivos da época de Natal da Madeira. Este evento possui o Mercado dos Lavradores e a sua periferia, como espaços centrais das festividades, sendo realizados iniciativas musicais relacionadas com o Natal. Além do mais, a venda de produtos agrícolas (frutas e hortaliças) são a imagem de marca, apelando ao consumo e preparação destes produtos para a ceia de Natal. A restauração complementa esta dinamização a partir dos vários espaços móveis com a venda de produtos alimentares e bebidas, num ambiente constituído por milhares de madeirenses e turistas.

⁶⁰ Legislado através da Portaria 317-B/2000, de 31 de maio.

com os porteiros dos restaurantes, onde estes abordam os consumidores de uma forma agressiva para convencer clientes a consumir naquele estabelecimento – “tem todas as razões para reclamar e pode dizer que se foi arrastado para o restaurante o mínimo que poderiam fazer era oferecer-lhe um serviço de qualidade” (Pereira, 2006b, p.5). Todos estes procedimentos, prejudicam igualmente a imagem do tecido comercial e da Zona Velha. Este tipo de ações contrariam os argumentos apresentados por Sharon Zukin quanto à restauração, ao denegrirem a autenticidade do serviço prestado ao consumidor (Zukin et al., 2017).

O descontentamento dos comerciantes iria conseguir captar a atenção dos *stakeholders* públicos e privados no desenvolvimento da dinamização sociocultural. A Junta de Freguesia de Santa Maria Maior organizou a festa de São Tiago Menor (padroeiro da cidade do Funchal), com três dias de animação, de modo a atrair a população para esta área histórica e incentivar o consumo local. Segundo Henriques, 2006, denotou-se a presença de temáticas culturais, entre as quais, a realização de noites de fado; música ao vivo; atuação do grupo folclórico de Santa Rita; magia e ilusionismo, e pintura de faces para as crianças.

Em 2006, surge uma iniciativa sociocultural de domínio privado, com colaboração pública, o Projeto *On by Porto Bay* (Figura 25), composto pela exposição de obras artísticas, com a participação de artistas, como pintores, escultores, retratistas e ilustradores, de origem internacional, nacional e madeirense, com animação direcionada para uma panóplia de faixas etárias (Pestana, 2006). Pela primeira vez, é desenvolvida uma iniciativa de dimensão significativa e diversificada na dinamização da área histórica, sendo noticiado pela comunicação social. O objetivo era “(...) ativar artes de fusão e animação diversificada na Zona Velha” (Pestana, 2006, p.15)..

“Ao vivo e a cores, no jardim do Almirante Reis, participam os escultores madeirenses, Daniel Henriques, Martim Veloza, Ricardo Velosa e Sílvio Cró e os continentais Paulo Neves e Xico Lucena. Concentrados no Largo do Corpo Santo, a pintura e retrato vão estar representados por Agostinho Santos, António Quintas, e Joana Rêgo, (...) e Diana Freitas, Georgina Garrido, Gilmar Hapouque e Joaquim Luz. Roque Luís e Graça Reis apresentam trabalhos específicos de serapilheira e arranjos florais, respetivamente.” (Jornal da Madeira, 2006, p.4)

Esta iniciativa contou com a colaboração de dois proprietários de edifícios, que os disponibilizaram para a instalação de iniciativas comerciais e culturais, sendo um

denominado de *Deep House*, na Rua de Santa Maria, com “(...) uma banda desenhada ao vivo por Jorge Rosa, e um *multimedia room* por Gonçalo Gomes” (Jornal da Madeira, 2006), sendo posteriormente ocupado para a festa *Poncha Party*, da responsabilidade do bar *Number Two*. O segundo espaço, *Light House*, na Rua D. Carlos I, foi utilizado para a exposição diversificada de obras artísticas. O Hotel Porto Santa Maria também viria a ser um espaço de dinamização cultural e artística no seu interior e exterior, com exposição de pinturas e fotografias.

As animações e entretenimento contaram com a presença do grupo *Teatral*, sendo uma participação adicional no processo de dinamização do espaço público (Pestana, 2006), juntamente com uma diversidade de entretenimento musical,

“(...) Jazz Combo, Banda D’Além, Ensemble de Percussão do GOEA, Mariachi Lindo, Venerina, Duo Harmonia, Capoeira, (...), Folclóricos de São Martinho, Banda Municipal do Funchal” (Jornal da Madeira, 2006, p.4).

No final do evento, cerca de trinta obras artísticas foram leiloadas num jantar-leilão que ocorreu no Hotel Porto Santa Maria, cujo valor angariado estava destinado à solidariedade social para a Associação de Paralisia Cerebral da Madeira e o Centro de Acolhimento de São Tiago (localizada na Zona Velha) (Diário de Notícias da Madeira, 2006).

Estas iniciativas culturais possuem diversos efeitos no espaço urbano, nomeadamente na dinamização do espaço público, mas também têm no incentivo à instalação de espaços culturais na Zona Velha, complementando a oferta sociocultural e de apropriando-se de espaços desocupados. Esta realidade observou-se com a criação de alguns espaços culturais já referidos, mas esse fenómeno prolongou-se, como o caso da “*Galeria 500*”, criada em 2007, na rua Portão de São Tiago nº 19B, enquanto espaço dedicado à exposição de obras de artistas locais e jovens, “que enfrentam dificuldades em arranjar espaços onde expor os seus trabalhos.” (Rocha, 2007, p.19).

A iniciativa sociocultural “*On Porto Bay*” (PortoBay Hotels & Resorts, 2016) voltaria à Zona Velha do Funchal dois anos depois, em 2008, num formato semelhante. Segundo o CEO do Grupo Porto Bay, António Trindade, verificou-se um aumento da adesão de artistas e visitantes - “Trata-se de um ato de cidadania no sentido das entidades privadas e públicas dignificarem fortemente esta parte do Funchal” (Salvador, 2008, p.29). Com o resultado alcançado no decorrer desta iniciativa bienal, o objetivo na edição

Em relação ao estado de conservação dos edifícios, a CMF viu-se forçada a intervir em quatro casos de elevada degradação, devido ao perigo à segurança dos cidadãos transeuntes da Zona Velha. Esta intervenção passou pela expropriação dos imóveis, devido à incapacidade financeira dos proprietários na sua reabilitação. Numa declaração, o vice-presidente da CMF afirmou que este tipo de procedimentos só ocorre em casos extremos e que não poderão ser multiplicados por todos os edifícios que se encontram nesta situação, devido aos seus elevados custos financeiros (Gomes, 2009). No caso destes imóveis, a intenção é reabilitá-los e transformá-los em espaços dedicados à habitação social de famílias carenciadas.

4.3. Da Devastação e Destruição ao Renascimento Urbano e Comercial

A 20 de Fevereiro de 2010, ocorreu uma das maiores catástrofes naturais desde a aluvião de 1803 (Pestana, 2010), devastando a baixa do Funchal, entre outras áreas urbanas da cidade, e os municípios de Ribeira Brava, Santa Cruz e Câmara de Lobos (Policarpo, 2012). Esta destruição provocou prejuízos significativos no domínio infraestrutural e económico, na ordem dos 1080 milhões de euros (Coelho, 2012), e causou 45 mortes, 7 desaparecidos, 250 feridos, e cerca de 600 desalojados (Policarpo, 2012). A realidade da Zona Velha e da sua periferia refletiam a intensidade da ocorrência desta aluvião⁶¹ - “todos os estabelecimentos comerciais quase que desapareciam no temporal”⁶² (Figura 27). Face à situação, os serviços de socorro tiveram dificuldades em responder a todos os pedidos de ajuda solicitados pelos residentes e comerciantes da Zona Velha, provocando um sentimento de esquecimento, como atestou um residente: “As únicas pessoas que apareceram foram os polícias e só para não deixar ninguém passar”. (Correia, 2010, p.7). Os comerciantes fizeram contas aos prejuízos causados, como no caso do restaurante Jaquet, onde estes foram “uma desgraça mesmo” (Caldeira, 2010, p.15), sentimento refletido em praticamente todos os comerciantes da restauração.

⁶¹ “(...) ruas cobertas por pedras e lama, estabelecimentos comerciais destruídos e máquinas e camiões imparáveis na tentativa de fazer com que tudo possa voltar à normalidade mais rapidamente possível.” (Caldeira, 2010, p.14)

⁶² Conversa informal realizada ao morador Sr. Danilo no Bar Ideal no dia 05 de maio de 2021

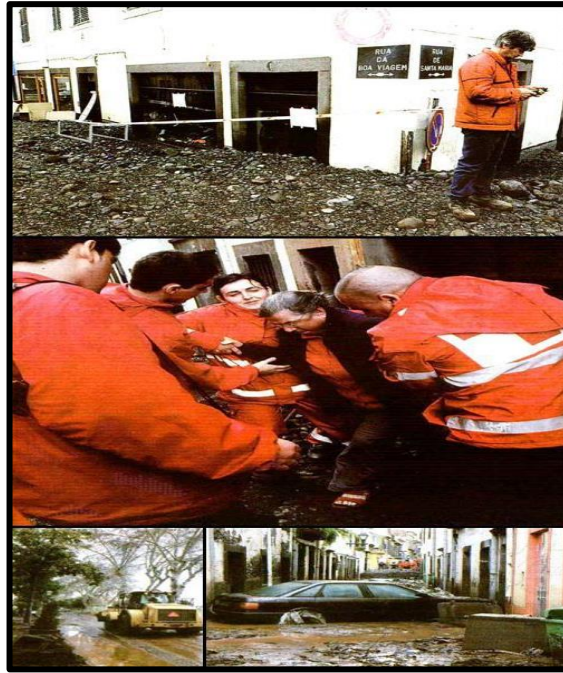


Figura 28 - Artérias da Zona Velha cobertas de entulho

Fonte: Diário de Notícias da Madeira (23 de fevereiro de 2010)



Figura 29 - Estragos provocados pela aluvião de 2010 (Rua D. Carlos I)

Fonte: <https://tiagoto.blogspot.com/2010/02/fotos-mau-tempo-na-madeira-photos-bad.html>

A colaboração e auxílio da UE e do Governo Nacional foram colocados ao dispor do GRM, de modo a responder aos elevados prejuízos causados. Os apoios financeiros foram os principais mecanismos utilizados, alocando verbas para o setor do turismo. O secretário de Estado do Turismo, Bernardo Trindade, confirmou a criação de uma linha de crédito de cerca de 10 milhões de euros para as empresas da hotelaria, restauração e comércio. Este mecanismo apresentava elementos favoráveis para empresas a longo prazo, como uma taxa de juro de 0% (Cardoso, 2010). Este e outros tipos de mecanismos foram fundamentais na recuperação da atividade da restauração na Zona Velha., pois era fundamental para o desenvolvimento desta área histórica.

A CMF também criou mecanismos face à destruição, de forma a não desperdiçar todos os procedimentos de regeneração já implementados, com a formação de uma comissão consultiva multidisciplinar –, Comissão de Requalificação e Embelezamento do Centro Histórico de Santa Maria **CRE-CHSM**⁶³(Anexo 2). Esta comissão era composta por Tereza Brazão, diretora do Departamento de Cultura da CMF, Nini Andrade Silva, designer, Paulo David, arquiteto, Celso Caires, docente do Departamento de Arte e Design da Universidade da Madeira, José de Sainz-Trueva, diretor do museu de arte contemporânea do Funchal, António Trindade, CEO do grupo hoteleiro Porto Bay, e João Carlos Abreu, antigo secretário regional do Turismo e Cultura (Rocha, 2010). A comissão possuía como principais objetivos a criação de “(...) *“letterings”* especiais, melhor enquadramento visual e estético e inovado na *“performance”* cultural da “cidade velha”, incluindo na vertente da animação.” (Rocha, 2010), e a criação de iniciativas socioculturais à semelhança do projeto “On by Porto Bay”. Esta comissão não teve um papel autónomo na colocação de propostas que envolvessem intervenções urbanas pois, segundo o porta-voz da CMF, os investimentos realizados neste âmbito já estavam concretizados. O comércio é igualmente referido na valorização de estabelecimentos inovadores e singulares para consolidar a posição comercial da Zona Velha. Ainda mais, João Carlos Abreu propôs a criação de estabelecimentos comerciais relacionados com atividades outrora presentes, como picheleiros, e enfatizou uma atenção redobrada em contrariar a imagem negativa transmitida por alguns restaurantes. Neste domínio, não se pode esquecer o capital espacial criado pelos seus habitantes.

⁶³ Ata N.º 33/10 - Reunião da CMF realizada em 14/10/2010

Após seis meses da formação da **CRE-CHSM**, surge a primeira reunião entre os vários agentes constituintes, que determinou dez ações urgentes na Zona Velha (Tabela 6). As medidas propostas visaram a dinamização e atratividade da área de um modo efetivo e sustentável, de forma a quebrar alguns preconceitos existentes na população. Estas medidas foram sintetizadas na tabela 6.

Tabela 6 - 10 Medidas de implementação urgente decididas na Comissão de Requalificação e Embelezamento do Centro Histórico de Santa Maria

| | |
|---|--|
| 1. Fecho ao trânsito automóvel da Rua de Santa Maria | 6. Reparação dos três Murais na Rua D. Carlos I |
| 2. Colocação de esplanadas | 7. Abertura do parque de estacionamento Almirantes Reis (até às 2h da manhã e preços especiais a partir das 20h) |
| 3. Abertura dos Altares de Passo e Capela da Rua da Boa Viagem | 8. Deslocação da praça de táxis existentes junto ao Museu da Eletricidade e Ribeiro da Nora para a rua junto ao parque de estacionamento |
| 4. Pintura das portas das ruas por pintores convidados | 9. Melhoramento do jardim nas traseiras do Hotel Porto Santa Maria |
| 5. Melhoramento da iluminação pública nos jardins da Rua D. Carlos I (Almirante Reis) | 10. Sinalética desde a Avenida do Mar e Mercado dos Lavradores a indicar o Centro Histórico de Santa Maria |

Fonte: Diário de Notícias da Madeira (08/03/2011)

João Carlos Abreu, autor do primeiro relatório, reforçou a importância do corte automóvel da Rua de Santa Maria recorrendo a vários argumentos como a segurança e conforto dos peões, e a possibilidade de colocação de esplanadas para dinamizar o comércio e as intervenções culturais (Oliveira, 2011a) (Oliveira, 2011a). Este corte da circulação automóvel não iria abranger a totalidade da rua, decisão que teria consequências na faixa não afetada,

“A Rua de Santa Maria (...) ronda os 630 metros, sendo 350 metros são pedonais e os restantes com circulação automóvel. (...) (da rua travessa das torres até ao fim da rua de Santa Maria) assistimos a uma diminuição significativa da restauração, cafés e do próprio movimento das pessoas.” (Costa, 2013, p.79)

Os cuidados paisagísticos são também uma prioridade para a CRE-CHSM, como o jardim do Almirante Reis, composto por um conjunto de ondulações de modo a representar os movimentos marítimos. Esta intervenção não foi do agrado dos residentes,

porque tirou parte da vista para o mar, nem de outras personalidades, entre as quais João Carlos Abreu, que declarou que não se pode intervir na Zona Velha se não se a compreende (Oliveira, 2011, p.4).

Neste contexto, surge o projeto “Arte d’ Portas Abertas” proposto pelo artista José Maria Zyberchema, defendido e apoiado por João Carlos Abreu, após a abertura do restaurante “Tasca Literária Dona Joana Rabo de Peixe”. Este estabelecimento, na rua de Santa Maria nº 77, marcou o início deste projeto artístico que teria grande repercussão na Madeira, a nível nacional e internacional (Marmelo, 2011), com a pintura do artista Marcos Milewski (Zyberchema, n.d.), simbolizando o processo de dinamização. “Começa com a transformação deste espaço na Tasca Dona Joana Rabo de Peixe, sendo que as portas pintadas e os restaurantes se complementam mutuamente.”⁶⁴ Para Bonati & Portinaro (2019), este fenómeno com origem na comunidade artística local é marcante pela introdução de abordagens *bottom-up*, priorizando a participação e envolvência da comunidade local.



Figura 30 - Primeira obra artística do projeto "Arte de portas Abertas"

Fonte: <https://www.pinterest.pt/pin/443604632044553312/>

⁶⁴ Entrevista realizada ao Dr. João Carlos Abreu na sede da Associação CRIAMAR (Associação de Solidariedade Social para o Desenvolvimento e Apoio a Crianças e Jovens), em 06 de maio de 2021.

Esta forma de aplicação da arte pública no espaço urbano foi analisada pela investigadora Ana Salgueiro Rodrigues, que alega que a transformação e respetiva utilização da arte no espaço público é sinal de uma mudança de paradigma, transacionando-se da arte moderna para a arte contemporânea (Rodrigues, 2013). Este paradigma visou romper com o modo de realização e observação da arte, como elo que possui uma carga simbólica na sua representação,

“(…) a arte pública contemporânea tomará como objeto da sua criação a própria densidade sociológica, histórica, natural, material, política e/ou cultural do espaço público, onde se instalava e para onde fora concebida.” (Rodrigues, 2013, p. 43).

Para Rodrigues (2013), as perspetivas apresentadas pelas entidades públicas na intervenção “Projeto de Portas Abertas”, quanto às funções que as criações artísticas desempenham, são realizadas de modo superficial e numa lógica de embelezamento. Por isso, são vistas como descarte das profundas transformações implícitas neste tipo de intervenção artística,

“(…) procurou uma requalificação profunda do tecido sociocultural da urbe, dando visibilidade a narrativas marginais, cuja excentricidade irá questionar a grande narrativa identitária da cidade, construída ao longo do tempo pela História oficial, e superficialmente reescrita pelo marketing turístico” (Rodrigues, 2013, p.44).

As técnicas artísticas na intervenção das portas não seriam apenas de pintura, mas também de escultura, fotografia, vídeo e música (Marmelo, 2011). Esta intervenção objetivou quebrar o estigma social da área histórica, alertar para o estado de degradação do património do edificado persistente, e, conseqüentemente, transformar o ambiente urbano (Marmelo, 2011).

Face às intervenções artísticas e de dinamização sociocultural, os comerciantes da restauração, numa posição de associativismo, decidiram organizar a “Primeira Feira Gastronómica do Atum”, decorrente entre 29 de abril e 7 de maio. Esta iniciativa visou “recriar um ambiente de festa numa zona histórica desde sempre ligada à faina e que sempre se associou às tradições das gentes do mar.” (Oliveira, 2011b, p.6). Estas iniciativas funcionaram como mecanismos de consolidação da posição estratégica da restauração e de atração de novos consumidores locais e turistas. Os organizadores desta iniciativa apresentam três argumentos para o sucesso da realização desta: (1) “a gastronomia de qualidade em torno do atum”; (2) “a animação de rua, com recurso aos

grupos folclóricos, bandas filarmónicas e tunas académicas”; (3) “o ambiente de arraial, já que as ruas estarão enfeitadas para a festa de São Tiago” (Oliveira, 2011b, p. 6).

Na sequência destas intervenções na Zona Velha, o Dr. João Carlos Abreu volta a ser entrevistado sobre as ideias e projetos que podem ser realizados (Ornelas, 2011). Entre as ideias mais salientadas, reforçou-se a diversificação do comércio com lojas de atividades históricas (Rocha, 2010)), para consolidar e dar a conhecer a história comercial - “A ideia é transformar a Zona Velha num museu vivo, - não só com restaurantes e tascas - mas ter outras lojas, boutiques” (Ornelas, 2011, p. 4). Contudo, a importância da atividade comercial da restauração não é subjugada, fortalecendo-se que a colocação de esplanadas na rua de Santa Maria traria novas dinâmicas comerciais e sociais entre madeirenses e turistas. Também é defendida a adaptação do regulamento de abertura de novos espaços comerciais na Zona Velha, ambicionando-se uma melhor gestão e ordenamento do tecido comercial, e evitar possíveis fenómenos de homogeneização e banalização do comércio. Todavia, a falta de regulamentação dos espaços comerciais e das regras estipuladas no PDM perduram.

A relevância do projeto “Arte d’Portas Abertas” é referida como um mecanismo de transformação da área - “Quando todas aquelas portas estiverem pintadas, cada uma com a sua história, vamos conseguir concentrar ali uma espécie de museu aberto, de pintura e escultura, dando àquelas casas outro ar.” (Ornelas, 2011, p. 5)

Com a continuação do processo de regeneração urbana, emergem personalidades com perspetivas diferenciadas do decorrer do processo. O arquiteto Luís Vilhena defendia que não era apenas pelo projeto artístico que seria alcançado o objetivo de atrair pessoas, mas também pelo conjunto de características urbanas e arquitetónicas que tornam a Zona Velha num espaço urbano singular, acompanhado pela diversidade e qualidade da oferta da restauração (Ornelas, 2011). Quanto à metodologia de intervenção urbana, defende a necessidade de analisar a área pelo seu “caráter, qualidades e fragilidades” e, deste modo, executar um plano de intervenção objetivo e efetivo segundo a sua realidade. A relevância da atividade da restauração no sucesso de qualquer plano de intervenção é reforçada, com enfoque na diversidade e qualidade da oferta de restaurantes e bares (Ornelas, 2011).

Estas dinâmicas urbanas e comerciais não refletem todos os domínios no processo de regeneração urbana, acrescentando-se a perda de população residente. Segundo uma comerciante, há cada vez mais consumidores no seu estabelecimento comercial (cabeleireiro), em contraste com o despovoamento da área envolvente (Caires, 2011). Este fenómeno ocorre devido a um conjunto de fatores, como a deslocação da população

residente para bairros sociais para a realização das intervenções necessárias, levando, por um lado, à população perder o interesse de voltar, devido à existência de melhores condições habitacionais nos sítios de realojamento. Acrescenta-se a ausência de intervenções no património edificado por parte dos poderes públicos e de investidores privados, o que dificulta a entrada de novos residentes.

“Cerca de 90% da população que saiu daqui para habitação social, depois já não quis voltar. Tinham melhores condições onde estavam, não queriam saber das casas velhas”⁶⁵

A consolidação comercial da restauração é um fenómeno efetivo e visível, alicerçados pela diversidade e qualidade. Os estabelecimentos com animação musical (fado) são exemplos. Os restaurantes “o Arsénio’s” e “Marcelino Pão e Vinho” são dois, onde o fado é das principais atrações de consumidores, com uma oferta gastronómica semelhante (regional e nacional), no caso do primeiro estabelecimento, e a gastronomia à base de petisco no segundo, contribuindo para a construção de um ambiente informal e popular (Caires, 2011). Além das preocupações com a oferta gastronómica, de modo a evitar a saturação dos consumidores, a diversificação dos artistas musicais é importante na atração destes. Outro tipo de estabelecimentos, como as mercearias, sobrevivem numa apresentação popular e tradicional, porém, com problemas estruturais, face à degradação dos prédios⁶⁶. Por outro lado, alguns destes tipos de estabelecimentos foram alvo de modernização e inovação, como a “Venda Velha”. O ambiente renovado, à semelhança das mercearias antigas (Figura 30), contribui significativamente para a sua afirmação e diferenciação no tecido comercial (Gonçalves, 2011). Este bar é um dos ícones da boémia noturna da Zona Velha, com a confeção de poncha⁶⁷, e da animação musical, atraindo muitos turistas e madeirenses, em especial os mais jovens, sendo destacado pelo proprietário enquanto ator positivo na revitalização da área. Neste sentido, o sociólogo António Teixeira Fernandes apresenta uma perspetiva relativa ao vinho que pode ser adequada à poncha, pela sua relevância e significado,

“Cada bebida está sujeita a regras e a modalidades próprias de utilização. Há momentos adequados, assim como lugares específicos para ser tomada.

⁶⁵ Entrevista realizada ao morador X desta área no Bar Ideal no dia 05 de maio de 2021

⁶⁶ O que atualmente já não se consta a presença deste tipo de estabelecimentos comerciais.

⁶⁷ Além das típicas ponchas “à Pescador” e “Regional”, são confeccionadas diversas ponchas: de hortelã; tangerina; absinto; morango; kiwi; maracujá; tomate inglês; preta; nêspera; pitanga e tabaibo (figo da Índia).

Obedecem ainda a rituais próprios. Uma ordem convencional que regula o seu consumo. É não só um consumo cultural, como ainda um complexo cultural.” (Fernandes, 1997, p.26)



Figura 31 - Recriação do ambiente tradicional de Mercearia

Fonte: https://www.tripadvisor.pt/LocationPhotoDirectLink-g189167-d4317579-i69662985-Venda_Velha-Funchal_Madeira_Madeira_Islands.html

Neste quadro de projetos e iniciativas de dinamização da Zona Velha, surge a “Feira da Lagartixa”, dedicada à venda de objetos em segunda mão. Realiza-se nas manhãs de sábado em algumas artérias da área histórica, conseguindo atrair pessoas num horário pouco apelativo (Gonçalves, 2011).

Face à proximidade do Mercado dos Lavradores e da Zona Velha, estes dois espaços apresentam fenómenos socioespaciais e comerciais que ultrapassam a proximidade física. O Mercado dos Lavradores reúne e relaciona as temáticas comerciais, culturais e gastronómicas. A venda de produtos frutícolas, agrícolas e piscícolas são o principal palco de atração de consumidores, em particular turistas, vindo na possibilidade de observar e provar alguns destes produtos no seu estado mais primitivo. A ligação entre estes passa pela capacidade de observar e apreciar as matérias-primas regionais, no Mercado dos Lavradores, e a confeção e transformação destas matérias-primas em pratos de gastronomia regional, nos estabelecimentos de restauração. Um transeunte refere: “Vim ali do Mercado dos Lavradores e o movimento das pessoas chamou-me à atenção, por isso não resisti em cá passar.” (S. Gonçalves, 2011, p. 17).



Figura 32 - Movimento noturno do Bar Venda Velha

Fonte: <https://www.facebook.com/vendavelha/photos/4216794595012628>



Figura 33 - Feira da Lagartixa na Travessa de Acciaolli (21/08/2021)

Com o desenvolvimento do projeto “Arte d’ Portas Abertas”, surgem as primeiras impressões da comunicação social regional, que salientam a elevada qualidade dos trabalhos artísticos. Entre as obras artísticas concluídas, a obra do artista José Fernandes tocou jornalistas, madeirenses e turistas pelo seu impacto visual e singularidade. O artista explicou o significado da obra:

“A imagem representa o dia-a-dia das pessoas, os horários que têm de cumprir e o stress a que estão sujeitas, mas sobretudo os pensamentos que querem manifestar, mas a sociedade não deixa” (S. Gonçalves, 2011a, p. 25)

Na perspetiva do artista, a regeneração cultural da Zona Velha não pode ficar pelo projeto em vigor, sendo necessário desenvolver outros projetos relevantes para atrair pessoas. Os próprios comerciantes aplaudiram e apoiaram a iniciativa, pois viram os seus estabelecimentos com mais consumidores, promovendo a transformação do ambiente social, e quebrando com preconceitos sobre a Zona Velha (S. Gonçalves, 2011e).

Após um mês da publicação deste artigo, dar-se-ia a terceira edição da iniciativa sociocultural “*On By Porto Bay*”, nos moldes semelhantes às anteriores edições (S. Gonçalves, 2011d). Esta iniciativa iria complementar a demonstração das obras realizadas do projeto “Arte d’ Portas Abertas”.

A diversidade de artistas e de obras são elementos diferenciadores desta edição. Entre os principais destaques, refere-se a presença de uma bordadeira, na promoção e divulgação de um ofício histórico em declínio. Contudo, o bordado da Madeira é um dos produtos comerciais mais reconhecidos internacionalmente devido à sua elevada qualidade de fabricação, com um valor acrescentado significativo (S. Gonçalves, 2011c). Os três espaços urbanos desocupados foram, uma vez mais, palco de exposições de várias obras de arte, como no caso do espaço “*Light House*”,

“(…) vimos o mundo desmitificado, o pluralismo desafiante, a fusão de interesses, os gestos que fazem a diferença, a arte com sons ou tons e emoções de gente orgulhosa da sua história da zona antiga cada vez mais nova e promissora.” (Oliveira, 2011b, p.5).

Nas tertúlias entre artistas e população surgem novas perspetivas sobre o futuro da Zona Velha, como o desenvolvimento de novos espaços culturais e de uma escola de arte, e a diversificação das atividades comerciais. No entanto, destaca-se a falta de perspetiva em relação ao setor da restauração, um dos pilares da Zona Velha desde o fim do século XX (Oliveira, 2011b).

O depoimento do sucesso desta iniciativa é registado pela maioria dos intervenientes. Sublinha-se a ideia apresentada por um pintor, que realçou o papel do grupo Porto Bay enquanto incentivador e projetista da dinamização da Zona Velha (Gonçalves, 2011b). Este aspeto é igualmente referido no Relatório de Sustentabilidade

do Grupo Porto Bay (2016), intervindo com a responsabilidade de um agente ativo no espaço público,

“Desenvolvemos, organizámos e produzimos, nos anos 2006, 2008 e 2011, o festival *ON Fusion Art by Porto-Bay* que teve por objetivo dinamizar culturalmente a Zona Velha da cidade do Funchal (Madeira), zona esta circundante ao nosso hotel Porto Santa Maria.” (PortoBay Hotels & Resorts, 2016, p. 5)

O CEO do grupo hoteleiro Porto Bay, António Trindade, ao ser entrevistado sobre possíveis alterações na organização desta iniciativa, defende a continuidade das linhas gerais da iniciativa, num quadro temporal bienal. Neste sentido, refuta a possibilidade da iniciativa ser anual devido aos elevados custos logísticos e desvalorização do valor das obras artísticas para fins de solidariedade social (S. Gonçalves, 2011a).

Além do mais, dois dos elementos que compõem a C.R.E.–C.H.S.M. demonstram as suas perspetivas sobre esta iniciativa e sobre a Zona Velha. Para a designer Nini Andrade, este tipo de iniciativas têm o potencial de transformar o ambiente físico e social, dinamizando a Zona Velha. Para António Trindade, é importante a criação de um fundo imobiliário com mecanismo de intervenção urbana nesta área e de cooperação entre os domínios público e privado (S. Gonçalves, 2011f).

Outra iniciativa sociocultural sucede-se, desta vez, relacionada com a poesia. Um conjunto de 18 autores elaboraram a sua escrita poética próxima às portas intervencionadas pelo projeto “Arte de Portas Abertas” (S. Gonçalves, 2011b). Esta iniciativa vinha complementar e diversificar a regeneração cultural desenvolvida após a aluvião de 2010. A transferência do Museu do Brinquedo para uma das artérias da Zona Velha (rua Latino Coelho), viria a contribuir para a diversificação sociocultural, com a ideia de criar um espaço onde houvesse a interação da “cultura, tradição, arte, comércio e restauração” (Henriques, 2014), numa localização privilegiada da cidade.

A atividade comercial acompanharia esta nova dinâmica impulsionada pelas iniciativas socioculturais, pelo interesse de investidores privados e valorização do tecido comercial existente. Este fenómeno reflete-se no desenvolvimento da empresa “*Bas-fond: Sociedade de Exploração de Bares*”, com cinco espaços de restauração de vertentes diversificadas (Branco, 2012). Neste conjunto, existem dois cafés/bares “*Grand Cafe Columbus*” e “*Bar 23*”, sendo que este último se diferencia pela construção de um

ambiente festivo com a colocação de música dos anos 1960/2000; dois estabelecimentos de restauração, “*Story Center*” e “*Dona Maria*”, sendo que o primeiro mantém as linhas tradicionais desde a sua abertura e o segundo procura apresentar originalidade na sua abordagem comercial, tendo “(...) principal objetivo divulgar gastronomia madeirense.” (Branco, 2012, p. 14). Por fim, o último espaço comercial a ser aberto ao público passou por uma transformação física e de conceito comercial, de uma tasca tradicional para um espaço comercial gourmet, especializado em produtos regionais e nacionais. Este espaço propicia o consumo da ginja de Óbidos e do Cural das Freiras, e a possibilidade de venda para o exterior de um outro conjunto de produtos gourmet (Branco, 2012).

Em 2013, face às intervenções urbanas realizadas na Zona Velha, o prédio onde se encontra o restaurante “*A Taberna da Esquina*” (Rua de Santa Maria nº119, 121 e Travessa João Caetano) foi premiado pela CMF com o Prémio de Conservação do Património, com o incentivo de 2.500€. O proprietário relatou a sua satisfação com a premiação - “(...) este espaço “fantástico” e centenário vem valorizar a zona onde se insere, que merece espaços condignos, (...)” (I. Camacho, 2013).

A diversidade comercial iria continuar a desenvolver-se com a abertura de espaços comerciais inovadores, empenhados na qualidade e na diversidade. Os estabelecimentos como “*Alfazema e Chocolate*” (Lacerda, 2013) e o “*Hostel Santa Maria*”⁶⁸ (I. Camacho, 2013; Cardoso, 2014; Oliveira, 2014) são exemplos do desenvolvimento da dinâmica comercial na Zona Velha. O empreendimento “*Hostel Santa Maria*” apresenta várias valências, com a junção de dois espaços comerciais (bar e restaurante), totalizando um investimento na ordem dos 700 mil euros, com apoios europeus e regionais (Sistema de Incentivos), e a criação de 25 postos de trabalho, enquanto manteve as características arquitetónicas originais.

A afirmação e valorização da restauração da Zona Velha do Funchal foi e é realizada com a aposta no mercado turístico, com notoriedade internacional. O jornal sueco *Ilta-Sanomat* classificou o restaurante “*Sabor a fado – Casa de Fados*” como um dos 12 melhores locais do mundo para visitar (Pestana, 2014). Esta atribuição é justificada pela genuína música feita pelos fadistas e a qualidade da gastronomia madeirense.

“A restauração é fundamental na dinamização visto ser um fator de atratividade, contudo contém o efeito reverso com a expulsão de população local devido ao ruído gerado”. (Departamento de Economia e Cultura da CMF)

⁶⁸ Primeira unidade hoteleira desta tipologia a ser aberta na Madeira (Camacho, 2013).

Contudo, o conflito de interesses entre os comerciantes e os moradores iria aprofundar-se, com os moradores a queixar-se do ruído de madrugada (Caires, 2013; Fernandes, 2014). Por outro lado, os proprietários dos bares afirmam não poderem acabar com a animação noturna, pois é o ponto alto da faturação dos estabelecimentos. Face a esta realidade, os moradores decidiram escrever mensagens de ordem, “*O ruído é crime*” / “*Exigimos Justiça*” / “*Noise is a crime*”, espalhadas por algumas portas da Zona Velha, criticando a inação da CMF em estipular regras de funcionamento dos estabelecimentos comerciais.

No contexto habitacional, destaca-se a sua maior escassez e vulnerabilidade. reflexo da diminuição da população residente,

“Eu nasci aqui, Ele nasceu aqui (aponta para um outro residente), a Raquel nasceu aqui. Somos os últimos vizinhos que restam...”^{69 70}



Figura 34 - Santa Maria – Hostel & Restaurant

Fonte: <https://www.santamariafunchal.com/pt>

A CMF decidiu elaborar o “Estudo de Caracterização e Diagnóstico do Comércio e Serviços do Funchal”, no âmbito do Programa de Revitalização do Comércio e Serviços do Funchal (Abreu et al., 2014). A realidade urbana e comercial dos centros históricos

⁶⁹ Entrevista realizada ao morador X, no Bar Ideal, no dia 05 de maio de 2021.

⁷⁰ Esta afirmação do morador, diz respeito aos prédios históricos habitados, não incluindo os prédios que recentemente (de 20 a 30 anos) foram construídos.

das cidades portuguesas é consequência dos principais fatores determinantes no seu despovoamento, sendo atribuídas responsabilidades à especulação imobiliária, à terciarização e ao envelhecimento da população. Este despovoamento apresenta diversos danos colaterais no tecido urbano, com a degradação do edificado e aumento da insegurança (Abreu et al., 2014, p. 21).

No domínio comercial (Figura 34), analisou-se a localização e distribuição dos estabelecimentos de restauração. A rua de Santa Maria surge como a segunda rua da área de estudo com maior concentração de estabelecimentos, com 23 espaços comerciais. A relevância da restauração na realidade comercial do Funchal é sublinhada, como o ramo comercial com maior oferta, de 343 espaços, correspondendo a cerca de 24,5% de todos os estabelecimentos (Abreu et al., 2014).

Refletindo as dinâmicas territoriais, a (Figura 35) foi obtida conforme um conjunto de indicadores e reflexões do Estudo de Caracterização (Abreu et al., 2014). Não sendo estes mapas propostas finais, contêm informação base em vista a identificar e elaborar as medidas adequadas com a realidade espacial. Quanto aos fatores principais identitários das dinâmicas, destacam-se “a captação do “movimento” e das “trajetórias” percecionadas em campo e “que traduzem a dinâmica dos consumos” (Abreu et al., 2014, p. 166). Foram identificadas dinâmicas positivas e negativas perante a realidade constatada, consoante uma utilização que potencializa o espaço ou evidencia um subaproveitamento do potencial no tecido urbano. Estas dinâmicas são formalizadas a partir de três temáticas e os seus subdomínios: “a) Sistema urbano e o ordenamento territorial onde acontecem as diferentes interações entre o passado e o futuro; b) Territórios de competitividade, de conhecimento e inovação; c) Territórios de qualidade de vida e bem-estar;” (Abreu et al., 2014, p. 166).

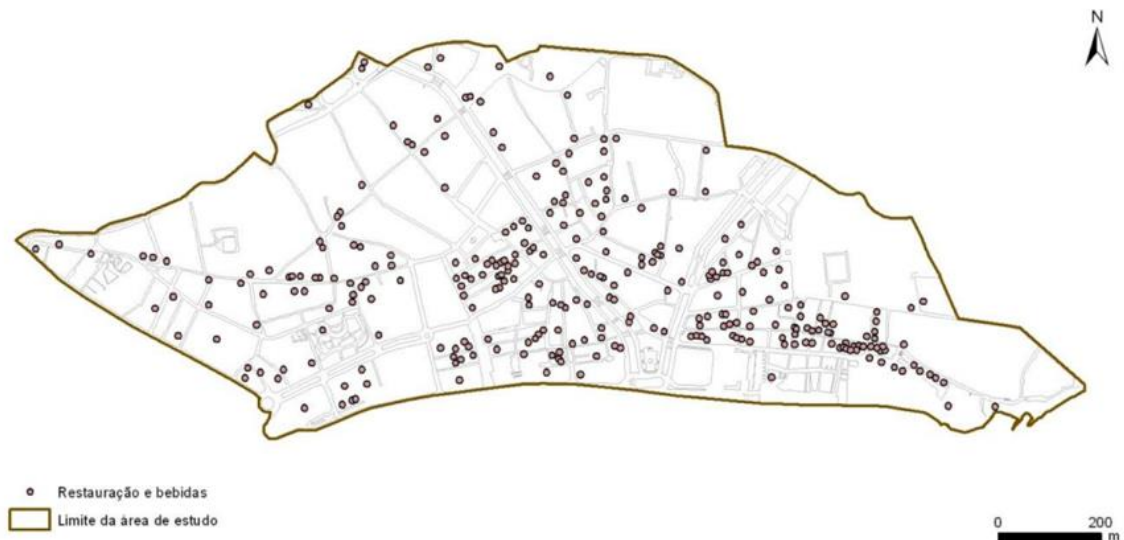


Figura 35 - Edifícios da área de estudo com restauração e bebidas (2014)

Fonte: (Abreu et al., 2014, p. 104)

Na análise do mapa (Figura 35), a área de estudo apresenta duas realidades distintas quanto às suas dinâmicas. Nas dinâmicas positivas, constata-se que o início das ruas Latino Coelho, da Rua da Casa da Luz e cerca de metade da Rua de Santa Maria são as áreas com dinâmicas positivas. É confirmado pela proximidade ao Mercado dos Lavradores, um edifício com grande capacidade de atração de consumidores locais e turistas, nas duas primeiras ruas mencionadas anteriormente, e pela concentração e diversidade dos estabelecimentos de restauração presentes, juntamente com o projeto artístico das portas abertas na Rua de Santa Maria. A dicotomia da Rua de Santa Maria terá como fatores responsáveis a distribuição heterogênea da restauração e das portas pintadas, criando disparidades na atração e movimento das pessoas, algo confirmado igualmente por (P. Costa, 2013).

O mapa da (Figura 36) representa o zonamento do comércio e de serviços da área de estudo. A formulação e organização do mapa foi realizada com o objetivo de delimitar as áreas urbanas segundo as componentes comerciais e de serviços presentes. Não tendo o objetivo de restringir o uso, a atribuição das diferentes designações (Alta polaridade, Áreas a condicionar e Áreas a incentivar) procurou referenciar parte das características segundo um determinado tipo de oferta (Abreu et al., 2014)

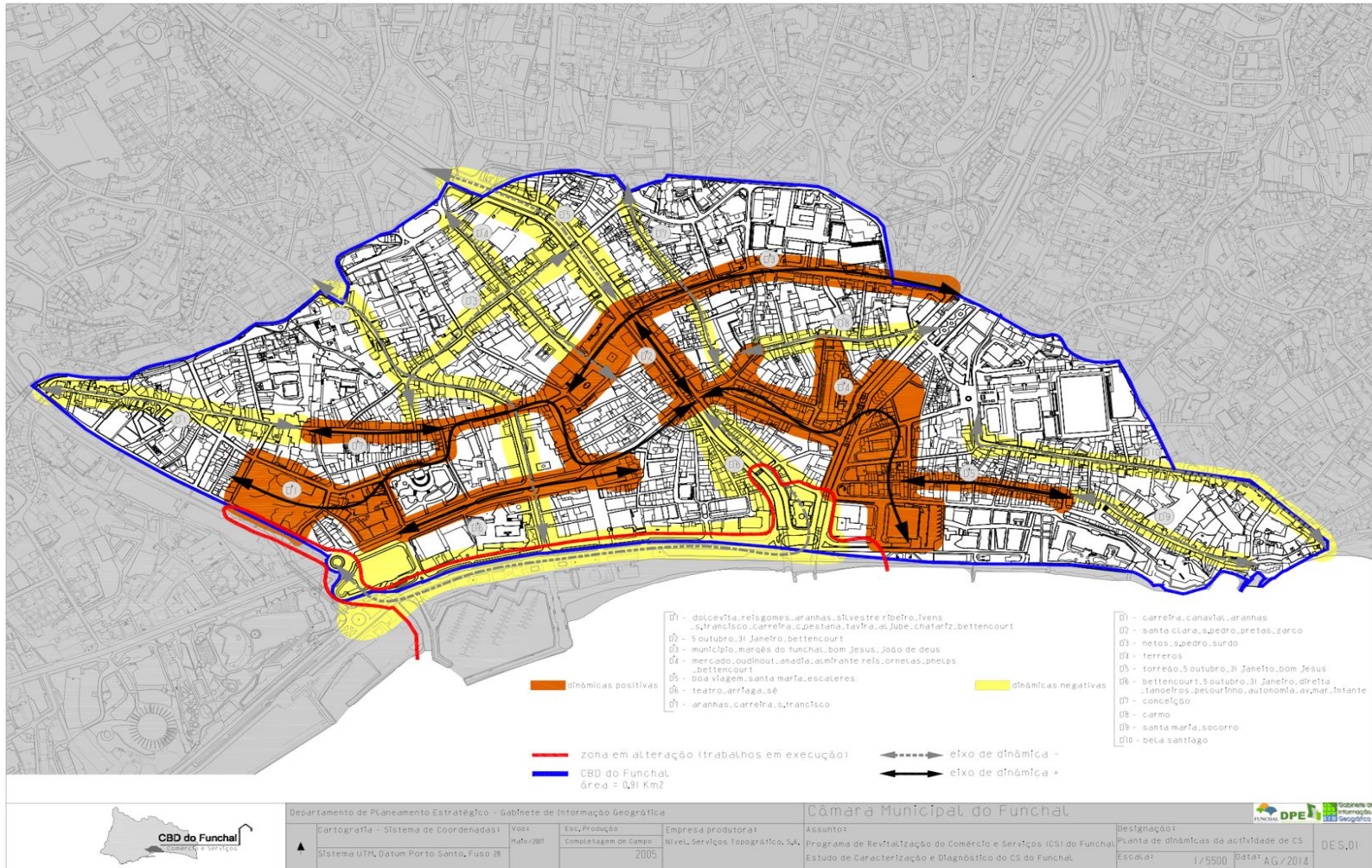


Figura 36 - Dinâmicas Territoriais: Zonamento

Fonte: (Abreu et al., 2014, p. 116)

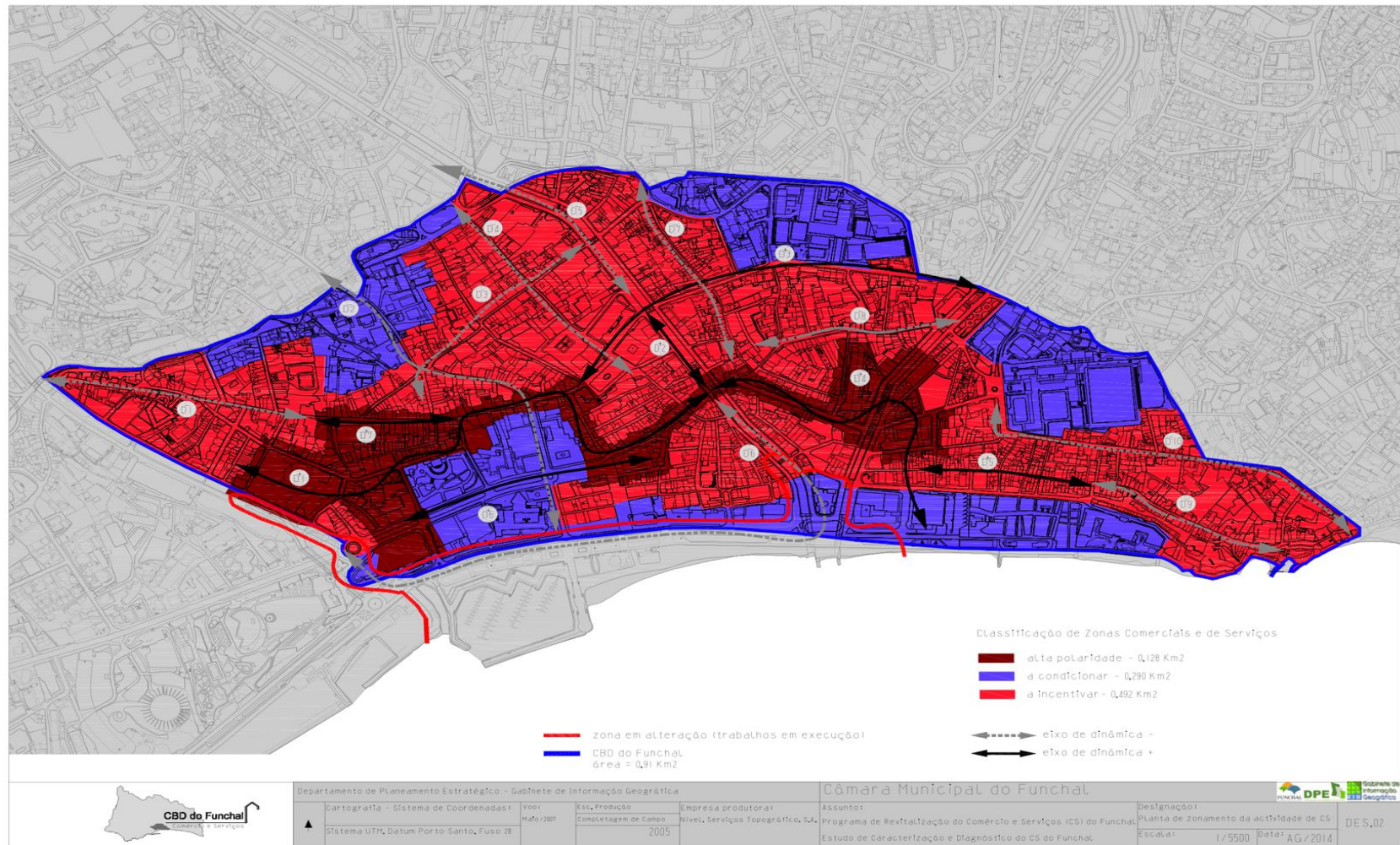


Figura 37 - Zonamento da atividade de comércio e serviços na área de estudo

Fonte: (Abreu et al., 2014, p. 16)

4.4. Programas recentes de Intervenção Urbana

No fim de 2014, a CMF criou o programa “*Preserva*”, no âmbito do Programa Municipal de Apoio à Conservação, Reparação e Beneficiação de Habitações Degradadas de Agregados Familiares Carenciados do Município do Funchal. Teve o intuito de incentivar e auxiliar os cidadãos do município (arrendatários e/ou proprietários) a realizar intervenções nos imóveis onde residem, e destina-se a pessoas que possuem dificuldades económicas⁷¹. Todos os procedimentos de intervenção urbana que visam melhorar os imóveis (conservação, reparação e/ou melhorias no saneamento básico, eletricidade, água e conforto) poderiam usufruir de apoios até cinco mil euros, com a devida isenção de taxas camarárias (CMF, 2014b).

Em 2015, a problemática da degradação do património edificado do centro histórico é outra vez mencionada pela comunicação social regional, no Diário de Notícias da Madeira. O artigo reflete a dinâmica dos preços do mercado imobiliário do centro e periferia do Funchal, e as respetivas condições de estado de conservação dos edifícios que influenciam a decisão de residir no centro, “A cidade é cara, mas no centro, dada a degradação imóvel, o custo pelo valor é maior.” (Cardoso, 2015, p.6).

Face à persistência destes problemas urbanos, a CMF criou o programa “*Cidade com Vida*”, com o propósito de reverter estas situações delicadas do tecido urbano. Numa primeira fase, foi proposta a delimitação de uma área de intervenção (**Anexo 3**) – Área de Reabilitação Urbana (ARU)⁷²-, que contou com a aprovação unânime da assembleia municipal. O diagnóstico realizado à realidade urbana do centro histórico apresentava elementos similares entre as áreas, nomeadamente, da Zona Velha:

“A tendência de segmentação funcional e redução do peso da função residencial; a presença de uma população envelhecida e com fracos rendimentos; a elevada percentagem de edifícios degradados e devolutos; a grande dificuldade de atração de investidores privados para o processo de reabilitação e regeneração urbana e

⁷¹ “Rendimento líquido mensal per capita corrigido do agregado familiar igual ou inferior ao valor de 1 IAS (Indexante dos Apoios Sociais) em Vigor”; <https://www.cm-funchal.pt/pt/servicos/desenvolvimento-social/fundo-investimento-social/camara-a-porta.html>

⁷² Publicação da área delimitada no Jornal Oficial da Região Autónoma da Madeira, Aviso n.º 6/2015 do dia 9 de janeiro de 2015 e no Diário da República Aviso n.º 14539/2014, do dia 30 de dezembro de 2014.

para a dinamização do mercado de arrendamento; e, a existência de uma regulação urbanística desatualizada e pouco flexível.” (CMF, 2017, p.6).

Seguintemente, foi elaborado o estudo “Estado de Conservação do Edificado” da ARU, sendo estruturado por uma escala de três categorias (Edifícios em Ruínas, Edifícios Muito Degradados, Edifícios Degradados), com uma pequena síntese sobre a definição de cada categoria. Dentro da escala de avaliação do património, existem os edifícios em ruínas (“Ausência ou inoperacionalidade de infraestrutura base. Anomalias que colocam em risco a saúde e segurança, podendo motivar acidentes graves ou muito graves, requerendo trabalho de substituição ou reparação pontual, ampla ou total, de forte execução”); Os edifícios muito degradados (“Anomalias que prejudicam o aspeto do edifício e que requerem trabalhos de reparação, limpeza ou substituição pontuais de forte execução”); e os edifícios degradados (“Anomalias que prejudicam o aspeto do edifício e que requerem trabalhos de limpeza ou reparação, pontual ou ampla, de média execução”) (CMF, 2017). Segundo a **Anexo 4**, observa-se a distribuição do edificado e o respetivo estado de conservação na área histórica.

Uma das particularidades que levou a uma análise e reflexão profunda diz respeito à definição “simplista” desta estrutura de categorias de conservação patrimonial, sendo uma classificação maioritariamente de domínio físico e de conservação das fachadas dos prédios, visto que a escala não está relacionada com outros domínios de dinâmicas urbanas (habitação, comércio e/ou serviços). Acrescenta-se que a comparação realizada entre a realidade e os mapas poderá não corresponder à realidade e transparência do património edificado. Em muitos casos, os edifícios na Zona Velha possuem atividades comerciais no rés-do-chão, contudo os andares superiores estão vazios e/ou abandonados, apesar da fachada do prédio poder estar reabilitada (Figura 37). Esta dicotomia de ocupação dos edifícios é algo que pode ser ignorado ou indevidamente referido, colocando em causa a consolidação da sustentabilidade urbana. Este fenómeno poderá ser considerado um dos elementos que colocam em causa o sucesso das intervenções urbanas (reabilitação e/ou regeneração), pela necessidade da conceptualização de intervenções sistémicas com a interação de uma diversidade de temáticas relevantes para a sociedade.



Figura 38 - Dicotomia da ocupação dos edifícios (Rés-do-chão e Andares Superiores)

A estratégia de reabilitação urbana desenvolvida para o programa da “Cidade Com Vida” aponta seis eixos de resposta necessária, através dos mecanismos de intervenção: “a) Reinventar o Centro Histórico do Funchal; b) Reverter a degradação do Centro Histórico do Funchal, promovendo a regeneração e reabilitação urbana do património construído; c) Integração e articulação na cidade e na envolvente; d) Promover a revitalização económica e social: revitalizar económica e socialmente a área de intervenção; e) Promoção da eficiência energética e sustentabilidade ambiental; e, f) Afirmar o Funchal como destino turístico internacional através do reforço dos espaços dedicados ao turismo, cultura, lazer, para que o visitante “ainda, experimente e vive a cidade.” (CMF, 2017b, p.9)

Para a Zona Velha, incorporada como um dos três núcleos históricos da cidade do Funchal (Santa Maria, Sé e Santa Clara), são formulados alguns objetivos específicos de acordo com as especificidades do tecido urbano e social, semelhantemente às outras áreas: a) “Reabilitar um tecido edificado com mostras de abandono, principalmente no miolo dos quarteirões urbanos e ao longo de algumas das ruas mais antigas; b) Renovar em termos populacionais, os núcleos históricos envelhecidos e com sinais de despovoamento e abandono, garantindo o rejuvenescimento dos núcleos” (CMF, 2017b, p. 9).

A CMF aposta na iniciativa pública e privada na intervenção de projetos estruturantes de modo a promover a dinamização urbana e económica do centro histórico (CMF, 2017b). As responsabilidades assumidas assentam no reforço da centralidade das áreas que possuem características administrativas e patrimoniais necessárias, criar condições que estimulem a reabilitação urbana em edifícios habitacionais, proporcionar

a requalificação dos espaços públicos e os efeitos derivados disto, em intervenção urbana de iniciativa privada, e na atração de novas ocupações no tecido urbano. Quanto aos compromissos atribuídos à iniciativa privada, visa valorizar-se o património edificado nas suas valências (arrendamento, aquisição para habitação e, na vertente comercial (comércio e serviços)), o aumento da captação de novos residentes e reduzir problemas urbanos relacionados com a degradação do edificado e do seu esvaziamento de funções económicas e comerciais.

Na matéria de operações prioritárias a desenvolver (Anexo 5), a CMF atribui 23 operações no conjunto do centro histórico, alocando à área do Centro Histórico de Santa Maria apenas duas operações, uma relacionada com a requalificação do Jardim do Almirantes Reis (**OP 15**) e a outra direcionada para a requalificação dos planos de fachadas (**OP 18**). Primeiramente, ao se refletir sobre as ações da CMF na Zona Velha ao respeito ao património histórico-cultural e eixos culturais, denota-se a falta de uma cooperação efetiva entre o domínio público e privado, através da criação de uma comissão de *stakeholders* de modo a criar melhores condições de diálogo entre as entidades envolvidas neste processo. Segundamente, a falta de ambição de medidas de intervenção poderão colocar em risco o sucesso e sustentabilidade do tecido urbano, sendo necessário quebrar o *status-quo* em medidas de intervenção em planos de regeneração (inclusivos, viáveis e sustentáveis).

No âmbito do Modelo de Operacionalização da Estratégia de Reabilitação Urbana, a CMF definiu um prazo máximo de 15 anos para a elaboração e aplicação dos mecanismos de intervenção urbana com os eixos e objetivos propostos para a área histórica. Foram criados incentivos e apoios à reabilitação urbana, entre os quais, a isenção de IMI durante os primeiros cinco anos, a isenção de IMT na aquisição de prédios com o intuito de reabilitar, dedução de encargos relacionados com à reabilitação no IRS e a atribuição de taxa reduzida de 5% no domínio de Mais-Valias e dos Rendimentos Prediais. Paralelamente, os proprietários e/ou investidores tinham à sua disposição a linha de financiamento do IHRU (Instituto de Habitação e da Reabilitação Urbana), de modo a agilizar este processo e fomentar a intervenção urbana em edifícios com trinta ou mais anos (CMF, 2017c), através do programa "Reabilitar para Arrendar – Habitação Acessível". Estima-se um investimento de cerca de 87.455.000€, dos quais 28.406.000€ de investimento privado, e de 59.049.000€ de órgãos públicos (CMF, 2017d).

Nos casos de intervenção específica da Zona Velha (**OP 15 e 18**), os objetivos de intervenção e o cálculo dos investimentos a realizar estão igualmente planificados. Na

Requalificação do Jardim e Estacionamento Almirante Reis (OP15), é estipulado segundo um leque de domínios, entre eles, fornecer uma identidade própria ao local, desenvolver o processo de regeneração urbana e a requalificação dos espaços verdes. Este processo contará com cerca de 375.000€ de investimento público, com a previsão de realização de “curto prazo (2-5 anos)” (CMF, 2017a).

Por outro lado, a Requalificação dos Planos de Fachadas (**OP 18**) propõe a reabilitação de edifícios em várias componentes (fachadas, vãos, coberturas, ...), com um investimento público-privado de cerca de 1.200.000€, com uma duração de “médio prazo (5-10 anos)” (CMF, 2017d). Todavia, a **OP 18** não apresenta uma área de intervenção exclusiva à Zona Velha⁷³, com apenas três ruas (Rua de Santa Maria, Rua D. Carlos I e Rua Latino Coelho) abrangidas.

A discussão pública sobre a situação comercial, urbana e socioeconómica é acompanhada pela comunicação social, com a reportagem “A discórdia da Zona Velha” a mostrar a continuidade de observação da evolução temporal e urbana desta área. Na reportagem, é questionado “(...) será que a Zona Velha tem espaço para moradores e comerciantes conviverem?” (Teixeira, 2015, p.15). Em resposta, os moradores discutem as suas dificuldades com a falta de estacionamento e do ruído causado pelos bares no horário noturno.

Além do mais, Rui Campos (Presidente da Ordem dos Arquitetos da Madeira) critica a forma como o processo de regeneração urbana foi planeado, apresentando uma perspetiva semelhante ao Dr. João Carlos Abreu, “(...) a Zona Velha carece de uma “urgente” e verdadeira reabilitação urbana que conte com a vinda de novos moradores e aparecimento de novas pequenas indústrias urbanas” (P. Teixeira, 2015, p. 16) As críticas do arquiteto Rui Campos também se estendem ao comércio, mais especificamente, à restauração, e à adoção da arte pública nas transformações urbanas. Quanto ao primeiro assunto, a quantificação excessiva (Matos, 2017), a predominância dos consumidores turistas e o desenvolvimento de estabelecimentos de horário noturno não são compatíveis com a vida de bairro. Este ponto de vista é partilhado pelo presidente da Ordem de Economistas da Madeira, André Barreto, que defende que a cidade do Funchal deveria priorizar as necessidades dos seus habitantes e só posteriormente às dos turistas. (Teixeira, 2015). Também é afirmado que o projeto “Arte d’ Portas Abertas” e esta

⁷³ Conjunto de ruas abrangidas por esta operação urbana, “Rua da Conceição; Rua das Mercês; Rua dos Ferreiros; Rua da Carreira; Rua dos Netos; Rua Latino Coelho; Rua de Santa Maria; Rua da Alfândega; Rua D. Carlos I; Rua do Sabão, Rua do Esmeraldo; Rua da Sé; Rua dos Murças; Rua dos Tanoeiros”

tipologia de intervenção vêm descaracterizar a história do bairro de Santa Maria, nomeadamente, através das tradicionais portas.

Face à queixa recorrente do ruído, estes foram à procura de possíveis soluções, entre as quais, a colaboração da Associação “Aqui mora gente”, especializada em assuntos semelhantes no centro de Lisboa. As tentativas de colaboração com os órgãos da CMF, com o propósito de atenuar os problemas gerados, foram considerados insuficientes, como demonstrado por um morador: “ninguém no seu perfeito juízo quer viver na Zona Velha” (Teixeira, 2015, p. 16). Face às queixas dos moradores e comerciantes, a CMF elaborou uma vistoria na organização das esplanadas, devido à concentração de estabelecimentos de restauração dificultar a passagem de pessoas na Rua de Santa Maria, procurando criar melhores condições de organização, tendo em conta a imagem e ocupação do espaço público.

No domínio comercial dos bares, as dinâmicas provocaram o regresso de madeirenses à diversão noturna da Zona Velha, recompondo, de certo modo, a posição de boémia que possuía nas últimas décadas do século XX. Estes reúnem-se para beber, maioritariamente, poncha e conversar com amigos, apontando-se uma apropriação diferenciada entre o horário de dia e noite. Na opinião de uma moradora, esta encontra-se satisfeita com a animação, frisando as seguintes palavras, “Gostei muito da mudança que fizeram nestes últimos anos. Os bares estão atrativos, o que acaba por trazer muitas pessoas” (Gonçalves, 2016).

Face à afirmação da restauração no tecido comercial, o desaparecimento de outras atividades comerciais decorre das dinâmicas de mercado, algumas conseguindo manter-se devido à sua singularidade. É o caso da Fábrica de Chapéus de Santa Maria, que, em 2021, fez 75 anos de funcionamento. Os seus principais produtos estão ligados à produção de vários modelos de chapéus em palha de trigo, maioritariamente escoados para o mercado interno, nomeadamente para turistas que compram estes produtos nas lojas de souvenirs. Sendo uma empresa de pequena dimensão com apenas quatro funcionários (Gouveia, 2016), este estabelecimento comercial representa, no contexto histórico, um elemento relevante na história insular através dos carreiros⁷⁴ que utilizam esta peça de vestuário e na decoração nos eventos da Festa da Flor.

⁷⁴ Homens que conduziam os famosos carros de cestos no Monte, tendo a sua origem por volta de 1840 e 1850 (Augusto da Silva & Azevedo de Meneses, 1998)

O projeto “Arte d’ Portas Abertas” iria deparar-se com sérias adversidades devido à falta de manutenção. Em 2017, o Diário de Notícias da Madeira elaborou um artigo jornalístico, “PORTAS EM RISCO”, acompanhado pela uma pergunta “De quem são as portas pintadas da Zona Velha?” (Henriques, 2017). Num total de 210 portas, alvo deste projeto em 2011, diversas portas foram manipuladas, retiradas e/ou vendidas passado seis anos, sem o proprietário responsabilizar-se legalmente. Um dos mentores, José Zyberchema, apresenta uma série de críticas sobre o estado atual do projeto, entre as quais, quem ficaria responsável pelo projeto e pela sua manutenção, algo que nunca foi decidido, a falta de cooperação financeira e de perspetiva a longo prazo da CMF, e a falta de sensibilidade dos proprietários.

Tabela 7 - Alguns exemplos de “fracasso” de portas intervencionadas

| | |
|--|---|
| Portão de Santiago nº7 | O proprietário pintou de verde |
| Rua de Santa Maria nº 60 | Os proprietários colocaram no interior. Vê se de fora |
| Rua de Santa Maria nº 99 | O proprietário pintou de preto |
| Rua de Santa Maria nº 130 | “Desapareceu” depois de obras |
| Rua de Santa Maria nº 143, 143A, 145, 147, 147 A | Portas retiradas e colocadas no pátio interior. Não se vê de fora |
| Rua de Santa Maria | Porta dada à autora |
| Rua dos Barreiros nº 28 | O arquiteto considerou, que a porta devia ser castanha |

Fonte: adaptado (Henriques, 2017, p. 15)

A aposta da CMF em iniciativas socioculturais é uma das marcas mais evidentes de dinamização da Zona Velha. Para além das iniciativas já referidas, a Capela da Boa Viagem⁷⁵, património edificado datado do século XVII, foi alvo de intervenção. Esta seria entregue pela Diocese do Funchal à CMF, que aproveitaria para realizar um projeto de transformação num polo cultural (Teixeira, 2018). Devido à localização privilegiada, e ligação direta entre o Mercado dos Lavradores e a Rua de Santa Maria, a CMF apostou na vertente cultural na dinamização do património edificado e a Zona Velha. Nas palavras do antigo presidente da CMF, Paulo Cafôfo, a transformação deste espaço e a sua importância, “tem tudo para ser uma joia da coroa da Rua de Santa Maria, pelo seu passado e pelo seu enquadramento deveras carismático a todos os níveis” (Figueiredo, 2018, p.27). Teve como principal função ser um espaço de exposição de arte (Santos,

⁷⁵ Localiza-se no cruzamento entre a Rua da Boa Viagem e a Rua de Santa Maria

2018), conseguindo atrair bandas musicais locais e regionais nos primeiros anos (Teixeira, 2018), mas iria declinar ao longo dos anos.

No âmbito deste longo processo de regeneração, a Assembleia Municipal do Funchal organizou o debate “Deveres de preservação e defesa da Zona Velha da cidade do Funchal” (Diário de Notícias da Madeira, 2020). Este debate contou com a presença e participação de dois convidados, a doutoranda Ana Salgueiro, na perspetiva da defesa do património identitário e imaterial, e o Dr. João Carlos Abreu, com uma análise retrospectiva temporal e histórica. O presidente camarário, Miguel Gouveia, aproveitou esta oportunidade para referir os projetos em execução, com a inclusão na ARU (área de reabilitação urbana) e os devidos benefícios de intervenções reforçados com o mecanismo nacional IFRRU (Instrumento Financeiro para a Reabilitação e Revitalização Urbanas). Este instrumento, com financiamento nacional e europeu, visa responder e agilizar os processos de reabilitação e revitalização urbana em todos os municípios portugueses.



Figura 39 - Concerto na Capela da Boa Viagem (2019)

Fonte: <https://funchalnoticias.net/2019/02/05/concerto-sexta-feira-na-capela-da-boa-viagem/>

Tabela 8 - Linhas orientadoras pelo IFRRU 2020 (Funchal)

| Síntese das operações apoiadas pelo IFRRU 2020 | | | |
|---|--|--|--|
| Tipo de Intervenção | Reabilitação integral de edifícios com 30 ou mais anos* | Reabilitação integral de edifícios de habitação social com 30 ou mais anos * | Ações de eficiência energética na habitação que decorram de auditoria energética prévia da qual resultem num aumento de pelo menos 2 níveis de classe energética |
| | Reabilitação e reconversão de espaços e unidades industriais abandonadas | Reabilitação de espaço público localizado na área do Instrumento de Identificação das Comunidades Desfavorecidas (IICD), desde que associado a ações de reabilitação do conjunto edificado envolvente, em curso ou concluídas há 5 anos ou menos | |
| Destino do imóvel | Qualquer um, nomeadamente habitação, equipamentos de uso coletivo, comércio e/ou serviços | Qualquer um, nomeadamente habitação, equipamentos de uso coletivo, comércio e/ou serviços | Habitação particular |
| Beneficiários finais | Pessoas singulares Pessoas coletivas públicas Pessoas coletivas privadas (incluindo condomínios e entidades sem fins lucrativos) | Pessoas singulares Pessoas coletivas públicas Pessoas coletivas privadas (incluindo condomínios e entidades sem fins lucrativos) | Pessoas singulares Pessoas coletivas públicas Pessoas coletivas privadas (incluindo condomínios e entidades sem fins lucrativos) |

Fonte: <https://ifrru2020-funchal.cm-funchal.pt/>

A questão sociocultural não foi esquecida, assumindo-se a sua importância como um dos principais pilares de transformação urbana com as várias ações culturais. Destaca-se a iniciativa “Fica na Cidade”, que organizou inúmeros concertos musicais no centro histórico. No que diz respeito ao conflito de interesses entre moradores e comerciantes da restauração, Miguel Gouveia afirma que a fiscalização municipal tem estado no terreno a minimizar possíveis inconvenientes (Diário de Notícias da Madeira, 2020).

No início de 2021, noticiou-se que o Programa “Cidade com Vida”, responsável pela criação da ARU, proporcionou o desenvolvimento de inúmeros casos de reabilitação urbana no Centro Histórico (Oliveira, 2021). Desde a sua formação e operacionalização, foi possível reabilitar cerca de 150 edifícios nos centros históricos de Santa Maria, Sé e São Pedro⁷⁶. Uma das maiores intervenções urbanas do Funchal obteve autorização de operacionalização na antiga companhia insular de moinhos, num investimento de cerca de 60 milhões de euros pela empresa Savoy Residence (Oliveira, 2021).

⁷⁶ No momento da elaboração deste artigo estavam a ser reabilitados cerca de 13 edifícios na área da Zona Velha.



Figura 40 - Edifícios em intervenção de Reabilitação Urbana (2021)

Fonte: (Oliveira, 2021)

Na temática comercial, a CMF promoveu um projeto para o desenvolvimento das microempresas, com um investimento de cerca de 32 mil euros, “Viveiro de Lojas do Funchal”, (Pestana, 2021). Este espaço, sediado no largo do Corpo Santo, estruturou-se de modo a acolher empresas de aproveitamentos económicos inferiores a 20 mil euros por ano, durante seis meses. Os principais objetivos de desenvolvimento deste projeto eram,

“incentivar a inovação e empreendedorismo; diversificar o tecido empresarial local; fomentar o *networking*; e, proporcionar ao empreendedor uma experiência de negócio em loja física, que o capacite e proporcione uma experiência de mercado”⁷⁷.

Ainda este ano, demarca-se a construção e consolidação da candidatura do Funchal a Capital Europeia da Cultura 2027. Segundo o antecessor presidente da CMF, Miguel Gouveia, a escolha de localização da sede desta candidatura ser na Zona Velha vai ao encontro dos objetivos estabelecidos,

“o sítio escolhido para sede de candidatura é um local que diz muito da história da cidade e que com todo o seu simbolismo pretende tornar o Funchal a primeira

⁷⁷ <https://www.cm-funchal.pt/pt/o-investidor/viveiro-de-lojas.html>

Capital Europeia na periferia. (...) este local que tem um forte cariz turístico representa, igualmente, o cosmopolitismo que a cidade encerra e que procuraremos levar ao mundo a partir desta sede” (CMF, 2021).

O capital espacial desta área do centro histórico é novamente referido e considerado um fator decisivo pela seleção desta localização em relação a outros centros históricos e/ou outras áreas urbanas da cidade.

5. Regeneração urbana, Gentrificação e Comensalidade da Zona Velha do Funchal

A Zona Velha, área com uma história urbana singular, tem na restauração uma atividade económica estruturante. Esta surgiu, numa primeira fase, ligada a pequenas tascas e bares que, por sua vez, estavam associadas à atividade piscatória que predominava na área e às necessidades da população residente. “Até às décadas de 70 e 80, tínhamos aqui a lota do Funchal onde passavam por cá muitos pescadores que frequentavam de madrugada as tascas” (Morador X desta área). Numa segunda fase, o surgimento de restaurantes e bares com o intuito de atrair pessoas para a Zona Velha⁷⁸ veio transformar a área, até aos nossos dias, num dos principais polos gastronómicos da cidade do Funchal e da região da Madeira. O restaurante *A Romana*, fundado em 1969 marcaria o início do crescimento deste polo gastronómico. A autenticidade do estabelecimento era um dos pilares do seu sucesso. No seu interior, a decoração era minuciosamente cuidada. Contava com a “presença de uma fonte com flores naturais” na entrada; os nomes das mesas eram com “denominações de ruas e praças de Roma”; sendo que até as casas de banho apresentavam a sua singularidade com a “colocação de espelhos no teto e o fornecimento de batom e rímel para as clientes” (Dr. João Carlos Abreu). Neste sentido, a turistificação desta área urbana foi um dos pilares da restauração com a complementaridade da população local. Este fenómeno ocorre pela importância que os centros históricos apresentam no contexto urbano nacional e europeu, nas temáticas da paisagem, da arquitetura, da cultura e do comércio. A Madeira, sendo uma região turística reconhecida mundialmente, seria óbvio a envolvimento dos turistas neste processo de transformação comercial e urbano, devido em grande medida à capacidade de consumo, quase sempre superior à da maioria da população local.

As alterações dos padrões de consumo obrigaram a realizar transformações urbanas e comerciais da Zona Velha passando por um processo de valorização do comércio existente e do *marketing* urbano. A existência de atividades económicas relacionadas com setor secundário nesta área era incompatível com o processo de valorização comercial que era urgente iniciar. Ainda nos dias de hoje é visível a presença dos esqueletos urbanos relacionados com as atividades do setor secundário, como por exemplo, na Rua João Ribeiro nº8, a existência de uma antiga carpintaria através da sua

⁷⁸ Realçando o papel fulcral deste fenómeno com a abertura do restaurante *A Romana* em 1969, pelo Dr. João Carlos Abreu

placa de identificação comercial, *Pereira Sousa & Teixeira Lda.* – *executa todos os trabalhos de carpintaria.* Neste processo de valorização comercial, a restauração assumiu uma posição de liderança desde o início deste processo até aos dias de hoje. A evolução desta atividade comercial como referido anteriormente reflete essa preocupação de acompanhar as necessidades de consumo da sociedade e na participação ativa da estratégia de *marketing* urbano (Bell & Binnie, 2005).



Figura 41 - Antiga carpintaria na área histórica da Zona Velha (desativada)

De modo a dar continuidade ao processo contínuo de regeneração urbana, envolvendo *stakeholders* públicos e privados, criou-se uma proposta de uma nova fase (Fig. 41), com os objetivos de consolidar o paradigma de mobilidade pedonal nos centros históricos e a valorização do comércio local. Atualmente, a Avenida do Mar e das Comunidades Madeirenses (em roxo) é utilizada meramente como acesso à ETAR. Segundo o novo esquema, este arruamento passará a ser uma via principal de trânsito automóvel, em detrimento da atual restrição de acesso com exceção a moradores e abastecimento dos estabelecimentos comerciais. Parte da Rua D. Carlos I, Rua dos Barreiros e Travessa João Caetano (em azul) serão exclusivamente dedicadas ao trânsito pedonal.

Esta proposta tem como principais objetivos a redução do tráfego automóvel, o aumento da área pedonal, a colocação de esplanadas, a criação de um espaço polivalente de lazer e espetáculos, e a deslocação da ETAR existente. Esta proposta surgiu fruto da entrevista ao Dr. João Carlos Abreu e do estudo de medidas já implementadas na área de estudo e em outros contextos similares.



Figura 42 - Proposta de reorganização do esquema de tráfego automóvel (Eixo: Rua D. Carlos I, Rua dos Barreiros e Travessa João Caetano)

5.1. Tecido Comercial da Zona Velha

As dinâmicas comerciais da Zona Velha são um fenómeno que esteve sempre presente na sua transformação urbana, algo que já foi analisado nos capítulos anteriores. Neste capítulo irão ser analisados os resultados do levantamento funcional e das entrevistas realizadas aos comerciantes de modo a conhecer mais detalhadamente as dinâmicas do tecido comercial, com o principal foco na atividade da restauração, um dos pilares desta investigação.

Na realização deste instrumento metodológico foi possível contar com o interesse e participação empenhada da grande maioria dos comerciantes, algo imprescindível na concretização do levantamento funcional. Numa primeira fase, registaram-se inúmeros espaços comerciais encerrados no decorrer ainda da situação pandémica da Covid-19, contudo após várias passagens pela área de estudo verificou-se a reabertura de alguns estabelecimentos comerciais. Alguns estabelecimentos mantiveram-se encerrados por motivos de falência, demonstrando deste modo a falta de resiliência. A dinâmica comercial nesta área é marcada pela alternância, nomeadamente dentro da área da restauração, demonstrando grande dinamismo económico. Ainda neste domínio, verificou-se a ocupação de espaços vazios, maioritariamente pela atividade comercial da restauração sobretudo após a intervenção da Comissão de Requalificação e Embelezamento de Santa Maria e, conseqüentemente, do projeto arte de portas abertas, tornando assim esta área ainda mais atrativa para consumidores locais e turistas.

No levantamento funcional ao tecido comercial (Figura 42) da Zona Velha é possível observar as dinâmicas comerciais ocorridas entre 1949 até ao presente momento, 2022. As atividades comerciais ligadas direta e/ou indiretamente ao mercado turístico, nomeadamente os alojamentos turísticos (alojamento local, hotéis, residências e hostels) e a atividade da restauração têm tido uma dinâmica forte e recente. No domínio do alojamento local, os dados obtidos correspondem à informação partilhada pela CMF, “(...) os únicos projetos de reabilitação urbana na Zona Velha que têm dado entrada na CMF estão todos relacionados com o alojamento local.” (Divisão de reabilitação urbana e projetos, CMF). Face ao número de edifícios degradados e a baixa taxa de residentes nesta área do centro histórico, o alojamento local é uma atividade económica que tem fomentado o mercado imobiliário, contudo não tem deixado de ser criticada por aumentar o preço do edificado e, por sua vez, dificultar a instalação de novos moradores.

A rua da Boa Viagem concentra o maior número de estabelecimentos mais antigos desta área. Nesta rua é possível encontrar estabelecimentos comerciais relacionados com artigos pessoais, como sapatarias e ourivesarias, sendo a população local os principais consumidores. Este eixo urbano ao estabelecer ligação entre as ruas D. Carlos I, Santa Maria e Latino Coelho (entrada lateral para o Mercado dos Lavradores), faz com que seja uma passagem com um fluxo significativo de pessoas. Segundo alguns comerciantes desta rua, esta concentração de oferta de artigos pessoais desde o fim do século XX, surge por dois motivos, primeiro devido à proximidade ao Mercado dos Lavradores, local de passagem de muitos consumidores, e segundo devido à localização na Zona Velha, área que no passado foi predominantemente habitacional, e a população encontrava nesta rua os artigos pessoais de que necessitava.



Figura 43 - Levantamento Funcional da Zona Velha do Funchal (Dezembro de 2022)

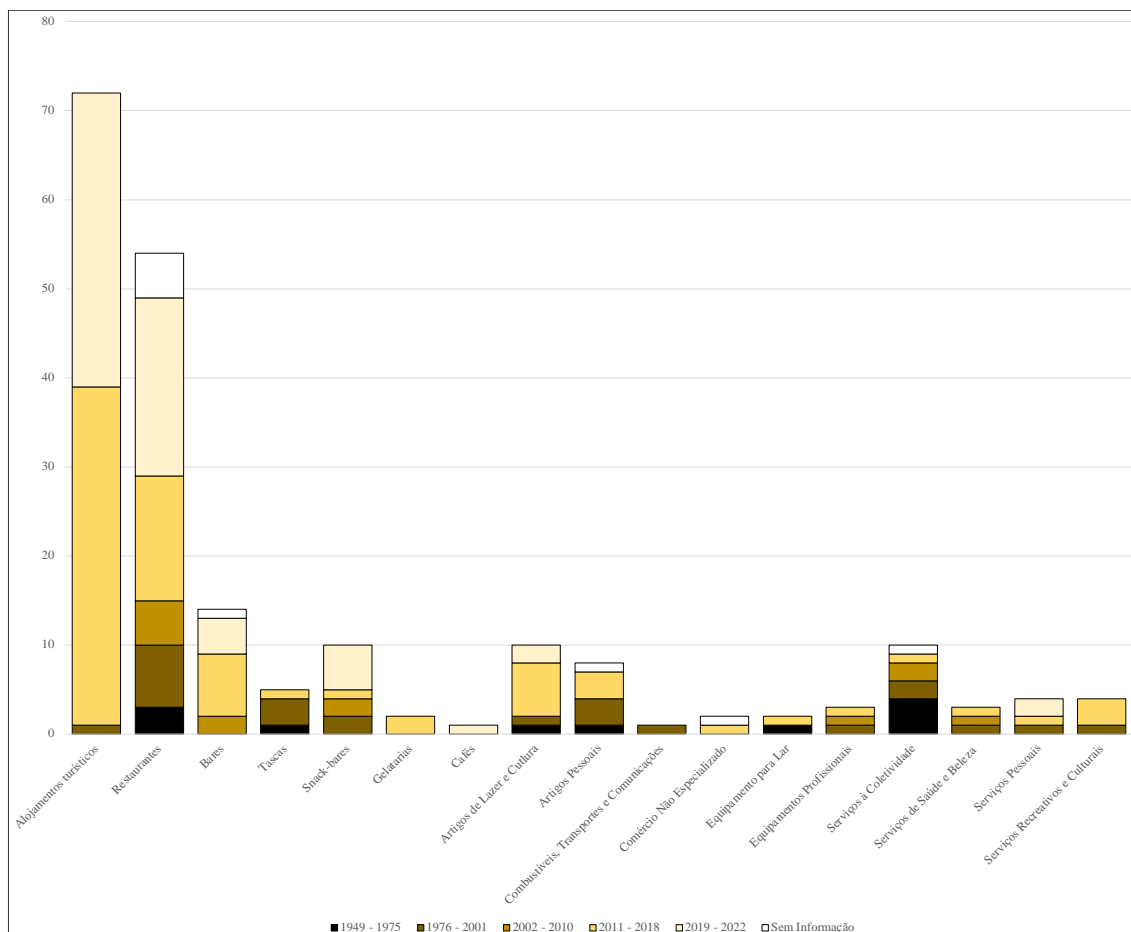


Figura 44 - Ano de abertura dos estabelecimentos comerciais da Zona Velha

No tecido comercial da Zona Velha, a importância da restauração reflete-se no espaço pela sua predominância bem como pela sua diversidade de tipologias de estabelecimentos e, conseqüentemente, pela oferta gastronómica. As dinâmicas comerciais ocorridas no ramo da restauração são marcadas pela alternância dos proprietários dentro deste ramo comercial (Figura 44). Este fenómeno demonstra a relevância e interesse económico na restauração pela procura assídua dos consumidores, maioritariamente turistas. Por outro lado, estas dinâmicas comerciais contribuem para a consolidação da Zona Velha como polo gastronómico da cidade do Funchal e da Madeira. A ocupação dos espaços vazios pela restauração e nomeadamente o aparecimento de novos estabelecimentos reforça o fenómeno exposto anteriormente, contudo com algumas queixas de moradores e mesmo comerciantes, quando consideram que existe um excesso de estabelecimentos comerciais deste ramo. Outro aspeto relevante está relacionado com a sucessão de estabelecimentos da restauração, nomeadamente de snack-bares e tascas por restaurantes. Esta evolução sucede maioritariamente pela valorização económica dos

estabelecimentos, visto que os restaurantes apresentam maior rentabilidade face aos outros estabelecimentos. Esta situação é exposta por alguns comerciantes, que afirmam que se tivessem condições estruturais tinham já mudado de ramo dentro da restauração, “Se o espaço do estabelecimento fosse maior, este espaço tornava-se num restaurante, sem dúvida alguma!” (Proprietário da Tasca 1)

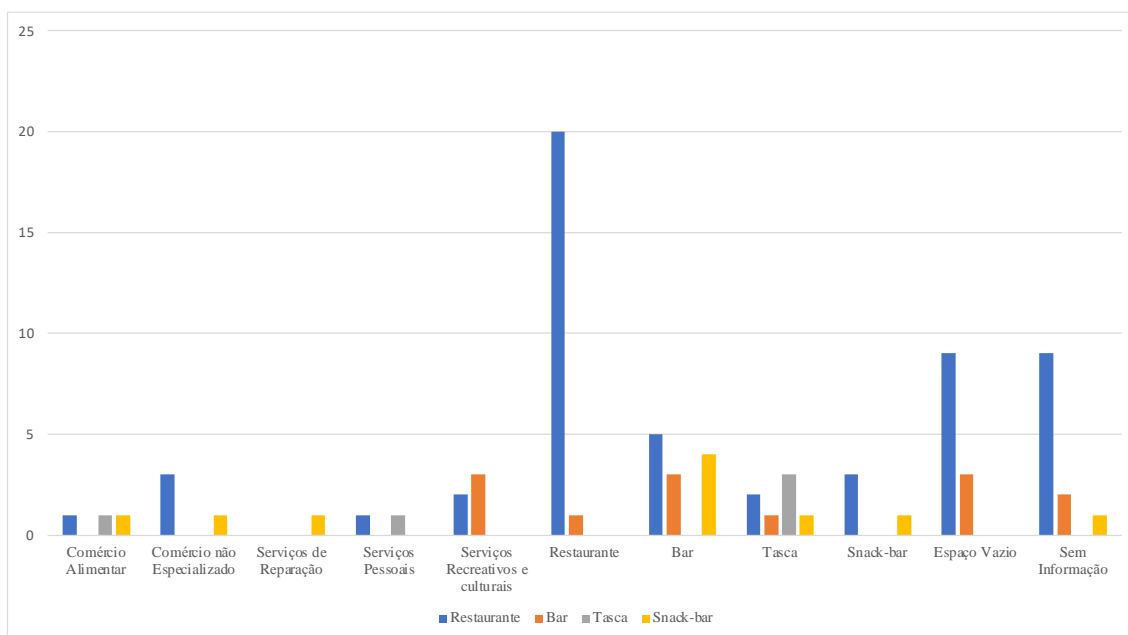


Figura 45 - Dinâmicas comerciais no ramo da restauração (ramo de atividade anterior)

Na área operam outras atividades comerciais orientadas para a satisfação das necessidades da população local e dos turistas. Neste domínio, o comércio alimentar apresenta duas dinâmicas diferenciadas quanto à sua estruturação e, conseqüentemente, ao cliente predominante. Este fenómeno poderá ser justificado por um conjunto de fatores, entre os quais, a proximidade do Mercado dos Lavradores, local tradicional na compra de produtos alimentares (frutas, legumes, peixe e carne) que é complementada pela oferta comercial de estabelecimentos do mesmo ramo na sua proximidade. Nestes espaços tradicionais de abastecimento, a população residente tem uma maior procura por serem espaços comerciais já popularmente conhecidos e por estabelecerem uma relação de vizinhança entre os comerciantes e os clientes. Os espaços comerciais mais recentes do comércio alimentar, procuram satisfazer as necessidades do mercado turístico, primeiro, pela sua localização na área histórica da Zona Velha, tendo a vantagem dos fluxos diários de turistas e, segundo, pela fraca e/ou inexistência de estabelecimentos de comércio alimentar de proximidade procurados pelos turistas que estão de passagem e

por aqueles que estão instalados em alojamentos turísticos, face ao peso reduzido da população local.

A influência do mercado turístico traduz-se claramente em quase todas as atividades económicas, sendo que há estabelecimentos em que os consumidores predominantes e/ou exclusivos são os turistas. Neste sentido, a existência de lojas de *souvenirs* e de serviços de excursão pela Madeira vêm diversificar e complementar o tecido comercial. Estes, de um modo geral, surgiram na área também nos anos mais recentes.

Noutro domínio comercial, os serviços recreativos e lazer, nomeadamente as galerias de artes, são estabelecimentos que tiveram maior impulso após a realização do projeto *Arte de portas Abertas* (2011). Segundo relatos de populares, a presença das galerias de arte foi significativa poucos anos após a conclusão do projeto artístico, contudo grande parte dos estabelecimentos não conseguiu sobreviver.

5.2. Restauração

A multiplicidade de formatos dos estabelecimentos de restauração presentes na área de estudo, testemunha a diversidade de oferta gastronómica bem como da procura por todo o tipo de comida e serviços que lhe estão associados. Na categoria da restauração, foi decidido criar subcapítulos para cada tipo de estabelecimento (Tascas; Snack-Bares; Bares e Restaurantes), de modo a possibilitar a sua análise e conseqüentemente a identificar a sua importância no tecido comercial existente.

5.2.1. Tascas

Os estabelecimentos conhecidos popularmente por tascas, são espaços comerciais dedicados à oferta de gastronomia tradicional fortemente enraizada no local, no caso vertente da região da Madeira, e da cidade do Funchal em particular. Na área da Zona Velha, esta tipologia comercial teria dominado no século XX, pela simplicidade da gente nela residente. O ambiente informal é umas das características mais emblemáticas destes espaços, pois a preocupação pelo ambiente interior dos estabelecimentos não constitui uma preocupação, pelo que a simplicidade do espaço é um traço comum. Todavia, esta simplicidade descrita não vem de modo algum colocar em causa a história e autenticidade que muitos destes estabelecimentos transmitam aos seus consumidores. A relação de vizinhança, é um elemento cativante na relação comerciante-consumidor que estes

estabelecimentos conseguem desenvolver ao longo do tempo. Este sentimento por vezes é perdido quando existe um forte dinamismo comercial, alterando os padrões de serviço e gastronómicos, e principalmente o capital humano, os funcionários, que segundo Zukin (1995) fazem parte da autenticidade dos espaços comerciais.

A oferta de gastronomia regional é dominante através dos seus petiscos, sendo apresentados de forma tradicional, como as sandes de peixe-espada-preto; o atum e gaiado⁷⁹ escabeche, entre outras iguarias regionais. Ao contrário dos restaurantes que procuram inovar na apresentação gastronómica e na experiência degustativa, as tascas concentram a sua preocupação em manter a sua apresentação e confeção de cariz tradicional, sendo um elemento singular que, por sua vez, atrai consumidores locais que estão habituados à sua informalidade e aos consumidores do domínio turístico que procuram esta oferta de gastronomia, de modo a terem o conhecimento original da experiência tradicional para depois terem novas experiências gastronómicas. Nesta área de estudo, de salientar dois estabelecimentos que se enquadram nesta subcategorização da restauração, tasca, o *Bar Caracas* e o *Tapas do Aníbal*, pois a sua oferta gastronómica e ambiente remetem para a sua informalidade, que são elementos atrativos e característicos na diversidade do tecido comercial da Zona Velha.

Para o proprietário da Tasca (1), o seu estabelecimento é marcado pela sua simplicidade e, simultaneamente, pela autenticidade da gastronomia regional, o que modestamente descreve a sua oferta gastronómica, “Trabalho com petiscos (peixe-espada-preto, atum, língua de vaca, bacalhau, pota, ...), poncha, sangria, pé-de-cabra e cerveja sempre bem fresquinha!”.



Figura 46 - Estabelecimento Bar Caracas (agosto de 2022)

⁷⁹ Espécie da família do atum que após a sua captura é salgado e colocado a secar ao sol. É um petisco valorizado na gastronomia madeirense.



Figura 47 - Caricatura de homenagem ao comerciante pelo reconhecimento na confeção da tradicional poncha (agosto de 2022)



Figura 48 - Poncha e Petiscos Regionais - Sandes de Peixe-Espada Preto e Gaiado (Bar Caracas)

Fonte: https://www.tripadvisor.pt/Restaurant_Review-g189167-d3598272-Reviews-Bar_Caracas-Funchal_Madeira_Madeira_Islands.html



Figura 49 - Polvo e Ovas de Peixe-Espada Preto (Tapas do Aníbal)

Fonte: https://www.yelp.com/biz_photos/tapas-do-an%C3%ADbal-funchal?select=YeJ_Df8uGb2fIAQAEjAT_Q

5.2.2. Snack-Bares

Esta tipologia de estabelecimentos é caracterizada pela oferta gastronómica focada nas pequenas refeições, de confeção rápida, procurando ser uma alternativa aos restaurantes, tornando-os geralmente mais económicos e, por isso, mais acessíveis a um leque mais diversificado de consumidores. A oferta gastronómica é amplamente diversa e encontra-se invariavelmente dependente do conceito gastronómico explorado pelo estabelecimento, podendo ir da pequena refeição de pequeno-almoço (com frutas frescas e cereais) até aos pregos no bolo do caco, picados⁸⁰ e tábuas de queijos e enchidos acompanhados geralmente com vinho.

Os estabelecimentos com conceitos mais inovadores apresentam uma ementa sofisticada para os clientes mais exigentes através de produtos biológicos e alternativas face a restrições alimentares ou de novos hábitos (vegetariano e *vegan*). Neste sentido, é relevante sublinhar o estabelecimento *Art food Corner Madeira*, pelo seu conceito gastronómico e pela relação intrínseca da arte num estabelecimento de restauração. Este estabelecimento abriu já em contexto pandémico da Covid-19, em fevereiro de 2021, com um conceito singular, que era quase inexistente na Zona Velha. A preocupação em apresentar uma ementa com produtos biológicos e saudáveis são primordiais de modo a garantir a sua consolidação como espaço de restauração alternativo e sustentável. A

⁸⁰ O Picado é um prato gastronómico regional feito de cubos de carne de vaca acompanhado com molho e batatas fritas. Este prato é semelhante ao Pica-pau, vulgar em alguns restaurantes do Continente.

decoreção interior tem como âncora a exposição de várias obras de arte (pintura e artes plásticas), sendo que existem obras em exposição para venda ao público. Este domínio é responsável pela transformação do espaço do estabelecimento num ambiente híbrido, de transição entre a informalidade de uma tasca e a formalidade de um restaurante.



Figura 50 - Esplanada do estabelecimento Art Food Corner (agosto de 2022)

Noutro segmento do mesmo ramo da restauração, o *Bar Number Two*, estabelecimento conhecido maioritariamente pela sua poncha e por outras bebidas alcoólicas, recentemente apresenta um menu com pregos, hambúrgueres e tostas, ou seja, de refeições ligeiras e snacks. Este complemento gastronómico poderá estar relacionado com a necessidade de alcançar um maior número de consumidores e/ou à necessidade de responder às novas exigências dos consumidores desta área. Este espaço comercial faz parte de um grupo de estabelecimentos que apresenta uma dinâmica bi-horária no seu funcionamento, sendo o horário noturno, o horário com maior demanda de consumidores face à relevância das bebidas alcoólicas, nomeadamente a poncha, que deste modo transformam a Zona Velha, um espaço de diversão noturna e de boémia. Por sua vez, no horário diurno dedica-se a comercialização de refeições rápidas, entres as quais, tostas, pregos e hambúrgueres, visto que neste horário predomina os turistas que visitam esta área e procuram opções práticas para alimentação.



Figura 51 - Apresentação de snacks alternativos

Fonte: Art Food Corner Madeira (Facebook)



Figura 52 - Apresentação dos novos Snacks e refeições rápidas

Fonte: Bar Number Two, É Prá Poncha - Zona Velha (Facebook)

5.2.3. Bares

Os bares tiveram um grande desenvolvimento no início deste século com a especialização e oferta gastronómica de um dos maiores símbolos da gastronomia madeirense, a poncha. Deste modo, este fenómeno originou a concentração de diversos espaços comerciais com este conceito, contribuindo para a afirmação da Zona Velha como um espaço de diversão noturna e de boémia da Baixa funchalense.

O elemento principal em que se ancoram, a poncha, nem sempre foi vista de bom grado pelos madeirenses nas últimas décadas, pois era consumida quase exclusivamente pelas classes sociais mais baixas (principalmente, pescadores e agricultores) e pelos

turistas que queriam experienciar talvez a bebida mais típica da região, se excluirmos o vinho da Madeira.

“E assim nos levam esses pobres homens e maia léguas, subindo e descendo por enormes desfiladeiros e custosas montanhas arrumados ao seu bordão, entretendo ainda por cima o passageiro com as suas trovas características ao aproximarem-se de qualquer taberna onde possam mitigar a sede com um copo de aguardente, água e assacar, a que chamam *ponche*, e que há de ser pago pelo seu patrão”. (Faria, 1901, pág. 72-73)

Segundo relatos históricos, a poncha terá os primeiros registos no século XIX, porém, na sua origem terá estado a influência dos navegadores ingleses no século XVIII que, quando regressavam da Índia, traziam uma bebida designada de “*panche* ou *pānch*”, ou seja, *arrack* (aguardente de arroz ou noz de coco, sumo de limão, açúcar, especiaria, chá e água) que depois se difundiu pela ilha, tendo posteriormente a Madeira realizado a adaptação desta bebida para o que conhecemos hoje de poncha. Sensivelmente, por volta da última década, a poncha entrou num processo de valorização e de reconhecimento social, tornando-se a bebida predileta na diversão noturna da Madeira e, especificamente, da Zona Velha.

Face ao aumento do consumo desta bebida típica, surgiram novos sabores para além das variantes tradicionais, à pescador e regional. Contudo, este aumento de leque de sabores da poncha levou a que estabelecimentos adotassem alterações na sua confeção com a substituição da aguardente (ou rum) da madeira, produto com Indicação Geográfica Protegida, por vodka. Esta alteração fez com que as entidades competentes, nomeadamente, a secretaria regional da Agricultura e Pescas, tomasse medidas de modo a garantir a autenticidade desta bebida com a criação de um distintivo para os estabelecimentos comerciais “*poncha AQUI é com RUM DA MADEIRA*”⁸¹. Além da regulamentação face à utilização da aguardente da Madeira, a secretaria regional estipula a utilização de produtos locais e métodos de confeção originais para garantir a sua genuinidade ao longo de todo o processo de confeção.⁸²

⁸¹ Portaria n.º 187/2017 de 7 de junho de 2017 do JORAM

⁸² “Os produtos tradicionais são únicos pela sua origem geográfica, a sua antiguidade ou permanência temporal, pelos métodos e matérias-primas utilizadas na sua elaboração, os costumes associados à sua produção e ao seu consumo e conservam, em maior ou menor grau, as características que os definem quanto ao aspeto, textura e sabor.” Portaria n.º 187/2017 de 7 de junho de 2017 do JORAM, p. 2

Neste contexto, na Zona Velha existem diversos bares com oferta exclusiva de cocktails e poncha com grande procura de madeirenses e turistas. Neste conjunto de estabelecimentos de restauração, é possível realçar a *Venda Velha* e o *Flair Spot Bar*.

O estabelecimento *Venda Velha* é um espaço comercial emblemático de reabilitação urbana e de marketing comercial. A CMF, proprietária do imóvel, realizou uma intervenção de reabilitação urbana com o objetivo de conservar as linhas arquitetónicas tradicionais no exterior e interior. Este imóvel foi sede das comemorações “*Funchal 500 anos*”, sendo que após os eventos festivos foi concessionado ao Grupo de restauração *Café do Teatro*. Este espaço foi posteriormente decorado tendo em conta o conceito do estabelecimento que foi inspirado para recriar o ambiente de uma mercearia do século XX. Desde a sua abertura que se conseguiu afirmar como um dos estabelecimentos mais atrativos na vida noturna da Zona Velha para madeirenses e turistas. A qualidade e variedade de ponchas poderá estar entre os fatores que justificam a sua elevada atratividade que hoje goza junto de uma grande diversidade de consumidores.

O espaço comercial *Flair Spot Bar* afirma-se como um bar de cocktails com funcionários adequadamente formados na área de barman. A inspiração do menu de cocktails não se restringe ao território regional e nacional, sendo amplamente alargado às influências internacionais. Na temática do menu, poderá ser considerado o bar com maior diversidade de bebidas presentes na Zona Velha com um menu extenso com ofertas de cocktails internacionais e com uma representação interessante da gastronomia madeirense relacionado com as aguardentes de cana-de-açúcar e do famoso vinho da Madeira. Um outro assunto singular deste estabelecimento está relacionado com o *show* da elaboração dos cocktails em que o cliente poderá assistir ao barman a realizar a sua bebida com a performance caraterizante dos profissionais de barman, deixando uma marca na experiência gastronómica dos seus consumidores.



Figura 53 - Flair Spot Bar (agosto de 2022)



Figura 54 - Aposta numa oferta diversificada de cocktails com show (Drinktainment)

Fonte: Flair Spot Bar (Facebook)



Figura 55 - A "poncha" como elemento principal da Venda Velha

Fonte: Venda Velha (Facebook)

5.2.4. Restaurantes

Os restaurantes são os estabelecimentos que atualmente apresentam maior presença na Zona Velha. A sua oferta gastronómica é diversificada, sendo possível constatar estabelecimentos centrados na gastronomia regional e nacional, contudo a introdução de pratos e menus de gastronomia europeia é uma evidência tendo em conta a procura dos consumidores, maioritariamente turistas.

A oferta gastronómica dos restaurantes, de um modo geral, centra-se na representação da gastronomia regional com pratos de carne (espeta madeirense), de peixe (peixe-espada-preto, atum, bodião) e o famoso bolo do caco como entrada, para além de um leque alargado de outros pratos igualmente procurados. Os diversos

restaurantes presentes nesta área apresentam a sua forma de elaboração dos pratos típicos,

“Cada restaurante tem a sua forma de fazer os pratos mais emblemáticos da nossa gastronomia, por exemplo, o peixe-espada-preto com banana, uns acrescentam uma calda de maracujá, outros assam a banana no forno, há quem utilize a técnica de *flambê* e até quem coloque lascas de amêndoa no molho” (*Chefe de Cozinha*)

Neste sentido, existem dois aspetos relevantes no modo de representação dos pratos emblemáticos da gastronomia regional, a formação dos funcionários (cozinheiros e empregados de mesa) e o próprio conceito gastronómico do estabelecimento, influenciando a representação dos pratos, bem como a valorização dos sabores tradicionais e/ou recriação de sabores, dando uma experiência diferenciada e por vezes singular.

O surgimento de estabelecimentos ligados à gastronomia asiática é um fenómeno relativamente recente na Zona Velha, acompanhando o desenvolvimento deste fenómeno em âmbito internacional. Os restaurantes centrados na gastronomia asiática relacionados com o sushi e gastronomia indiana vem complementar a oferta gastronómica presente na Zona Velha, porém com queixas de alguns comerciantes, do tipo, “não acho bem aqui na zona velha, sendo uma zona histórica, haver esta quantidade de indianos e nepaleses que estão a comprar isto tudo e que estão descaracterizando a Zona Velha!” (*Comerciante do restaurante 1*).

Na maior parte dos estabelecimentos, os pratos gastronómicos mais procurados estão relacionados com a gastronomia regional, nomeadamente, o filete-de-peixe-espada com banana, a tradicional espetada madeirense, as lapas grelhadas, bolo do caco com manteiga de alho, entre outras especialidades madeirenses. Esta dinâmica ocorre por alguns fatores, entre os quais, a singularidade da gastronomia insular que, por vezes, é desconhecida internacionalmente e pelos consumidores que sendo na sua maioria turistas procuram ter experiências gastronómicas autênticas do destino onde se encontram.

Neste contexto, restaurantes como a Taberna Ruel e o Gavião Novo são uma das referências gastronómicas da Zona Velha pela avaliação de satisfação no site *TheFork* e pela própria fama na área. Ambos apresentam um menu centrado na gastronomia regional e nacional com a introdução de pratos de gastronomia internacional. Ambos apresentam semelhanças através dos elementos gastronómicos relacionados com o mar como o peixe fresco e marisco. A escolha desta matéria-prima é minuciosa, valorizando as capturas selvagens em vez da criação de aquacultura. Esta escolha prende-se com os parâmetros

de qualidade e o cuidado de apresentar o melhor produto ao cliente. Além do mais, os peixes predominantes no mar da região são aqueles que apresentam maior abundância nos menus destes estabelecimentos. Os expositores destes restaurantes são uma marca diferenciadora, pois proporcionam a visualização dos peixes e mariscos que têm disponíveis e, conseqüentemente, darem a possibilidade aos clientes de poderem escolher o peixe que pretendem comer. A taberna Ruel possui um aquário de marisco vivo, alargando assim a sua oferta gastronómica e, deste modo, a diferenciar-se no ramo da restauração da Zona Velha.



Figura 56 - Exposição da oferta de peixe e marisco do Restaurante Gavião Novo e da Taberna Ruel

Fonte: Redes Sociais dos estabelecimentos (Facebook)

No domínio das plataformas tecnológicas de informação, os consumidores são utilizadores recorrentes destas ferramentas, seja pela busca de restaurantes na área onde se encontram, seja pela procura da oferta gastronómica que é oferecida, ou mesmo pela avaliação de consumidores face ao ambiente, serviço e oferta gastronómica. Mecanismos como o *Google Maps*, redes sociais (*Facebook* e *Instagram*) e sites de avaliação de estabelecimentos da restauração (*Tripadvisor*, *The Fork* e *Restaurante Guru*) são utilizados com maior frequência com a banalização dos meios de telecomunicação, tornando-se meios relevantes de divulgação dos estabelecimentos e, conseqüentemente, das áreas onde estão inseridos.

Existem restaurantes, como os dois referidos anteriormente, que apresentam uma perspectiva proativa, os quais utilizam as redes sociais (nomeadamente, *Facebook* e *Instagram*) como meios de publicidade dos seus estabelecimentos. Neste exemplo,

utilizam de modo a demonstrar a frescura dos produtos relacionados com o peixe e marisco, “Porque para nós, a frescura e qualidade são os ingredientes mais importantes!” (comerciante do Restaurante 2)⁸³. A possibilidade de avaliação por parte dos consumidores, face à experiência gastronómica, mostra ser uma mais-valia para a imagem do estabelecimento consolidando assim a sua importância na área onde se encontra, “*We had a wonderful meal, amazing selection dishes for my fish loving husband. Friendly, helpful staff. The food was beautifully presented and very tasty.*”⁸⁴ Além do mais, promovem em datas comemorativas, tais como natal e passagem de ano, entre outras, menus de refeições de modo a cativar os consumidores a comemorar nos seus estabelecimentos.

Todavia, esta realidade não se limita a estes dois estabelecimentos, mas reflete-se no tecido comercial da restauração da Zona Velha. Geralmente, os estabelecimentos que abriram recentemente e/ou que sofreram remodelações demonstram ter maior atenção nesta vertente de marketing digital. O grupo *Café do Teatro*, que possui cinco estabelecimentos nesta área do centro histórico, entre restaurantes e bares, e uma presença relativamente recente de cerca de 10 anos, apresenta uma aposta massiva nesta vertente. A utilização das redes sociais é regular na divulgação de animação musical (no convite de DJs no *23 Vintage Bar* e/ou na realização de noites de fados no restaurante *Arsénios*), na divulgação da sua oferta gastronómica centrada em petiscos regionais, e na diversidade da tradicional bebida madeirense, a poncha.

Dentro dos estabelecimentos da restauração são realçados os bares, pela utilização massiva das redes sociais. Este fenómeno poderá ser explicado por um conjunto de fatores, entre os quais, pela faixa etária dos consumidores, sendo maioritariamente jovem, e simultaneamente por serem uns dos principais usuários destas plataformas tecnológicas. Deste modo, os estabelecimentos reforçam a sua singularidade face aos consumidores locais e turistas na divulgação das suas especialidades gastronómicas, bem como no serviço prestado: “*Good cocktails in the old town of Funchal. Large cocktail menu and unusual one*” (*Flair Spot Bar*)⁸⁵.

⁸³ Publicação no Facebook, no dia 31 de outubro de 2020 - <https://www.facebook.com/GaviaoNovoMadeira>

⁸⁴ Publicação no Facebook, no dia 14 de junho de 2022 - <https://www.facebook.com/GaviaoNovoMadeira/reviews>

⁸⁵ Publicação no Facebook, no dia 9 de junho de 2022 - <https://www.facebook.com/profile.php?id=100063790740108&sk=reviews>

5.3. A Restauração na Regeneração Urbana da Zona Velha

Nos capítulos anteriores foi possível identificar e analisar o desenvolvimento da restauração no processo de regeneração urbana. Contudo, este capítulo procura mostrar a dinamização da Zona Velha através da restauração, tendo por base as imagens do *Google Maps* (datadas de 2009) e de imagens de 2022, de modo a compreender as principais mudanças ocorridas na área de estudo.

Face ao corte ao trânsito da Rua de Santa Maria em 2011, isto permitiu antes de mais, que a existência de um histórico de imagens registadas em 2009 e consequentemente o impedimento da sua atualização. Deste modo, é possível constatar as diferenças antes do temporal de 20 de fevereiro de 2010, e a consequente intervenção da Comissão de Requalificação e Embelezamento do Centro Histórico de Santa Maria.

Na rua de Santa Maria, as diferenças constatadas são significativas nos domínios da reabilitação urbana, na restauração e na dinamização. Através da (Figura 56), é possível observar a rua ocupada com automóveis e com um número reduzido de pessoas a frequentá-la. Além do mais, face a esta ocupação é impossível a colocação de esplanadas bem como o desenvolvimento de atividades recreativas.



Figura 57 - Rua de Santa Maria (dezembro de 2009)

Fonte: *Google Maps*

A quebra de paradigma de mobilidade, ou seja, o encerramento de parte da rua ao trânsito automóvel e a sua transformação em via pedonal, veio tornar-se uma peça chave na dinamização desta rua da Zona Velha. Esta medida tomada pela Comissão teve um

efeito multiplicador no tecido urbano, atingindo um conjunto de domínios, entre os quais, a reabilitação urbana dos andares térreos para novos estabelecimentos, nomeadamente restauração, juntamente com a colocação de esplanadas; a elaboração do projeto artístico “Arte de Portas Pintadas” e, por sua vez, o aumento de atração de pessoas que passam a percorrer e a apropriar-se do centro histórico como espaço de consumo.

Durante e após a execução do projeto artístico surgiram espaços comerciais relacionados com galerias de arte, contudo, a maioria não possuiu a capacidade de resiliência para vingar numa área urbana que se encontrava numa fase de consolidação de transformações urbanas e comerciais. Neste sentido, a atividade da restauração foi um dos alicerces que mais beneficiou com esta transição do paradigma de mobilidade. Os espaços ocupados atualmente por estes estabelecimentos foram responsáveis por intervenções de reabilitação urbana na área, pois a degradação do tecido urbano foi e continua a ser um elemento crítico da Zona Velha.

A junção da **restauração** com o projeto artístico e o fecho parcial da Rua de Santa Maria ao trânsito contribuiu para a afirmação e dinamização da Zona Velha. O aparecimento de restaurantes com conceitos gastronómicos diferenciados, acompanhado pela abertura de novos espaços comerciais associados à diversão noturna (bares de poncha, entre outras bebidas alcoólicas), snack-bares e a existência das tradicionais tascas vieram a confirmar a importância desta atividade comercial no tecido urbano,

“A restauração teve um *boom* nos últimos anos por influência das artes (Projeto arte de portas abertas). Esta foi uma maneira de chamar a atenção para a Zona Velha, o que fez dela um centro turístico por excelência!” (Departamento Economia e Cultura da CMF)

A **turistificação** é um processo que teve presença constante e relevante ao longo de largas décadas, e o próprio Dr. João Carlos Abreu tinha essa perspetiva, “Era fundamental atrair turistas para conhecerem e dinamizarem a Zona Velha.” A gentrificação da Zona Velha foi claramente influenciada pela turistificação devido à importância que esta possui na economia urbana e regional. A estruturação do tecido comercial reflete de forma clara a influência do turismo. Neste sentido, a valorização deste perfil de consumidores pela restauração torna-se evidente na oferta gastronómica e nos preços praticados na prestação de alguns serviços. A oferta destes por parte de alguns restaurantes, nomeadamente da técnica culinária/gastronómica de flambê são métodos utilizados de modo a diferenciarem-se na oferta dos estabelecimentos de restauração,

“Flambê, ou a ignição e posterior chama de aguardente durante o preparo dos alimentos, é um método de cozimento utilizado em diversas receitas conhecidas como Bananas Foster e Crepes Suzette.” (Hansen et al., 2012, p.90). O restaurante le jardin⁸⁶ era uma referência na Zona Velha pela aposta nesta técnica culinária na conceção de alguns pratos, contribuindo para espetacularização da experiência gastronómica aos consumidores.



Figura 58 - Rua de Santa Maria (agosto de 2022)



Figura 59 - Técnica de Flambê no restaurante Le Jardin (*Foodatainment*)

Fonte: Rede Social do Estabelecimento (Facebook)

A dinamização da rua de Santa Maria é marcada pela restauração (restaurantes, bares, snack-bares e tascas), contudo com uma apropriação heterogénea ao longo do dia,

⁸⁶ Encerrado permanentemente devido à pandemia da Covid-19

pelas pessoas que utilizam este espaço. Durante o dia, os turistas predominam nesta área histórica onde procuram conhecer o “berço” da cidade do Funchal. Percorrem as suas ruas pitorescas observando a arquitetura singular dos edifícios em simultâneo com suas as portas intervencionadas no projeto artístico, com predominância da rua de Santa Maria. Nesta dinâmica, os restaurantes, os snack-bares e as tascas tradicionais, começam a ganhar o seu protagonismo com o consumo de bebidas e de pratos gastronómicos. Este ambiente de envolvimento entre os consumidores e os espaços de restauração tornam a Zona Velha, apetecível e agradável pra os turistas e madeirenses a frequentarem.

No horário noturno, as vivências deste espaço são transformadas num ambiente informal e de boémia com a abertura dos bares, ou usando as palavras do comerciante da tasca (1), “Durante a noite, a zona transforma-se num arraial, cheio de pessoas e animação”. Os jovens predominam nesta área, na qual os bares ao colocarem animação musical reforçam a sua atratividade. Como referido anteriormente, a poncha é a bebida predileta de consumo nesta área da Baixa do Funchal.



Figura 60 - Diferenças da apropriação do espaço pelos consumidores entre o dia e a noite (agosto 2022)

6. Análise e discussão das entrevistas

De modo a compreender de forma mais profunda a realidade da restauração e a seu papel na regeneração urbana da Zona Velha, foram realizadas entrevistas aos vários proprietários dos diferentes tipos de formatos do setor da restauração (restaurantes, snack-bares, tascas e bares). A informação recolhida foi objeto de uma análise de conteúdo e os principais resultados foram sintetizados nas matrizes gráficas (Tabelas 9 e 10). Nos parágrafos que se seguem iremos abordar os principais campos das entrevistas e ilustrar as principais conclusões com testemunhos dos proprietários inquiridos.

No domínio dos principais fatores subjacentes à regeneração urbana e económica da Zona Velha, para a maioria dos comerciantes inquiridos esta deve-se tanto à ação desenvolvida pelos *stakeholders* da esfera pública e privada. Sem os investimentos públicos e privados realizados a regeneração da Zona Velha não teria ocorrido, ou pelo menos alcançado os contornos que patenteia na atualidade. Além do mais, a referência ao Dr. João Carlos Abreu foi mencionada por vários proprietários, descrevendo-o como uma personagem influente na cidade do Funchal, cuja participação no processo de regeneração desde o início da década de 70 até à criação da Comissão de Requalificação e Embelezamento do Centro Histórico de Santa Maria em 2011, foi de grande relevância. O proprietário da Tasca (1) refere-se ao mesmo da seguinte forma: “Foi o homem da Zona Velha e que transformou toda esta área, conseguindo abrir as portas do sucesso. A Zona Velha deve muito ao João Carlos Abreu.”

O investimento público, como referido anteriormente, possibilitou o melhoramento dos espaços públicos (calçetamento de artérias, iluminação pública, fecho ao trânsito automóvel de alguns arruamentos, nomeadamente, do Largo do Corpo Santo, Rua do Portão de São Tiago e parte da Rua de Santa Maria, apoio financeiro no processo de reabilitação urbana de prédios e criação de espaços verdes com o Jardim do Almirante Reis, entre outros). Deste modo, as instituições públicas acompanharam e cooperaram com os investidores privados nas obras que estavam a ser realizadas, nomeadamente na atividade da restauração, na deslocação de atividades industriais e nas infraestruturas turísticas relacionadas com a hotelaria e o teleférico.

Tabela 9 – Categorização das respostas as entrevistas aos comerciantes da restauração

| Questões | Análise das Entrevistas (questões selecionadas) | | | |
|----------|---|---------------------------------|--------------------------------------|-------------|
| | | | | |
| 3 | Fatores responsáveis pelas transformações | Investimento público | Investimento privado | Ambos |
| 5 | Papel dos restaurantes e bares na dinamização da Zona Velha | Importante | Razoável | Irrelevante |
| 6 | Motivos de abertura do estabelecimento na Zona Velha | Oportunidade de Negócio | Turismo | Localização |
| 7 | Transformações que o estabelecimento sofreu desde a sua abertura | Decoração | Obras de remodelação | Nenhuma |
| 8 | Caracterização da oferta gastronómica do estabelecimento | Gastronomia Regional e Nacional | Gastronomia Internacional | Ambas |
| 10.1 | Proveniência da clientela | Regional | Turística (Nacional e Internacional) | Ambas |
| 10.2 | Alterações na clientela | Mudou | Manteve | - |
| 11 | Relevância do projeto "Arte de Portas Pintadas" | Importante | Razoável | Irrelevante |
| 13 | Papel dos estabelecimentos relacionados com a poncha tradicional madeirense na Zona Velha | Significativo | Mediano | Prejudicial |
| 14 | Importância do Turismo para o estabelecimento e para a Zona Velha | Alto | Médio | Baixo |

Tabela 10 - Respostas das entrevistas aos comerciantes da restauração⁸⁷

| | | Entrevistados | | | | | | | | | |
|----------|-------|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
| | | 1 | 2 | 3 | 4 | 5 | 6 | 7 | 8 | 9 | 10 |
| Questões | 3. | Red | Red | Red | Red | Yel | Grn | Grn | Red | Red | Yel |
| | 5. | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn |
| | 6. | Grn | Grn | Yel | Grn | Grn | Grn | Yel | Yel | Grn | Grn |
| | 7. | Yel | Red | Red | Grn | Yel | Yel | Grn | Grn | Grn | Red |
| | 8. | Red | Grn | Red | Grn | Red | Grn | Grn | Grn | Grn | Red |
| | 10.1. | Red | Red | Red | Red | Red | Red | Red | Red | Red | Red |
| | 10.2. | Grn | Grn | Grn | Grn | Yel | Grn | Grn | Yel | Yel | Yel |
| | 11. | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn |
| | 13. | Yel | Grn | Grn | Red | Yel | Yel | Yel | Grn | Grn | Yel |
| | 14. | Grn | Grn | Grn | Yel | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn | Grn |

⁸⁷ 1- Restaurante Regional; 2- “Tasca” – Bar Caracas; 3- Restaurante Santa Maria; 4- Restaurantes Tropicana e Taberna Ruel; 5- Restaurante Estrela do Mar; 6 – Restaurante Embaixador Madeirense; 7 - Restaurante The Snug Old Town; 8- Restaurante Moda Antiga; 9- **Grupo Café do Teatro** (Esplanada do Teleférico, Venda Velha, Bar Vintage 23, Restaurante Arsénios, A Poncharia); 10- Snack-Bar Art Food Corner

Tabela 11 - Matriz Gráfica de Bertin (Entrevistados da Restauração)

| Análise de entrevistas (questões selecionadas) | | 4. Restaurante Tropicana e Taberna Ruel | 9. Grupo Café do Teatro | 2. Bar Caracas (Tasca) | 3. Restaurante Santa Maria | 8. Restaurante Moda Antiga | 1. Restaurante Regional | 7. Restaurante The Snug Old Town | 6. Restaurante Embaixador Madeirense | 5. Restaurante Estrela do Mar | 10. Snack-bar Art Food Corner |
|---|---|--|----------------------------------|---------------------------------|----------------------------------|----------------------------------|-------------------------------|---|---|--|-------------------------------------|
| Grupo 1 | 3. Fatores responsáveis pelas transformações | Red | Red | Red | Red | Red | Red | Green | Green | Yellow | Yellow |
| | 7. Transformações que o estabelecimento sofreu desde a sua abertura | Green | Green | Red | Red | Green | Yellow | Red | Yellow | Yellow | Red |
| | 13. Papel dos estabelecimentos relacionados com a poncha tradicional madeirense na Zona Velha | Red | Green | Green | Green | Green | Yellow | Yellow | Yellow | Yellow | Yellow |
| Grupo 2 | 10.2. Alterações na clientela | Green | Yellow | Green | Green | Yellow | Green | Green | Green | Yellow | Yellow |
| | 6. Motivos de abertura do estabelecimento na Zona Velha | Green | Green | Green | Yellow | Yellow | Green | Yellow | Green | Green | Green |
| | 8. Caracterização da oferta gastronómica do estabelecimento | Green | Green | Green | Red | Green | Red | Green | Green | Red | Red |
| | 14. Importância do turismo para o estabelecimento e para a Zona Velha | Yellow | Green | Green | Green | Green | Green | Green | Green | Green | Green |
| Grupo 3 | 11. Relevância do projeto "Arte de Portas Abertas" | Green | Green | Green | Green | Green | Green | Green | Green | Green | Green |
| | 5. Papel dos restaurantes e bares na dinamização da Zona Velha | Grey | Green | Green | Green | Green | Green | Green | Green | Green | Green |
| | 10.1. Proveniência da clientela | Red | Red | Red | Red | Red | Red | Red | Red | Red | Red |

Todavia, segundo o testemunho de alguns comerciantes, o investimento privado realizado pelos proprietários do setor da restauração assume uma posição de liderança no processo de transformação desta área do centro histórico, por ser a atividade comercial que mais contribui para desenvolver e manter uma dinâmica atrativa da Zona Velha. “Já se sabe, se não forem os proprietários dos restaurantes e dos bares que abriram na área, a zona morre. Imagine o que era a Zona Velha sem bares e restaurantes? Simplesmente morria tudo!” (Proprietário do Restaurante 1).

Neste sentido, todos os comerciantes entrevistados, em exceção de um que preferiu não responder, reconhecem a sua relevância na dinamização desta área por considerarem o ramo da restauração como uma atividade âncora de atratividade. Esta ideia chave, está bem patente no testemunho fornecido pelo proprietário de restaurante (2):

“Dinamizamos a ZV ao atrair turistas, fazendo publicidade em revistas e redes sociais para trazer o cliente a esta zona e que fique por cá. Não só para ver o que é a ZV, mas também para ficar num restaurante ou bar da zona, é isso que os empresários aqui da área tentam fazer. Os turistas que estão por exemplo na zona do Lido, vêm cá ao almoço ou jantar e depois podem beber uma bebida, uma poncha, num dos bares aqui da zona. Queremos que eles venham até cá não só um dia, mas que repitam por alguns dias para experimentarem os vários restaurantes, e é isso que dinamiza a ZV. Temos concorrência na área da restauração, mas a diversidade e qualidade são marcas que temos de transmitir aos nossos clientes.”

Quando questionados sobre as razões que os levaram a instalar-se na ZV, a maioria dos comerciantes referem a simples “oportunidade de negócio” que surgiu no momento do investimento. Tendo em conta o desenvolvimento urbano e comercial que a área tem tido, os estabelecimentos mais recentes sentem-se atraídos para se instalarem nesta área. Existem, no entanto, entre os estabelecimentos mais antigos comerciantes que alegam questões estratégicas, como acontece com o proprietário do restaurante (3) que abriu portas em 2001. Na decisão do investimento encontra-se a ideia da época ser propícia para a abertura do estabelecimento devido às transformações urbanas que estavam a ocorrer na Zona Velha. Outros comerciantes sublinharam como fator decisivo do investimento na área, o carácter turístico da ZV. Sendo uma área onde a passagem de turistas é intensa, torna-se apetecível para o ramo da restauração. Além do mais, os turistas são mesmo o nicho de clientes para o qual se orientam alguns estabelecimentos.

Estes centram-se neste tipo de consumidores por possuírem maior capacidade de compra em relação ao consumidor regional.

Quanto às mudanças efetuadas nos estabelecimentos, estas estão sobretudo associadas à antiguidade dos espaços. Não é por isso de estranhar que os estabelecimentos mais antigos tenham concentrado os seus esforços na mudança da decoração do espaço de modo a manter um espaço mais atrativo e moderno. Os três comerciantes mais antigos entrevistados, prestaram uma atenção redobrada às obras de remodelação, face à degradação dos estabelecimentos e à necessidade de torná-los mais atrativos e confortáveis através da modernização de equipamentos de cozinha. Os comerciantes que estão no mercado há menos anos afirmaram que não necessitaram de realizar qualquer tipo de intervenção, pois como abriram recentemente, ainda não sentiram essa necessidade.

Quando questionados sobre a oferta gastronómica dos estabelecimentos, a gastronomia regional e nacional foram as opções mais salientadas pelos comerciantes. O foco na oferta gastronómica centra-se na necessidade de divulgação e promoção dos produtos diretamente ligados aos territórios onde estão inseridos. Os pratos típicos da Madeira são elementos atrativos para os consumidores locais e turistas. Um número significativo de comerciantes refere que a sua aposta na oferta gastronómica regional, nacional e internacional se prende com a necessidade de disponibilizar aos consumidores um leque mais alargado de pratos gastronómicos, respondendo por essa via melhor à procura de diferentes tipos de consumidores. Segundo alguns comerciantes, esta oferta gastronómica alargada é fruto do contato com os consumidores que apresentam sugestões que são relevantes de modo a manter o menu do estabelecimento atualizado e atrativo.

Na temática relacionada com a proveniência da clientela, os comerciantes são quase unânimes em realçar a importância do turismo internacional. O proprietário de estabelecimentos da restauração (4) refere que os consumidores estrangeiros representam cerca de metade dos consumidores. Os consumidores locais são, sobretudo referidos pelo comerciante como representativos das classes sociais média-alta e alta. Este fenómeno ocorre por alguns motivos, entre os quais, pela procura de uma oferta gastronómica de qualidade comprovada, pelos preços praticados pelo estabelecimento e por vezes, pela relação de proximidade entre o comerciante e os consumidores, resultante do contato regular e consumo. Todavia, os consumidores locais abrangem as restantes tipologias da restauração, nomeadamente as tascas, os bares e snack-bares. Nestes estabelecimentos, a

diversidade de consumidores locais possuir maior envolvimento das várias classes sociais e de faixas etárias.

Com a retoma gradual do turismo, seis comerciantes assumem que tiveram uma mudança do perfil de consumidor (turistas seniores) sobretudo ligada ao aparecimento de consumidores jovens. As principais alterações verificadas nos fluxos turísticos envolvem a chegada de turistas de novas nacionalidades para além das já tradicionais (ingleses, franceses e alemães). Deste modo, a política turística do Governo Regional em diversificar os mercados turísticos tem-se refletido nos estabelecimentos comerciais.

Quanto ao processo de regeneração urbana, o projeto Arte de Portas Abertas, é reconhecido por todos os comerciantes como uma iniciativa sociocultural que complementou e marcou uma nova etapa na transformação urbana da Zona Velha. Todavia, alguns comerciantes deixam críticas relacionadas com a preservação e gestão deste património artístico, desde o desaparecimento de portas, como já referido anteriormente, até ao desgaste natural das pinturas sem a devida manutenção. A questão das portas é um processo juridicamente complexo, pois o projeto foi realizado em portas particulares sem que a CMF tenha criado um regulamento municipal para gerir o projeto. Face à importância deste projeto para a Zona Velha, o proprietário dos estabelecimentos Taberna Ruel e Tropicana demonstrou a sua preocupação em tentar reanimar o projeto com a participação dos comerciantes, porém a falta de cooperação entre os comerciantes é identificada como um dos principais entraves.

A questão sobre o papel dos estabelecimentos relacionados com a poncha tradicional na Zona Velha, é talvez a mais controversa entre os comerciantes, bem patente na diversidade de respostas. Quanto à relevância dos bares, quatro comerciantes entrevistados argumentam que esta bebida tradicional, a poncha, se apresenta como um elemento singular da Zona Velha à escala da Baixa e da cidade do Funchal em geral, atraindo mais clientela,

“Eu acho que ajuda porque cada um tem o seu negócio. O meu (perfil gastronómico) é comida e poncha e o deles é de poncha, eu acho que não interfere na restauração. Imagine, fecho o restaurante às 22.30h / 23 horas e a seguir eu quero beber uma bebida, eu acho que é um chamativo para a cidade. Este conjunto de estabelecimentos vêm complementar a oferta da restauração tradicional. Digo isto porque trabalho ao pé do bar *Vintage* e, às vezes, as pessoas das mesas deles pedem comer ao nosso restaurante” (Proprietária do restaurante (5)).

Mas nem todos os comerciantes consideram o papel dos bares tão significativo, apontando, por isso, aspetos positivos e negativos a estes estabelecimentos. Alguns comerciantes referem que, por um lado, os bares conseguem atrair pessoas e complementam a oferta comercial nomeadamente após os jantares nos restaurantes por estes terem um funcionamento maioritariamente noturno. Contudo, como pontos negativos salientam-se os distúrbios causados ao nível do ruído e da poluição gerada pelos consumidores mais jovens. Face às limitações do departamento de limpeza da CMF, nem sempre é possível manter as artérias da Zona Velha com a limpeza adequada, como deixa claro a proprietária do restaurante (6) - “A limpeza da área podia ser bem melhor depois da animação noturna, pois as ruas ficam cheias de lixo”. Outro aspeto, é o crescimento exponencial destes estabelecimentos, que faz com que os problemas identificados anteriormente tenham uma magnitude superior e a qualidade da oferta gastronómica relacionada com as bebidas seja questionada. No entanto, apenas um comerciante identifica como prejudicial o funcionamento destes estabelecimentos pelos fatores apresentados anteriormente, juntando o argumento que o ambiente de diversão noturna faz com que os turistas de maior capacidade de compra se sintam desconfortáveis criando assim um certo sentimento de repulsa prejudicando os restaurantes.

Por fim, quando questionados sobre a importância do turismo para o seu estabelecimento e para a Zona Velha, os comerciantes mostram a relevância, quando não mesmo dependência do turismo. Um dos exemplos mais apresentados foi o impacto da pandemia da Covid-19 ao longo dos dois últimos anos. Muitos estabelecimentos tiveram que recorrer ao *lay-off*, pois o número de clientes era muito reduzido para conseguirem manter as portas abertas. Face a este panorama mundial, alguns estabelecimentos que já apresentavam fragilidades financeiras acabaram por fechar por não terem resiliência suficiente face à magnitude deste fenómeno. Todavia, os comerciantes assumem que a recuperação do setor turístico está a ser gradual, principalmente desde o início de 2022.

“Eu acho que o turismo está a ter um papel espetacular e agora com a entrada da *Ryanair* na Madeira a tendência é para que este melhore imenso. Onde eles (*Ryanair*) chegam conseguem revolucionar o mercado turístico. A Madeira e, neste caso a cidade do Funchal, só têm a ganhar com a entrada de mais turistas, especialmente jovens.” (Empresário da restauração 1).

A importância do turismo reflete-se igualmente no tecido comercial, nomeadamente, através da abertura de estabelecimentos que estavam encerrados, mostrando o dinamismo e a alternância comercial. As respostas a esta questão vêm ao encontro da análise do processo de regeneração urbana levada a cabo nas últimas décadas do século XX, onde o turismo se assumia como um dos pilares de transformação urbana.

No contato com os comerciantes entrevistados é vincado a singularidade e autenticidade do espaço da Zona Velha, pela atividade da restauração e por toda a área envolvente que influenciaram as políticas urbanas, nomeadamente de regeneração urbana. Como referido anteriormente, a presença de estabelecimentos da restauração, desde pelo menos o século XX, com as tradicionais tascas (que predominavam com a frequência de pescadores e moradores locais), que eram características desta área do centro histórico do Funchal. Além do mais, estes estabelecimentos encontravam-se em património edificado histórico com séculos de existência. A abertura de novos estabelecimentos de restauração, a partir das últimas décadas do século XX, daria um novo impulso à dinâmica urbana, comercial e turística. Contudo, este processo teve impactos socioeconómicos na Zona Velha, tal como o esvaziamento populacional da área com a criação de novos fogos de habitação e conseqüentemente, a melhoria da qualidade de vida para os moradores. A melhoria dos espaços públicos, nomeadamente, dos arruamentos, iluminação e espaços verdes veio proporcionar um novo modo de apropriação do espaço por parte de funchalenses e turistas, ligado ao lazer e ao ócio. A localização da Zona Velha é um dos elementos mais sublinhados pelos comerciantes, visto ter uma localização estratégica no centro histórico do Funchal, com a proximidade do mar e de edifícios emblemáticos da baixa do Funchal como o Mercado dos Lavradores, tornando-se um ponto de passagem para os turistas e em termos urbanos, um polo dinâmico positivo. Todos os elementos e fenómenos referidos anteriormente seriam fatores influentes na dinâmica desenvolvida nesta área, tal como na transformação do tecido comercial ancorado no processo de comensalidade.

Referente a *matriz gráfica de Bertin* (Tabela 11), esta possui a capacidade de síntese da análise dos dados, nomeadamente com a criação de grupo de questões em relação a variabilidade de respostas. O "**Grupo 1**" apresenta uma variabilidade tricolor de respostas, apresentado as diversas perspetivas dos comerciantes (sistémica, empreendedora e passiva), por exemplo referente aos fatores responsáveis pela transformação da área. No "**Grupo 2**" apresenta uma variabilidade de duas cores, onde a diversidade dos comerciantes foi intermédia, por exemplo, quanto a caracterização da

oferta gastronómica do estabelecimento, foi dividida entre a especialização da “Gastronomia Regional e Nacional” e “Ambas”, o que poderá ser justificado por alguns fatores, entre os quais, especialização do conceito gastronómico do estabelecimento (aposta na autenticidade) e possuir uma oferta gastronómica alargada de modo a responder a multiplicidade da procura de consumo. Por fim, o “**Grupo 3**”, onde a variabilidade de color é unânime, com exceção a “cor cinzenta” onde o comerciante recusou responder à questão, nomeadamente referente a relevância do projeto “Arte de Portas Abertas”, onde todos os entrevistados referiram o carácter positivo deste projeto na dinamização sociocultural da rua de Santa Maria.

Tabela 12 - Ficha de Observação (Zona Velha)

| Ficha de Observação – Características do espaço da Zona Velha | |
|--|--|
| Arquitetónicas | <ul style="list-style-type: none"> As ruas e prédios mantêm as suas características arquitetónicas históricas desde o século XVII e XVIII, época de maior dinamismo urbano e comercial relacionado com a comercialização do vinho e comércio marítimo com marcas singulares, entre as quais, os prédios de cor amarela com as janelas e portas com cantaria referente à época; diferentes tipologias de edifício consoante as classes sociais senhoriais (geralmente de dois ou três pisos) e a classe trabalhadora (geralmente apenas de um piso com presença significativa no Largo do Corpo Santo e Rua do Portão de São Tiago); e a calçada madeirenses realizada a partir de calhaus; A degradação do tecido edificado é uma problemática de várias décadas que perdura até aos nossos dias. Esta situação deve-se à saída da população do centro histórico e por sua vez, ao preço elevado do mercado imobiliário. Todavia, esta situação é referente aos pisos superiores dos prédios pois o comércio, e nomeadamente a restauração, foram cruciais no processo de reabilitação urbana dos pisos térreos; O processo de reabilitação urbana tem vindo a transformar a paisagem do edificado, sobretudo para fins turísticos. A presença de alojamentos locais é cada vez maior, acompanhando a tendência das principais cidades do país. |
| Paisagísticas | <ul style="list-style-type: none"> A Zona Velha por se encontrar junto à faixa marítima, tende a ser uma área agradável para estar e passear. O mar foi e é uma marca desta área, pelo seu passado estar representado pela atividade piscatória, hoje com fraca dinamização. O complexo Balnear da Barreirinha e a praia de São Tiago ainda são locais atrativos para os madeirenses e visitantes que procuram aproveitar as temperaturas amenas do mar. É possível observar o anfiteatro da cidade do Funchal, uma vista magnífica, com o crescimento da malha urbana até às cotas mais altas em altitude, um fenómeno que terá começado a partir da segunda metade do século XX. Uma das características paisagísticas singulares possíveis de constatar é a junção da malha urbana com a malha florestal. |
| Sociais | <ul style="list-style-type: none"> No jardim do Almirante Reis, existem espaços de convívio, nomeadamente com mesas e bancos públicos, locais que são propícios para conversar, bem como jogar as cartas e ao dominó. A abundância de turistas ao longo do dia, oculta de certa forma a problemática social originada pelo vazio populacional desta área, predominando a população envelhecida e com poucos recursos económicos. A presença de indivíduos toxicodependentes e em situação de sem abrigo é uma realidade que segundo relatos de alguns moradores e comerciantes veio a piorar durante e após a pandemia da Covid-19. |
| Ambientais | <ul style="list-style-type: none"> O Jardim do Almirante Reis, espaço verde na baixa da cidade do Funchal, possui árvores de médio e grande porte, criando áreas de sombra para as pessoas que procuram resguardar-se do sol. A presença de espaços com relvado permite às pessoas passearem e desfrutarem deste espaço verde. As ruas da Zona Velha apresentam sinais de limpeza pelos serviços camarários e da proatividade de alguns comerciantes que procuram manter a via pública um local agradável para quem visita. Contudo, nas primeiras horas da manhã é possível constatar sujidade nas artérias desta área resultado do funcionamento dos bares até de madrugada. A população jovem predomina a frequência destes estabelecimentos, provocando por vezes, queixas a nível do ruído e de lixo deixado pelo chão. |
| Outras | <ul style="list-style-type: none"> As dinâmicas diurnas e noturnas na Zona Velha são dois aspetos diferenciadores na apropriação do espaço por parte dos madeirenses e turistas. No horário diurno, observa-se maioritariamente turistas a visitar a área nomeadamente os prédios caracterizantes e as suas artérias, o projeto das portas pintadas e o consumo em estabelecimentos relacionados com os restaurantes, snack-bares e tascas. Por sua vez, no horário noturno existe uma transformação nesta dinâmica com a presença de madeirenses, maioritariamente jovens que procuram os bares relacionados com a tradicional poncha. Os turistas também marcam presença, procurando experimentar esta tradicional bebida bem como o consumo de cocktails e outras bebidas alcoólicas. O ambiente destes estabelecimentos torna esta área um ponto de referência de boémia da cidade do Funchal. |

6.1. Discussão das entrevistas

No processo de regeneração urbana da ZV do Funchal fica evidente a participação dos *stakeholders* públicos e privados na concretização do processo de transformação urbana, comercial e cultural da área. Todavia, existem discrepâncias identificadas, nomeadamente, da falta de uma cooperação efetiva generalizada entre *stakeholders*, pois existiram intervenções no espaço urbano que se desenvolveram de um modo desagregado, sem a devida cooperação e discussão entre os *stakeholders*, entre os quais, o crescimento dos estabelecimentos de restauração. Este fenómeno é visível numa escala temporal alargada, na temática do comércio, sendo representado por contestações de moradores e comerciantes pela falta de planeamento comercial, com o argumento do excesso de estabelecimentos da restauração. Esta forma de planeamento e gestão do espaço urbano é contestada por Gupta et al. (2015) e Stren (2001), pois a transparência e discussão das diferentes perspetivas dos *stakeholders* devem dominar no processo de governança urbana e, respetivamente, no processo de regeneração urbana.

Por outro lado, a abordagem urbana “bottom-up” (Tallon, 2010) que promove a participação das comunidades locais no desenvolvimento de projetos deste âmbito viu-se limitada nesta área de estudo. Este fenómeno é justificado por um conjunto de fatores, entre os quais, a fraca adesão da população local nas discussões sobre os problemas do espaço urbano onde estão inseridas e a falta de cooperação nomeadamente das instituições públicas, da CMF, em incluir os cidadãos na discussão e posteriormente, na apresentação das diferentes perspetivas sobre o espaço em estudo. Esta visão é partilhada por alguns comerciantes, nomeadamente, do empresário dos estabelecimentos da taberna Ruel e Tropicana em que desabafa a falta de organização dos comerciantes em defender as suas perspetivas sobre o seu ramo de atividade na ZV.

A multiplicidade de espaços de restauração está intrinsecamente relacionada com a diversidade gastronómica que estes espaços oferecem aos consumidores locais e turistas. Todavia, mesmo dentro de cada subcategoria da restauração esta diferenciação é notada, tendo em conta o conceito gastronómico do estabelecimento e por sua vez, o consumidor destinatário. Este fenómeno é constatado por Zukin (1995, 2014, 2017) no processo de gentrificação urbana de Nova Iorque face a afirmação da importância da comida na revitalização urbana. Dos elementos constatados na oferta gastronómica dos estabelecimentos da Zona Velha, são de sublinhar a autenticidade e a internacionalização da gastronomia. Estes dois elementos são evidentes na transformação desta atividade

comercial, sendo que está relacionado com a aposta na gastronomia regional, onde grande número de estabelecimentos apresenta pratos e/ou menus centrados nesta vertente gastronómica, sendo referida pelos comerciantes que a singularidade e autenticidade da gastronomia regional é uma mais-valia para os seus estabelecimentos. Todavia, a introdução de pratos gastronómicos internacionais pelos estabelecimentos visa, em grande parte, complementar a sua oferta gastronómica de modo a alcançar e satisfazer um maior número de consumidores. Este fenómeno é acompanhado pela abertura de restaurantes centrados na gastronomia internacional, nomeadamente, asiática e europeia, que procuram diferenciar os seus estabelecimentos no tecido comercial desta área do centro histórico. A valorização da gastronomia com base na autenticidade através dos estabelecimentos é uma realidade constatada na área de estudo, porém, não sendo um caso isolado nas dinâmicas comerciais. Segundo Zukin (2010), a perspetiva sobre a autenticidade aparenta ser sistémica, e nela todos os elementos dos estabelecimentos contribuem para esse fim, desde os aspetos físicos, a matéria-prima até a performance dos empregados. Esta realidade pode verificar-se nas tradicionais tascas, onde o seu ambiente de informalidade caraterístico, juntamente com o sentimento de vizinhança, entre o comerciante e os clientes, e a aposta na apresentação tradicional da gastronomia madeirense, são um dos exemplos possíveis de verificar na Zona Velha.

A importância do turismo no tecido comercial dos centros históricos é uma realidade cada vez mais observável, nomeadamente, nas cidades europeias (Cocola-Gant, 2015; Cocola-Gant et al., 2020; Hernández-Cordero, 2015; Sbicca, 2018). Também neste campo a Zona Velha não é exceção, já que a importância dos consumidores turistas é relatada pelos comerciantes. Todavia, esta predominância levou a que quase a totalidade dos estabelecimentos tivesse que encerrar as portas durante a pandemia da Covid-19 devido à ausência de clientes. A concentração e diversidade de estabelecimentos de restauração torna a Zona Velha atrativa para os consumidores, nomeadamente os turistas, que a procuram para usufruir da oferta gastronómica, juntamente com diversão noturna que os bares oferecem. Neste campo, a Zona Velha partilha a realidade que se pode experienciar na área do *Temple Bar* na Irlanda (McDonald, 1996), apenas para citar um exemplo. Todavia, os bares e mais especificamente, os ligados à tradicional poncha, criam condições de convívio e de partilha entre pessoas num ambiente informal conferindo à Zona Velha também o distintivo de área de boémia (Bell, 2007b).

Na regeneração urbana, a utilização de atividades âncora como o comércio e a cultura enquanto elos de desenvolvimento das áreas intervencionadas são uma realidade

internacional. Esta dinâmica ocorre igualmente nesta área de estudo, com a adoção de estabelecimentos de restauração e o “Projecto Arte portas abertas” que veio dinamizar económica e culturalmente e, que segundo os comerciantes, veio incentivar o aumento de pessoas a frequentar o local. A utilização da componente artística em projetos de intervenção urbana é uma realidade constatada no contexto internacional, como no Reino Unido (Lees & Melhuish, 2015). Segundo Hall & Roberston (2001), esta componente visa melhorar o domínio social em áreas de declínio urbano, onde a segregação e exclusão social são visíveis. Segundo o responsável artístico pelo projeto da Zona Velha, José Zyberchema, dos vários objetivos deste projeto, um deles seria a participação da população local de modo a criar condições de bem-estar social,

“Considero que este projeto tenha sido mais para os residentes, pois estando do lado deles, o principal objetivo do projeto seria contribuir para o seu bem-estar, pois não se trata de expulsá-los de lá, mas sim criar um bem-estar geral que os fizesse querer continuar a viver na Zona Velha do Funchal.” (Fernandes, 2016, p. 94)

Além do mais, a componente artística visa transformar o espaço público, contribuindo para o desenvolvimento espacial, inclusive no domínio económico, destas áreas urbanas. Com a transformação do ambiente do espaço público, são criadas condições favoráveis de atração de pessoas e atividades comerciais, nomeadamente da venda a retalho (Palermo, 2014). Esta realidade foi constatada empiricamente na Zona Velha com base no contato com os comerciantes, visto que após a intervenção cultural realizada verificou-se um novo marco na transformação da dinâmica comercial, nomeadamente com a abertura de estabelecimentos de restauração e de espaços ligados às artes, como galerias. Porém uma boa parte destes estabelecimentos não viria a vingar, já que alguns anos depois encerraram (Cachinho & Barata-Salgueiro, 2016).

A introdução da componente turística nos processos de regeneração urbana em áreas históricas é um processo resultante de fatores relacionados com o investimento em atividades económicas direcionadas para o mercado turístico, como o comércio e serviços (Barata-Salgueiro et al., 2017) e pela atração que estas áreas exercem com base no seu capital espacial. Na Zona Velha, a componente turística teve um papel fulcral no seu desenvolvimento. Este papel é sublinhado pelo Dr. João Carlos Abreu, que refere a atração de turistas como uma das alavancas da transformação urbana, comercial e socioeconómica da área. Esta realidade é igualmente retratada pelos comerciantes da

restauração, nas entrevistas efetuadas, que destacam também o peso significativo do mercado turístico nos consumidores dos estabelecimentos. Este fenómeno é igualmente retratado em outras realidades urbanas, nomeadamente a nível nacional, na cidade de Lisboa (Guimarães, 2022) e na cidade do Porto (Fernandes et al., 2020), onde atualmente o turismo desempenha um papel de liderança nas transformações urbanas e comerciais no centro histórico das cidades.

Esta dinâmica de regeneração urbana gera porém conflitos de interesses entre a população local e os visitantes, que se manifestam em diversos domínios, entre os quais, a gentrificação turística e a mudança do perfil da população residente (López-Gay et al., 2020; L. Mendes, 2020b), bem como na estrutura comercial (Barata-Salgueiro et al., 2017). À semelhança da área de estudo, os impactos são semelhantes com queixas de moradores em relação ao foco do investimento no mercado turístico com implicações e transformações no comércio local tradicional, ou comércio neotradicional para usar a designação de Fernandes & Chamusca (2015)⁸⁸

⁸⁸ “Neotradicional” - Criação de uma nova tipologia de comércio que visa a relação, “(...)entre o tipo de loja e a atividade e a sua localização, num quadro global de dinâmica recente marcada por sinais de gentrificação e turistificação.” (Fernandes & Chamusca, 2015)

7. Discussão e Considerações Finais

Este trabalho tem a intenção de discutir e relacionar os processos de regeneração urbana e de comensalidade no contexto da revitalização dos centros históricos, nomeadamente da Zona Velha da cidade do Funchal. A investigação permitiu compreender os fatores originários do desenvolvimento do processo de regeneração urbana, onde a comensalidade assumiu um papel primordial.

A degradação dos centros históricos de cidades de dimensão e importância significativa no contexto urbano regional e nacional, é um fenómeno que se vem a difundir deste o último quartel do século XX. Já por esta altura a realidade urbana da Zona Velha levantava diversas preocupações no contexto da cidade do Funchal. Ao elevado grau de degradação do património do edificado, juntamente com o crítico panorama social (perda de população; população residente maioritariamente envelhecida e de fracos recursos económicos) somavam-se também problemas relacionados com a prostituição e a toxicodependência.

Tendo em conta a degradação dos edifícios e do ambiente vivido marcado pela repulsão e o preconceito, os investidores privados, nomeadamente, o Dr. João Carlos Abreu e os seus sócios, viriam a criar um marco relevante na viragem da Zona Velha, visando a sua revitalização, com base na abertura do restaurante “A Romana”. Este estabelecimento tornou-se num dos principais estabelecimentos de restauração da área, atraindo consumidores locais e turistas. O turismo, segundo a visão do Dr. João Carlos Abreu, teria um papel de vanguarda na transformação desta área da cidade. O processo de comensalidade iria ter um novo protagonismo e desenvolvimento a partir deste exemplo, pois a transformação do ambiente vivido no estabelecimento acabou por ter um efeito de demonstração para outros estabelecimentos na área. A sua singularidade de decoração e de ambiente comercial foram elementos que caracterizaram a sua predominância na restauração sendo que, posteriormente, o Dr. João Carlos Abreu elaborou ações igualmente inovadoras com a implementação de iniciativas socioculturais de modo a dinamizar o espaço público.

Numa segunda fase, as intervenções públicas, nomeadamente da CMF e do GRM, iniciam a intervenção urbana de modo a resolver e/ou atenuar os problemas urbanos, comerciais e sociais. O cariz de abordagem *top-down* na intervenção da Zona Velha é bem visível, sendo estas duas instituições, maioritariamente, a dominarem e a cooperarem

nesta fase do processo de regeneração urbana, fenómeno descrito por Cochrane (1999) com o desincentivo da participação da comunidade local. Esta perspetiva caracterizada pela sua estrutura rígida e liderada pelos organismos públicos domina grande parte do processo de regeneração, contudo é incapaz de resolver todos os problemas de forma eficaz (Brenner, 2019). Entre as principais transformações, de referir, a requalificação de funções do Forte de São Tiago (sede da polícia militar para dar lugar ao museu sendo posteriormente, criado o Museu de Arte Contemporânea do Funchal); a declaração da Zona Velha de “Zona Classificada” (Decreto Legislativo Regional nº 21/86/M), a deslocação de atividades industriais para a periferia da cidade do Funchal (oficinas de automóveis; carpintarias e a empresa Madeira Engineering (reparação naval)); a criação do Gabinete Técnico da Zona Velha e a intervenção no espaço público (operação de calçetamento, melhoria das rede de esgotos e da iluminação pública); a requalificação do jardim do Almirante Reis (antigo parque de estacionamento descoberto) com a criação de outras infraestruturas como o Teleférico. As áreas socioeconómica e da habitação seriam intervencionadas com a criação de bairros sociais fora do centro histórico de modo a resolver o flagelo que assombrava a Zona Velha. Existem registos de intervenções de reabilitação urbana em habitações, porém a intervenção referida anteriormente foi aquela que teve maior adesão por parte da população local. Todavia, esta tomada de decisão dos organismos públicos (GRM e CMF) levou a uma perda significativa e constante de população local, o que seria um dos aspetos críticos no processo de regeneração urbana, sendo um fenómeno preocupante ainda nos dias de hoje.

A cooperação com o setor privado esteve maioritariamente ligada ao turismo e tem um dos exemplos mais emblemáticos na construção do hotel Porto Santa Maria em 2000. Este é também uma referência de cooperação pública e privada (Tallon, 2010), onde anteriormente se encontrava a empresa Madeira Engineering.

O desenvolvimento do investimento privado nesta área surge como um fenómeno diferenciado ao fenómeno do investimento público. Apesar de serem apontados como complementares, neste caso, acabam por ter uma ação desarticulada, devido à ineficácia na criação de estruturas pré-organizada para consolidarem a cooperação entre *stakeholders*. Esta desorganização vai em oposto ao defendido na efetividade da operacionalização por Grupta *et al.*, 2015; Stren, 2001. Por sua vez, o desenvolvimento da atividade comercial é visível no processo de valorização da restauração, com o aparecimento de novos estabelecimentos comerciais e com a transformação dos estabelecimentos existentes (a transferência de atividades industriais, a deslocação da lota

do Funchal da Zona Velha e a perda de população local que conduziu à reconversão de tascas e bares, frequentadas maioritariamente por consumidores locais, em restaurantes direcionados para o mercado turístico (Loda *et al.* 2020).

O evento da aluvião de 20 de fevereiro de 2010 ficaria marcado como um dos temporais que provocou mais danos humanos e materiais de que há registo na história da Madeira. A Zona Velha como a restante baixa do Funchal seriam reflexo dessa destruição, afetando duramente os espaços públicos e o património edificado pela concentração significativa de água e entulhos trazidos pelas três ribeiras e os seus afluentes, localizadas nesta área. Todavia, este fenómeno iria igualmente ficar marcado por uma nova fase no processo de regeneração urbana, demonstrando a sua resiliência (Bonati & Portinaro, 2019). A CMF de modo a recuperar todo o trabalho e investimento realizado nesta área decide criar a CRE-CHSM para discussão de ideias para dar continuidade ao processo de regeneração urbana. Entre as medidas deliberadas, de referir o fecho ao trânsito automóvel da rua de Santa Maria, como uma das medidas mais impactantes da apropriação do espaço urbano possibilitando conseqüentemente, a colocação de esplanadas pelos estabelecimentos da restauração, proporcionando uma nova dinâmica nesta atividade comercial e por sua vez, o desenvolvimento do processo de comensalidade, e a criação do projeto artístico, Arte de Portas Abertas, com a intervenção artística nas portas deste arruamento. Além do mais, o melhoramento do espaço público foi outro elemento que mereceu atenção por parte da CMF. Estas intervenções visaram revalorizar a Zona Velha em vários domínios, entre os quais, o desenvolvimento dos estabelecimentos da restauração, mediante diferentes conceitos gastronómicos e tipologias, com destaque para a introdução de bares especializados na tradicional poncha, consolidando a área como polo gastronómico do Funchal. A aposta no domínio da cultura fez-se, nomeadamente, através do projeto “arte de portas abertas” e da abertura de outros espaços artísticos. Contudo, estes projetos nunca chegaram a revelar resiliência dando mais tarde lugar à criação de estabelecimentos da restauração. Neste sentido, a atração de pessoas, nomeadamente de turistas e de população autóctone, foi notável, minimizando o estereótipo social de toxicodependência e prostituição que assombrava há longas décadas esta área. Todavia, estes desenvolvimentos relacionados com a comensalidade e com a restauração, levantaria queixas dos moradores locais provocados pelo ruído gerado pelos consumidores no espaço público durante a madrugada.

Os impactos da pandemia da Covid-19 foram significativos, em especial, no comércio, sendo este maioritariamente direcionado para o mercado turístico. Este

fenómeno levou a que os estabelecimentos comerciais recorram aos apoios nacionais e regionais, e ao *lay-off* de modo a salvaguardar a viabilidade económica dos estabelecimentos, bem como a manutenção dos postos de trabalho. Todavia, estes mecanismos financeiros não foram suficientes para garantir a sobrevivência de alguns estabelecimentos comerciais levando ao seu encerramento definitivo. No ramo da restauração, esse fenómeno também se fez sentir, contudo, a resiliência do tecido comercial da restauração desta área mostrou ser robusta visto que no período pós-pandémico, a maioria dos estabelecimentos encerrados voltaram a abrir portas.

No domínio social, o panorama da toxicodependência voltaria a assolar a Zona Velha com o aumento da presença destas pessoas marginalizadas. Na realidade este problema viria a reforçar-se com o aumento do consumo de uma substância sintética na Madeira, conhecida por *bloom*.

As questões da habitação e da demografia estão entre as que menos foram conseguidas no processo de regeneração urbana. A evolução do número de residentes está tendencialmente a diminuir ao longo das décadas anteriores, sendo que o marco deste fenómeno estará relacionado com a criação de bairros sociais direcionados para a população local que se encontrava em situação de degradação habitacional e em situação socioeconómica crítica. Contudo, esta intervenção levaria a um esvaziamento populacional significativo que com o passar dos anos iria agravar-se com o envelhecimento da população e os fracos recursos económicos dos proprietários para realizar intervenções de reabilitação urbana. Atualmente, este problema mantém-se e é agravado pelo crescimento do número de alojamentos locais, podendo ser responsáveis pelo incentivo ao arrendamento de curta duração e ao desincentivo ao arrendamento direcionado para a população local de natureza permanente. Este fenómeno é semelhante ao verificado em outras cidades do país, sendo necessárias novas políticas públicas para reverter o panorama de vazios populacionais nos centros históricos.

A investigação realizada permitiu verificar o papel crucial que o desenvolvimento da comensalidade teve a partir da fomentação da restauração no processo de regeneração urbana. A diferenciação e complementação de vertentes de comensalidade (informal e formal) poderão estar intrinsecamente relacionados com a tipologia e o conceito gastronómico especializado de cada estabelecimento. Através do trabalho de campo, constataram-se diferentes modos de apropriação do processo de comensalidade, com base em três fatores: tipologia do estabelecimento de restauração, faixa etária dos consumidores e diferenciação do horário de funcionamento. Alguns comerciantes e

moradores são críticos quanto ao atual número de estabelecimentos de bares (comensalidade informal), argumentando que o ruído e a poluição gerada pelos bares prejudica a qualidade do espaço público. Consequentemente, clientes com maior poder de compra são afastados, pois o ambiente envolvente é importante na sua escolha de espaço de consumo.

Os elementos estruturantes do processo de comensalidade (a autenticidade, a *foodification*, a hospitalidade e, a espetacularização da comida e da bebida) estão presentes e inerentes no caso de estudo. A transformação do tecido comercial da Zona Velha com base na restauração, de modo a responder ao aumento da procura turística, é analisado através do processo de *foodification* (Loda *et al.*, 2020), à semelhança de outros casos, como Florença (Itália). Tal como em Florença, a população local deslocou-se para áreas que ofereciam melhor qualidade de vida, e o ramo do comércio a retalho deu lugar à restauração, com a transformação dos consumidores predominantes de locais para turistas. Revela-se como exceção a rua da Boa Viagem, onde os consumidores autóctones mantiveram-se predominantes. Ao contrário de Florença, não houve o desenvolvimento de atividades de catering.

A hospitalidade é transmitida na receção dos clientes e na disponibilidade a estes. Contudo para Lashley (2001), não se restringe à receção, mas a todos os elementos da restauração, como a qualidade de serviço e dos produtos consumidos, e da construção de ambiente dos estabelecimentos (Bell, 2007). Isto verificou-se na disponibilidade dos comerciantes em serem questionados acerca dos seus estabelecimentos, e da satisfação dos seus consumidores.

No domínio da autenticidade, a representação de conceitos gastronómicos, conjugado com a utilização de produtos locais e/ou biológicos, compõem o elemento de autenticidade reproduzida pelos estabelecimentos da restauração (Blichfeldt & Therkelsen, 2010; Gilmore & Pine, 2007; Hanser & Hyde, 2014). Contudo, para Zukin (2010), estes são apenas uma fração da autenticidade possível que a restauração representa, abrangendo todos os elementos que transmitem a singularidade do estabelecimento e da oferta gastronómica aos consumidores. A procura pelos produtos locais e regionais na sua conceção é significativa da captura e produção regional, sendo apresentados de modo tradicional ou *gourmet*. Esta preocupação é um dos principais fatores na construção da autenticidade da oferta gastronómica. Neste leque, realça-se a tradicional poncha, confeccionada com produtos regionais. Os estabelecimentos centrados na conceção desta bebida oferecem a possibilidade de visualizar os processos de

confeção, contribuindo para a consolidação da autenticidade. O Restaurante Regional é um excelente exemplo de autenticidade do espaço, onde a decoração é centrada em elementos da história da Madeira, de modo a transmitir aos consumidores o seu marcante ambiente vivido. Deste modo, foi possível analisar o processo de comensalidade na Zona Velha do Funchal, no ramo dos estabelecimentos da restauração (Tabela 12).

Tabela 13 - Desconstrução do processo de comensalidade do caso de estudo

| <i>Processo de comensalidade na Zona Velha do Funchal</i> | | |
|---|--|---|
| Dinâmicas temporais | Caráter Formal | Caráter Informal |
| | <u>Restaurantes</u> | <u>Tascas, Snack-bares e Bares</u> |
| Durante o dia | <p>O predomínio de consumidores turistas é visível pela procura de esplanadas dos estabelecimentos. Estes procuram experiências gastronómicas, entre as quais, as associadas à gastronomia regional e nacional, através da valorização dos produtos locais e pela apresentação, como exemplo, a tradicional espetada madeirense ser servida no pau de louro.</p> <p>A hospitalidade dos empregados é demonstrada através da simpatia, gentileza e pelo dom centrado na satisfação do cliente.</p> <p>-----</p> <p><i>“Acho que a restauração desempenha uma boa função pois as pessoas que frequentam os restaurantes gostam de aproveitar esta zona”</i> (Restaurante o Embaixador Madeirense)</p> | <p>Face ao horário de funcionamento, o ambiente vivido caracteriza-se pelo consumo predominantemente em tascas e snack-bares, de petiscos tradicionais (gaiado, atum, polvo, entre outros) e/ou snacks rápidos por turistas e consumidores locais. A hospitalidade é caracterizada pela proximidade comum neste tipo de estabelecimentos, especialmente, em tascas. O ambiente vivido é complementado pelo deslumbramento do projeto “arte de portas abertas”, que possibilita aos consumidores desta área desfrutarem da sua refeição e apreciarem as obras expostas em inúmeras portas que foram alvo deste projeto.</p> <p>-----</p> <p><i>“Os estabelecimentos são embaixadores da gastronomia, seja regional, nacional ou internacional. A localização junto ao mar torna esta área agradável para passear e visitar.”</i> (Snack-bar Art Food Corner)</p> |
| Durante a noite | <p>No período noturno, as dinâmicas de consumo são semelhantes, todavia o fluxo de consumidores é geralmente superior ao período diurno. O convívio entre consumidores é marcado pelo ambiente de sociabilidade à mesa entre a multiplicidade de consumidores e nacionalidades. A experiência gastronómica, sendo ela regional/nacional e/ou internacional, é o ponto alto do convívio pela degustação da mesma, sendo esta apresentada num formato tradicional ou inovador. O caráter hospitaleiro dos madeirenses é um dos elementos mais referidos pelos turistas.</p> <p>-----</p> <p><i>“A clientela que vem jantar com amigos e/ou família depois fica cá para beber um copo nos bares da zona.”</i> (Restaurante Santa Maria)</p> | <p>Estabelecimentos, tal como os bares e tascas, ganham uma nova dinâmica com a convivência entre consumidores predominantemente jovens. A preparação de bebidas é marcada pela sua singularidade e autenticidade através do <i>show</i> da realização de cocktails e da tradicional poncha. O ambiente vivido é caracterizado pelo ambiente de boémia e de descontração sendo estimulado por animação musical. O caráter de informalidade na proximidade de funcionários e clientes tende a complementar a criação deste ambiente.</p> <p>-----</p> <p><i>“Durante a noite, a zona transforma-se num arraial, cheio de pessoas e animação”</i> (Bar Caracas)</p> |

Esta investigação contou com alguns desafios, podendo ser divididos em dois domínios, a análise de arquivo e o levantamento funcional. No primeiro domínio, as limitações centraram-se na disponibilização de documentos no arquivo municipal do Funchal, devido ao decorrer do processo de digitalização. No segundo domínio, a pandemia de COVID-19 obrigou à reorganização de horário no processo do levantamento funcional, visto que, em 2021, numerosos estabelecimentos possuíam um horário de funcionamento reduzido. Graças à recuperação económica do contexto pandémico no panorama global, nacional e regional, o horário de funcionamento dos estabelecimentos voltou à normalidade, contribuindo para a concretização do processo. Apesar de haver casos isolados de comerciantes que se demonstraram indisponíveis, a maioria colaborou nesta tarefa.

Este estudo contribui para novos caminhos de aprofundamento do tema da comensalidade no processo de regeneração urbana, fruto do aspeto inovador do conceito apresentado. Face à multiplicidade de elementos que compõem o processo de comensalidade, criaram-se condições para que, num futuro próximo, possa ser aperfeiçoado, e consolidar a introdução desta vertente no processo de regeneração urbana, podendo ser analisado em outros contextos geográficos diferenciados.

Vários fenómenos foram observados e refletidos como futuras linhas de investigação no domínio da regeneração urbana. A habitação demonstrou ser um dos pontos mais sensíveis deste processo, dificultando a atração de novos moradores. Desta forma, a proeminência do aumento do turismo reflete-se no mercado da habitação e imobiliário no centro histórico.

Por outro lado, a metodologia poderá ser complementada com entrevistas aos consumidores dos estabelecimentos da restauração, de modo a obter as várias perspetivas destes em relação à comensalidade. Todavia, optou-se por entrevistar os comerciantes e na observação (participante e não participante), devido à sua constante presença no território.

Referências bibliográficas

- Abreu, N., Brazão, R., Pereira, R., & Andrade, S. (2014). *Programa de Revitalização do Comércio e Serviços do Funchal - Estudo de Caracterização e Diagnóstico do Comércio e Serviços do Funchal*. Câmara Municipal do Funchal
- Alcoforado, M. J. (1999). Aplicação da climatologia ao planeamento urbano. Alguns apontamentos. *Finisterra*, 34(67–68) 83–94. <https://doi.org/10.18055/finis1687>.
- Alcoforado, M. J., & Andrade, H. (2006). Nocturnal urban heat island in Lisbon (Portugal): Main features and modelling attempts. *Theoretical and Applied Climatology*, 84(1–3), 151–159. <https://doi.org/10.1007/s00704-005-0152-1>.
- Alcoforado, M. J., Lopes, A., Alves, E. D. L., & Canário, P. (2014). Lisbon heat island statistical study (2004-2012). *Finisterra*, 49(98), 61-80. <https://doi.org/10.18055/Finis6456>.
- Alcoforado, M. J., Lopes, A., Andrade, H., & Vasconcelos, J. (2005). *Orientações Climáticas para o Ordenamento em Lisboa*. Centro de Estudos Geográficos http://www.ceg.ul.pt/urbklim/Relatorio_4_Climlis.pdf.
- Aragão, A. (1981). *A Madeira vista por estrangeiros: 1455-1700*. Direção Regional da Arte e Cultura.
- Aragão, A. (1992). *O espírito do Lugar - A cidade do Funchal*. P. Ferreira.
- Azevedo e Silva, J. M. (2019). Simbologia dos Descobrimentos Portugueses. *Revista Islenha*, 64, 5–22.
- Barata-Salgueiro, T. (1992). *A Cidade em Portugal - Uma Geografia Portuguesa*. Edições Afrontamento.
- Barata-Salgueiro, T. (2002). Espacialidades e Temporalidades nas áreas urbanas. In H. Cachinho; I. M. André; I. Medeiros; J. Reis; J. M. Malheiros; M. H. Esteves; R. J. Marques; S. Claudino; T. Barata-Salgueiro (Eds.) *Olhares sobre o território e a espacialidade* (pp. 25–42). Centro de Estudos Geográficos. <http://edicoes-ceg.vitraldigital.com/publicacao.asp?id=117&lang=en>.
- Barata-Salgueiro, T. (2011). The resilience of Urban Retail Areas. In T. Barata-Salgueiro; H. Cachinho (Eds.) *Retail Planning for the Resilient City: consumption and urban regeneration* (pp. 19–44). Centro de Estudos Geográficos. <http://edicoes-ceg.vitraldigital.com/publicacao.asp?id=391>.
- Barata-Salgueiro, T., & Cachinho, H. (2009). As Relações Cidade-Comércio: Dinâmicas de Evolução e Modelos Interpretativos. In *Apontamentos de Geografia* (Vol. 20).

- Barata-Salgueiro, T., Mendes, L., & Guimarães, P. (2017). Tourism and urban changes: Lessons from Lisbon. In M. Gravari-Barbas & S. Guinand (Eds.) *Tourism and Gentrification in Contemporary Metropolises: International Perspectives*, (pp. 255–275). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315629759>.
- Bell, D. (2007a). Hospitality and Urban Regeneration. In P. Lynch, A. Morrisonn & C. Lashley (Eds.), *Hospitality: A Social Lens* (pp. 89–100). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780080465692>.
- Bell, D. (2007b). The hospitable city: social relations in commercial spaces. *Progress in Human Geography*, 31(1), 7–22. <https://doi.org/10.1177/0309132507073526>.
- .Bell, D., & Binnie, J. (2005). What's Eating Manchester? Gastro-Culture and Urban Regeneration. *Architectural Design*, 75(3), 78–85. <https://doi.org/10.1002/ad.80>.
- Bettencourt, L. C. F. A. (2010). *A Morfologia Urbana da Cidade do Funchal e os seus espaços públicos estruturantes*. <http://hdl.handle.net/10437/2274>.
- Black, I. S. (2010). Analysing Historical and Archival Sources. In N. Clifford, S. French, & G. Valentine (Eds.), *Key Methods in Geography* (pp. 466–494). SAGE Publications. <https://us.sagepub.com/en-us/nam/node/50887/print>.
- Blichfeldt, B. S., & Therkelsen, A. (2010). *Food and Tourism: Michelin, Moussaka and McDonald's*. Institut for Kultur og Globale Studier, Aalborg Universitet. https://vbn.aau.dk/ws/files/42439241/TRU_progress_8.pdf.
- Blowers, A., & Pain, K. (1999). The Unsustainable City? In C. Brook, G. Mooney, & S. Pile (Eds.), *Unruly Cities? Order/Disorder* (pp. 223–265). Routledge. <https://www.routledge.com/Unruly-Cities-OrderDisorder/Brook-Mooney-Pile/p/book/9780415200745>.
- Bonati, S., & Portinaro, L. (2019). Storie di una rua tra alluvione, riqualificazione e gentrificazione. Il caso della zona velha di Funchal. *Rivista Geografica Italiana*. <https://doi.org/10.3280/rgi2019-003002>.
- Bourdieu, P. (2007). *A distinção: crítica social do julgamento*. EdUSP.
- Bourlessas, P., Cenere, S., & Vanolo, A. (2021). The work of foodification: an analysis of food gentrification in Turin, Italy. *Urban Geography*, 43(9), 1328–1349. <https://doi.org/10.1080/02723638.2021.1927547>.
- Brenner, N. (2019). *New Urban Spaces: Urban Theory and the Scale Question*. Oxford University Pres.

- Cachinho, H. (2012). Consumactor: da condição do indivíduo na cidade pós-moderna. *Finisterra*, 41(81), 33–56. <https://doi.org/10.18055/finis1461>.
- Cachinho, H., & Barata-Salgueiro, T. (2016). Os sistemas comerciais urbanos em tempos de turbulência: vulnerabilidades e níveis de resiliência. *Finisterra*, 51(101), 89–109. <https://doi.org/10.18055/finis4134>.
- Cachinho, H., Barata-Salgueiro, T., & Guimarães, P. M. R. (2020). Comércio, Consumo e as Novas Formas de Governança Urbana: introdução. In H. Cachinho, T. Barata-Salgueiro, & P. M. R. Guimarães (Eds.), *Comércio, Consumo & Governança Urbana* (pp. 1–15). Centro de Estudos Geográficos. https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/46110/1/Cachinho_%20Barata-Salgueiro%20Guimar%c3%a3es_2020.pdf.
- Camacho, P. (2020, April 12). João Carlos Abreu - A arte de fazer Turismo com Cultura. *Biografias da Madeira*. <https://www.biografiasdamadeira.com/2011/08/joao-carlos-abreu.html>.
- Cameron, J. (2005). Focusing on the Focus Group. In I. Hay (Ed.), *Qualitative Research Methods in Human Geography* (pp. 116–132). Oxford University Press.
- Carita, R. (1986). *Museu da Cidade*. Câmara Municipal do Funchal.
- Carita, R. (1991). *História da Madeira (1566-1600) - A crise metade da 2a metade do século XVI*. Governo Regional da Madeira, Secretaria Regional da Educação, Juventude e Desporto.
- Carita, R. (1992). *A Fortaleza de São Tiago*. Secretaria Regional de Turismo e Cultura.
- Carita, R. (1996). *História da Madeira - O século XVIII: Arquitectura de Poderes* (4o Volume). Secretaria Regional de Educação.
- Carita, R. (2017). *História do Funchal (Associação)*. Imprensa Académica - Universidade da Madeira.
- Chamusca, P. M. M. N. (2012). *Governança e Regeneração Urbana: Entre a Teoria e Algumas Práticas*. [Tese de doutoramento, Universidade do Porto]. Repositório Aberto da Universidade do Porto. <http://hdl.handle.net/10216/67273>.
- Câmara Municipal do Funchal. (1969). *Colóquio de Urbanismo*. Câmara Municipal do Funchal.
- Câmara Municipal do Funchal. (1997). *Recuperação do Centro Histórico - Anexo ao Formulário de Candidatura*. Câmara Municipal do Funchal.
- Câmara Municipal do Funchal. (2014a). *Cidade Convida, Projeto de delimitação. Área de reabilitação urbana / ARU*.

- https://www.funchal.pt/images/reabilita/04_PARTE-ESCRITA_CADERNO.pdf.
- Câmara Municipal do Funchal. (2014b). *Regulamento do Programa Preserva*. Câmara Municipal do Funchal.
- Câmara Municipal do Funchal. (2017a). *Caraterização da Área de Reabilitação Urbana e Diagnóstico*. Câmara Municipal do Funchal.
- Câmara Municipal do Funchal. (2017b). *Estratégia de Reabilitação Urbana e Operações Prioritárias*. Câmara Municipal do Funchal.
- Câmara Municipal do Funchal. (2017c). *Modelo de Operacionalização da Estratégia de Reabilitação Urbana*. Câmara Municipal do Funchal.
- Cochrane, A. (1999). Administered cities. In C. Brook, G. Mooney, & S. Pile (Eds.), *Unruly Cities? Order/Disorder* (pp. 269–305). Routledge. <https://www.routledge.com/Unruly-Cities-OrderDisorder/Brook-Mooney-Pile/p/book/9780415200745>.
- Cocola-Gant, A. (2015). Tourism and commercial gentrification. In *The Ideal City: Between Myth and Reality. Representations, Policies, Contradictions and Challenges for Tomorrow's Urban Life*. RC21 International Conference, Urbino, Italy. <http://www.rc21.org/en/conferences/urbino2015/1>.
- Cocola-Gant, A., Gago, A., & Jover, J. (2020). Tourism, Gentrification and Neighbourhood Change: An Analytical Framework– Reflections from Southern European Cities. In J. A. Oskam (Ed.), *The Overtourism Debate: NIMBY, Nuisance, Commodification* (pp. 121–135). <https://doi.org/10.1108/978-1-83867-487-820201009>.
- Costa, P. (2013). *Comércio tradicional e pedonização no centro do Funchal*. [Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa] Lisboa:Universidade Nova de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10362/9377>.
- Couch, Chris;, Fraser, C., & Percy, S. (2003). *Urban Regeneration in Europe*. Blackwell Science.
- Direção-Geral do Território. (2015). *Cidades Sustentáveis 2020*. Direção-Geral do Território. https://www.dgterritorio.gov.pt/sites/default/files/ficheiros-cidades/cidades_sustentaveis2020.pdf
- Dunn, K. (2021). Engaging Interviews. In I. Hay, & M. Cope (Eds.), *Qualitative Research Methods in Human Geography* (pp. 148–185). Oxford University Press.
- Engels, F. (1987). *The Condition of the Working Class in England*. Penguin Books.
- Faria, J. C. e. (1901). *O Archipelago da Madeira: guia descritivo*. Typ. J. L. Santos &

Ca.

- Fernandes, A. (2014). *Zona Velha do Funchal - Estratégias de Intervenção no Centro Histórico*. [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto] Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/145070>.
- Fernandes, A. T. (1997). Ritualização da Comensalidade. *Sociologia - Revista Da Faculdade de Letras Da Universidade Do Porto*, 7(1), 7–30. <http://hdl.handle.net/10216/9045>.
- Fernandes, J. A. R., & Chamusca, P. (2015). O neotradicional , a elitização e a turistificação : o triunfo do neoliberalismo visto desde o centro da cidade do Porto. *Actas Do XIV Colóquio Ibérico de Geografia*, 1466–1471.
- Fernandes, J. A. R., Ricardo, J., & Chamusca, P. (2020). Consumo: turismo, comércio e restauração. In J. A. R. Fernandes (Ed.), *Geografia do Porto* (pp. 228–241). Book Cover Editora.
- Fernandes, V. (2016). *A regeneração urbana de base cultural: O núcleo histórico de Santa Maria no Funchal*. [Dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra]. Estudo Geral: Repositório científico da UC. <http://hdl.handle.net/10316/31024>.
- Finkelstein, J. (1999). Foodtainment. *Performance Research*, 4(1), 130–136. <https://doi.org/10.1080/13528165.1999.10871653>.
- Finkelstein, J. (2004). Chic cuisine: the impact of fashion on food. In D. Sloan (Ed.), *Culinary Taste: Consumer Behaviour in the International Restaurant Sector* (pp. 59–76). Routledge.
- Fischler, C. (2011). Commensality, society and culture. *Social Science Information*, 50(3–4), 528–548. <https://doi.org/10.1177/0539018411413963>.
- Franck, K. A. (2005). Food for the city, food in the city. *Architectural Design*, 75(3), 35–42. <https://doi.org/10.1002/ad.74>.
- Fraser, C. (2003). Change in the European Industrial City. In C. Couch, C. Fraser, & S. Percy (Eds.), *Urban Regeneration in Europe* (pp. 17–33). Blackwell Science.
- Freire, M. (2001). The Challenges of Urban Government: City Strategy and Governance. In M. Freire, & R. Stren (Eds.) *The Challenge of urban government: policies and practices* (pp. xvii–xli). WBI Development Studies. <https://doi.org/10.1596/0-8213-4738-1>.
- Freytag, T., & Bauder, M. (2018). Bottom-up touristification and urban transformations in Paris. *Tourism Geographies*, 20(3), 443–460. <https://doi.org/10.1080/14616688.2018.1454504>.

- Gilmore, J. H., & Pine, B. J. (2007). *Authenticity: what consumers really want*. Harvard Business School Press.
- Gomes, F. F. (2005). *Giro pelo Património Histórico de Santa Maria Maior*. Câmara Municipal do Funchal.
- Gómez, A., Costa, C., & Santana, P. (2014). Acessibilidade e utilização dos espaços verdes urbanos nas cidades de Coimbra (Portugal) e Salamanca (Espanha). *Finisterra*, 49(97), 49–68. <https://doi.org/10.18055/Finis4207>.
- Goodman, A. (2009). David Harvey: The Financial Crash and the Right to the City. *Race, Poverty & the Environment*, 16(1), 12–14. <https://doi.org/10.4324/9781315022086-76>.
- Gouveia, A., & Freitas, D. (1988). *Zona Velha*. Câmara Municipal do Funchal.
- Guimarães, P. (2022). Tourism and Authenticity: Analyzing Retail Change in Lisbon City Center. *Sustainability (Switzerland)*, 14(13). <https://doi.org/10.3390/su14138111>.
- Gupta, J., Pfeffer, K., Verrest, H., & Ros-Tonen, M. (2015). Setting the Scene: The Geographies of Urban Governance. In J. Gupta; K. Pfeffer; H. Verrest; M. Ros-Tonen (Eds.), *Geographies of Urban Governance - Advanced theories, Methods and Practices* (pp. 3–26). <https://doi.org/10.1007/978-3-319-21272-2>.
- Hall, T. (2006). *Urban geography*. Routledge.
- Hall, T., & Barrett, H. (2018). *Urban Geography*. Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315652597>.
- Hall, T., & Roberston, I. (2001). Public art and urban regeneration: Advocacy, claims and critical debates. *Landscape Research*, 26(1), 5–26. <https://doi.org/10.1080/01426390120024457>.
- Hansen, C. E., Kwasniewski, M. T., & Sacks, G. L. (2012). Decoupling the effects of heating and flaming on chemical and sensory changes during flambé cooking. *International Journal of Gastronomy and Food Science*, 1(2), 90–95. <https://doi.org/10.1016/j.ijgfs.2013.04.001>.
- Hanser, A., & Hyde, Z. (2014). Foodies Remaking Cities. *Contexts*, 13(3), 44–49. <https://doi.org/10.1177/1536504214545760>.
- Harvey, D. (1992). *The Condition of Postmodernity: an enquiry into the origins of cultural change*. Blackwell.
- Hernández-Cordero, A. (2015). En transformación... Gentrificación en el Casc Antic de Barcelona [Tese de doutoramento, Universidade Autónoma de Barcelona]. <http://www.tdx.cat/handle/10803/310607>

- Hodder, J. (2017). On absence and abundance: biography as method in archival research. *Area*, 49(4), 452–459. <https://doi.org/10.1111/area.12329>.
- Huang, X., Yang, Y., & Liu, Y. (2018). Spatial capital or cultural capital? The residential choice of gentrifiers in Xuanwumen, Beijing. *Journal of Housing and the Built Environment*, 33(2), 319–337. <https://doi.org/10.1007/s10901-017-9566-1>.
- Hubbard, P. (2006). *City*. Routledge.
- Hurtado, S. D. G. (2017). 25 anni di rigenerazione urbana nell'Unione Europea. *Territorio Della Ricerca Su Insediamenti E Ambiente. Rivista Internazionale Di Cultura Urbanistica*, 18, 15–20. <https://doi.org/10.6092/2281-4574/5318>.
- Huston, S., Wadley, D., & Fitzpatrick, R. (2015). Bohemianism and Urban Regeneration: A Structured Literature Review and Compte Rendu. *Space and Culture*, 18(3), 311–323. <https://doi.org/10.1177/1206331215579751>.
- Jayne, M. (2006). *Cities and Consumption*. Routledge.
- Jönsson, H., Michaud, M., & Neuman, N. (2021). What is commensality? A critical discussion of an expanding research field. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(12). <https://doi.org/10.3390/ijerph18126235>.
- Klosse, P. R. (2004). *The concept of flavor styles to classify flavors*. [Doctoral Thesis, Maastricht University]. Academie voor Gastronomie. <https://doi.org/10.26481/dis.20040324pk>.
- Klosse, P. R. (2019). Modern Gastronomy: The Science of flavor and tasting. In S. K. Dixit (Ed.), *The Routledge Handbook of Gastronomic Tourism* (pp. 32–38). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9781315147628>.
- Koponen, S., & Mustonen, P. (2022). Eating alone, or commensality redefined? Solo dining and the aestheticization of eating (out). *Journal of Consumer Culture*, 22(2), 359–377. <https://doi.org/10.1177/1469540520955219>.
- Kowalczyk, A., & Derek, M. (2020). Preface: The Essence of Gastronomy in Urban Context. In: A. Kowalczyk, & M. Derek (Eds.) *Gastronomy and Urban Space: Changes and Challenges in Geographical Perspective*. The Urban Book Series. Springer, Cham. <https://doi.org/10.1007/978-3-030-34492-4>
- Lashley, C. (2001). Towards a theoretical understanding. In C. Lashley & A. Morrison (Eds.), *In search of hospitality: theoretical perspectives and debates* (pp. 1–17). Routledge. <https://doi.org/10.4324/9780080508566>.
- Latham, A. (2003). Urbanity, Lifestyle and Making Sense of the New Urban Cultural Economy: Notes from Auckland, New Zealand. *Urban Studies*, 40(9), 1699–1724.

<https://doi.org/10.1080/0042098032000106564>.

- Lees, L., & Melhuish, C. (2015). Arts-led regeneration in the UK: The rhetoric and the evidence on urban social inclusion. *European Urban and Regional Studies*, 22(3), 242–260. <https://doi.org/10.1177/0969776412467474>.
- Lefebvre, H. (1991). *The Production of Space*. Blackwell.
- Lévy, J. (2014). Inhabiting. In R. Lee; N. Castree; R. Kitchin; V. Lawson; A. Paasi; C. Philo; S. Radcliffe; S. M. Roberts; & C. W. J. Withers (Eds.), *The SAGE Handbook of Human Geography: Two Volume Set* (Volume 1, pp. 45–68). SAGE Publications. <https://doi.org/10.4135/9781446247617>.
- Little, W., Foweller, H. W. ., & Coulson, J. (1947). Commensal. In *Short Oxford English Dictionary* (Third Edit, p. 348). Oxford University Press.
- Lloyd, R. (2010). *Neo-Bohemia: Art And Commerce in the Postindustrial City*. Routledge.
- Loda, M., Bonati, S., & Puttilli, M. (2020). History to eat. The foodification of the historic centre of Florence. *Cities*, 103, 102746. <https://doi.org/10.1016/j.cities.2020.102746>.
- Longhurst, R. (2010). Semi-structured Interviews and Focus Groups. In N. Clifford, S. French, & G. Valentine (Eds.), *Key Methods in Geography* (pp. 103–115). SAGE Publications. <https://us.sagepub.com/en-us/nam/node/50887/print>.
- Lopes, A. do A. (2008). *A obra de Fernão Ornelas na Presidência da Câmara Municipal do Funchal (1935-1946)*. Empresa Municipal "Funchal 500 anos".
- López-Gay, A., Cocola-Gant, A., & Russo, A. P. (2020). Urban tourism and population change: Gentrification in the age of mobilities. *Population, Space and Place*, 27(1), e2380. <https://doi.org/10.1002/psp.2380>.
- Mace, A. (2017). Spatial capital as a tool for planning practice. *Planning Theory*, 16(2), 119–132. <https://doi.org/10.1177/1473095215617000>
- Marovelli, B. (2019). Cooking and eating together in London: Food sharing initiatives as collective spaces of encounter. *Geoforum*, 99, 190–201. <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2018.09.006>.
- Matos, D., Silva, J. B. P., Quintal, R., & Carita, R. (2018). *Um Olhar sobre as Obras e Providências de Reinaldo Oudinot: A actualidade de uma proposta com mais de 200 anos*. Imprensa Académica.
- Matos, R. C. (2013). *As origens do turismo na Madeira: quintas e hotéis do acervo da Photographia Museu, «Vicentes»* Delegação Regional da Madeira da Ordem dos

Economistas.

- Mattos, K., & Constantino, N. (2019). Benefícios dos espaços verdes urbanos: valorização e avaliação pela população. *Revista de Geografia e Ordenamento do Território (GOT)*, 16, 227–249. <https://doi.org/10.17127/got/2019.16.010>.
- McDonald, F. (1996). Living Over The Shop. In P. Quinn (Ed.), *Temple Bar - The Power of an idea* (pp. 40–43). Temple Bar Properties Limited.
- McGreal, S., & Kupke, V. (2014). The spatial dynamic of retail planning and retail investment: Evidence from Australian cities. *Urban Policy and Research*, 32(3), 253–269. <https://doi.org/10.1080/08111146.2014.912984>.
- Mendes, L. (2011). Postmodern City, Gentrification and the Social Production of Fragmented Space. *CIDADES, Comunidade e Territórios*, 23, 82–96. <https://revistas.rcaap.pt/cct/article/view/9093>.
- Mendes, L. (2013). A regeneração urbana na política de cidades: inflexão entre o fordismo e o pós-fordismo. *Urbe, Revista Brasileira de Gestão Urbana*, 5(1), 33–45. <https://doi.org/10.7213/urbe.7784>.
- Mendes, L. (2014). Gentrificação e políticas de reabilitação urbana em Portugal: uma análise crítica à luz da tese rent gap de Neil Smith. *Cadernos Metrópole*, 16(32), 487–511. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2014-3209>
- Mendes, L. (2020a). Bye Bye Lisbon. Airbnb, Gentrificación Turística y Crisis de Vivienda. *Crítica Urbana - Revista de Estudios Urbanos y Territoriales*, 3(10), 14–17. <http://criticaurbana.com/wp-content/uploads/2020/01/CU10-Mendes.pdf>.
- Mendes, L. (2020b). Da Gentrifica o Turística Em Lisboa. In R. B. Cury & F. P. Martins (Eds.), *Interconexões: Saberes e Práticas da Geografia 2* (pp. 173–185). Atena Editora. <https://doi.org/10.22533/at.ed.11920261114>
- Mendes, L. (2020c). Luchas Urbanas y Derecho a la Vivenda - Lisboa en la pos-crisis capitalista 2008-2009. *Crítica Urbana - Revista de Estudios Urbanos y Territoriales*, 3(12), 13–16. <http://criticaurbana.com/wp-content/uploads/2020/05/CU12.-Luís-Mendes.pdf>.
- Mendes, L. (2021): Gentrificación turística y rent gap en Lisboa después de la crisis capitalista 2008-2009: evidencia reciente. *Rotur, Revista de Ocio y Turismo*, 15(1): 39-57. <https://doi.org/10.17979/rotur.2021.15.1.7016>.
- Mendes, L., & Jara, A. (2018). Supergentrifica o e capitalismo financeirizado: as novas fronteiras do espaço-capital na Colina de Santana, Lisboa. *Cadernos Metrópole*, 20(43), 769–796. <https://doi.org/10.1590/2236-9996.2018-4307>.

- Mendes, M. C. (1986). Sistemas de espaços verdes nos centros urbanos. *Finisterra*, 21(41), 140–146. <https://doi.org/10.18055/finis2043>.
- Moreira, S. A. (2010). Alimentação e comensalidade: aspectos históricos e antropológicos. *Ciência e Cultura*, 62(9), 23–26. <http://cienciaecultura.bvs.br/pdf/cic/v62n4/a09v62n4.pdf>.
- Mosselson, A. (2020). Habitus, spatial capital and making place: Housing developers and the spatial praxis of Johannesburg’s inner-city regeneration. *Environment and Planning A*, 52(2), 277–296. <https://doi.org/10.1177/0308518X19830970>.
- Mourão, J. F. (2019). Regeneração urbana integrada, proteção do património cultural e eficiência ambiental como objetivos divergentes nas políticas urbanas em Portugal (2000 - 2020). *CIDADES, Comunidades e Territórios*, 38, 79–95. <https://doi.org/10.15847/citiescommunitiesterritories.jun2019.038.art02>.
- Newman, L. (2014). Commensality, Sustainability, and Restaurant Clustering in a Suburban Community. *Suburban Sustainability*, 2(2), Article 2. <https://doi.org/10.5038/2164-0866.2.2.2>.
- Palermo, L. (2014). The role of art in urban gentrification and regeneration: aesthetic, social and economic developments. *Il capitale culturale: Studies on the Value of Cultural Heritage*, 10, 521–545. <http://dx.doi.org/10.13138/2039-2362/753>.
- Pine, B. J., & Gilmore, J. H. (1999). *The Experience Economy: Work Is Theatre & Every Business a Stage*. Harvard Business School Press.
- Places, É. des, Diès, A., & Gernet, L. (1976). *Platon - Ouvres Complètes - Tome XI (1^e Partie) - Les Lois (Livres I-II)*. Collection des universités de France Série grecque - Collection Budé.
- Policarpo, N. (2012). *Susceptibilidade aos Movimentos de Vertente e Vulnerabilidade no Concelho do Funchal*. [Relatório de estágio, Universidade de Lisboa] Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/9364>.
- Porter, L., & Shaw, K. (2009). *Whose Urban Renaissance?: An international comparison of urban regeneration strategies*. Routledge.
- PortoBay Hotels & Resorts. (2016). *PORTOBAY Relatório Sustentabilidade 2016*. Portobay Hotels & Resorts. https://www.portobay.com/media/3845/pb_sustainabilityreport_pt_net.pdf.
- Quillinan, J., & Wentges, R. (1996). The community origins of the Temple Bar project. In P. Quinn (Ed.), *Temple Bar - The Power of an idea* (pp. 15–20). Temple Bar Properties Limited.

- Quintal, R. (1999). Aluviões da Madeira. Séculos XIX e XX. *Territorium*, 6, 31–48.
https://doi.org/10.14195/1647-7723_6_4.
- Quintal, R. (2018). Da desertificação cordilheira central à fragil cidade do Funchal - A atualidade das providências de Oudinot. In D. Matos, J. Silva, R. Quintal, & R. Carita (Eds.), *Um Olhar sobre as Obras e Providências de Reinaldo Oudinot: A actualidade de uma proposta com mais de 200 anos* (pp. 53–77). Imprensa Académica.
- Rérat, P., & Lees, L. (2011). Spatial capital, gentrification and mobility: Evidence from Swiss core cities. *Transactions of the Institute of British Geographers*, 36(1), 126–142. <https://doi.org/10.1111/j.1475-5661.2010.00404.x>.
- Ribeiro, P. (2012). A Avaliação das Políticas de Regeneração Urbana em Contextos Intraurbanos. [Dissertação de mestrado, Universidade do Porto] Repositório Aberto da Universidade do Porto. <https://hdl.handle.net/10216/66253>.
- Richards, G. (2011). Gastronomy: an essential ingredient in tourism production and consumption? In A.-M. Hjalager & G. Richards (Eds.), *Tourism and Gastronomy* (pp. 3–20). Routledge.
- Roberts, P. (2000). The context for Urban Regeneration – Introduction. In H. Sykes, & P. Roberts (Eds.) *Urban Regeneration: A Handbook* (pp. 9–36). SAGE Publications. <https://doi.org/10.4135/9781446219980>.
- Roberts, P., Sykes, H., & Granger, R. (2000). *Urban Regeneration: A Handbook* (pp. 9–36). SAGE Publications. <https://doi.org/10.4135/9781446219980>.
- Roche, M. (2021). From Dusty to Digital: Archival Research. In I. Hay, & M. Cope (Eds.), *Qualitative Research Methods in Human Geography* (pp. 222–243). Oxford University Press.
- Rodrigues, A. S. (2013). O que pode a arte quando o desastre acontece? Arte de Portas Abertas: biopolítica e transgressão nas margens do Funchal. *Comunicação & Cultura*, (15), 37-56. <https://doi.org/10.34632/comunicacaoecultura.2013.5121>.
- Rodrigues, J. R. R. (2018). Ordenamento territorial e urbano da ilha da Madeira: relevância do Funchal neste processo. *Estudoprévio - Revista Do Centro de Estudos de Arquitectura, Cidade e Território Da Universidade Autónoma de Lisboa*, 14, w2018. <https://doi.org/10.26619/2182-4339/14.2>.
- Rodrigues, L. F. (2017). Manual dos crimes Urbanísticos - Exemplos para compreender os negócios da Especulação imobiliária. Editora Guerra e Paz.
- Sbicca, J. (2018a). Alimentación, gentrificación y transformaciones urbanas. In J. Sbicca,

- S. González, G. Ramos, & R. Espelt (Eds.), *Gentrificación, privilegios e injusticia alimentaria* (pp. 1–8). FUHEM Ecosocial.
- Sbicca, J. (2018b). Food, Gentrification, and the Changing City. *Boletín Ecosocial*, 43, 1–7. <https://hdl.handle.net/10217/196640>.
- Sbicca, J. (2018c). Privilegios e Injusticia Alimentaria. *FUHEM Ecosocial*, 5–12.
- Scarpato, R. (2011). Gastronomy as a tourist product: the perspective of gastronomy studies. In A.-M. Hjalager & G. Richards (Eds.), *Tourism and Gastronomy* (pp. 51–70). Routledge.
- Serdoura, F. M. C. (2007). As dimensões do Espaço Urbano Público. *Artitextos*, 149–156. <http://hdl.handle.net/10400.5/1807>.
- Silva, A. (2017). As bordadeiras da Madeira. Um estudo realizado. *Revista Islenha*, 60, 5–24. <https://loja.madeira.gov.pt/product/revista-islenha-no-60/>.
- Silva, D. A. G. (2019). *Dinâmicas do Desenvolvimento Urbano e Estratégias Espaciais da Distribuição Alimentar na Área Metropolitana de Lisboa*. [Dissertação de Mestrado, Instituto de Geografia e Ordenamento do Território]. Repositório da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/40685>
- Spence, C., Mancini, M., & Huisman, G. (2019). Digital Commensality: Eating and Drinking in the Company of Technology. *Frontiers in Psychology*, 10, Article 2252 <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2019.02252>
- Stren, R. (2001). City Strategy and Governance. In M. Freire & R. Stren (Eds.), *The Challenge of urban government: policies and practices* (pp. 47–51). WBI Development Studies. <https://doi.org/10.1596/0-8213-4738-1>
- Tallon, A. (2013). *Urban Regeneration in the UK*. Routledge.
- Tallon, A. (2010). *Urban Regeneration in the UK*. Routledge.
- Trigo de Sousa, A. M. (2017). O Poder Municipal na Madeira: Notas sobre uma linha de investigação. *Revista Islenha*, 79–96.
- Tulumello, S., & Allegretti, G. (2020). Articulating urban change in Southern Europe: Gentrification, touristification and financialisation in Mouraria, Lisbon. *European Urban and Regional Studies*, 28(2) 111–132. <https://doi.org/10.1177/0969776420963381>.
- Vanolo, A. (2021). Shops, food, regeneration and a controversial signature building in Turin, Italy. *European Planning Studies*, 30(1), 178–194. <https://doi.org/10.1080/09654313.2021.1903399>.
- Vasconcelos, T. (2005). *O Plano Ventura Terra e a Modernização da Cidade do Funchal*

- (primeira metade do século XX). [Dissertação de mestrado, Universidade da Madeira]. Repositório Científico Digital da Universidade da Madeira. <http://hdl.handle.net/10400.13/315>.
- Vasconcelos, T. (2008). *O Plano de Ventura Terra e a Mordernização do Funchal (Primeira Metade do Século XX)*. Empresa Municipal “Funchal 500 anos.”
- Vázquez-Medina, J. P., Hernández-Cordero, A. I., Lagos, S. I., & Rangel-Trujillo, F. R. (2020). Gentrificación y alimentación en Santa María La Ribera. *Estudios Sociales : Revista De Investigación Del Noroeste*, 30(55), 2-25. <https://doi.org/10.24836/es.v30i55.838>.
- Vieira, A. (2015). A Igreja, a criação da diocese da Madeira e as demais ilhas atlânticas (séculos XV e XVI). In J. E. Franco & J. P. O. e Costa (Eds.), *Diocese do Funchal - A Primeira Diocese Global: História, Cultura e Espiritualidades* (pp. 158–172). Diocese do Funchal.
- Vivant, E. (2010). The (re)Making of Paris as a Bohemian Place?. *Progress in Planning*, 74(3), 107–152. <https://doi.org/10.1016/j.progress.2010.05.002>.
- Whitehead, M. (2003). (Re)analysing the sustainable city: Nature, urbanisation and the regulation of socio-environmental relations in the UK. *Urban Studies*, 40(7), 1183–1206. <https://doi.org/10.1080/0042098032000084550>.
- Williams, A. (2000). Consuming hospitality: learning form post-modernism? In C. Lashley & A. Morrison (Eds.), *In search of hospitality: theoretical perspectives and debates* (pp. 217–234). Butterworth Heinemann.
- Zhou, X., & Rana, M. M. P. (2012). Social benefits of urban green space: A conceptual framework of valuation and accessibility measurements. *Management of Environmental Quality*, 23(2), 173–189. <https://doi.org/10.1108/14777831211204921>.
- Zukin, S. (2020). *The Innovation Complex: Cities, Tech and the New Economy*. Oxford University Press. <https://doi.org/10.1093/oso/9780190083830.001.0001>.
- Zukin, S. (2016). Gentrification in Three Paradoxes. *City and Community*, 15(3), 202–207. <https://doi.org/10.1111/cico.12184>.
- Zukin, S. (2014). Restaurants as "Post Racial? Spaces. Soul Food and Symbolic Eviction in Bedford-Stuyvesant (Brooklyn). *Ethnologie Française*, 44(1), 135–147. <https://doi.org/10.3917/ethn.141.0135>.
- Zukin, S. (2010). *Naked City: The Death and Life of Authentic Urban Places*. Oxford University Press.

- Zukin, S. (2011). Public Art: Tracing the Life Cycle of New York's Creative Districts. In Osaka City University (Ed.) *International Symposium: Urban Regeneration Through Cultural Creativity and Social Inclusion (URP GCOE DOCUMENT 9)*. Urban Research Plaza - Osaka City University. <http://www.lit.osaka-cu.ac.jp/user/yamataka/Zukin2011.pdf>.
- Zukin, S. (2008). Consuming authenticity: From outposts of difference to means of exclusion. *Cultural Studies*, 22(5), 724–748. <https://doi.org/10.1080/09502380802245985>.
- Zukin, S. (1995). *The cultures of cities*. Blackwell Publishers.
- Zukin, S. (1991). *Landscapes of Power From Detroit to Disneyland*. University of California Press.
- Zukin, S. (1990). Socio-Spatial prototypes of a new organization of consumption: the role of real cultural capital. *Journal of the British Sociological Association*, 24(1), 37–56. <https://doi.org/10.1177/0038038590024001005>.
- Zukin, S. (1987). Gentrification: Culture and Capital in the Urban Core. *Annual Review Of Sociology*, 13(1), 129–147. <https://doi.org/10.1146/annurev.so.13.080187.001021>.
- Zukin, S.; Kasinitz, P.; Chen, X. (2016). *Global Cities, Local Streets: Everyday Diversity from New York to Shanghai*. Routledge.
- Zukin, S., Lindeman, S., & Hurson, L. (2017). The omnivore's neighborhood? Online restaurant reviews, race, and gentrification. *Journal of Consumer Culture*, 17(3), 459–479. <https://doi.org/10.1177/1469540515611203>.
- Zybercherna, J. M. (n.d.). Projecto artE pORtas abErtas. Retrieved August 24, 2021, from <https://www.arteportasabertas.com/pt/info.html>.

Bibliografia (Publicações Periódicas)

- Amaral, F. P. K. (1985). Salvemos a Cidade Velha. *Diário de Notícias Da Madeira*.
- AMJ. (1994). Um projeto em embrião - Circuito cultural e turístico inicia-se na Zona Velha. *Jornal Da Madeira*, 5.
- AMJ. (1998). “Casa Museu João Carlos Abreu” vai nascer na Zona Velha. *Jornal Da Madeira*, 8.
- Bento, E. (2001). O tempo presente. *Revista Do Diário de Notícias Da Madeira*, 17–19.
- Branco, Ó. de F. (2012). “Bas-fond” quer aposta forte na zona velha do Funchal. *Diário de Notícias Da Madeira*, 14.
- Brown, K. V. (2010). *FORK THIS! FOODIES ARE NOW LEADING THE GENTRIFICATION OF More from Around New York*.
<https://www.brooklynpaper.com/fork-this-foodies-are-now-leading-the-gentrification-of-brooklyn/>
- Caires, M. (2013). Apogeu e Queda da Zona Velha. *Diário de Notícias Da Madeira*, 8–9.
- Caldeira, R. (2010). Sem mãos a medir para tornar nova a Zona Velha. *Jornal Da Madeira*, 14–15.
- Calisto, L. (1995). Zona Velha da Cidade dá lugar a Núcleo Histórico de Santa Maria. *Diário de Notícias Da Madeira*, 5.
- Camacho, I. (2013). Prémio de Conservação do Património volta à Zona Velha da Cidade. *Jornal Da Madeira*, 8.
- Camacho, P. (2002). *João Carlos Abreu - A arte de fazer Turismo com Cultura*.
<https://www.biografiasdamadeira.com/2011/08/joao-carlos-abreu.html>
- Cardoso, F. J. (2010). Lisboa abre linha de crédito de 10 milhões para Turismo. *Diário de Notícias Da Madeira*, 27.
- Cardoso, F. J. (2014). “Hostel Santa Maria” nasce na Zona Velha com charme. *Diário de Notícias Da Madeira*, 14.
- Cardoso, F. J. (2015). Centro pouco atractivo. *Diário de Notícias Da Madeira*, 6–7.
- CMF. (2021). Funchal 2027 apresentou a sede de Candidatura a Capital Europeia da Cultura. *CMF*. <https://www.cm-funchal.pt/pt/noticiaspt/8224-funchal-2027-apresentou-sede-de-candidatura-a-capital-europeia-da-cultura.html>
- Coelho, L. (2012). Catástrofe na Madeira hoje seria bem pior. *Expresso*.

<https://expresso.pt/actualidade/catastrofe-na-madeira-hoje-seria-bem-pior=f705808>

Correia, A. L. (2010). Zona Velha “Esquecida.” *Diário de Notícias Da Madeira*, 6–7.

Costa, J. (1990). “Devolver” aos Cidadãos de hoje a cidade de antigamente. *Jornal Da Madeira*, 12–13.

Diário de Notícias da Madeira. (1965a). A cidade do Funchal e os Problemas Dramáticos da sua Conservação-Consciência de uma atualidade. *Diário de Notícias Da Madeira*, 1 e 6.

Diário de Notícias da Madeira. (1965b). A cidade do Funchal e os Problemas Dramáticos da sua Conservação-Consciência de uma atualidade. *Diário de Notícias Da Madeira*, 1 e 3.

Diário de Notícias da Madeira. (1984a). Dossier sobre a Zona Velha da Cidade pronto para ser apresentado à UNESCO. *Diário de Notícias Da Madeira*, 1.

Diário de Notícias da Madeira. (1984b). Valorização da Zona Velha da cidade - Secretário Regional do Turismo e Cultura pretende transformar o Forte de São Tiago. *Diário de Notícias Da Madeira*, 14.

Diário de Notícias da Madeira. (1985). SRTC ultima resposta ao questionário da UNESCO sobre a zona velha da cidade. *Diário de Notícias Da Madeira*, 5.

Diário de Notícias da Madeira. (1986). Proposta do Governo Regional - Zona Velha Declarada “Zona Classificada.” *Diário de Notícias Da Madeira*, 1.

Diário de Notícias da Madeira. (1988). Conferência de Literaturas e Língua Portuguesa reúne os maiores escritores mundiais. *Diário de Notícias Da Madeira*, 5.

Diário de Notícias da Madeira. (1989). Governo vai alindar zona velha da cidade. *Diário de Notícias Da Madeira*, 6.

Diário de Notícias da Madeira. (1990). Arsenal vai para a Zona Franca e hotel nasce na Zona Velha. *Diário de Notícias Da Madeira*, 5.

Diário de Notícias da Madeira. (1991). Partres intervenientes acordam transferência do arsenal. *Diário de Notícias Da Madeira*, 12.

Diário de Notícias da Madeira. (2006). Zona Velha da Cidade. *Diário de Notícias Da Madeira - Suplemento Comercial*, 1–8.

Diário de Notícias da Madeira. (2020). Câmara Municipal do Funchal “tem preservado identidade da Zona Velha.” *Diário de Notícias Da Madeira*.
<https://www.dnoticias.pt/2020/2/12/199787-camara-municipal-do-funchal-tem-preservado-identidade-da-zona-velha/>

Fernandes, E. (2014). Zona Velha “acordou” com apelos de justiça. *Diário de Notícias*

Da Madeira, 2.

- Fernandez, J. (1989). Zona Velha da Cidade - Problemas diversos põem em causa projecto de recuperação. *Jornal Da Madeira*, 13.
- Figueiredo, S. de. (2018). Capela da Boa Viagem Renasce como núcleo artístico-cultural. *Jornal Da Madeira*, 27.
- Freitas, R. (2003). Mais investimento na “Cidade Velha.” *Diário de Notícias Da Madeira*, 31.
- Gomes, C. (2009). Câmara expropria 4 casas na Zona Velha da cidade. *Diário de Notícias Da Madeira*, 3.
- Gomes, F. F. (2005). *Giro pelo Património Histórico de Santa Maria Maior*. Câmara Municipal do Funchal.
- Gonçalves, R. (1999). Zona Velha começa a dar nas vistas. *Diário de Notícias Da Madeira*, 14–16.
- Gonçalves, S. (2011a). “On By Porto Bay” continuará a ser bienal. *Revista Mais - Diário de Notícias Da Madeira*, 12–16.
- Gonçalves, S. (2011b). A arte está a mudar a face da Rua de Santa Maria. *Diário de Notícias Da Madeira*, 28.
- Gonçalves, S. (2011c). Arte ao vivo e a cores. *Revista Mais - Diário de Notícias Da Madeira*, 7–11.
- Gonçalves, S. (2011d). Arte com vida na Zona Velha. *Diário de Notícias Da Madeira*, 31.
- Gonçalves, S. (2011e). Nova instalação artística supreende na Zona Velha. *Diário de Notícias Da Madeira*, 25.
- Gonçalves, S. (2011f). Que venha o próximo. *Diário de Notícias Da Madeira*, 25.
- Gonçalves, S. (2011g). Zona Velha deixou de ser “tabu.” *Revista Mais - Diário de Notícias Da Madeira*, 15–17.
- Gonçalves, S. S. (2016). Marketing “agressivo” visa atrair madeirenses para a noite. *Jornal Da Madeira*, 15–16.
- Gouveia, H. de. (2016). Única fábrica de chapéus cobre cabeças há 70 anos. *Diário de Notícias Da Madeira*, 23.
- Henriques, P. (2006). Santa Maria Maior oferece festa na Zona Velha. *Diário de Notícias Da Madeira*, 19.
- Henriques, P. (2014). Museu do Brinquedo abre na Zona Velha em Setembro. *Diário de Notícias Da Madeira*, 23.

- Henriques, P. (2017). Portas em risco. *Diário de Notícias Da Madeira*, 14–15.
- Jornal da Madeira. (1986). Galardão “Património/86” atribuído à Zona Velha do Funchal. *Jornal Da Madeira*, 13.
- Jornal da Madeira. (1987). Zona Velha da Cidade ganha o “Pomme d’Or.” *Jornal Da Madeira*, 4.
- Jornal da Madeira. (2005). Jardim inaugura na Zona Velha da Cidade “Madeira Story Centre.” *Jornal Da Madeira*, 2.
- Jornal da Madeira. (2006). “On” na Zona Velha. *Quinta Feira - Jornal Da Madeira*, 4.
- Lacerda, S. (2013). “Alfazema e Chocolate” na Zona Velha do Funchal. *Jornal Da Madeira*.
- Luís, M. F. (1996). “Recuperação arranca este ano na Zona Velha.” *Diário de Notícias Da Madeira*, 4.
- Mara, L. (1989). Gabinete Técnico da Zona Velha orienta recuperação de edifícios. *Diário de Notícias Da Madeira*, 7.
- Marmelo, J. (2011). Portas da cidade velha agora são obras de arte. *Público*.
- Matos, R. C. (2017). A história de um bairro. *Diário de Notícias Da Madeira*, 26.
- Oliveira, R. M. (2011a). “Empurrão” à Zona Velha obriga a decisões urgentes. *Diário de Notícias Da Madeira*, 4.
- Oliveira, R. M. (2011b). Sementes de Cultura. *Revista Mais - Diário de Notícias Da Madeira*, 4–6.
- Oliveira, R. M. (2011c). Zona Velha ganha festival do atum. *Diário de Notícias Da Madeira*, 6.
- Oliveira, R. M. (2014). Hostel Santa Maria com várias valências. *Diário de Notícias Da Madeira*, 18.
- Oliveira, R. M. (2021). 70 Edifícios estão a ser reabilitados na baixa do Funchal. *Diário de Notícias Da Madeira*. https://www.dnoticias.pt/2021/1/28/248509-70-edificios-estao-a-ser-reabilitados-na-baixa-do-funchal/?fbclid=IwAR1RS3oFgDpiiM6TPkIbpevIixKIC_5WshQDH61QCOH2APq3uexjIhFk2kc
- Ornelas, S. (2011). Um museu vivo na zona antiga. *Revista Mais - Diário de Notícias Da Madeira*, 4–7.
- Pereira, M. (2006a). Comerciantes: Zona Velha limpa e segura, precisa de dinamização. *Notícias Da Madeira*, 20–21.
- Pereira, M. (2006b). Restauração na Zona Velha em pé de “guerra.” *Notícias Da Madeira*,

5.

- Pestana, J. F. (2006). Teatral dinamiza animação de rua no projecto ON. *Diário de Notícias Da Madeira*, 15.
- Pestana, J. F. (2010). Histórias de tempestades. *Diário de Notícias Da Madeira*, 33.
- Pestana, J. F. (2021). CMF investe 32 mil euros para dar início ao “Viveiro de Lojas do Funchal” em Março. *Diário de Notícias Da Madeira*.
<https://www.dnoticias.pt/2021/2/12/250488-cmf-investe-32-mil-euros-para-dar-inicio-ao-viveiro-de-lojas-do-funchal-em-marco/>
- Pinto, A. J. (1990). Madeira não aproveita SIFIT para recuperar a Zona Velha. *Diário de Notícias Da Madeira*, 5.
- R.G. (1997). Jardim enaltece trabalho da CMF - Zona Velha é exemplo de recuperação urbana. *Jornal Da Madeira*, 3.
- Rocha, L. (2003). João Carlos Abreu recorda Zona Velha desaparecida. *Diário de Notícias Da Madeira - Desporto*, 20.
- Rocha, L. (2004). Inês Favila expõe pintura no Forte de São Tiago. *Diário de Notícias Da Madeira*, 31.
- Rocha, L. (2007). “Galeria 500” inaugurada na zona velha do Funchal. *Diário de Notícias Da Madeira*, 19.
- Rocha, L. (2010). CMF cria comissão para valorizar Zona Velha. *Diário de Notícias Da Madeira*, 27.
- Salvador, J. (2008). “On Porto Bay” em 2010. *Diário de Notícias Da Madeira*, 29.
- Santos, R. (2018). Dar “outro rumo” à Capela da Boa Viagem. *Diário de Notícias Da Madeira*, 33.
- Silva, A. (1995). Zona Velha vai ter Núcleo Museológico de Imprensa. *Diário de Notícias Da Madeira*, 2.
- Silva, S. (1997). Museu João Carlos Abreu ficará na Zona Velha do Funchal. *Jornal Da Madeira*, 14–15.
- Silva, V. A. (1992). Novo cenário da Zona Velha vai compensar incómodos das obras. *Jornal Da Madeira*, 6.
- Sousa, J. (1994). Museu de Arte Contemporânea. *Revista Do Diário de Notícias Da Madeira*, 14–17.
- Teixeira, G. (1986). Zona Velha da Cidade – Um tesouro que é de todos, mas que alguns temam em delapidar. *Jornal Da Madeira*, 21–22.
- Teixeira, P. (2015). A discórdia da Zona Velha. *Jornal Da Madeira*, 15.

Teixeira, S. (2018). Capela da Boa Viagem reabre como núcleo cultural. *Jornal Da Madeira*, 10.

Xavier, P. M. (2003). Nova galeria de arte abre na Zona Velha. *Tribuna Da Madeira - Cultura*, 5.

ANEXO 1

Decreto Legislativo Regional que estipula a classificação da Zona Velha do Funchal

2854

I SÉRIE — N.º 227 — 2-10-1986

obedecendo a mudança de classe à permanência de cinco anos na classe anterior, com classificação de serviço não inferior a *Bom*.

Art. 4.º A integração do pessoal nas categorias referidas nos artigos anteriores efectuar-se-á mediante diplomas individuais de provimento, sem observância de quaisquer formalidades, salvo o visto do Tribunal de Contas e a publicação no *Diário da República*.

Art. 5.º A alteração do quadro de pessoal da Junta Autónoma de Estradas conducente à concretização das medidas constantes dos artigos 1.º e 2.º far-se-á com observância da lei geral em vigor, designadamente de harmonia com o disposto no artigo 2.º do Decreto-Lei n.º 41/84, de 3 de Fevereiro.

Art. 6.º Considera-se revogado o disposto no artigo 70.º do Decreto-Lei n.º 183/80, de 4 de Junho, nas matérias que forem incompatíveis com a natureza de carreira horizontal reconhecida por este diploma aos liéis de armazém.

Art. 7.º Os serventes providos nos lugares do quadro da Junta Autónoma de Estradas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 194/78, de 18 de Julho, que reúnam os requisitos de tempo, habilitações e maioria previstos no artigo 30.º do Decreto-Lei n.º 248/85, de 15 de Julho, poderão ingressar nas categorias de base das carreiras operárias correspondentes às funções efectivamente exercidas mediante aprovação em concurso de provas práticas de conhecimentos.

Art. 8.º O tempo de serviço prestado pelos actuais serventes do quadro de pessoal da Junta Autónoma de Estradas é considerado como prestado nas categorias de aprendiz, ajudante e praticante, exclusivamente para efeitos de ingresso na base das carreiras operárias do referido quadro.

Art. 9.º Poderão também candidatar-se às categorias de base das carreiras operárias, mediante concurso interno de provas práticas de conhecimentos, os indivíduos que reúnam as condições previstas na lei geral.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 28 de Agosto de 1986. — *Eurico Silva Teixeira de Melo* — *Miguel José Ribeiro Cadilhe* — *João Maria Leitão de Oliveira Martins*.

Promulgado em 11 de Setembro de 1986.

Publique-se.

O Presidente da República, MÁRIO SOARES.

Referendado em 12 de Setembro de 1986.

O Primeiro-Ministro, *Aníbal António Cavaco Silva*.

REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

ASSEMBLEIA REGIONAL

Decreto Legislativo Regional n.º 21/86/M

Classificação da zona velha da cidade do Funchal e sua regulamentação

A elaboração desta legislação parte da preocupação em proteger a zona velha — uma área da cidade do Funchal particularmente significativa, pelos factores

de ordem histórico-artística e cultural que nela concorrem — e toma em consideração experiências internacionais e as recomendações do Conselho Cultural do Conselho da Europa, da UNESCO e da FIHUOT, bem como uma profunda análise da zona.

A zona velha impõe-se essencialmente pelo pitoresco do seu conjunto, amálgama de épocas e de estilos diferentes cujo valor não depende tanto de imóveis isolados, embora tenham indiscutível interesse, como de todo um quadro urbano que acompanha e testemunha a história da ilha ao longo dos séculos.

Nesta zona coexistem vestígios de cunho manuelino, indícios da prosperidade atingida com o comércio do açúcar; construções dos séculos XVII e XVIII patentando características expressivas, quer dos condicionamentos impostos pela indústria vinícola, quer do enriquecimento dela resultante; edifícios do século passado e deste. Assim, encara-se a recuperação desta área não como a preservação de um imóvel, de um pormenor arquitectónico ou artístico, mas como a defesa de um conjunto, agora demarcado na medida em que se evidencia como tal.

Esta legislação visa garantir a protecção da antiga zona de Santa Maria, onde se implantou em princípios do século XV o primitivo núcleo urbano, do qual restam vestígios do traçado viário, e onde se estabeleceu a primeira paróquia da ilha. Berço da cidade, dá testemunho de uma primeira tentativa colonizadora, expressiva da nova mentalidade expansionista de que Portugal foi pioneiro nos tempos modernos, surgida na esteira das grandes transformações que então se operavam na Europa Ocidental.

Assim, a Assembleia Regional da Madeira decreta, nos termos da alínea a) do artigo 229.º da Constituição e da alínea b) do artigo 22.º do Decreto-Lei n.º 318-D/76, de 30 de Abril, o seguinte:

CAPÍTULO I

Classificação e delimitação

Artigo 1.º A zona velha da cidade do Funchal é classificada como conjunto arquitectónico de valor regional.

Art. 2.º — 1 — A zona classificada é delimitada nos seguintes termos:

Começa a oeste na linha da costa no ponto de prolongamento do eixo da Rua de Artur de Sousa «Pinga» e segue por este eixo até cruzar com a linha de eixo da Rua de D. Carlos I. Segue-o até à margem este da ribeira de João Gomes;

Inflexe para norte pela margem este da ribeira de João Gomes, incluindo o Largo do Poço e o Largo dos Lavradores, até cruzar a linha que limita o norte deste largo;

Segue por esta linha, na direcção do eixo da Rua de Latino Coelho;

Segue o eixo dessa rua e inflecte para norte, englobando o Largo das Torneiras, continuando até se encontrar com o prolongamento do eixo da Rua Bela de São Tiago;

Prossegue pelo eixo dessa rua até à intercepção com o prolongamento do eixo da Travessa de João Ribeiro;

Continua pela linha de eixo desta travessa, até ao ponto em que se cruza com o segmento que limita as traseiras dos edifícios cujas fachadas dão para o lado norte da Rua de Santa Maria, até ao Largo do Socorro;

Inflexe para norte, limitando as traseiras da igreja do Socorro e desce pelo eixo da Rua do Aspirante Mota Freitas até cruzar com o prolongamento do segmento que limita as traseiras dos restantes edifícios localizados no lado norte do Largo do Socorro;

Segue pelo limite este do último edifício do referido largo no sentido sul até interceptar a linha da costa, onde termina.

2 — Os limites definidos no n.º 1 encontram-se desenhados na planta anexa ao presente diploma.

Art. 3.º — É criada a zona de protecção periférica da zona velha da cidade, que é limitada por uma faixa de 50 m de largura a partir das linhas definidas no artigo 2.º

Art. 4.º — As medidas previstas no presente diploma entendem-se sem prejuízo de outras destinadas à protecção do património natural ou cultural.

CAPÍTULO II

Princípios gerais

Art. 5.º — 1 — A zona classificada deverá conservar o seu aspecto característico, respeitando integralmente a arquitectura antiga, sem prejuízo dos trabalhos indispensáveis de limpeza, manutenção e restauro das edificações.

2 — nenhuns trabalhos de construção civil, de obras públicas ou de aplicação de anúncios de qualquer tipo poderão ser executados na zona classificada sem parecer favorável do secretário regional que tutela a cultura e o património.

3 — Será proibida a instalação de indústrias poluentes ou de quaisquer actividades susceptíveis de produzirem fumos, ruídos ou cheiros.

4 — É proibido o aumento de cêrcea dos edifícios, assim como a construção em espaços livres públicos ou privados.

Art. 6.º — Nas zonas de protecção periférica da zona velha da cidade, definida no artigo 3.º, deverá ser condicionada a construção de edifícios cuja alternativa seja susceptível de provocar a rotura de escala ou modificações de ambiente.

Art. 7.º — O Plano Director da Cidade do Funchal deverá respeitar o estabelecido neste diploma.

Art. 8.º — 1 — Os alinhamentos dos edifícios e muros sobre as ruas ou logradouros e os respectivos níveis e alturas serão mantidos tal como existem.

2 — Os pavimentos existentes, particularmente o tradicional pavimento de calhau rolado, deverão ser preservados.

Art. 9.º — Ficará protegida qualquer tipo de vegetação de grande e médio porte existente na zona classificada.

Art. 10.º — Os projectos de novas construções ou de restauros em edifícios danificados ou de qualidade deverão ser exclusivamente subscritos por arquitectos, nos termos do n.º 4 do artigo 3.º do Decreto n.º 73/73, de 28 de Fevereiro.

CAPÍTULO III

Conjunto edificado

Art. 11.º — 1 — Serão respeitadas as características arquitectónicas e históricas dos imóveis existentes, nomeadamente quanto ao seu volume, a sua silhueta, a sua implantação, a sua dimensão e configuração da sua cobertura.

2 — Como elementos tradicionais que caracterizam a volumetria do conjunto edificado, devem ser preservados as torres, os mirantes e os balcões.

Art. 12.º — 1 — Na reconstrução de edifícios, parcial ou totalmente danificados, respeitar-se-ão as características estruturais, arquitectónicas e formais do imóvel original.

2 — Na reconstrução de edifícios antigos danificados dever-se-ão utilizar os materiais tradicionais, nomeadamente as cantarias de pedra dos emolduramentos dos vãos, cunhais, faixas, pilastras e cornijas, bem como outros elementos ornamentais existentes.

CAPÍTULO IV

Fachadas

Art. 13.º — 1 — Deverão ser mantidas as fachadas de todos os edifícios, conservando-se inalterado o ritmo das suas aberturas, as suas características e dimensões, bem como a relação entre cheios e vazios.

2 — No caso de haver necessidade de proceder a obras de reparação nas fachadas dos edifícios referidos no número anterior, deverão fazer-se desaparecer as modificações e adjunções que nelas hajam sido introduzidas e consideradas prejudiciais e resta-belecidas as características das mesmas, com uso dos materiais e das respectivas técnicas de tratamento tradicionais.

3 — Sempre que se tenham irremediavelmente danificado os materiais originais das fachadas dos edifícios antigos, poder-se-ão utilizar materiais modernos na reparação ou restauro das mesmas, desde que da sua aplicação não resulte qualquer tipo de aviltamento das características formais e estéticas dessas fachadas.

Art. 14.º — Deverão ser preservados todos os pormenores com carácter arquitectónico ou os que conferem à zona um carácter pitoresco ou específico, tal como batentes, gradeamentos de vãos e ferragens de portas e janelas, assim como os selos de seguros existentes.

CAPÍTULO V

Telhados

Art. 15.º — A configuração, a textura e a cor dos telhados deverão ser mantidas.

Art. 16.º — 1 — As chaminés antigas existentes devem ser consolidadas e preservadas, assim como os antigos fornos característicos existentes nalguns edifícios da zona.

2 — É proibida a construção de chaminés e respiradouros de ventilação em alumínio ou qualquer outro material que contribua para o desequilíbrio estético da zona.

CAPÍTULO VI

Logradouros e sagueões

Art. 17.º A Câmara Municipal do Funchal poderá determinar a preservação dos logradouros ou jardins privados cuja situação, grandeza ou beleza o justifiquem e a sua recuperação, nos termos do artigo 12.º do presente diploma.

CAPÍTULO VII

Restauros

Art. 18.º — 1 — Constituem elementos obrigatórios dos projectos de restauro:

- a) Levantamento desenhado e rigoroso do existente;
- b) Documentação fotográfica pormenorizada.

2 — O projecto respeitará integralmente as características externas do edifício, podendo prever alterações interiores convenientes.

CAPÍTULO VIII

Utilização das edificações

Art. 19.º — 1 — Os edifícios poderão ser utilizados livremente, nos termos da lei e regulamentos vigentes, sem prejuízo para o carácter, estrutura e ambiente urbanos dos edifícios nem rotura das tipologias arquitectónicas ou de morfologia urbana existente.

2 — Será vedada nova utilização de construções danificadas que se mostre incompatível com a dignidade das mesmas.

3 — As garagens particulares serão autorizadas quando a sua instalação for esteticamente admissível e não interferirem com os arruamentos destinados exclusivamente a peões.

CAPÍTULO IX

Gabinete técnico da zona classificada

Art. 20.º — 1 — É criado, na dependência da Câmara Municipal do Funchal, o Gabinete Técnico da Zona Velha da Cidade do Funchal (GTZVCF), composto por um representante da Secretaria Regional do Turismo e Cultura, um da Secretaria Regional do Equipamento Social e outro da Câmara Municipal do Funchal.

2 — A Câmara Municipal do Funchal dotará o GTZVCF de meios humanos e técnicos necessários ao cumprimento da sua missão.

Art. 21.º Ao GTZVCF compete:

- a) Elaborar estudos técnicos necessários à reconstrução, reintegração ou restauro dos imóveis situados na zona classificada;
- b) Elaborar pareceres sobre todo e qualquer projecto de obras a efectuar na referida zona classificada e acompanhar e fiscalizar a execução das obras;
- c) Elaborar pareceres sobre todo e qualquer projecto de obras a efectuar na zona de protecção periférica;
- d) Apresentar, no prazo de 150 dias, um plano de acção definidor das orientações a estabelecer na zona da sua competência.

Art. 22.º A tramitação da aprovação e licenciamento dos processos de obras e outros será regulamentada pela legislação em vigor, nomeadamente o Regulamento Geral das Edificações Urbanas e legislação complementar.

CAPÍTULO X

Sanções

Art. 23.º — 1 — A realização de quaisquer obras por parte de pessoas, singulares ou colectivas, não aprovadas será punida com as multas previstas no Regulamento Geral das Edificações Urbanas e demais legislação aplicável em vigor.

2 — Em caso de reincidência, as multas terão os seus limites elevados para o dobro.

CAPÍTULO XI

Disposições finais

Art. 24.º A Câmara Municipal do Funchal definirá, no prazo de 30 dias, as normas regulamentares de construção aplicáveis à zona constantes do presente diploma.

Art. 25.º O Governo Regional e a Câmara Municipal do Funchal estudarão as medidas que possam constituir incentivo à recuperação e manutenção dos imóveis existentes na zona classificada.

Art. 26.º O presente diploma entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

Aprovado em sessão plenária de 31 de Julho de 1986.

O Presidente da Assembleia Regional, *Jorge Nélío Praxedes Ferraz Mendonça*.

Assinado em 21 de Agosto de 1986.

Publique-se.

O Ministro da República para a Região Autónoma da Madeira, *Lino Dias Miguel*.



ANEXO 2

Deliberação camarária na criação da Comissão para a Requalificação e Embelezamento do Centro Histórico de Santa Maria

Artur Andrade, e sobre a venda ambulante no Pico dos Barcelos, questionou se a mesma, no futuro, será proibida.-----

----- - Respondendo, a Senhora Vereadora Rubina Leal, do PSD, informou que após as obras de recuperação os vendedores ambulantes serão enquadrados na nova estrutura.-----

-----**ORDEM DO DIA**-----

-----Iniciou-se a apreciação dos assuntos constantes da ordem do dia e pela sequência nela prevista:-----

1 - URBANISMO:-----

-----**1.1. - Obras Irregulares e/ou Clandestinas:** - Em presença da exposição/processo, apresentada por Felício Danilo Gouveia Afonseca (procº 39893/2010), relativa à construção da rampa de acesso ao prédio localizado na Estrada Monumental, número quinhentos e quarenta e dois, freguesia de São Martinho, sem licenciamento, a Câmara deliberou, por unanimidade, solicitar parecer à Protecção Civil sobre a perigosidade da inclusão da rampa. Prazo de 5 (cinco) dias.-----

---Foi aprovada a acta em minuta na parte respeitante a esta deliberação para produzir efeitos imediatos.-----

-----**1.2 - Zona Histórica de Santa Maria - Nomeação de Comissão para a requalificação e embelezamento da Zona Velha da Cidade do Funchal:** - Foi presente a seguinte proposta, subscrita pelo Senhor Presidente:-----

---“A cidade do Funchal possui uma zona popularmente conhecida como “Zona Velha”, constituída por arruamentos estreitos e

algumas casas senhoriais, características das diversas fases históricas de povoamento da cidade. Esta zona deve ser alvo de cuidado especial, tendo a Câmara Municipal o dever de orientar todas as intervenções, de modo a que a zona seja uma mais-valia cultural e económica para a cidade. Tendo a Câmara Municipal do Funchal verificado que se registam na Zona Velha da Cidade vários factores que atrasam ou impossibilitam a sua rentabilização como espaço nobre de fruição e cultura, decidiu o seguinte: Nomear uma comissão consultiva, encarregada de aconselhar e sugerir estratégias diversas que tenham como objectivo a requalificação estética, social e urbana desse espaço nobre da cidade do Funchal. O papel desta comissão será de aconselhamento à Câmara Municipal do Funchal, para o que apresentará ao executivo relatórios periódicos, que chamem a atenção para factores discordantes e aconselhem medidas a tomar. Para integrar essa Comissão, nomeio os seguintes cidadãos: João Carlos Abreu, ex-Secretário Regional do Turismo e Cultura, que durante toda a sua vida manifestou uma relação profissional e afectiva com a Zona Velha da Cidade do Funchal; Nini Andrade, Designer e Decoradora com prestígio internacional; Paulo David, Arquitecto consagrado com obra premiada; Celso Caires, Docente da Universidade da Madeira e Escultor; José Manuel de Freitas de Sainz-Trueva, Director do Museu de Arte Contemporânea situado na Zona Velha da Cidade do Funchal, Historiador e Poeta; Teresa Brazão, Pintora, Directora do Departamento de Cultura da CMF, em representação

da Câmara Municipal do Funchal; António Trindade, Licenciado em Direito, Presidente e CEO do grupo Porto Bay, Hotels and Resorts.”-----

---Intervindo, o Senhor Vereador Gil Canha, do PND, referiu-se da seguinte forma: “Em minha opinião com essas pessoas, é “chover no molhado”, nomeadamente o Senhor João Carlos Abreu. Acho que não é uma mais valia. A Nini está cheia de prémios internacionais e por isso não deve ter disponibilidade. O Dr. Trindade vai querer defender o seu Hotel. Mas também há pessoas de valor como o Arqt. Paulo David”.-----

---Tomando a palavra, o Senhor Presidente referiu que o Senhor João Carlos Abreu foi uma pessoa que interveio na Zona Velha antes de todos, e possui uma carga simbólica associada àquela zona, sendo que todas as pessoas indicadas lhe merecem a maior consideração ao nível das suas competências. Terminou dizendo que é fundamental organizar esteticamente a zona em questão.-----

---O Senhor Vereador da CDU, Artur Andrade, sobre a mesma proposta, disse não fazer avaliação à valia das pessoas, e que, em seu entender, tudo isto é muito inconsequente e pouco operacional, tendo a sensação que será um “clube de amigos” com pouca operacionalidade.-----

---Intervindo, o Senhor Vereador Rui Barreto, do CDS/PP, disse não se pronunciar sobre os nomes das pessoas, mas que lhe parecem com competência, sugerindo, no entanto, que possa ser aberto a outras, nomeadamente indicadas pela oposição.--

--- - Colocada à votação, a Câmara deliberou aprovar, com abstenção do CDS/PP, PS e CDU e voto contra do PND, devendo ser incluído um representante da Junta de Freguesia de Santa Maria Maior.-----

2 - DIVERSOS:-----

----- - **MTA – Transportes Alternativos da Madeira, S.A.:** -

Acompanhada do respectivo documento de análise, foi presente a proposta de alteração do contrato de concessão em direito de superfície para a construção, financiamento, exploração e conservação do teleférico do Jardim Botânico, apresentada pela concessionária MTA - Transportes Alternativos da Madeira, S.A.----

---Sobre a proposta atrás mencionada, o Senhor Vereador Artur Andrade, da CDU, referiu que esta concessão foi dada através de concurso, onde concorreram duas empresas. Mais referiu que esta alteração levantava problemas de legalidade, uma vez que essas condições foram alteradas, ou seja, há uma alteração das regras do jogo. Em seu entender é muito importante ver a jurisprudência sobre esta matéria, e só nesta base se poderia ultrapassar a questão da legalidade.-----

---Usando da palavra, o Senhor Vereador do PS, Rui Caetano disse reconhecer a preocupação da Câmara em salvaguardar este investimento mas que, por ter sérias dúvidas na legalidade, vota contra esta proposta.-----

---Intervindo, o Senhor Vereador do CDS/PP, Rui Barreto, acrescentou: “O contrato como estava feito era um bom contrato

ANEXO 3 Área de reabilitação urbana e Subsistemas



Fonte: (CMF, 2017, p.7)

ANEXO 4 Estado de Conservação do Edificado



Fonte: (CMF, 2017a)

ANEXO 5 Operações Prioritárias no âmbito do programa "Cidade com Vida"



Fonte: (CMF, 2017b, p. 16)

ANEXO 6 -Classificação utilizada no levantamento funcional elaborado no caso de
Estudo

| Comércio a Retalho | |
|--|--|
| <p>1. Comércio alimentar</p> <p>01 - Hipermercados 02 - Supermercados 03 - mercearias 04 - Frutarias e legumes 05 - Talhos 06 - Peixarias 07 - Padarias 08 - Bebidas 09 - Chocolates e aperitivos 10 - Cafés e chás 11 - Comida a peso (take away) 12 - Congelados 13 - Lojas de desconto</p> | <p>2. Artigos Pessoais</p> <p>01 – Vestuário 02 – Calçado 03 – Retrosarias, tecidos e lãs 04 – Ourivesarias, relojarias 05– Acessórios 06– Outros Artigos Pessoais</p> |
| <p>3. Equipamento para o Lar</p> <p>01 – Mobiliário 02 – Antiquários 03 – Decoração, artesanato 04 – Iluminação 05 – Eletrodomésticos 06 – Alta fidelidade (Hi-Fi) 07 – Utensílios para o lar 08 – Têxteis para o lar 09 – Outro não especificados</p> | <p>4. Higiene, saúde e beleza</p> <p>01 – Perfumarias 02 – Farmácias 03 – Oculistas 04 – Ervanárias e dietéticas 05 - Drogarias</p> |
| <p>5. Artigos de Lazer e Cultura</p> <p>01 – Papelaria e Revistas 02 – Livrarias 03 – Discos 04 – Fotografia 05 – Brinquedos 06 – Artigos de desporto, campismo 07 – Floritas 08 – Animais & produtos para animais 09 – Outros não específicos</p> | <p>6. Construção – Bricolage</p> <p>01 – Lojas de ferragens 02 – Vidros e madeiras 03 – Tintas e vernizes 04 – Loiças sanitárias 05 – Materiais de construção</p> |
| <p>7. Equipamento profissional</p> <p>01 – Material de escritório/informática 02 – Instrumentos musicais 03 – Instrumentos científico 04 – Máquinas profissionais 05 – Material elétrico e eletrónico 06 – Outro equipamento</p> | <p>8. Combustíveis, transportes e comunicações</p> <p>01 - Combustíveis 02 – Automóveis, motos 03 – Bicicletas 04 – Acessórios auto, pneus 05 – Telemóveis</p> |
| <p>9. Comércio não especializado</p> <p>01 – Grandes armazéns 02 – Bazares, lojas dos 300, lojas dos chineses 03 – Centros comerciais</p> | |

| Serviços | |
|--|--|
| <p>10. Serviços de Reparação</p> <p>01 - Calçado 02 - Eletrodomésticos 03 - Oficinas de automóveis 04 - Oficinas de motos e bicicletas 05 - Oficinas de relojaria e joalharia 06 - Reparações não especificadas</p> | <p>11. Serviços Pessoais</p> <p>01 - Barbearias 02 - Cabeleireiros 03 - Lavandarias 04 - Fotógrafo 05 - Reprografias / fotocópias 06 - Agências funerárias 07 - Serviços pessoais não especificados</p> |
| <p>12. Serviços recreativos e culturais</p> <p>01 - Lotarias, apostas 02 - Agências de viagens 03 - Discotecas, pubs 04 - Salas de jogos 05 - Clubes de vídeo 06 - Cinemas 07 - Teatros e museus 08 - Galerias de arte</p> | <p>13. Serviços financeiros</p> <p>01- Bancos 02 - Seguros 03 - Mediadoras imobiliárias 04 - Contabilidade</p> |
| <p>14. Serviços de saúde e beleza</p> <p>01 - Clínicas médicas 02 - Spa & massagens 03 - Clínicas de estética 04 - Ginásios & health clubs 05 - Hospitais 06- Clínicas veterinárias</p> | <p>15. Serviços à coletividade</p> <p>01 - Educação 02 - Investigação 03 - Administração pública 04 - Advogados e notários 05 - Associações e sindicatos 06 - Igrejas, comunidades religiosas 07- Outros serviços</p> |
| <p>16. Alojamento, restauração (HORECA)</p> <p>01 - Hotéis 02 - Pensões 03 - Cafés, pastelarias 04 - Geladarias 05 - Cervejarias, snack-bares 06 - Tabernas, casas de pasto 07 - Restaurantes 08 - Comida rápida (fast-foods) 09- Lares</p> | <p>17. Transportes e comunicações</p> <p>01- Agências de eletricidade 02 -Agências de água 03 - Telecomunicações 04 - Outros</p> |
| <p>18. Outros serviços</p> <p>01-escritórios de empresas</p> | |

ANEXO 7



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Instituto de Geografia
e Ordenamento do Território
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Guião de Entrevista aos comerciantes da restauração da Zona Velha do Funchal

No âmbito da minha dissertação de mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa, preciso de entrevistar os comerciantes do setor da restauração na Zona Velha do Funchal. Esta investigação visa analisar as dinâmicas temporais do setor da restauração e relacionar as mesmas com as mudanças ocorridas no tecido urbano da Zona Velha do Funchal.

Para levar a bom porto esta pesquisa é fundamental entrevistar os proprietários dos estabelecimentos, pelo que, antecipadamente, agradecemos a sua colaboração. A informação recolhida destina-se exclusivamente à realização deste trabalho académico e não será cedida a terceiros sob qualquer forma. A identidade dos entrevistados será sempre preservada, em qualquer fase da pesquisa, desde a recolha da informação até ao seu tratamento dos dados e à divulgação dos resultados.

Qualquer dúvida, contactar:

- Carlos Diogo Velosa Gomes, Carlos-gomes@campus.ul.pt

- (Orientador) Professor Doutor Herculano Cachinho, hc@campus.ul.pt

1. Pode fazer-me uma breve descrição da Zona Velha?
2. Desde que conhece a Zona Velha, que transformações é que esta sofreu e gostaria de destacar?
3. Na sua perspetiva, quais foram os principais fatores responsáveis por essas transformações?
4. E nos últimos 15 anos? O que é que mais se alterou na Zona Velha?
5. Na sua opinião, qual é o papel que os restaurantes e os bares desempenharam na dinamização da ZV?
6. Pensando agora no seu estabelecimento, porque é que decidiu abri-lo na ZV?
7. Que transformações é que este estabelecimento sofreu desde a sua abertura? (se sofreu transformações porque é que teve necessidade de as fazer?)
8. Como caracteriza a oferta gastronómica do seu estabelecimento?

9. Desde a sua abertura sentiu necessidade de mudar a oferta gastronómica do seu estabelecimento? Se sim, porquê?
10. E a clientela sofreu alguma mudança? Se sim, que mudanças sofreu?
11. Tem conhecimento do projeto “*Arte de Portas Pintadas*”? Se sim, acha que esta iniciativa que dinamizou esta área? Como?
12. Lembra-se de outra(s) iniciativa(s) que dinamizaram a Zona Velha?
13. Na última década, existe um crescimento de estabelecimentos ligados à poncha tradicional madeirense. Que papel é que acha que estes estabelecimentos têm tido na ZV?
14. Na sua opinião, que importância tem o Turismo para o seu estabelecimento? E para toda a Zona Velha?

ANEXO 8



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Instituto de Geografia
e Ordenamento do Território
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Entrevista Dr. João Carlos Abreu (06/Maio de 2021)

No âmbito da realização da minha dissertação de Mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. Esta investigação visa analisar as dinâmicas temporais do setor da restauração e relacionar as mesmas com as mudanças ocorridas no tecido urbano da Zona Velha do Funchal.

A informação recolhida destina-se exclusivamente à realização deste trabalho académico e não será concedida a terceiros sob qualquer forma. A identidade dos entrevistados será sempre preservada, em qualquer fase da pesquisa, desde a recolha da informação até ao seu tratamento dos dados à divulgação dos resultados.

Qualquer dúvida, contactar:

- Carlos Diogo Velosa Gomes, Carlos-gomes@campus.ul.pt

- (Orientador) Professor Doutor Herculano Cachinho, hc@campus.ul.pt

-
1. Como descreveria a sua infância ao conviver neste espaço emblemático da cidade do Funchal?
 2. Quais são as principais lembranças como antigo morador da Zona Velha do Funchal?
 3. A partir de que momento considerou, ou refletiu, que a Zona Velha necessitava de uma intervenção de modo a dinamizar uma revitalização desta área urbana?
 4. No planeamento da dinamização desta área, quais foram as principais pessoas que o influenciaram e contribuíram para este feito? (1º - anos século XX)
 5. Com base na sua biografia, onde o carácter de viajante é predominante, conseguiu retirar algumas ideias de revitalização de outras cidades e adaptar à Zona Velha?
 6. Quais foram as principais influências literárias e/ou políticas que contribuíram para a concretização teórica e prática deste desenvolvimento urbano?

7. Quanto à preparação teórica da revitalização da Zona Velha, quais foram as medidas ou ideias que mais incitaram o seu entusiasmo?
8. No âmbito de apoios e entidades públicas e/ou privadas, quais foram aquelas que considera que contribuíram de uma forma efetiva na concretização destas mudanças?
9. Desde que momento pensou na importância do turismo na concretização deste projeto?
10. Que papel atribui à restauração neste processo de dinamização? (2º fase)
11. O desenvolvimento dos estabelecimentos da restauração, nomeadamente dos bares noturnos relacionados com a poncha e de outras bebidas típicas, considera relevante ou prejudicial na dinamização?
12. A partir do momento em que foi convidado a liderar a “Comissão de Requalificação e Embelezamento do Centro Histórico de Santa Maria”, em Setembro de 2010, quais foram os principais desafios que enfrentou?
13. Como descreveria a Zona Velha neste momento, após os processos comerciais, artísticos e urbanos que ocorreram ao longo das últimas décadas?
14. Sendo este projeto de cariz urbano, cuja complexidade é significativa, quais foram os resultados que mais o agradaram e quais os objetivos que lamenta não ter alcançado?
15. Tendo em conta a proximidade do mercado dos Lavradores à Zona Velha, como descreveria a relação entre as duas áreas durante o processo revitalização da Zona Velha?
16. Por que motivo não foi dada uma devida importância à habitação por parte da Comissão, visto ser um elemento que sempre apresentou grandes debilidades na Zona Velha?
17. Com base na sua bibliografia, qual ou quais as obras literárias que se inspiraram na Zona Velha?
18. Tendo em conta o seu percurso e a sua experiência pessoal e profissional, quais acredita serem os desafios futuros que a Zona Velha poderá encontrar?

ANEXO 9



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Instituto de Geografia
e Ordenamento do Território
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Entrevista Divisão de projetos e reabilitação urbana na CMF em 16/12/21

No âmbito da realização da minha dissertação de Mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. Esta investigação visa analisar as dinâmicas temporais do setor da restauração e relacionar as mesmas com as mudanças ocorridas no tecido urbano da Zona Velha do Funchal.

A informação recolhida destina-se exclusivamente à realização deste trabalho académico e não será concedida a terceiros sob qualquer forma. A identidade dos entrevistados será sempre preservada, em qualquer fase da pesquisa, desde a recolha da informação até ao seu tratamento dos dados à divulgação dos resultados.

Qualquer dúvida, contactar:

- Carlos Diogo Velosa Gomes, Carlos-gomes@campus.ul.pt

- (Orientador) Professor Doutor Herculano Cachinho, hc@campus.ul.pt

-
1. A partir de que momento considerou, ou refletiu, que a Zona Velha necessitava de uma intervenção de modo a dinamizar uma revitalização desta área urbana?
 2. Que papel atribui à restauração neste processo de dinamização?
 3. No planeamento da dinamização desta área, quais foram as principais pessoas que influenciaram e contribuíram nas intervenções feitas?
 4. Sendo este projeto de cariz urbano, cuja complexidade é significativa, quais foram os resultados que mais o agradaram e quais os objetivos que lamenta não ter alcançado?
 5. Por que motivo não foi dada uma devida importância à habitação por parte da Comissão, visto ser um elemento que sempre apresentou grandes debilidades na Zona Velha?
 6. Tendo em conta o seu percurso e a sua experiência profissional, quais acredita serem os desafios futuros que a Zona Velha poderá encontrar?
 7. O desenvolvimento dos estabelecimentos da restauração, nomeadamente dos bares noturnos relacionados com a poncha e de outras bebidas típicas, considera relevante ou prejudicial na dinamização?

ANEXO 10

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Instituto de Geografia
e Ordenamento do Território
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Entrevista Departamento de Economia e Cultura na CMF em 15/02/22

No âmbito da realização da minha dissertação de Mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. Esta investigação visa analisar as dinâmicas temporais do setor da restauração e relacionar as mesmas com as mudanças ocorridas no tecido urbano da Zona Velha do Funchal.

A informação recolhida destina-se exclusivamente à realização deste trabalho académico e não será concedida a terceiros sob qualquer forma. A identidade dos entrevistados será sempre preservada, em qualquer fase da pesquisa, desde a recolha da informação até ao seu tratamento dos dados à divulgação dos resultados.

Qualquer dúvida, contactar:

- Carlos Diogo Velosa Gomes, Carlos-gomes@campus.ul.pt

- (Orientador) Professor Doutor Herculano Cachinho, hc@campus.ul.pt

1. Quais foram os principais apoios cedidos ao tecido comercial da Zona Velha pela CMF a partir da década 80?
2. Ao longo do fim do século XX até aos nossos dias, quais considera os marcos temporais mais relevantes na temático da restauração?
3. Existe ou existiu algum plano criado pela CMF no planeamento e/ou gestão do comércio deste centro histórico?
4. Que papel atribui à restauração neste processo de dinamização?
5. O desenvolvimento dos estabelecimentos da restauração, nomeadamente dos bares noturnos relacionados com a poncha e de outras bebidas típicas, considera relevante ou prejudicial na dinamização?
6. Tendo em conta o seu percurso e a sua experiência profissional, quais acredita serem os desafios futuros do comércio que a Zona Velha poderá encontrar?

ANEXO 11



UNIVERSIDADE
DE LISBOA



Instituto de Geografia
e Ordenamento do Território
UNIVERSIDADE DE LISBOA

Guião de Entrevista ao Morador X no Bar Ideal no dia 05 de Maio de 2021– residente na Zona Velha à 73 anos

No âmbito da minha dissertação de mestrado em Geografia Humana: Globalização, Sociedade e Território, do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território da Universidade de Lisboa. Esta investigação visa analisar as dinâmicas temporais do setor da restauração e relacionar as mesmas com as mudanças ocorridas no tecido urbano da Zona Velha do Funchal.

Para levar a bom porto esta pesquisa é fundamental entrevistar pessoas que testemunharam a evolução das principais transformações desta área, agradecemos a sua colaboração. A informação recolhida destina-se exclusivamente à realização deste trabalho académico e não será cedida a terceiros sob qualquer forma. A identidade dos entrevistados será sempre preservada, em qualquer fase da pesquisa, desde a recolha da informação até ao seu tratamento dos dados e à divulgação dos resultados.

Qualquer dúvida, contactar:

- Carlos Diogo Velosa Gomes, Carlos-gomes@campus.ul.pt

- (Orientador) Professor Doutor Herculano Cachinho, hc@campus.ul.pt

-
1. Na década de 60/70, quais eram as principais atividades económicas que predominavam nesta área?
 2. A lota do Funchal era uma infraestrutura relevante na Zona Velha. Que influência teve esta no desenvolvimento do comércio da restauração existente?
 3. Quais foram os principais acontecimentos marcantes na transformação da Zona Velha?
 4. Qual foi o papel do projeto “Arte de Portas Abertas” na dinamização desta área?
 5. No domínio da habitação, desde que momento sentiu uma diminuição significativa da população residente?
 6. Quais eram as condições gerais de habitação da Zona Velha?
 7. Tem conhecimento se houve compra de património imobiliário por parte de turistas, nos edifícios históricos?